

**SILVANA AYUB POLCHLOPEK**

**A INTERFACE TRADUÇÃO-JORNALISMO**

**UM ESTUDO DE CONDICIONANTES CULTURAIS E VERBOS AUXILIARES  
MODAIS EM TEXTOS COMPARÁVEIS DAS REVISTAS *VEJA* E *TIME*.**

Florianópolis  
2005

**SILVANA AYUB POLCHLOPEK**

**A INTERFACE TRADUÇÃO-JORNALISMO**

**UM ESTUDO DE CONDICIONANTES CULTURAIS E VERBOS AUXILIARES  
MODAIS EM TEXTOS COMPARÁVEIS DAS REVISTAS *VEJA* E *TIME*.**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientação: **Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Meta Elisabeth Zipser.**

Florianópolis  
2005

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**A INTERFACE TRADUÇÃO-JORNALISMO**

**UM ESTUDO DE CONDICIONANTES CULTURAIS E VERBOS AUXILIARES  
MODAIS EM TEXTOS COMPARÁVEIS DAS REVISTAS *VEJA* E *TIME*.**

Dissertação submetida à aprovação como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Estudos da Tradução - Teoria, Crítica, História da Tradução e Tradução Jornalística - pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Profª Drª Marie-Hélène Catherine Torres  
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação  
em Estudos da Tradução

---

Profª Drª Meta Elisabeth Zipser  
Orientadora

Banca Examinadora

---

Profª Drª Meta Elisabeth Zipser  
Presidente

---

Prof. Dr. Philippe Humblé  
Membro (PGET-UFSC)

---

Profª Drª Rosana de Lima Soares  
Membro (USP)

---

Profª Drª Gilka Girardello  
Suplente (UFSC)

Florianópolis, 25 de Novembro de 2005

*Traduzir é conviver*  
*João Guimarães Rosa*

## AGRADECIMENTOS

*Este trabalho é a concretização de um desejo pessoal de pesquisar a Tradução e estudar o Jornalismo. Desde o seu início, foi feito com muita determinação, dedicação e seriedade. Apesar de ser um trabalho acadêmico, há nele também muito de afetividade, visto que, não foram poucos os que fizeram parte deste percurso comigo. A estas pessoas, o meu agradecimento sincero:*

*Patrícia e Maria Natividade, minhas grandes amigas, e Cleverson, meu cunhado, por terem me ajudado a conseguir as revistas que possibilitam este estudo.*

### **Aos Professores Doutores:**

*Christiane Nord, pela gentileza e atenção comigo e pela riqueza de seus estudos – fonte de inspiração para esta pesquisa e Frank Esser, pela atenção com os materiais enviados e pelo brilhante estudo que consolida este trabalho.*

*Gilka Girardello (UFSC), pela disponibilidade em me ter recebido quando iniciei esta pesquisa – primeiro passo para formar a parceria dos Estudos da Tradução com o Jornalismo e Gislene Silva (UFSC), pela disponibilidade em continuar com esta parceria e por me permitir cursar a disciplina de Teorias do Jornalismo no primeiro semestre de 2005. Aprendi muito com você!*

*Paulo Asthor Soethe (UFPR) pela amizade e incentivo constantes e Izete Coelho (UFSC) pela gentileza em ter me recebido e pelas boas discussões nossas sobre a sintaxe; Markus Weininger (UFSC) pelas dicas na qualificação.*

*Maria José Damiani Costa (Zeca - do nosso grupo de pesquisa TRAC), pela ajuda sempre segura e observações pontuais nos nossos encontros e pela força no dia da defesa.*

*Membros da Banca Examinadora: Philipe Humblé (UFSC) e Rosana de Lima Soares (ECA-USP) pela atenção, gentileza e disponibilidade em ler e acrescentar o seu conhecimento ao meu trabalho.*

e também....

*Aos alunos voluntários das 7ª e 8ª fases do curso de Jornalismo da UFSC: Cinthia Andruchak, Felipe Bächtold; Bruna Flores; Renata Dalmaso e Claudia Garzel que tão prontamente me atenderam com os textos traduzidos para esta pesquisa. Gente boa e extremamente competente!*

*A Ladjane pela paciência, atenção comigo e pela grande amizade que consolidamos este ano; Hutan pelo show de palestra que demos na UNESP (entre tantos outros eventos) e pela companhia nos cafés da La Bohème; Emy, Leia e Suzana Rocha da PGET pela atenção e pelos sorrisos.*

*A PGET que me possibilitou fazer o curso que eu realmente queria e,*

*A Profª Drª Meta Elisabeth Zipser, minha orientadora, pela nossa amizade e pela oportunidade de trabalharmos juntas nesses dois anos de tantos congressos, palestras, trabalhos e aprendizado - o meu respeito e a minha admiração. Danke!*

*Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e serei salvo. (Mateus 8:8)*

*Para **Tânia e Gilberto** pela educação que me deram, amor,  
apoio incondicional e pela ajuda financeira para que eu  
pudesse ter cursado este mestrado sem bolsa!*

*Para o **Emerson**, meu esposo, pela nossa cumplicidade,  
amor, pelas lições de sabedoria, incentivo e paciência  
comigo.*

*Aos amigos fiéis **Angie, Xuxo e Paco**, por toda a alegria  
generosa que sempre me ofereceram*

## SUMÁRIO

<b>TERMO DE APROVAÇÃO</b> .....	iii
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	v
<b>SUMÁRIO</b> .....	vii
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	ix
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	x
<b>LISTA DE ABREVIATURAS</b> .....	xi
<b>RESUMO / ABSTRACT / ZUSAMMENFASSUNG</b> .....	xii
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO 1 - IMPLICAÇÕES TEÓRICAS</b> .....	7
<b>1.1 Introdução</b> .....	7
<b>1.2 O Paradigma Funcional</b> .....	7
1.2.1 As Funções da Linguagem .....	9
1.2.2 O Funcionalismo para os Estudos da Tradução .....	10
<b>1.3 O Modelo de Christiane Nord</b> .....	15
1.3.1 O Papel do Tradutor e a Questão da Fidelidade Textual .....	20
1.3.2 Os Fatores Externos e Internos ao Texto .....	22
<b>1.4 Definindo um Conceito de Cultura</b> .....	29
<b>1.5 O Modelo de Frank Esser</b> .....	33
1.5.1 A tradução Como “ <i>Representação Cultural</i> ” e o Jornalista - Tradutor .....	39
1.5.2 Valores Notícia ou Critérios de Noticiabilidade .....	41
1.5.3 Os Princípios da Imprensa .....	42
1.5.4 A Linguagem Jornalística .....	44
1.5.5 O Jornalismo de Revista.....	46
1.5.6 Contextualizando As Revistas <i>Veja</i> e <i>Time</i> .....	49
<b>1.6 Conclusões Parciais</b> .....	52
<b>CAPÍTULO 2 - MODALIZAÇÃO</b> .....	55
<b>2.1 Introdução</b> .....	55
<b>2.2 Modalização - Tentativas de Conceitualização</b> .....	55

2.3 Os Tipos de Modalidade .....	58
2.4 A Modalização e as Funções da Imprensa .....	62
2.5 Características Gerais dos Auxiliares Modais em Inglês .....	64
2.6 Características Gerais dos Auxiliares Modais em Português .....	65
2.7 Conclusões Parciais .....	67
<b>Capítulo 3 – METODOLOGIA .....</b>	<b>68</b>
3.1 Introdução .....	68
3.2 Procedimentos Gerais de Análise .....	68
3.3 Descrição do <i>Corpus</i> .....	69
3.4 Metodologia de Análise para a Modalização .....	70
<b>Capítulo 4 – DISCUSSÃO .....</b>	<b>74</b>
4.1 Introdução .....	74
4.2 As Capas das Edições Americana e Latino-Americana da <i>TIME</i> .....	74
4.2.1 As Capas das Edições da <i>TIME</i> (Edição Latino-Americana) e da <i>Veja</i> .....	76
4.2.2 Os Editoriais .....	78
4.3 Análise dos Dados com Base nos Modelos de Nord e Esser .....	80
4.3.1 Os Fatores Externos - Como Determinar o <i>Skopos</i> .....	81
4.3.2 Os Fatores Internos - A Organização Lingüística do Texto .....	93
4.4 A Modalização no TJ .....	110
4.4.1 A Modalização Periférica no <i>Corpus</i> .....	111
4.4.2 Os Verbos Auxiliares Modais e o Deslocamento de Enfoque em <i>Veja</i> .....	112
4.4.3 Os Verbos Auxiliares Modais e o Deslocamento de Enfoque em <i>TIME</i> .....	122
4.5 Conclusões Parciais .....	132
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>139</b>
<b>ANEXO 1 .....</b>	<b>143</b>
<b>ANEXO 2 .....</b>	<b>199</b>

**LISTA DE FIGURAS**

Fig. 1.1 - O Processo de Comunicação Intercultural.....	14
Fig. 1.2 - A Interdependência dos Fatores Extratextuais.....	24
Fig. 1.3 - A Interdependência dos Fatores Intratextuais .....	26
Fig.1.4 - Fatores de Influência no Jornalismo: Modelo Pluriestratificado Integrado ou “Metáfora da Cebola” .....	38
Fig. 4.1 - Capas das Edições Americana e Latino-Americana da Revista <i>TIME</i> .....	76
Fig. 4.2 - Capas das Edições das Revistas <i>TIME Latin America</i> e <i>Veja</i> .....	77

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 - Fatores Externos e Internos Presentes no Modelo de Tradução Orientada para Análise de Textos de Christiane Nord (1991) .....	28
Tabela 3.1 - Paradigma Formal <i>versus</i> Funcional .....	72
Tabela 4.1 - Comparativo dos Editoriais: Edições da <i>TIME</i> e a Edição da <i>Veja</i> .....	79
Tabela 4.2 - Dados Referentes ao Público Leitor .....	86
Tabela 4.3 – Rede Semântica no <i>Corpus</i> da <i>TIME</i> .....	104
Tabela 4.4 - Rede Semântica no <i>Corpus</i> da <i>Veja</i> .....	104
Tabela 4.5 - Marcas Culturais Presentes no <i>Corpus</i> .....	106
Tabela 4.6 – Exemplos de Tradução via Agências de Notícias entre [T1T/T1V].....	108
Tabela 4.7 - Exemplos de Tradução via Agências de Notícias entre [T3T/T3V] .....	109
Tabela 4.8 - Ocorrência de Modais no <i>Corpus</i> da <i>Veja</i> .....	113
Tabela 4.9 - Tipos de Modalização em <i>Veja</i> .....	114
Tabela 4.10 - Ocorrências de Modo Indicativo/Subjuntivo em <i>Veja</i> .....	119
Tabela 4.11 - Tipos de Período em <i>Veja</i> .....	120
Tabela 4.12 - Modalização e Foco em <i>Veja</i> .....	122
Tabela 4.13 - Ocorrência de Modais no <i>Corpus</i> da <i>TIME</i> .....	123
Tabela 4.14 - Tipos de Modalização em <i>TIME</i> .....	124
Tabela 4.15 - Ocorrências de Modo em <i>TIME</i> .....	127
Tabela 4.16 - Ocorrências de Período em <i>TIME</i> .....	128
Tabela 4.17 - Modalização e Foco em <i>TIME</i> .....	129
Tabela 4.18 - Lista dos modais em Inglês e Português .....	131

**ABREVIATURAS**

TF	—	Texto-Fonte
TT	—	Texto-Traduzido
FF	—	Fato-Fonte
LC	—	Língua de Chegada
LF	—	Língua –Fonte
TF-E	—	Texto-Fonte – Emissor
TF-P	—	Texto Fonte –Produtor Textual
TF-R	—	Texto Fonte – Receptor
ST	—	Source Text
SF	—	Source Fact
I	—	Iniciador
TJ	—	Texto Jornalístico
TJs	—	Textos-Jornalísticos
WTC	—	World Trade Center
[T1T]	—	Texto 1 da Time - <i>Mourning in America</i>
[T2T]	—	Texto 2 da Time - <i>The New Breed of Terrorist</i>
[T3T]	—	Texto 3 da Time - <i>The Most Wanted Man in the World</i>
[T1V]	—	Texto 1 da Veja - <i>A Descoberta da Vulnerabilidade</i>
[T2V]	—	Texto 2 da Veja - <i>A morte no fogo, num salto ou no desabamento</i>
[T3V]	—	Texto 3 da Veja - <i>O Inimigo Número 1 da América</i>

## RESUMO/ ABSTRACT /ZUSAMMENFASSUNG

No contexto de uma abordagem funcionalista, esta pesquisa explora a interface tradução-jornalismo, via as contribuições de Christiane Nord (1991-tradução) e Frank Esser (1998 - jornalismo). A inter-relação desses aportes teóricos compreende o jornalista como ‘tradutor’ do fato noticioso, apontando para a existência de deslocamentos de enfoque na produção textual jornalística, quando a notícia é ‘traduzida’ para diferentes ambientes culturais, em contexto internacional. Nesse sentido, a tradução é compreendida como a “*representação cultural*” do fato noticioso (Zipser, 2002). A partir destas considerações, esta pesquisa pretende demonstrar a ocorrência de um provável deslocamento de enfoque sobre um *corpus* de textos comparáveis das revistas *Veja* (contexto brasileiro) e *TIME* (contexto norte-americano), representativas do segmento do jornalismo de revista. A análise compreende dois momentos distintos: i) o estudo de condicionantes culturais na produção textual e ii) da sintaxe, através de verbos auxiliares modais. Os resultados apontam um deslocamento de enfoque através dos condicionantes e ressaltam os modais como atenuadores da voz subjetiva do Emissor no *corpus*, mantendo os princípios de credibilidade, isenção e neutralidade no relato jornalístico, não apenas informando como também formando a opinião do leitor. Espera-se, assim, aproximar estas áreas (Tradução e Jornalismo) e consolidar o caráter interdisciplinar dos estudos da tradução.

**Palavras-chave:** *Tradução, Jornalismo, Funcionalismo, Cultura.*

Within the context of a functionalist approach, this research project explores the translation-journalism interface through the contributions presented by Christiane Nord (1991 - translation) and Frank Esser (1998 – journalism). The interrelation of these theoretical frameworks approaches the journalist as the *translator* of news reports (facts), which suggests that the focus of journalistic textual production is displaced when news is ‘translated’ into different cultural environments. Translation is, therefore, understood as “*cultural representation*” of news reports - facts (Zipser, 2002). Based on these assumptions, this research project intends to demonstrate the occurrence of these shifts in focus over a comparable *corpus* of texts from *TIME* and *Veja* magazines, samples of the (north American and Brazilian) magazine journalism segment. The analysis of this *corpus* comprises two distinct moments: i) an investigation of cultural influential factors in textual production and ii) the analysis of syntax through modal auxiliary verbs. Results point out to a shift in focus due to the influential factors and bring out the modals as attenuators for the Sender’s subjectivity in the *corpus*, which maintains principles like credibility, exemption and neutrality in the journalistic report, while informing and forming readers’ opinion. The intent is, therefore, to integrate and strengthen the interdisciplinary facets of translation studies.

**Key words:** *Translation, Journalism, Functionalism, Culture.*

Im Rahmen eines funktionalistischen Ansatzes untersucht die vorliegende Arbeit die Nahtstelle, an der Übersetzung und Journalistik aufeinander treffen. Die theoretische Grundlage bietet auf übersetzungswissenschaftlicher Seite Christiane Nord (1991), auf Seite der Journalistik Frank Esser (1998). Im Zusammenhang beider Ansätze wird der Journalist als Übersetzer der Nachricht verstanden. Es bestehen Veränderungen der Sichtweisen in der publizistischen Textproduktion, wenn die Nachricht in verschiedene kulturelle Umgebungen international übertragen wird. In dieser Hinsicht wird die Übersetzung als “*kulturelle Repräsentation*” des Inhalts der jeweiligen Nachricht verstanden (Zipser, 2002). Meine Untersuchung basiert auf diesen Voraussetzungen und möchte Veränderungen der Sichtweisen in einem Corpus von vergleichbaren Texten aus den Zeitschriften *Veja* (Brasilien) und *TIME* (Nordamerika) nachgewiesen haben. Die Analyse des Materials erfolgte in zwei Phasen: 1. Untersuchung der Kulturmerkmale in den entsprechenden Texten: 2. Beschränkung des Verfahrens auf die Syntax, und zwar auf die Anwendung von Modalverben in den Texten. Die Ergebnisse dieser Untersuchung deuten auf eine Perspektivenverschiebung und zeigen, dass mit Hilfe der Anwendung der Modalverben eine Milderung der Wirkung der Subjektivität des Senders auf das *Corpus* mit gleichzeitiger Erhaltung der Prinzipien der Neutralität und Glaubwürdigkeit des journalistischen Textes zu spüren ist, indem man ihn als Informationsspende und Meinungsbilder erkennt. Diese Arbeit erhofft sich, einen interdisziplinären Dialog zwischen den Fachgebieten Übersetzungswissenschaft und Journalistik zustande gebracht, und somit einen weiteren Beweis für die Anschlussfähigkeit der Übersetzungswissenschaftsstudien geliefert zu haben.

**Schlüsselwörter:** *Übersetzung, Journalistik, Funktionalismus, Kultur.*

## INTRODUÇÃO Do Início do Percorso

Nos últimos 20 anos, os estudos da tradução têm apresentado a evolução de teorias, conceitos e métodos de pesquisa próprios, o que tem favorecido a parceria com outras áreas afins e possibilitado a criação de interfaces de investigação. A mais recente dessas parcerias oferece não só novas (e interessantes) perspectivas de pesquisa, como também reforça o caráter interdisciplinar dos estudos tradutórios e constitui o *skopos* deste trabalho: a interface tradução-jornalismo. A conjugação dos estudos da tradução com outras da comunicação é defendida também por Mona Baker (1996 *in* MARTINS, 1999:15) como meio de ampliar as discussões sobre a complexidade que o fenômeno da prática da tradução impõe cada vez mais. Tal postura mais reflexiva demonstra a complexidade que envolve o estudo da tradução e a sua consistência como ambiente de pesquisa, além de abrir novas percepções como a que propomos neste estudo.

A tradução em meio jornalístico é normalmente relegada ao que se chama de tradução consensual, normalmente presente na cultura das redações. É comum, nestes casos, o jornalista assumir a posição de tradutor, visto que uma eventual contratação de profissionais tradutores, o que onera o custo final, ocorre somente em grandes veículos da imprensa. Na grande maioria é o próprio jornalista quem exerce essa “função”, bastando para isso conhecer o idioma, o estilo do veículo para o qual escreve (exigência também para os tradutores profissionais) e ter realizado alguns trabalhos com sucesso, isto é, ter traduzido corretamente, sem alterar ou distorcer a informação.

Podemos dizer então que a tradução existente na imprensa é aquela “fiel à letra” (uma transcodificação isenta) e que se propõe objetiva, imparcial e neutra no relato do fato jornalístico. No entanto, é sabido que esses princípios inexistem nas instâncias da prática em si. Os veículos da imprensa têm, normalmente, pautas programadas para os assuntos do dia que, por sua vez, obedecem a critérios chamados valores-notícia, atributos do fato que o fazem ter características para ser, ou não, transformado em notícia. Sempre há um recorte nesses relatos obedecendo a determinadas angulações e enfoques por conta até mesmo das características do veículo. Mesmo a matéria traduzida não é divulgada sem antes passar por responsáveis [editores chefes, chefes de redação] que podem vir a alterar os textos, postura válida, adiantamos, para ambos os contextos sob análise neste estudo.

Devemos lembrar também que a imprensa não escreve para si. No outro vértice desse relacionamento está o público-leitor que atribui ao jornalismo à característica de ser “os olhos e ouvidos da nação”, conseqüentemente espera ser informado, com a devida isenção. Por outro lado, as constatações mencionadas indicam que existe uma interferência entre o fato e o seu relato pela imprensa, gerando diferentes perspectivas de abordagem especialmente quando a notícia tem origem em ambiente internacional. Explicamos: enquanto público-leitor, normalmente temos acesso somente à leitura da imprensa sobre os acontecimentos; entretanto, como saber ser esta a única possível? Mesmo constituindo um discurso próprio, a imprensa não deixa de ser uma instituição social, vive primordialmente das notícias que ocorrem fora do seu universo, logo não está isenta de receber influências externas, especialmente culturais. Neste caso, a própria escolha de qual fato será noticiado e, a forma como será abordado refletem esses padrões sociais de informação.

No contexto dessa lógica presumimos que exista um *filtro* entre o fato e o relato da imprensa (ZIPSER, 2002). A leitura que recebemos dos acontecimentos é, assim como a tradução, apenas uma das muitas que um mesmo fato pode receber, de acordo com a cultura para a qual se destina. Nesse ambiente, o leitor-receptor é previsto, respeitado, na hora da elaboração do texto, visto que, neste caso, o jornalista/tradutor, normalmente compartilha a cultura com seu receptor. Ressaltamos, no entanto, que a resposta deste receptor não é passível de aferição, ou seja, não se consegue ver, medir. Isto necessitaria de um trabalho a parte incluindo questionários elaborados sobre o perfil do leitor dentro de um determinado veículo, excedendo os nossos objetivos. Interessa-nos, neste trabalho, sobremaneira, a produção textual sob a ótica do tradutor-jornalista e dos veículos de imprensa para os quais escreve, enquanto produto de venda, para que o leitor compre/leia o texto, pois sem ele o texto jornalístico deixa de existir. Logo, o fato de pertencer a grupos sócio-culturais distintos faz da leitura do destinatário-final um ato condicionado pela sua perspectiva e experiência de mundo e de leitura.

Justifica-se, nesse sentido, a pesquisa comparativa em ambiente internacional visto que, através dela, é possível apreender as perspectivas de enfoque conferidas ao fato, a situação histórico-social em que a matéria jornalística foi produzida, o modo como o texto é organizado para chegar até o leitor-destinatário e o perfil jornalístico de cada país. Dentro dessa perspectiva, não há sentido para a antiga ‘teoria do espelho’, segundo a qual as notícias são como são porque a realidade as determina, símbolo de um jornalismo antes desinteressado

(TRAQUINA, 2001:65). Para Adelmo Genro Filho (1987), a imprensa pode distorcer, reordenar e trocar de lugar o espelho dependendo da importância dos detalhes e, porque não dizer, de determinadas condições histórico-culturais, como por exemplo, a historicidade que o acontecimento representa, a proximidade ou distanciamento geográfico e cultural entre os contextos envolvidos.

O jornalismo funciona, dessa maneira, como um mapa cultural da sociedade: denota a tentativa (consciente ou não) por parte do tradutor-jornalista, de aproximar o fato noticioso do leitor cultural ou geograficamente distante dele, pauta o que público fala, discute e comenta, informa e forma opiniões e, confirma o seu papel de organizador e tradutor de perfis sociais. Discordamos, nesse sentido, de Traquina (2001), pois a imprensa sabe como ninguém dizer ao público *sobre* o que pensar e *como* pensar. Tais escolhas se fazem tendo um leitor em prospecção que compartilha dos mesmos traços culturais do jornalista. Os textos jornalísticos permitem, dessa maneira, aproximar ou afastar culturas e abrem espaço para a compreensão do Outro através da sua ótica, ao invés dos nossos próprios parâmetros, evitando o perigo de julgamentos falsos, avaliações erradas e até preconceitos. Isso porque as marcas culturais estão sempre presentes, ainda que não facilmente visíveis.

De forma a sustentar nossos argumentos, fazemos uso de dois modelos distintos e comparáveis dos teóricos alemães, Christiane Nord (1991) para a tradução e Frank Esser (1998) para o jornalismo. Ambos reúnem a combinação da prática acadêmica com a teoria e sistematizam fatores de influência para a tradução e para o jornalismo através do conceito de interculturalidade, explicitado por Mary Snell-Hornby<sup>1</sup> (1988:2) como a expressão verbalizada da intenção do autor da maneira como é entendida pelo tradutor na posição de leitor do texto. O tradutor recria, então, este ‘todo’ para uma outra leitura em um outro país. Hornby, aproximando-se de Nord, compreende a tradução como uma disciplina culturalmente orientada e defende um “*integrated approach*” (uma abordagem integrada) para a pesquisa, embora priorizando de forma mais intensa a tradução literária.

Constitui proposta deste trabalho demonstrar a ocorrência de um eventual deslocamento de enfoque em textos jornalísticos no segmento de revistas de informação. A escolha por este tipo de veículo justifica-se devido ao fato de estabelecer com o leitor uma relação muito próxima, quase afetiva e de cumplicidade além de serem um material escrito

---

<sup>1</sup>The verbalized expression of an author’s intention as understood by the translator as reader, who then creates this whole for another readership in another culture.

altamente consumido pelo público leitor. A revista, como diz Marília Scalzo (2003), diretora do curso Abril de jornalismo, trata o leitor de “você”, busca se identificar com ele, podendo assim lhe dizer como pensar. Esta proximidade com o leitor é mais sensível em revistas do chamado segmento de entretenimento, mas acreditamos que isso ocorra também com aquelas do segmento de informação, pois respondem também a um público específico que estabelece, com estas publicações, um elo de confiabilidade perante o relato da notícia.

Para isso, selecionamos como objeto de estudo, um *corpus* de textos das revistas *Veja* [contexto brasileiro] e *TIME* [contexto internacional], em edição especial sobre os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. O *corpus* totaliza 4868 palavras para os textos em português e 8540 para os textos em inglês; sua seleção obedece aos seguintes critérios, a saber: i) os periódicos escolhidos são representativos do grande público nos seus países de origem, sendo considerados veículos de credibilidade junto aos seus leitores; ii) ambos estão há mais de 30 anos no mercado editorial, sendo representativos da história jornalística em seus respectivos países; iii) o fato obteve repercussão mundial na época e, iv) os textos satisfazerem uma consideração, presente no modelo de Nord (1991): são textos autênticos, em contexto de situação real.

Tendo definido o *corpus*, partimos para a hipótese de que:

- Os textos jornalísticos integrantes do *corpus* são **culturalmente marcados**, ou seja, recebem a influência da cultura para a qual se destinam, neste caso dos contextos brasileiro e americano, refletida no como os textos são escritos. Esta influência cultural, por sua vez, é geradora de um **deslocamento de enfoque**, ou seja, uma mudança de perspectiva na abordagem do fato noticioso nestes dois contextos.

Como um desdobramento desta hipótese, pautamos o objetivo central desta pesquisa: analisar com atenção especial, **a sintaxe** — na condição de *ferramenta auxiliar* de análise — a fim de demonstrarmos também, através dela, a ocorrência de um deslocamento de enfoque para o fato noticioso na produção textual.

No sentido de comprovação da hipótese de que os TJs são culturalmente marcados, orientamos este estudo em dois momentos distintos: i) um cotejamento entre as reportagens quanto à existência e atuação dos condicionantes culturais, conforme os modelos sistematizados por Esser e Nord e, ii) uma comparação entre elementos sintáticos, em abordagem funcional, como objetivo central da pesquisa. O recorte se pauta sobre a

modalização — *verbos modais* em inglês e *locuções verbais seguidas de uma forma nominal no infinitivo* em português — pelo fato de poder expressar, de acordo com a literatura, escolhas pessoais do Emissor<sup>2</sup> para transmitir sua mensagem o que, neste caso, pressupomos ter relação com a situação comunicativa de produção e recepção textuais, bem como com a intenção de ambos veículos.

Circunscrevendo as teorias, adotamos o conceito proposto por Zipser (2002) da tradução como “*representação cultural*” do fato noticioso — tradução a partir do fato e não de um texto fonte (TF) — e o jornalista como o “*tradutor*” deste acontecimento, o que nos permite trabalhar com uma noção ampliada de texto voltada diretamente ao fato. Esperamos, assim, caracterizar o *corpus* como a *tradução* do “11 de setembro”, ou seja, a sua *representação cultural*.

### **Objetivos Específicos**

Partindo, assim, da hipótese maior da influência de condicionantes culturais sobre as reportagens e da atuação sintaxe como um fator de destaque para determinar um deslocamento de enfoque no corpus, apresentamos os objetivos específicos desta pesquisa:

1. Investigar e analisar a presença de condicionantes (marcas) culturais presentes no *corpus*, com base nos modelos de Christiane Nord (1991) e Frank Esser (1998);
2. Analisar os verbos auxiliares modais (inglês) e as locuções verbais (português) com base nas gramáticas normativas de Celso Cunha (2001) e Michael Swan (1980) e, na classificação de Frank Palmer (1979) para as modalidades;
3. Fornecer subsídios que possam contribuir na formação de tradutores e pesquisadores no âmbito do jornalismo e da tradução, aproximando e reforçando a natureza interdisciplinar destas áreas.

### **Metodologia Geral da Pesquisa**

O encaminhamento prático desta pesquisa segue conforme os itens abaixo:

1. Revisão de literatura através de pesquisa, leitura e organização de obras básicas nestas áreas;
2. Análise dos textos do *corpus* com o auxílio dos elementos sistematizados por Nord, bem como a sua colocação em tabelas (ver: Anexo) conforme sua sistematização;

---

<sup>2</sup> Nos referimos à figura do Emissor em maiúsculas para demarcar o ponto de vista do qual partimos em relação a este estudo, ou seja, da figura do jornalista-tradutor (a ser explicitada mais adiante neste capítulo).

3. Análise do corpus considerando as instâncias de influência propostas por Esser para o jornalismo
4. Avaliação dos resultados através do cotejamento entre os textos;
5. Seleção e análise dos modais (inglês) e das locuções (português) em relação ao contexto de produção e recepção textuais;
6. Redação do Excurso relativo a um trabalho de tradução produzido com alunos do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.
7. Redação da síntese dos resultados obtidos e sugestão para pesquisas futuras.

### **Da Organização da Dissertação**

O Capítulo 1 apresenta a revisão de literatura, discute o termo função e a abordagem funcionalista: suas influências para os estudos da tradução e implicações teóricas. Este capítulo apresenta também os modelos de Christiane Nord e Frank Esser e questões pertinentes relativas a estes. Propõe, também, um conceito de cultura que emoldura essas duas áreas: a tradução e o jornalismo.

O Capítulo 2 desenvolve questões pertinentes à área da modalização: conceitos e tipos de modalidade existentes na literatura e características dos modais e das locuções verbais, de modo a contextualizar o estudo da sintaxe.

O Capítulo 3 descreve a metodologia de análise para o *corpus*, relativa aos condicionantes culturais e a análise da modalização presente nos textos.

O Capítulo 4 discute os dados com base no capítulo anterior, em âmbito funcionalista, do maior (mais geral) para o menor (mais específico), ou seja, do cotejamento entre as capas dos periódicos até o confronto entre os textos e a análise dos elementos modalizadores e sua função no TJ.

Em seguida tecemos as considerações finais da pesquisa e algumas sugestões para estudos futuros. Por fim, seguem as Referências Bibliográficas e em seguida os Anexos. Estes estão divididos em duas seções. O Anexo 1 apresenta a íntegra das matérias que formam o *corpus* e as tabelas de Nord com a análise do mesmo, enquanto o Anexo 2 apresenta um Excurso relativo ao experimento de uma tradução direta de TJ com alunos do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina; a avaliação do questionário respondido pelos em relação a atividade tradutória; uma pesquisa informal realizada via internet pela autora sobre o papel da imprensa nos dias atuais; o modelo de Esser (1998) em inglês fornecido pelo autor e uma tabela sobre os valores-notícia.

## CAPÍTULO 1 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS

### 1.1 Introdução

O quadro teórico que desenvolvemos a seguir compõe-se de três momentos. No primeiro deles, explicitamos a modelo de tradução orientada para análise de textos, enfatizando o conceito de tradução como situação comunicativa e o modelo proposto por Christiane Nord (1991) para abordar textos originais e traduções. A seguir, contextualizamos o modelo teórico de Frank Esser para o jornalismo e algumas questões pontuais para a prática jornalística, por entendermos que estas complementam a tipologia textual desta pesquisa. Num terceiro momento, demonstramos a interface elaborada pela pesquisadora Meta Zipser (2002) a partir destes dois teóricos e que consolida a tradução como a “*representação cultural*” do fato noticioso.

Antes, porém, da apresentação do modelo de Nord, julgamos necessário um panorama da moldura teórica que serve de base para este estudo, o funcionalismo. Não se pretende um resgate histórico das diferentes correntes funcionalistas existentes, tão pouco comparações entre estas, mas somente um esclarecimento sobre a concepção de linguagem e o conceito do termo *função* direcionados aos Estudos da Tradução. Embora essencial, uma exposição mais detalhada excederia os limites propostos neste item. Esperamos, contudo, esclarecer alguns conceitos que emolduram este estudo.

### 1.2 O Paradigma Funcional

Caracterizar o funcionalismo é uma tarefa difícil, pois existem muitos modelos e ‘versões’ desta abordagem associada à antropologia, etnografia, sociologia, jornalismo e ciências matemáticas, por exemplo, além de várias distinções dentro da própria lingüística da qual Simon Dik e Michael Halliday são exemplos. Porém, mesmo com tantas peculiaridades é possível rastrear algumas semelhanças: “De modo geral, teorias funcionalistas partem da prioridade da função comunicativa que determinadas estruturas lingüísticas exercem para servir à intenção pragmática do usuário da língua e da análise de estruturas que contribuem para esta função” (WEININGER, 2000:35)

Como escola lingüística, o funcionalismo nasce na década de 70 e tem seu auge nos anos 80-90, opondo-se radicalmente as abordagens formalistas como a gramática gerativa e estruturalista centrado na transparência na forma, nos constituintes da oração e nas relações entre eles, nos ‘conjuntos de frases, sistema de sons e signos’ (NEVES, 2004). Pelo fato de se preocupar com situações comunicativas, predominantemente orais e concretas, uma das questões centrais desta escola é o que se compreende por ‘competência comunicativa’<sup>3</sup>, ou seja, a verificação de como os usuários da língua se comunicam com eficiência. O paradigma funcionalista, vê a linguagem como “instrumento de interação social entre seres humanos, utilizado com a intenção de estabelecer comunicação”, conforme Camacho (1934:34 *in* NOBREGA, 2000), de uma maneira dinâmica, pois está em constante mudança para permitir que as necessidades comunicativas correspondam às modificações lingüísticas, de modo a cumprir com as funções intencionadas para a comunicação. Sobre este fato, Martinet<sup>4</sup> (1978:61 *in* NOBREGA, 2000) comenta que na lingüística existe uma função básica — a comunicação — que determina o que se pode chamar de estrutura da língua.

Dentro deste paradigma, a língua é vista como um produto social e compreender o seu funcionamento é entender de que modo à comunicação sem deixar se evoluir (MARTINET<sup>5</sup>, 1978:53 *in* NOBREGA, 2000). Portanto, a linguagem deve ser estudada dentro do seu contexto de uso, visão compartilhada também pela sociolingüística: a linguagem “não é uma entidade auto-suficiente (...) é utilizada em – e de fato evoluiu para servir – a interação humana. [Sua natureza] somente pode ser entendida se a abordarmos de um modo funcional.”(DAVIDSE<sup>6</sup>, 1987:40 *in* NOBREGA, 2000).

O termo ‘função’, por sua vez e, assim como o ‘funcionalismo’, é utilizado nas mais diferentes áreas do conhecimento, podendo ser uma grandeza matemática, ou representar a utilidade de um objeto ou ainda o valor de um termo dentro da oração. Especificamente para a lingüística, ‘função’ tem a ver com uma perspectiva sócio-cultural da língua, designando

<sup>3</sup> Cf. Neves, 2004:44 – no sentido de Hymes (1974), termo utilizado para designar a habilidade do indivíduo para exercer a interação social por meio da linguagem. A capacidade do falante de construir e interpretar expressões lingüísticas e de usar expressões de modo apropriado e efetivo, de acordo com as convenções verbais de uma comunidade lingüística.

<sup>4</sup> (...) En lingüística, hay una función básica – la comunicación – que determina lo que podríamos llamar la estructura de la lengua.

<sup>5</sup> Comprender el funcionamiento de una lengua es, en realidad, comprender de qué modo puede servir a la comunicación sin dejar nunca de evolucionar.

<sup>6</sup> [Language] is not a self-sufficient entity (...) it is used in – and indeed evolved to serve – human interaction. [Its nature] can be understood only if we approach it functionally.

ainda a relação entre uma forma e outra (função interna), entre a forma e o significado (função semântica) ou entre o sistema de forma e o contexto (função externa) conforme Neves (2004:6). A autora acrescenta ainda que “o termo função nem sempre tem o mesmo sentido e a mesma abrangência, e que existem diferentes critérios e diferentes níveis de generalização nas diferentes classificações oferecidas dentro de cada quadro teórico.” (Ibid:10). Por esta razão, buscamos defini-lo neste estudo segundo a concepção das funções da linguagem que servem de parâmetro para o trabalho de Christiane Nord (1991).

### 1.2.1 As Funções da Linguagem

Cronologicamente, as funções da linguagem foram abordadas pelo antropólogo britânico Malinowski em 1923, pelo lingüista e psicólogo austríaco Karl Bühler em 1934, por Roman Jakobson em 1960 e Halliday nos anos 70. Malinowski (*in* NOBREGA, 2000) a considerou sob a perspectiva cultural e antropológica, dada a sua formação. Bühler diferenciou três funções<sup>7</sup> que coexistem no mesmo evento e que se apresentam hierarquizadas no enunciado. Destas, a chamada ‘função representativa’ é a que caracteriza a linguagem como uma atividade tipicamente humana, de acordo com Neves (2004:9). Porém, como lembra a autora, ‘comunicar’ não é propriamente uma “função” da linguagem, pois esta capacidade é o que condiciona o evento da fala.<sup>8</sup>

A classificação de Bühler influenciou outros teóricos, como Jakobson que manteve a classificação original, atribuindo-lhe apenas novos nomes: referencial (contexto); emotiva (remetente) e conativa (destinatário), acrescentando outras três, a saber: fática (contato); metalingüística (código) e poética (mensagem), cada uma diretamente ligada a um dos fatores intervenientes no ato da comunicação. Embora todas estejam presentes no ato da comunicação, apenas uma sempre se destaca dependendo da sua finalidade; reconhecê-las é fator importante para entender como o texto escrito se constrói.

No caso dos textos jornalísticos é comum predominar a função referencial ou informativa por ser um tipo de texto que reporta, como é o caso das notícias, o mundo objetivo, com a participação apenas indireta do interlocutor. Pode ainda, eventualmente, fazer

<sup>7</sup>cf. Munday (2002:199) e Neves (2004:9) - as funções segundo Bühler são: *Darstellungsfunktion* (informativa); *Ausdrucksfunktion* (expressiva) e *Appellfunktion* (apelativa).

<sup>8</sup>O funcionalismo considera primordialmente a comunicação oral, existente a milhares de anos, sendo que a sua variante escrita é uma aquisição recente para a humanidade, cf. Weininger (2000: 38).

parte do universo jornalístico, a função emotiva centrada na figura do Emissor, mais precisamente em editoriais quando a revista pode deixar clara a sua ‘posição’ frente aos acontecimentos ou em matérias ditas ‘engajadas’, manchetes ou títulos.

### 1.2.2 O Funcionalismo para os Estudos da Tradução

Dentro do contexto dos estudos tradutórios, o funcionalismo<sup>9</sup> significa o rompimento com as tipologias lingüísticas formais e estáticas predominantes nas décadas de 70 e 80; toma lugar uma perspectiva comunicativa, maleável e dependente do contexto e não-arbitraria, da qual fazem partes nomes como Katherina Reiss, Hans Vermeer, Justa Holz-Mänttari e Christiane Nord.

Até meados da década de 70, a tradução ainda era uma atividade de mera transferência de códigos ao nível da palavra ou frase, baseada nos princípios da busca de equivalência um-para-um<sup>10</sup>. Gradualmente, as pesquisas passaram a exigir uma abordagem que considerasse o texto como um todo e que se voltasse para os seus aspectos culturais (externos). Nesse contexto desenvolveram-se as teorias de Katherina Reiss e Hans Vermeer.

Tradutora experiente e influenciada ainda pelas noções de equivalência que perduraram boa parte da década de 70, Katherina Reiss desenvolveu o que chamou de ‘tipologia textual’ (ou situações comunicativas) unindo algumas funções e dimensões da linguagem<sup>11</sup>. Reiss sugeria que a transmissão de funções predominantes do texto-fonte (TF) era o fator decisivo para o julgamento do texto-traduzido (TT) e, para avaliar essa adequação, utilizava critérios de instrução (*Instruktionem*) intra e extra lingüísticos expandidos, posteriormente, por Nord (1991)<sup>12</sup>. Tais critérios permitiam ao tradutor avaliar o *significado* do TF, conferindo-lhe o poder de ‘interpretar’ o texto. A abordagem de Reiss considerava três características importantes: a transmissão da função predominante do TF era o fator principal

---

<sup>9</sup>cf. Nóbrega (2000); Neves (2004); Munday (2002) - surgido na Alemanha, o funcionalismo tem como princípio a tradução enquanto ação, interação comunicativa, ou seja, uma atividade que detém um propósito baseado em um texto de origem e destinado a um leitor final. A Alemanha do pós-guerra foi pioneira nos estudos relativos a teorias e prática de tradução, além de ter sido o primeiro país a institucionalizar o treinamento de tradutores.

<sup>10</sup>Equivalentes um-para-um – equivalentes inter-linguais. Para maiores informações sobre o conceito de equivalência, conceito externo ao universo desta pesquisa, verificar: Nord (1997); Munday (2001) e Limongi (2000).

<sup>11</sup> cf. Munday (2002:73-4) e Nord (1997(a):9)

<sup>12</sup> The transmission of the predominant function of the ST is the determining factor by which the TT is judged (*apud* MUNDAY, 2001:75).

para julgar o TT; a importância dos critérios de instrução variava de acordo com a tipologia textual; o reconhecimento de que a função comunicativa do TT poderia divergir daquela do TF e que o TT poderia ser dirigido a um público diferente do que fora intencionado pelo autor; razão pela qual se fazia necessário avaliar a funcionalidade do TT em relação ao contexto da tradução. De acordo com a perspectiva de Reiss, a tradução ideal seria aquela na qual o propósito na língua de chegada (LC) fosse equivalente em relação ao conteúdo conceitual, a forma lingüística e a função comunicativa do TF. (*apud* NORD, 1997a:9).

Mesmo criticada por dar prioridade ao TF, o mérito de Reiss estava em definir, igualmente, a importância do TT para além de estruturas lingüísticas em situação de simples equivalência; noção que, na perspectiva de Nord, além de limitar a prática tradutória, não podia mais ser considerada como critério de escolhas metodológicas. (NORD, 1997a). A ponte entre teoria e prática veio através de Hans Vermeer<sup>13</sup> e do seu desejo pessoal em se afastar das teorias lingüísticas; seu posicionamento é relatado em um trabalho de 1976: “A lingüística por si só não irá nos ajudar. Primeiro, porque traduzir não é meramente e nem primeiramente um processo lingüístico. Segundo, porque a lingüística não formulou ainda as perguntas certas para lidar com os nossos problemas. Vamos, então, procurar em outro lugar” (*apud* NORD, 1997a:10).

Vermeer<sup>14</sup> considerava a tradução como um tipo de transferência na qual signos comunicativos verbais e não verbais são transferidos de uma língua para outra, ou seja, uma visão de tradução como ação humana (NORD, 1997a:11). Essa idéia de ‘ação humana’ detinha uma intenção, um *propósito* nas situações comunicativas verbalizadas ou não que, por sua vez, estavam inseridas em um sistema cultural particular e que condicionava a sua avaliação. Por essa razão, Vermeer utilizou a palavra grega - *Skopos* (*objetivo, propósito*) - para definir o que chamou de ‘teoria da ação proposital’ - *skopostheory*<sup>15</sup> - ou seja, o propósito da tradução que determina os métodos e estratégias a serem empregados para se produzir um resultado funcionalmente adequado (MUNDAY, 2002:79).

---

<sup>13</sup>cf. Munday (2000:79-81) e Nord (1997(a): 27-37) – a *skopos* foi desenvolvida no final da década de 70 (1978). “Linguistics alone won’t help us. First, because translating is not merely and not even primarily a linguistic process. Secondly, because linguistics has not yet formulated the right questions to tackle our problems. So let’s look somewhere else”.

<sup>14</sup>A type of transfer where communicative verbal and non-verbal signs are transferred from one language into another (...) Translation is thus a type of human action.

<sup>15</sup>cf. The purpose of the translation, which determines the translation methods and strategies that are to be employed in order to produce a functionally adequate result.

A *skopostheory* centrava-se nos aspectos interacionais e pragmáticos da tradução determinados pelo *skopos* (função) que se pretendia atingir no contexto alvo [interação determinada no propósito ou como função deste], centrado na figura do *addressee*<sup>16</sup>, conceito presente também na teoria de Nord. Como resultado desse novo paradigma, a produção escrita voltava-se exclusivamente para o TT, opondo-se a Reiss, para quem o TF era a medida para se avaliar a qualidade da tradução.

Até este momento e, apesar das tentativas de abordar o texto como um todo na tradução, a divergência entre os teóricos estava muito presente. O modelo lingüístico textual de Nord aparece então como uma postura de ‘equilíbrio’, congregando aspectos de ambos os lados<sup>17</sup> e, estabelecendo o processo de tradução com a atuação conjunta do TF e do TT e a função textual.

Da própria Nord<sup>18</sup> (1997a:1) temos uma definição simples e objetiva para o funcionalismo: um meio de focalizar a função ou funções dos textos e traduções, sendo que a palavra ‘funcionalismo’ é bem amplo, denominando várias teorias que abordam a tradução desta maneira, ou seja, quando duas culturas (incluindo a língua) estão envolvidas para a transmissão de uma mensagem entre Emissor (TF-E) ou o Produtor Textual (TF-P) e o Receptor (TF-R) que envolve elementos dos dois códigos lingüísticos (NORD,1991). Segundo a autora, as situações que determinam ‘o que’ e ‘como’ as pessoas se comunicam podem ser modificadas à medida que a comunicação ocorre e que outras variáveis são colocadas em prática, visto que as situações comunicativas não são institucionalizadas ou padronizadas, mas ocorrem inseridas em ambientes culturais que as estabelecem e condicionam (NORD, 1997a).

O termo ‘função’<sup>19</sup> é, pois, a representação da situação comunicativa além de ser determinada por ela, ou seja, é o contexto que define a função textual e as estratégias pragmáticas para concretizá-la, por esta razão não há como analisar unicamente o TF para

---

<sup>16</sup>O *addressee* se caracteriza pelo receptor ou pelo público intencionado pelo autor no TF com seus conhecimentos culturais específicos, suas expectativas e necessidades comunicativas.

<sup>17</sup>Nord empresta de Reiss o conceito de tipologia textual e de Vermeer o *skopos* (função) e a figura do *addressee*.

<sup>18</sup>Functionalism means focusing on the function or functions of texts and translations. Functionalism is a broad term for various theories that approach translation in this way” (...) “in which two cultures (including language) are involved and that the message transmitted between the sender (ST-S) or text producer (ST-P) and the recipient (ST-R) is formulated using the elements of not one, but two codes.

<sup>19</sup>The function of the TT is not arrived at automatically from an analysis of the ST, but is pragmatically defined by the purpose of the intercultural communication (...) a function is determined by the situation in which the text serves as an instrument of communication (Ibid: 9).

depreender automaticamente a função do TT. A situação de produção de um nem sempre é a mesma da recepção do outro, considerando-se esses momentos como distantes no tempo e no espaço.

A função textual pode ser observada considerando-se duas perspectivas: o contexto de produção do TF e o contexto de recepção do TT. Ao analisar o TF, o tradutor tem condições de reconstruir as reações dos leitores na língua-fonte (LF) e assim deduzir a intenção do autor. A partir daí, é possível antecipar as reações do público alvo de acordo com o contexto sócio-cultural de recepção e, então, definir estratégias para o processo tradutório. A tradução adquire, desse modo, uma dimensão histórico-cultural, permitindo elencar as reflexões de Nord em três características básicas:

- A tradução é *ação*, ou seja, uma situação comunicativa inserida em um contexto de situação real, autêntico;
- Todo texto, traduzido ou não, tem uma *função*;
- Essa função só é realizada a partir do momento da recepção do texto pelo seu destinatário o que significa que todo texto é predominantemente *prospectivo*, voltado ao **leitor final**.

A partir desta afirmação, Christiane Nord<sup>20</sup> define o seguinte ‘conceito’ de tradução:

A tradução é a produção de um texto-alvo funcional, mantendo a sua relação com o texto-fonte dado que, é especificada de acordo com a função pretendida ou exigida do texto-alvo (*skopos*/propósito da tradução). A tradução permite que aconteça um ato comunicativo o qual, em razão da existência de barreiras lingüísticas e culturais, não seria possível sem a tradução (NORD, 1991:28).

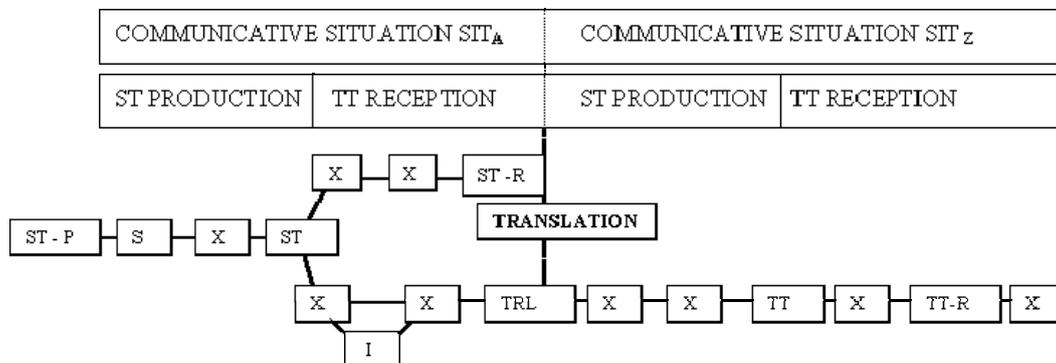
Visto que a função textual é estabelecida *na* e *pela* situação comunicativa, o esquema a seguir pode ser utilizado para representar a comunicação intercultural (Fig. 1.1):

- a) Análise do *skopos* do TF com base em uma determinada situação comunicativa;
- b) Verificação das informações do TF (se são compatíveis com as instruções de tradução) e, análise dos níveis do texto buscando elementos relevantes para a produção do TT;
- c) Localização dos elementos do TF que serão adaptados ao *skopos* do TT e associados com a língua LC, de acordo com as funções intencionadas para o TT;

---

<sup>20</sup>Translation is the production of a functional target text maintaining a relationship with a given source text that is specified according to the intended or demanded function of the target text (translation *skopos*). Translation allows a communicative act to take place, which, because of existing linguistic and cultural barriers, would not have been possible without it.

- d) A produção de um TT funcional e conforme as necessidades do Iniciador (I) se houver algum.



**Fig. 1.1 - O Processo de Comunicação Intercultural** (Fonte: NORD, 1991:34)

Para a produção textual Nord reconhece cinco funções base nas quais fundamenta sua sistematização; conceitos combinados dos modelos de Bühler (1934) e Jakobson (1960) cada qual com sub-funções agregadas (NORD, 1997b:46) O esquema é transcrito a seguir:

- Função zero – o emissor escreve sem o propósito aparente de que o texto seja lido por outros receptores. A escrita serve como um desabafo ou uma forma de organizar as idéias.
- Função referencial – (objetiva) – não permite considerações pessoais e faz referência a objetos e fenômenos do mundo. Sub-funções: informativa, metalingüística, meta-textual, diretiva, didática, etc.
- Função expressiva (subjativa) – o emissor expõe suas impressões, atitudes e sentimentos em relação a coisas e fenômenos do mundo. Sub-funções: avaliativa, emotiva, irônica, etc.
- Função apelativa – convida o receptor a agir, pensar e refletir de acordo com propósitos do autor, apela diretamente à sensibilidade ou experiências prévias do receptor. Sub-funções: ilustrativa, persuasiva, imperativa, pedagógica, propagandística, etc.
- Função fática – estabelece, mantém, finaliza o contato social entre Emissor e receptor. Sub-funções: pequenas conversas, expressões de despedida, estórias introdutórias em uma reportagem, etc.

Essas distinções podem ser consideradas como sendo transculturais, enquanto suas expressões verbais e não-verbais são determinadas por características específicas para cada cultura. Desse modo é possível afirmar que as traduções fazem uso de marcas culturais (da cultura alvo) para se tornarem significativas aos leitores, a menos que estes estejam cientes de estarem lendo uma tradução e que devem reinterpretar a função do TT por si próprios.

O funcionalismo reflete, desse modo, a mudança de teorias predominantemente lingüísticas e formais, sem relação com ato da comunicação, para uma visão funcional e sócio-cultural. Filtrando conceitos de Reiss e Vermeer, Christiane Nord (1991) desenvolve o seu próprio modelo de análise textual. Partindo da compreensão das funções da linguagem atreladas às características do TF e, da seleção de estratégias tradutórias adequadas ao propósito (*skopos*) da tradução, o modelo de Nord se configura como suporte teórico deste estudo, o qual é apresentado a seguir.

### 1.3 O Modelo de Christiane Nord

*Toda situação tem dimensões históricas e culturais que condicionam o comportamento verbal e não verbal de seus agentes, seus conhecimentos e expectativas, sua avaliação da situação e o ponto de vista a partir do qual enxergam o mundo. (NORD<sup>21</sup>, 1997b: 41 – grifos nossos).*

Como professora de tradução e tradutora juramentada, Christiane Nord combina a prática com um extenso trabalho acadêmico reconhecido mundialmente nas áreas<sup>22</sup> de: teoria e metodologia da tradução, didática da tradução, estilística comparativa e análise do discurso Espanhol-Alemão. A autora é membro da comissão de diretores da *European Society for Translation Studies* desde 1998 e do CETRA<sup>23</sup>. Definindo-se como uma “*hard core functionalist*” (funcionalista radical), Nord (2003) publicou seu primeiro livro em alemão em 1988, traduzindo-o depois para o inglês em 1991 sob o título *Text Analysis in Translation*, versão citada no presente estudo.

---

<sup>21</sup>Every situation has historical and cultural dimensions that condition the agents' verbal and nonverbal behavior, their knowledge and expectations of each other, their appraisal of the situation, and the standpoint from which they look at the world.

<sup>22</sup>Translation theory and methodology, translation pedagogy, comparative stylistics and Spanish-German discourse analysis

<sup>23</sup>cf. *Centre for Translation Communication and Cultures* – disponível em: <http://fuzzy.arts.kuleuven.be/cetra/>

Christiane Nord aponta para o que parece ser um consenso em teóricos de que uma análise completa do TF deve não só preceder a tradução, como também assegurar ao tradutor total compreensão e interpretação do texto. Desse modo, seria possível explicar suas estruturas lingüísticas e textuais, sua relação com os sistemas e normas da língua, além de se obter uma base confiável para a tomada de decisões durante o processo tradutório. Para um tradutor profissional (experiente), tais considerações ocorrem quase que “intuitivamente” na prática diária. Porém, a questão é que “propósitos diferentes requerem abordagens diferentes”, sugerindo que os modelos existentes de análise textual não são os mais apropriados à tradução (NORD<sup>24</sup>,1991:1). Dessa forma, o problema a resolver é como conduzir um processo que satisfaça a análise do TF e permita lidar de modo eficiente com os obstáculos que a tradução normalmente expõe. Tais premissas se tornam claras na introdução do livro. Nord, parte da necessidade de um ‘modelo de análise do TF integrado num conceito global de tradução como referência permanente ao tradutor’ (Ibid:1) para desenvolver uma sistematização que possa envolver os seguintes requisitos, a saber:

- Pode ser utilizada com qualquer tipologia textual — lembrando a teoria de Reiss — e em qualquer situação de tradução;
- Tem como base a função dos elementos e das características observáveis dentro do conteúdo e estrutura do TF;
- Tem na figura do tradutor a escolha das estratégias mais adequadas para o propósito da tradução que está trabalhando;
- Pode ser utilizado pelo profissional em tradução, como forma de reflexão sobre a sua prática, e por *trainees* (estudantes), enfatizando a sua competência lingüística e cultural;
- É aplicável para a língua do tradutor (*native- falante nativo*) ou outra língua (*foreign- estrangeira*), sem a necessidade de fazer referência às características específicas de ambas;
- É adequado aos estudos da tradução, ao treinamento e à prática tradutória.

A autora propõe, com seu trabalho, uma ferramenta de apoio ao mesmo tempo, abrangente e detalhada (para contemplar até mesmo os problemas mais específicos da tradução) e ação e observação (oferecendo ao tradutor a possibilidade de visualizar e avaliar os resultados do seu trabalho em vários momentos do processo).

O que permite a Nord reunir essas características em um único modelo de análise textual é a perspectiva funcionalista de seu trabalho voltada para as funções da linguagem,

---

<sup>24</sup>Different purposes require different approaches.

base para determinar as estratégias tradutórias do processo de tradução. Ao compreender esta perspectiva funcional, através de situações delimitadas pelo tempo e espaço, ocorre uma troca entre o ambiente cultural (que condiciona a situação comunicativa – “a língua deve ser respeitada como parte da cultura”) e, o próprio ato comunicativo (que interfere nas relações sociais), visto que “a comunicação é condicionada por obstáculos da situação-em-cultura” (NORD<sup>25</sup>, 1997a:1).

Essa troca permeia todo o processo de comunicação ainda que os textos, de maneira geral, não sejam produzidos exclusivamente para serem traduzidos. A função (ou *skopos*) permite então analisar o texto ao nível da sentença e acima dela, isto é, abordar o texto através de suas características: externas (macro) e internas (micro textuais), presentes na produção e recepção do texto traduzido ou não. Nord objetiva então: i) oferecer subsídios para compreensão e análise do TF, a ser traduzido; ii) propiciar, com base na função do texto a ser traduzido os critérios capazes de nortear a estratégias tradutórias e iii) oferecer critérios que sirvam também como fonte para a avaliação do TT.

O *skopos*, do qual deriva a função prospectiva do texto, é dado pela idéia do cliente, do iniciador (emissor), ou seja a pessoa que precisa da tradução de um texto para uma determinada língua, com um determinado propósito e para um receptor específico. Dessa lógica Nord (1991) introduz os papéis<sup>26</sup> que constituem o processo de tradução, a saber:

- (I) iniciador; (TF) texto fonte em (LF) língua fonte para o público receptor na língua fonte (PR-LF);
- (TRL) tradução do TF para uma (LC) língua de chegada e um público receptor nesta língua de chegada (PR-LC).

Nord enfatiza a tradução como uma “atividade comunicativa em situação<sup>27</sup>” e, culturalmente marcada; logo, alguns destes papéis se destacam no processo a começar pelo (I). Este cria as condições de tradução ao iniciar o trabalho tradutório, ao fazê-lo acontecer.

---

<sup>25</sup>“Language is to be regarded as part of culture” e “and communication is conditioned by the constraints of the situation-in-culture”.

<sup>26</sup>Esses papéis podem ser representados por um único indivíduo e outros podem também ser adicionados ao processo, mas são chamados por Nord de ‘constituintes não essenciais’. Isso porque, em algumas situações, o tradutor pode assumir ele mesmo o papel de I; nem sempre uma produção textual visa a ser traduzida ou ainda a tradução pode não depender de um TF. Desses papéis o mais ativo, embora sem participação direta é o (PR-LF/LC).

<sup>27</sup>The communicative act-in-situation provides the framework in which the text with its function(s) has its place. The text can only be understood and analyzed within and in the relation to the framework of the communicative act-in-situation (NORD, 1991:12).

Este é, normalmente, uma pessoa que precisa, “encomenda” uma tradução, podendo definir o *skopos* do trabalho baseado na sua necessidade comunicativa. Porém, a responsabilidade pela execução do trabalho, a definição de estratégias e as escolhas cabem ao tradutor e à sua competência, ao definir as “*translation instructions*”, ou instruções de tradução - *Überstezungsauftrag*<sup>28</sup> que:

“(…) devem ser direcionadas pela função ou *skopos* que a tradução pretende alcançar na cultura-alvo (como especificado pelo iniciador) e não pela função do [texto] original na cultura-fonte. Por esta razão, o que importa não é a fidelidade ou equivalência, mas se a tradução alcança ou não as necessidades do iniciador e pode funcionar como um texto independente na cultura-alvo” (NORD, 1997a: prefácio)<sup>29</sup>.

O receptor, por sua vez, assume um papel indiretamente ativo durante o processo de produção textual, mas a sua influência sobre ele é decisiva, exercendo a função de voz norteadora para o tradutor. É em função do Receptor (em prospecção), que o tradutor define e sustenta o *skopos* ao longo do processo, pois a recepção do texto depende das expectativas individuais do receptor que são determinadas pela situação na qual ele recebe (lê) o texto, bem como por toda a sua bagagem de conhecimento prévio, seu conhecimento de mundo e suas necessidades comunicativas de acordo com Nord<sup>30</sup> (1991:16). A autora continua, comentando que, tendo crescido em uma outra cultura, o receptor do TT possui um conhecimento de mundo, um modo de vida, uma perspectiva diferente sobre as coisas e, também, uma “experiência textual” diferente que influenciam a leitura do TT (Ibid, 1991:24).

O outro vértice do triângulo encontra a figura do tradutor, como um “*critical recipient*” (receptor crítico) por três razões: a) sua recepção advém da sua competência na cultura fonte; b) ele é um analista por excelência e capaz de se por no lugar do receptor do TF para reconstituir suas reações e do TT e c) sua competência na cultura alvo lhe permite ler o

<sup>28</sup> A autora prefere o termo em inglês por este ressaltar o caráter pedagógico deste modelo de análise.

<sup>29</sup>(…) Should be guided by the *function or skopos* which the translation is intended to achieve in the target culture (as specified by the initiator) and not by the function of the original in the source culture. Therefore, what matters is not the faithfulness or equivalence, but whether or not the translation has fulfilled the initiator’s needs and can function as an independent text in the target culture.

<sup>30</sup>The reception of a text depends on the individual expectations of the recipient, which are determined by the situation in which he receives the text as well as by his social background, his world knowledge, and/or his communicative needs”. A autora continua: “having grown up in another culture, the TT recipient has a different knowledge of the world, a different way of life, a different perspective on things, and a different “text experience” in the light of which the TT is read.

TF “com os olhos do receptor em prospecção”. Sua importância evidencia-se pela capacidade de gerenciar as variáveis culturais e atuar como mediador entre dois códigos, motivo pelo qual está sempre em conflito entre as culturas envolvidas.

O lugar que o tradutor ocupa na sistematização apresentada por Nord é a central. Sua leitura obedece a condições peculiares, visto que o tradutor não tem uma “necessidade” pessoal na leitura do TF. Sendo assim, a leitura do tradutor é determinada pelas necessidades comunicativas do Iniciador ou do receptor do TT (NORD<sup>31</sup>, 1991: 10). Dessa forma o tradutor profissional objetiva uma análise textual sempre voltada às condições de tradução, ou seja, a sua leitura jamais é intuitiva e a sua experiência e conhecimentos são as molduras de recepção para o TT. O tradutor, nesse sentido é a ponte entre situações nas quais diferenças geográficas, de comportamento verbal ou não verbal e de proximidade cultural são tais que não é possível a comunicação entre emissor e receptor. Para Azenha (1999:12), o tradutor é quem define, “a partir das características específicas das culturas envolvidas e das instruções da tarefa de tradução, uma estratégia de trabalho que, ao mesmo tempo (1) preserve a referência à instância que transfere o saber específico (...) e (2) possa ser eficaz na cultura para a qual o texto é transportado”. Nord<sup>32</sup> (1991:11), define o tradutor de modo idealizado e bi-cultural, o que significa que deva ter perfeito domínio das línguas envolvidas e também uma competência de tradução para sincronizar a recepção do TF e a produção do TT.

Para se ter noção da mudança da postura do tradutor, basta lembrar Katherina Reiss, para quem a tarefa do tradutor era relativamente simples: bastava ajustar o texto a uma das tipologias estabelecidas e trabalhar as variáveis sócio-culturais pra determinar qual estratégia deveria ser adotada. Vermeer, por outro lado, acreditava que o tradutor precisava definir o *skopos* primeiro e sua tarefa se restringia à produção de um texto alvo com certas especificidades para a cultura de chegada. O tradutor era um intermediador qualquer, pelo simples fato de os emissores estarem locados em ambientes culturais diversos e precisarem de alguém para realizar a comunicação entre eles. Mesmo assim, seu papel era unidirecional. Essa nova postura o coloca como bidirecional no sentido de estabelecer e manter a sincronia TF e TT, visto que, segundo Nord, não existe um processo de tradução sem um TF. A força

---

<sup>31</sup>The translator has no personal “need” to read the text (...) the way he receives the text is determined by the communicative needs of the initiator or the [needs of] the TT recipient.

<sup>32</sup>Which means he has a perfect command of both ST and the TT (including language) and he possesses a transfer competence (...) to “synchronize” ST reception and TT production.

atuante da cultura sobre a tradução recai ainda sobre outro aspecto, discutido por muitos teóricos: a questão da fidelidade textual.

### 1.3.1 O Papel do Tradutor e a Questão da Fidelidade Textual

Durante muito tempo, e talvez isso ainda ocorra, o conceito de equivalência foi estabelecido como a possibilidade maior de correspondência entre o TF e o TT<sup>33</sup>, mas segundo Nord (1991:22), o ato de traduzir palavra por palavra (*word for word*) torna o texto muito fiel (“*too faithful*”), ao reproduzir precisamente todas as características do TF, ou muito livre (“*too free*”), devido a adaptações ou paráfrases inaceitáveis para contornar obstáculos provenientes de diferenças culturais.

A noção de equivalência, na perspectiva funcional de Nord, é a relação entre TF e TT, sendo subordinada ao *skopos* da escrita e não um padrão comum a todos os textos; afinal, cada texto seja original ou traduzido, é composto de uma configuração de fatores culturais específicos e interdependentes. Em vista de a tradução ser um processo dinâmico, “Nord define o conceito de *Loyalität*, ou lealdade ao destinatário, para diferenciá-lo de *Treue*, ou fidelidade ao texto fonte” (ZIPSER, 2002), sendo concretizado por ocasião da recepção do texto pelo destinatário. A lealdade está no fato de o tradutor manter a intenção do autor condizente a uma leitura aceitável referente às expectativas da cultura de chegada (NORD, 1997b). Em capítulo publicado no livro *The Translator* (PYM, 2001), Nord comenta sobre a *Loyalität*:

A lealdade é compreendida como um conceito ético que governa responsabilidade do tradutor em relação aos seus parceiros, dentro da atividade cooperativa da tradução, além da ‘fidelidade’ como uma relação entre textos. (...) estes conceitos se tornam conceitos-chave nos casos em que há um grande abismo entre as culturas fonte e alvo, especialmente quando os receptores (leitores) têm as suas próprias ‘teorias subjetivas’ sobre o papel ideal do tradutor (...) neste contexto, a lealdade pode ser alcançada ao tornar explícitas as estratégias de tradução em um prefácio, ou adotando-se escolhas bem definidas em pontos do TF em que haja ambigüidade, (...) lealdade às intenções do autor do TF (NORD<sup>34</sup>, in: PYM, 2001).

<sup>33</sup>The greatest possible correspondence between the ST and the TT.

<sup>34</sup>Loyalty is understood as an ethical concept governing translators' responsibility to their partners in the cooperative activity of translation, beyond 'fidelity' as a relation between texts. (...) These concepts become key in cases where there is a wide gap between the source and target cultures, especially when receivers have their own 'subjective theories' about the ideal role of the translator. (...) In such a context, loyalty can be achieved by making the translation strategies explicit in a preface, by adopting clear choices at points of source-text ambiguity, (...) loyalty to the source-text author's intentions.

Conclui-se que, em razão do receptor do TT depender da funcionalidade para deduzir a intenção do autor, cabe ao tradutor de manter uma certa lealdade para com ele, ao contrário da fidelidade às estruturas internas do texto. Mais uma vez se evidencia a importância do tradutor, no sentido de gerenciar as variáveis - a partir das diretrizes de uma tarefa determinada anteriormente - com os olhos sempre voltados ao receptor alvo, não havendo mais a exigência da equivalência como prioridade. (NORD, 1988:276, *apud* Zipser, 2002). Conforme Azenha (1999:40), o tradutor também projeta sobre o texto uma visão, “subjetiva, situacional e culturalmente marcada, e estabelece as relações que identificam a sua leitura”. A partir disso e considerando: objetivo, condições de trabalho e parâmetros da cultura de chegada, deve estabelecer estratégias que possibilitem “a reconstrução de uma rede de relações” também para os destinatários finais.

Essa proposta de tradução orientada para a análise do texto provavelmente parece óbvia para muitos profissionais tradutores, visto que a grande maioria incorre nesse processo de forma automática, quase intuitiva. Entretanto, a fim de *treinar* profissionais tradutores prospectivos faz-se necessária uma sistemática que permita avaliar a qualidade do trabalho recorrendo a pontos definidos anteriormente, até mesmo como forma de lhes dar autonomia e poder decisão frente aos problemas que eventualmente aparecem. O papel do tradutor não significa traduzir literalmente, pois sua tarefa mais significativa é a de estabelecer e manter o canal de comunicação entre as culturas envolvidas.

Dessa forma, o processo de recepção é único devido às variáveis e circunstâncias sociais e individuais que atuam sobre a leitura do destinatário-final. Afirma Azenha (1999:17) que essa riqueza de variáveis não é somente responsável por um complexo processo tradutório, mas “constitui também o centro em torno do qual gravitam as preocupações dos profissionais de tradução que, expostos aos efeitos dessas variáveis no dia-a-dia de seu trabalho, precisam criar estratégias que lhes garantam algum controle sobre elas”.

Para isso e, em especial sob as condições de um treinamento, é preciso controlar a recepção, no caso dos ‘*trainees*’, através de uma sistematização que permita definir claramente a função do TT e trabalhar o texto a ponto de que o leitor final reconheça a intenção do autor e complete o processo atribuindo ao texto a função a qual foi destinado. Sobre isso Nord afirma que: “como produto da intenção do autor, o texto permanece provisório até que seja recebido (lido) pelo Receptor. É a recepção que completa a situação

comunicativa e define a função do texto: o texto como um ato comunicativo é “completado” pelo Receptor”, por ocasião da sua leitura (NORD<sup>35</sup>, 1991: 16-7).

### 1.3.2 Os Fatores Externos e Internos ao Texto

Como definição dessa sistematização, Nord utiliza a palavra ‘*looping*’ (realimentação). A idéia é justamente a de permitir ao tradutor uma avaliação freqüente do trabalho, à medida que avança com a tradução, reconhecendo e compensando os defeitos ou obstáculos durante a transferência para a LC; daí o seu caráter recursivo, com “*feedback loops*” (realimentação constante). E, sendo o texto - traduzido ou não - resultado da combinação de fatores externos (situacionais) e internos (lingüísticos), o *looping* prevê que, se houver uma modificação em um desses níveis, o restante também terá que mudar para se adequar a essa nova organização. De acordo com Nord<sup>36</sup> (1991:75), o princípio mais importante é o da recursividade (*recursiveness*), no qual as expectativas são construídas, confirmadas ou rejeitadas; onde o conhecimento é adquirido e desenvolvido e, a compreensão é constantemente modificada.

Dessas considerações Nord define alguns critérios de análise que envolvem: i) a situação comunicativa<sup>37</sup> de recepção do TF e de produção do TT e, ii) os seus constituintes internos que se articulam para veicular a mensagem desejada, em outras palavras, o que a autora chama de fatores extra e intratextuais (externos e internos). A autora<sup>38</sup> comenta sobre o seu modelo de análise:

---

<sup>35</sup> As a product of the author’s intention, the text remains provisional until it is received by its recipient. It is the reception that completes the communicative situation and defines the function of the text: the text as a communicative act is “completed” by the recipient.

<sup>36</sup> In which expectations are built up, confirmed, or rejected, and where knowledge is gained and extended and understanding is constantly modified.

<sup>37</sup> Nord define a situação comunicativa como: “the subset of non linguistic events which are clearly relevant to the identification of linguistic features. (Ibid, 1991:12).

<sup>38</sup> My model includes the analysis of extratextual and intratextual aspects of the communicative action; it is designed to identify the function-relevant elements in both the existing source text and the prospective target text as defined by the translation brief. By comparing the *skopos* with the source text functions before starting to translate, translator should be able to locate the problems that will arise in the translation process.

O modelo inclui a análise de aspectos extra e intratextuais da ação comunicativa; é planejado para identificar os elementos funcionais relevantes em ambas as culturas: a cultura fonte existente e a o texto traduzido em prospecção da maneira como foi definido nas instruções de tradução. Através da comparação do skopos com as funções do TF antes de se iniciar a tradução, o tradutor deve ser capaz de localizar problemas que poderão surgir ao longo do processo de tradução (NORD, 1997a:14).

Os fatores extratextuais<sup>39</sup>, ou situacionais (Fig. 1.2), estabelecem um primeiro contato como texto; englobam características da situação comunicativa do TF e, partem da perspectiva do Emissor que dá início à transmissão da mensagem<sup>40</sup> com um determinado propósito. O esquema abaixo transcreve as categorias que compõe a análise situacional do texto:

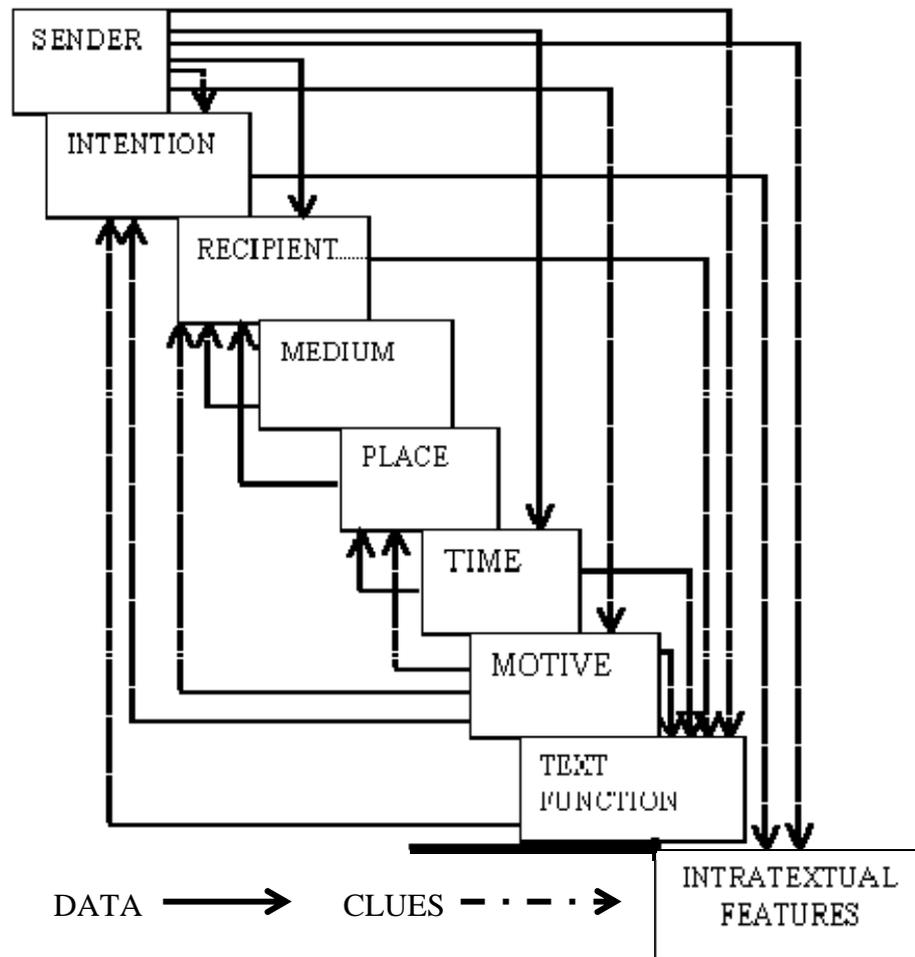
- Who transmits (o autor ou emissor)
- To whom (o público alvo ou receptor a quem o texto é dirigido)
- What for (a intenção do emissor)
- By which medium (o meio o canal através do qual o texto é comunicado)
- Where (o lugar da produção e recepção textual)
- Why (o motivo da comunicação)
- When (quando o texto foi produzido e quando será recebido)
- [A text] *With what function?* (qual é a função do texto?)

Nesta figura, Nord (1991:75) distingue também os termos: *data* (informações confiáveis derivadas do processo analítico) e *clues* (suposições a respeito do processo). Isso significa que, as informações e suposições a respeito de um dos fatores externos podem indicar informações e suposições a respeito de outro dentro do princípio já mencionado da recursividade que denota a relação de interdependência entre estes. O leitor pode, assim, desenvolver expectativas sobre, por exemplo, os aspectos que o texto irá abordar e discutir o modo como o fará. Como podemos observar, a função textual é o último critério de análise, resultado da combinação dos outros sete itens.

---

<sup>39</sup>Quando Nord se refere a “situação”, ela fala daquela na qual o texto funciona como um meio de comunicação e não como um cenário imaginário para uma estória (não importando o grau de realidade na descrição ficcional dada pelo autor).

<sup>40</sup>Nord utiliza o conceito de mensagem de um modo amplo de forma a incluir: pedidos e ordens, perguntas e tentativas de se estabelecer contatos; em outras palavras, discursos que cumprem as funções básicas da comunicação humana.



**Fig. 1.2 - A Interdependência dos Fatores Extratextuais** (Fonte: NORD,1991:76)

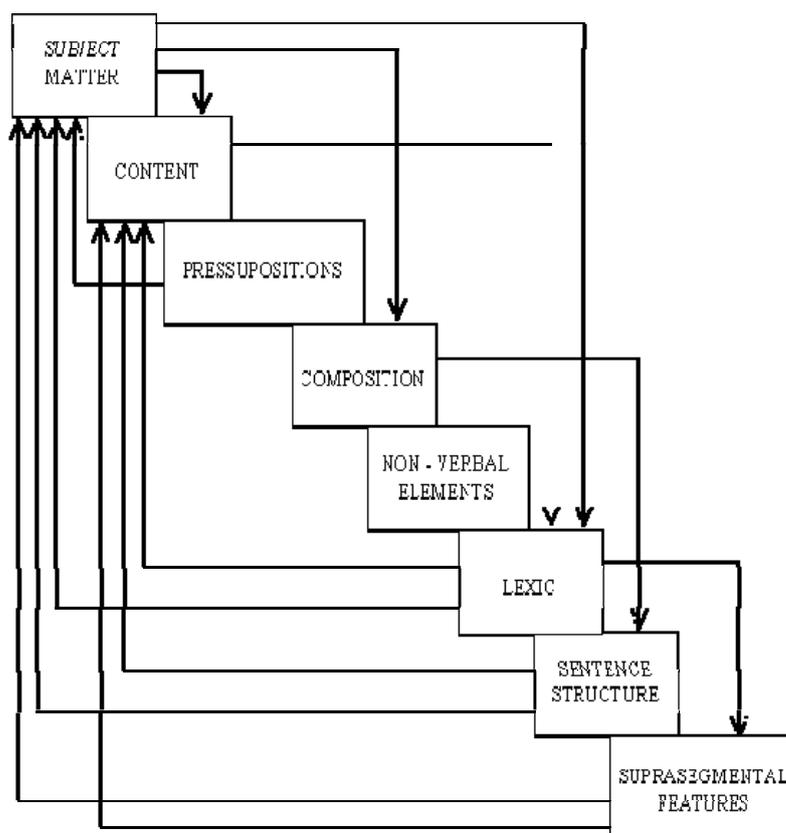
Convém ressaltar uma distinção apontada por Nord em relação aos fatores externos: intenção *versus* função. A intencionalidade pode estar associada ao Iniciador ou ao Tradutor, enquanto a função esta associada aos propósitos comunicativos do texto (NORD, 1997a:43). Assim, para o tradutor é a intenção que deve ser preservada no TT, enquanto que a função poderá ser modificada dependendo da situação comunicativa do contexto da cultura alvo para a qual o texto esta sendo produzido. Nessa direção, a posição do tradutor requer a análise da função textual sob dois pontos de vista: a partir do contexto de recepção do TF pelos leitores na LF e a partir do contexto de recepção do TT pelos leitores na língua alvo. No primeiro caso, é possível reconstruir as reações dos leitores a partir das características textuais internas e, no segundo, antecipar essas reações que, podem não ser as mesmas. Isto se deve ao fato de

o contexto de recepção de ambos estar inserido em situações comunicativas distintas culturalmente no tempo e no espaço. Assim, sob esta perspectiva, é impossível pensar em tradução sem a utilização de elementos dos dois códigos lingüísticos. Segundo Azenha (1991:22) a questão dos códigos resume a “problemática complexa da tradução” pois “indiscutivelmente representam fatores condicionantes de um processo que se quer estudar ou ensinar – o processo de tradução – e de um produto que se quer avaliar – o texto traduzido”.

Dessa moldura articulam-se os constituintes lingüísticos responsáveis pela estrutura que veicula a mensagem intencionada pelo autor. A seguir são transcritas as categorias que constituem os fatores internos do texto:

- On what subject matter does he say (qual é o assunto de que o texto trata?)
- What (quais as informações ou conteúdo presentes?)
- (What not) (quais as pressuposições de conhecimento do público o autor faz?)
- In what order (qual é a composição ou construção do texto?)
- Using which non-verbal elements (quais os componentes não-lingüísticos ou para lingüísticos que acompanham o texto?)
- In which words (quais as características lexicais utilizadas?)
- In what kind of sentences (quais as estruturas sintáticas utilizadas?)
- In which tone (quais são as características supra-segmentais da entonação ou prosódia?)
- To what effect? (qual é o efeito conseguido com toda essa estrutura sobre o receptor?)

Os fatores internos (Fig.3) são revelados através da leitura propriamente dita, o “como” o autor escreve resultantes da configuração criada pelos fatores externos, afetando a modo como o leitor recebe o texto, ou seja, o efeito particular que o texto exerce sobre ele. Assim, como os fatores extratextuais, os fatores intratextuais também se relacionam um com o outro, visto que a informação obtida através de um, geralmente incorre a respeito de outros, novamente em uma relação de interdependência.



**Fig. 1.3 - A Interdependência dos Fatores Intratextuais.** Fonte: (NORD,1991:129)

A aplicação prática desta análise nem sempre pressupõe a necessidade de explorar todo o processo passo a passo. Algumas das instruções dadas pelo (I) podem dar conta de muitos desses itens, o mesmo vale para determinadas tipologias textuais, em razão de possuírem aspectos mais convencionais e até mesmo previsíveis ou ainda, por uma intenção comunicativa específica do emissor que influencie suas escolhas.

A autora esclarece que essa hierarquia deve-se a razões meramente didáticas e metodológicas, lembrando que seu modelo tem como propósito a sua utilização em sala de aula para treinamento de tradutores. Sobre o fato comenta Zipser (2002): “O modelo pressupõe ajustes que devem ser feitos ao logo do processo inicial de determinação da estratégia de tradução”. Importante é notar que todos esses fatores –internos e externos – apresentam-se em dinâmica constante sendo, por essa razão, interdependentes. Isto significa que, qualquer modificação feita em um desses níveis afeta os demais inevitavelmente, como num ‘*looping*’: o assunto determina a composição textual (ordem cronológica dos fatos), que

afeta a escolha dos itens lexicais e determina a estrutura frasal que pode exigir a inserção de elementos não verbais e, assim por diante.

Para efeito de uma melhor visualização, esses fatores são apresentados no formato de tabela (Tabela 1). Ressaltamos que, para efeito de análise, este modelo de tabela foi aplicada ao *corpus*, cujas amostras encontram-se nos Anexos deste trabalho. Nord (1991:143) propõe um exemplo de análise utilizando um folder de turismo escrito originalmente em espanhol para ser re-textualizado para a língua inglesa. Neste caso, é justamente a hierarquização dos elementos que nos permite, enquanto tradutores, ter acesso ao texto de um modo mais completo, percebendo e refletindo sobre pontos que passariam despercebidos até mesmo por uma questão de familiaridade com o processo de tradução. Este passa a ser tão usual que não se pensa mais sobre ele.

A análise dos elementos referentes ao TF possibilita ao tradutor pensar certas questões de tradução que podem causar contratempos como: um espaço menor para o TT do que o TF, implicando a seleção e redução de informações ou ainda termos culturais que deverão ser adaptados, pensados para a cultura-alvo. Da mesma forma a análise dos elementos pertinentes ao TT permite a tradutor avaliar se a terminologia própria da cultura foi respeitada, se o público alvo foi considerado, se a função e a intenção do TF permanecem as mesmas ou se foram alteradas, além de uma série de outras possíveis comparações. É a combinação destes fatores que permite identificar os elementos do TF e do TT com base na comunicação intercultural. Afinal, os textos carregam consigo experiências e expectativas de outros textos e de seus leitores, também marcados culturalmente.

Lembramos que Nord hierarquiza estes itens na tabela objetivando o treinamento de tradutores e a didática em sala de aula, por isso a (aparente) rigidez do sistema. Na verdade, o modelo é flexível, e possibilita ao tradutor retornar a pontos anteriormente analisados para a checagem ou alteração de informações sempre que achar necessário rever a tradução. Um último lembrete se faz necessário: a necessidade de se trabalhar com textos extraídos do mesmo meio, ou seja, ambos TF e TT devem ser de jornal ou internet ou revista. Caso sejam utilizados textos de fontes diferentes é, é preciso ressaltar as características do veículo informativo, visto que, podem influenciar a escrita do produto final, como é o caso da linguagem jornalística existente para o jornal diário, revista ou internet.

**Tabela 1.1 – Fatores Externos e Internos presentes no Modelo de Tradução Orientada para Análise de Textos de Christiane Nord (1991).**

<b>MODELO DE CHRISTIANE NORD</b>			
<b>TEXTO FONTE</b>			
<b>TEXTO META</b>			
	<b>TEXTO FONTE</b>	<b>QUESTÕES DE TRADUÇÃO</b>	<b>TEXTO-META</b>
<b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>			
Emissor			
Intenção			
Receptor			
Meio			
Lugar			
Tempo			
Propósito (motivo)			
Função textual			
<b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>			
Tema			
Conteúdo			
Pressuposições			
Estruturação			
Elementos não-verbais			
Léxico			
Sintaxe			
Elementos supra-segmentais			
Efeito do texto			

Em síntese, o fio condutor relativo ao quadro teórico e as análises propostas é o que Nord chama de função comunicativa do texto. Convém esclarecer também que partimos, não de um TF, mas de um fato noticioso textualizado em contexto americano e re-textualizado para o contexto brasileiro. Nesse sentido nos interessa observar a função comunicativa do conjunto de textos selecionados do ponto de vista de ambas as culturas (fonte e de chegada),

além de determinar quais, e em que grau atuam, as interferências dos fatores expostos por Nord e Esser para estes dois contextos.

#### 1.4 Definindo um Conceito de Cultura

Antes de tecermos considerações acerca do jornalismo, convém buscar o entendimento de um conceito-chave que permeia o trabalho dos teóricos que dão suporte a esta pesquisa e que nos ajuda a compreender o sentido funcional dos textos: o conceito de cultura ou, mais precisamente — a interculturalidade.

A relação entre cultura e produção escrita (tradutória e jornalística) encontra na linguagem, talvez, a sua maior forma de expressão. Basta lembrar que, enquanto característica evolutiva, a linguagem foi o fator decisivo para nos diferenciar das outras espécies, para desenvolvermos a capacidade de criar, organizar e nomear símbolos e significados. Desse modo, cultura e linguagem serão entendidos aqui com uma só entidade ou na afirmação de João Azenha (1999:30) como uma “relação embrionária” que nos auxilia a definir a relação existente entre tradução/jornalismo e linguagem.

O termo cultura é debatido entre muitas correntes teóricas. Para este estudo, nossa intenção é buscar algumas definições nas áreas da antropologia e etnografia que nos permitam estabelecer a inter-relação linguagem e cultura de modo a complementar a noção de condicionantes culturais e a tradução como “*representação cultural*”.

No sentido antropológico, cultura é um conceito-chave para a interpretação da vida em sociedade, um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. Isso não significa hierarquizar o termo ‘civilização’, apenas indica o modo, o sistema de vida de um grupo, seja um país ou indivíduo, uma espécie de “código genético” de cada grupo social, uma marca pessoal, através da qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam, modificam e influenciam o seu próprio sistema e os outros. A etnografia, por sua vez, estuda a cultura através do modo como a comunicação é padronizada e organizada em sistemas de eventos comunicativos, e os modos através dos quais esses eventos interagem com outros sistemas culturais.

É fácil perceber que não há como dissociar cultura e linguagem. As regras culturais (valores familiares, etiqueta, hierarquia social) e o conhecimento servem de base para o contexto e o conteúdo dos eventos comunicativos e dos processos de interação. Essa relação

traduz o processo de formação do homem como um ser social, e define a base para a sua interação em grupo. Desta maneira, a cultura encontra na linguagem a sua forma de expressão e a linguagem, em si, também é uma das muitas manifestações da cultura. Enquanto expressão válida de uma sociedade, a linguagem também constitui e condiciona determinados papéis que desempenhamos; sobre os quais comenta Ward Goodenough:

A cultura de uma sociedade consiste do que quer que seja que um indivíduo tenha que saber ou acreditar a fim de agir de uma maneira aceitável aos olhos de seus parceiros ou fazer, em qualquer papel que aceitem para si mesmos (...) [Cultura consiste de] conhecimento, do modo mais geral, ainda que relativo, senso do termo. (...) [Cultura] são as formas das coisas que as pessoas têm em mente, seus modelos de perceber, relacionar e interpretá-la essas formas. Logo, o que as pessoas dizem ou fazem, suas associações sociais e eventos são produtos ou co-produtos de sua cultura na medida em que atribuem a ela [cultura] a tarefa de perceber e lidar com suas [as pessoas] circunstâncias (*in* SNELL-HORNBY 1988: 39-40).

Enquanto discurso, a linguagem não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento. É interação e um modo de produção social. Não é neutra, nem inocente, na medida em que está engajada numa intencionalidade. Realizada entre sociedades distintas, a linguagem passa a representar a cultura no âmbito do que Nord<sup>41</sup> chama de comunicação intercultural, ou seja, a troca de conhecimento, de símbolos e significados em contextos sociais diferenciados:

Entendo por “cultura” uma comunidade ou grupo que se diferencia de outras comunidades ou grupos por formas comuns de comportamento e ação. Os espaços culturais, portanto, não coincidem necessariamente com unidades geográficas, lingüísticas ou mesmo políticas (NORD, *in* ZIPSER, 2002:38).

Se pensarmos uma situação comunicativa como ambientes nos quais as pessoas interagem e se comunicam, podemos dizer que a comunicação é uma forma de interação interpessoal, uma variedade de ações ou interações, quando envolvendo dois ou mais agentes comunicativos, em interações limitadas no tempo e nos espaço. Isto significa que “cada situação tem *dimensões históricas e culturais* que condicionam o comportamento verbal e não-verbal de seus agentes, *seu conhecimento e expectativas* entre si” e, conseqüentemente,

---

<sup>41</sup>Unter “Kultur” verstehe ich eine Gemeinschaft oder Gruppe. Die sich durch gemeinsame Formen des Verhaltens und Handelns von anderen Gemeinschaften oder Gruppen unterscheidet. Kulturräume fallen daher nicht zwangsläufig mit geographischen, sprachlichen oder gar staatlichen Einheiten zusammen.

“o ponto de vista a partir do qual eles se encaram entre si e o mundo” (NORD<sup>42</sup>, 1997a:16 – grifos nossos).

Uma vez parte da mesma cultura, Emissor e Receptor se bastam para abrir e manter a comunicação, mas quando pertencem a comunidades culturais distintas, a comunicação pode exigir um intermediário que possa estabelecer e manter essa ponte de comunicação ao longo do tempo e espaço. Esta é a função do tradutor/jornalista e o ponto onde o conceito de interculturalidade, derivado dessa noção maior de cultura, se pauta.

De um modo geral, o termo ‘interculturalidade’ é definido como um fenômeno social de interação entre culturas diversas, culminando na descentralização cultural, ou seja, na apreciação das diferenças particulares de cada indivíduo e não mais, no caso, na valorização da nossa própria cultura como se fosse a única. Isto significa compreender o “diferente” que caracteriza a singularidade da ação e da comunicação de cada sujeito em casa comunidade cultural. É o fenômeno da interculturalidade que envolve a área da Tradução Jornalística. Assim, o jornalismo também adquire a função de (inter)ação comunicativa na medida em que instâncias condicionantes externas e internas, determinadas pela cultura, também interferem na sua prática. Nesse sentido, a interculturalidade permite compreender que existem várias leituras ou ‘traduções’ que representam culturalmente um mesmo fato noticioso em ambiente jornalístico, conforme demonstramos no item referente ao modelo teórico de Frank Esser.

Do ponto de vista da interculturalidade, jornalismo e tradução passam a ser vistos como fenômenos lingüísticos e culturais reveladores de identidades culturais distintas. Conforme Snell-Hornby<sup>43</sup> (1988:39), “a linguagem não é vista como um fenômeno isolado, suspenso num vácuo, mas como parte integral da cultura”, sendo que esta (a cultura) “é entendida aqui não no sentido limitado do desenvolvimento intelectual avançado do homem, como refletido nas artes, mas num sentido mais amplo e antropológico para se referir a todos os aspectos socialmente condicionados da vida humana”.

É através dela, enquanto fato de observação empírica mais imediata, que o modo de ver o Outro, e a si mesmo, se manifesta em toda a sua força e expectativa. Nesse sentido,

---

<sup>42</sup>Communicative interactions take place in situations that are limited in time and space. This means every situation has *historical and cultural dimensions* that condition the agents' verbal and nonverbal behavior, their knowledge and *expectations* of each other, their *appraisal* of the situation, and *the standpoint from which they look at the world*.

<sup>43</sup>Language is not seen as an isolated phenomenon suspended in a vacuum but as integral part of culture” [and culture] “is here not understood in the narrower sense of man’s advanced intellectual development as reflected in arts, but in the broader anthropological sense to refer to all socially conditioned aspects of human life.

julgar o outro é uma tendência natural do ser humano, pois a vista de nossos próprios olhos, somos sempre melhores do que os outros:

“A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade (...) tipo de comportamento padronizado pelo sistema cultural (...) É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão.” (LARAIA, 1995:69-75).

Nesse sentido, Esser enfatiza a importância de o pesquisador, quando em contexto estrangeiro, não partir dos seus próprios parâmetros para analisar os fatos e circunstâncias que ocorrem em outros ambientes.

“Um estudo comparado em nível internacional traz perigos. Em país estrangeiro, o pesquisador de campo observa seu objeto de estudo através da lente do estrangeiro e avalia o percebido a partir dos parâmetros de sua terra natal. Isso pode levar a mal-entendidos, críticas precipitadas e glorificações<sup>44</sup>” (ESSER, 1998: 19 *in* ZIPSER, 2002: 22).

A linguagem confere, assim, a lógica específica de cada cultura e ordena a natureza das coisas e, o que os modelos de Esser e Nord propõe para o jornalismo e a tradução, ou de forma mais ampla para a interface tradução-jornalismo, é também uma forma de entender a dinâmica que atua nos diversos sistemas culturais e a complexidade que envolve a natureza dos fenômenos tradutórios.

---

<sup>44</sup>Eine international vergleichende Studie birgt Gefahren. Als Feldforscher im fremden Land betrachtet man seinen Untersuchungsgegenstand durch die Brille des Ausländers und bewertet das Wahrgenommene nach den Maßstäben seines Heimatlandes. Das kann zu Mißverständnissen, vorschneller Kritik oder Glorifizierung führen.

## 1.5 O Modelo de Frank Esser

*As notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos (Nelson Traquina)*

Nesse item abordamos o modelo Pluriestratificado Integrado do jornalista alemão e acadêmico Frank Esser<sup>45</sup>. Este, ao nosso ver, complementa a teoria proposta por Nord e é fundamental para compreender o conceito de tradução como “*representação cultural*” e o papel do jornalista como “*tradutor*” do fato noticioso, dentro da interface tradução-jornalismo que constitui o universo dessa pesquisa. Ressaltamos que, devido à obra do autor não estar disponível em língua inglesa ou portuguesa, nossa leitura se pauta sobre a tese de doutorado da pesquisadora Meta Zipser, que desenvolve trabalhos a respeito do autor. A seguir, abordamos alguns itens mais pontuais da área jornalística com a intenção de caracterizar o *corpus* quanto a sua tipologia textual.

Da mesma maneira como ocorre na tradução, o leitor também se configura como o centro da atividade jornalística. Pode-se dizer, de modo geral, que o leitor é quem determina os assuntos a serem pautados nos veículos da imprensa; em outros momentos, essa interferência passa pela equipe de redação e, eventualmente, pela diretoria de marketing, constituindo o que Cremilda Medina (1988) chama de um ‘jornalismo de mercado’. O fato é que, independente da pauta que o constitui, o jornalismo enquanto área epistemológica reúne em si características, parâmetros e funções muito particulares que o tornam uma área independente mesmo atuando dentro da sociedade. É dentro desse contexto que se desenvolvem as reflexões de Frank Esser<sup>46</sup>.

O trabalho do autor é desenvolvido em âmbito internacional, comparando instâncias que influenciam, o fazer jornalístico, como por exemplo: tradição de imprensa, ética profissional, estrutura das redações, política de imprensa. Pode-se dizer que este é o ponto central de sua reflexão, pois fornece uma visão abrangente da dinâmica da atividade jornalística dentro de cada cultura. Nesse sentido, Esser compreende o jornalismo como um

---

<sup>45</sup>O autor confirmou para a autora, através de E-mails, que não tem publicações de seus trabalhos em língua inglesa: “*Unfortunately, I never wrote in English article ABOUT the model laying out the details of the different layers.*” (02/07/2005). Por essa razão, nossa leitura acerca de sua obra parte da tese da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Meta Elisabeth Zipser (2002, USP). As citações em português no corpo do trabalho respeitam o original em alemão, transcritos em notas de rodapé.

<sup>46</sup>A proposta de Esser deriva de sua tese: *Die Kräfte hinter den Schlagzeilen: Englischer und deutscher Journalismus im Vergleich* (1998), ou “As forças por trás das manchetes. Comparação entre o jornalismo inglês e alemão”. Tradução de Zipser (2002).

*sistema parcial* atuante na sociedade e vincula a noção de produção de sentido também à noção de cultura, o que confere ao jornalismo de cada país uma identidade própria. E é através desses discursos específicos que a mídia assegura a sua função maior de informar o leitor, formar a sua opinião e manter a sua credibilidade enquanto instituição social.

Nesse sentido, pode-se dizer que a mídia contribui para a organização e regulamentação do modo no qual cada sociedade vive, bem como as informações que circulam entre os cidadãos. O discurso jornalístico envereda para outras instituições de conhecimento como a economia (decisões tomadas na esfera de valores econômicos), esportes (valores de civilidade e competição justa), política (normativa e revoluciona o exercício do poder), saúde (valores de saúde). Dessa maneira, o discurso midiático, segundo Rodrigues (*in* PORTO, 2002:228) confere visibilidade a essas e outras instituições ao mesmo tempo em que reflete a sua permeabilidade por estes e outros discursos sem que, no entanto, perca o seu próprio; ou seja, o jornalismo se ‘contamina’ dessas áreas, ao mesmo tempo, que também as influencia, num processo de interdependência. Esse discurso, segundo Porto, possui estratégias de legitimação dessas instituições ao mesmo em que confere visibilidade a elas, garantindo à mídia a “permeabilidade por todo o tecido social” (RODRIGUES *in* PORTO, 2002:226)

Supomos então que essas instituições, e por extensão a mídia, estejam atreladas a culturas locais de cada grupo social. Nesse sentido, e de acordo com Zipser (2002), se utilizamos a linguagem para constituir uma identidade pessoal e interagir em sociedade, pressupomos que a realidade da cultura<sup>47</sup> também interfira na atividade jornalística partindo do fazer jornalístico para a cultura e desta para o jornalismo. Segundo a autora, a ligação com o fator cultural é um dos primeiros paralelos possíveis a serem estabelecidos entre jornalismo e tradução.

Zipser (2002) aproxima-se das reflexões de Snell-Hornby<sup>48</sup> (1988: 39) para quem a linguagem “não é vista como um fenômeno isolado suspenso num vácuo, mas como parte integrante da cultura”. A autora (1988:40 – *grifos nossos*), aponta para um conceito de cultura<sup>49</sup> ancorado em três pontos principais: i) “cultura como a totalidade do conhecimento, proficiência e *percepção*; ii) uma conexão imediata com o comportamento (ou ação) e *eventos*

<sup>47</sup>Snell-Hornby deriva a sua reflexão sobre cultura do conceito do etnologista americano Ward. H. Goodenough in : Snell-Hornby (1988: 39-64). Ver também AZENHA (1999:28-9).

<sup>48</sup> Language is not seen as an isolated phenomenon suspended in a vacuum but as an integral part of culture.

<sup>49</sup> Culture as a totality of knowledge, proficiency and *perception*; ii) [an] immediate connection with behavior (or action) and *events*; iii) its dependence on *norms*, whether those of *social behavior* or those accepted in *language usage*.”

e iii) na sua dependência das normas, tanto sociais quanto aquelas aceitas no *uso da linguagem*. Nesse sentido, Hornby sustenta o fato de que contextos culturais diferem entre si nas percepções, normas, comportamentos, eventos e usos da língua.

O estudo desses fatores culturais é o que possibilita a Frank Esser comparar o *modus operandi* do jornalismo em ambiente internacional. Segundo o autor<sup>50</sup>, “o jornalismo de cada país é marcado pelas condições emoldurais sociais gerais, por fundamentos históricos e jurídicos, limitações econômicas, bem como por padrões éticos e profissionais de seus agentes” (ESSER, 1998:21). O trabalho com o conceito de interculturalidade permite analisar aspectos da prática jornalística internacional como: tradição da imprensa, dinâmica de mercado, ética e formação do jornalista, fornecendo uma visão abrangente da prática da imprensa. É a combinação desses fatores que afeta o modo como o jornalismo traduz os acontecimentos em forma de notícias e, como o leitor visualiza e recebe a realidade através destas ‘traduções’/leituras, que a mídia oferece. As instâncias apontadas por Esser desmistificam a aura idealizada do jornalismo realizado de forma totalmente isenta, imparcial.

Ainda que defenda o princípio da neutralidade ou objetividade, a imprensa relata o fato a partir de ângulos e enfoques que nunca o revelam por inteiro, isto é, a própria questão da escolha da abordagem para o fato noticioso já quebra com os princípios mencionados. Por outro lado, ainda que desvinculada do real pelo princípio da escolha, a matéria jornalística se une a outras manifestações sociais e culturais de produção de sentido, de acordo com Zipser (2002:19), como por exemplo, a linguagem. A linguagem torna possível sustentar situações comunicativas entre indivíduos em contextos sociais e culturais distintos, ao mesmo tempo em que atua como fenômeno impulsionador das forças da imprensa.

O senso comum leva o público-leitor a pensar os órgãos de comunicação como extensões da sociedade civil, um Quarto poder fiscalizador das instituições sociais. Pensá-los, então, isoladamente não parece ter muita lógica. Esser, entretanto, não desvincula a imprensa da estrutura social a qual integra. O que se propõe é que a atuação conjunta desses condicionantes culturais confere ao jornalismo de cada país uma identidade cultural própria pelo modo como a imprensa influencia e se deixa influenciar pelas forças situacionais externas

---

<sup>50</sup>Ausgangspunkt dieser Forschungsrichtung (und auch dieser Arbeit) ist die Erkenntnis, dass der Journalismus eines jeden Landes durch die allgemeinen gesellschaftlichen Rahmenbedingungen, historische und rechtliche Grundlagen, ökonomische Zwänge sowie die professionellen und ethischen Standards seiner Akteure geprägt wird.

e internas dirigidas a ela. Segundo o autor<sup>51</sup>, essa ‘identidade jornalística’ permite a imprensa se estruturar como uma parte diferenciada da sociedade, uma instituição ‘independente’, dona do seu próprio discurso e detentora de suas próprias regras de conduta e organização (ESSER, 1998:18). Tal fato se explicita no modo como se noticia e informa e, conseqüentemente, no modo como se forma a opinião do leitor sobre os acontecimentos. Sobre isso, Zipser (2002:23) comenta: ‘O jornalismo é uma atividade social, inserida em um contexto específico e que sobrevive na coerência dessa interação’, ou seja, a imprensa assume uma postura própria dentro do ambiente social e cultural em que atua, o que resulta na produção de sentido para o leitor.

Essa questão pode trazer perigos para a tradução que se diz jornalística, pois não basta simplesmente traduzir sendo fiel a letra, como também se faz necessário evitar encarar o Outro com os nossos *próprios* olhos, isto é, a partir de nossos próprios parâmetros, podendo implicar em julgamentos precipitados e equivocados, ou glorificações.

A soma dessas observações se concretiza no que Esser chama de *Modelo Pluriestratificado Integrado*<sup>52</sup>, ou “*metáfora da cebola*” (Fig.1.4). Sobre o modelo, o próprio Esser<sup>53</sup> comenta:

“Os vários níveis encontram-se numa estreita relação de interação, influenciam-se reciprocamente, nenhum fator atua isoladamente, mas desenvolve sua influência somente em conjunto com as demais forças. As quatro esferas moldam o fazer jornalístico (Esser, 1998, 26)

As esferas moldam o fazer jornalístico estruturam-se em quatro camadas, a saber:

➤ *Esfera social* – moldura histórico-cultural ou “orientação global de todo o sistema”. É a camada mais externa, na qual estão incluídas as demais. Relaciona-se com os pilares de sustentação da imprensa: objetividade, liberdade, história e seu papel na sociedade, evitando

<sup>51</sup>Erst im internationalen Vergleich wird deutlich, welche Einflussfaktoren für das journalistische Handeln prägend und konstitutiv sind, in welchem Verhältniss diese Faktoren zueinander stehen und wie sie zu gewichten sind.

<sup>52</sup>A versão em inglês do modelo apresentado por Esser "*Influential Factors in Journalism: Integrative Multilevel Model*", pode ser encontrada em: FROEHLICH,R. HOLTZ-BACHA,C. (Eds). *Journalism Education in Europe and North America*. Hampton Press, 2003, p. 308. E-mail enviado por Frank Esser em 12/12/04 para a autora deste estudo (ver: Anexos)

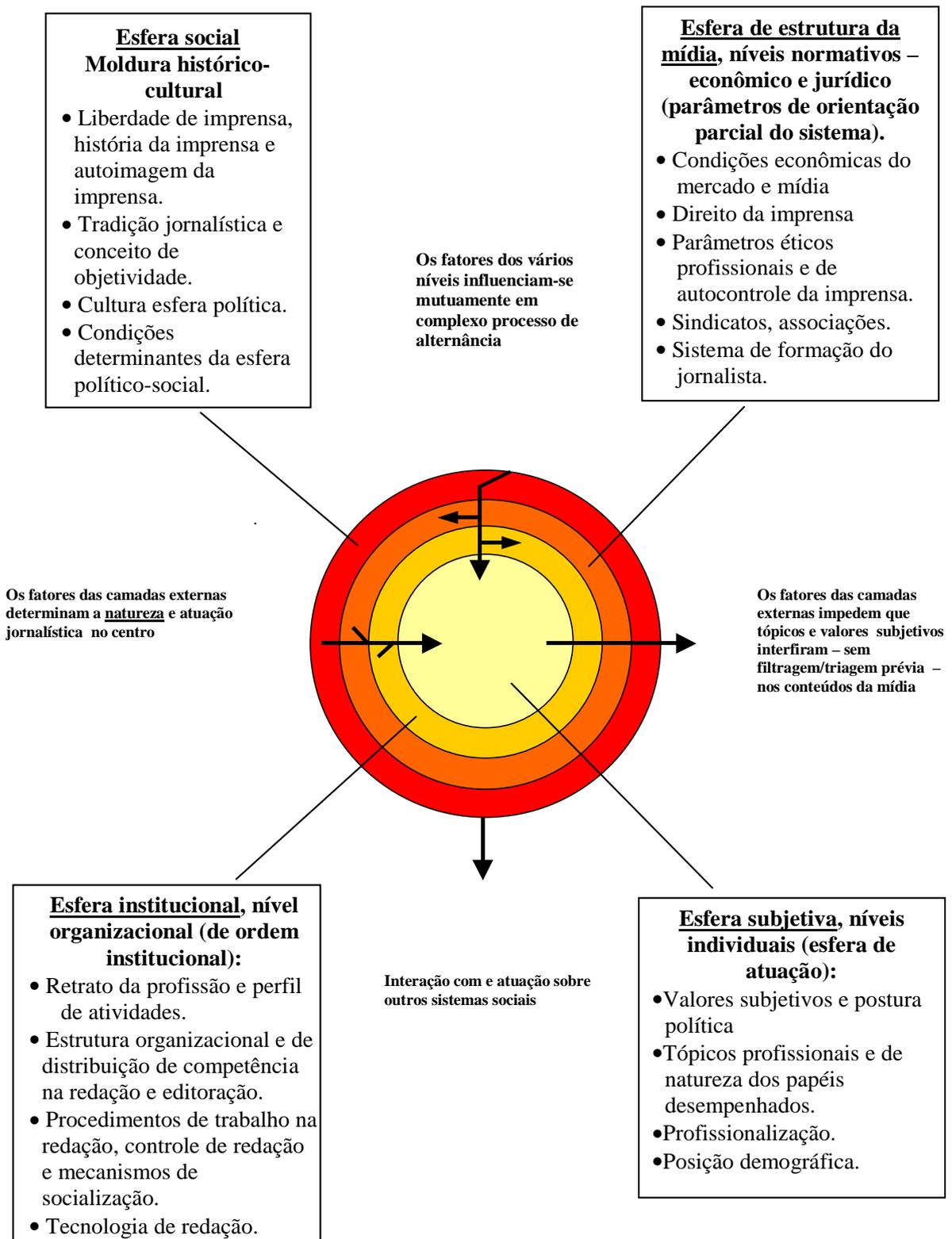
<sup>53</sup>Die verschiedenen Ebenen stehen in einem engen Interaktionsverhältnis, sie beeinflussen sich gegenseitig, kein Einzelfaktor wirkt isoliert, sondern entwickelt seinen Einfluß erst im Verbund mit.

que o jornalista atue de maneira subjetiva na profissão. São princípios filosóficos que regem e sustentam o jornalismo enquanto instituição social.

- *Esfera estrutural da mídia* - “orientação parcial do sistema”. Representa a segunda camada incluindo fatores de mercado, direito e autocontrole da imprensa, ética da profissão, atuação de sindicatos e a formação do jornalista; contexto normativo.
- *Esfera institucional* – estrutura organizacional da imprensa. Inclui o retrato da profissão, a hierarquia presente nas redações e procedimentos de controle editorial, de socialização e tecnologia editorial.
- *Esfera subjetiva* – nível individual e centro do sistema. Envolve valores subjetivos e éticos, posicionamentos políticos, o modo com o jornalista encara a profissão (auto-realização) e a busca pela profissionalização.

Zipser (2002:28) observa que estes fatores interagem de modo semelhante aos fatores externos e internos propostos por Nord (1991) para a tradução e, abrangem a mesma direção - de fora para dentro - ou seja, da sociedade, da situação comunicativa, do fato para o texto escrito; sua influência é recíproca, permeia e condiciona de forma dinâmica toda a prática jornalística. O trabalho de Esser (1998) permite, dessa forma, explicar e justificar o que a autora chama de “diferentes enfoques dados a notícia” quando estas são ‘traduzidas’, transmitidas, para outras culturas. (Ibid: 33).

Nesse sentido, Traquina (2001:72) afirma que a imprensa pode, na maioria das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, mas que tem, no entanto, uma capacidade espantosa de dizer aos leitores sobre o que pensar; enquanto instituição organizadora da sociedade, a mídia pauta o que os cidadãos falam, comentam e discutem. A própria escolha do que virá ou não a se constituir como notícia, do fato que tem potencialidade para estampar capas de revistas e jornais, pressupõe o que Zipser (2002) chamou de ‘*filtro*’ entre o fato ocorrido e o seu relato veiculado pela imprensa. A sua atuação determina não só o modo como a imprensa organiza seu discurso, como também a forma de tratamento que um mesmo fato recebe em diferentes ambientes culturais, além de direcionar nossa argumentação para a interface existente entre os estudos da tradução e o jornalismo.



**Fig. 1.4 - Fatores de Influência no Jornalismo: Modelo Pluriestratificado Integrado ou “metáfora da cebola”. Fonte: ESSER (1998:27).**

### 1.5.1 A Tradução como “*Representação Cultural*” e o Jornalista–Tradutor

Do contexto de afinidades entre tradução e jornalismo, Zipser (2002:32) estabelece um outro paralelo ao afirmar que a neutralidade é para o jornalismo o que a *transcodificação isenta* é para a tradução, ou seja, a desconsideração da linguagem como manifestação de uma cultura e de um processo formador de sentido. Mas, em razão de as matérias jornalísticas não estarem imunes a sua condição espacial, temporal e a hierarquia existente nas redações, favorecendo ao jornalista tantas angulações quanto focos<sup>54</sup> para abordar o fato, Zipser parte do pressuposto da existência de um ‘*filtro*’ na mediação entre o fato ocorrido e aquele veiculado pela imprensa, em especial quando as notícias são “traduzidas” para outros ambientes culturais.

Esse ‘*filtro*’ caracteriza, segundo a autora, “o processo de constituição de sentido dos textos, entendidos estes últimos, em sua acepção, mas ampla”, ou seja, com *leituras* de um fato ou de uma realidade maior: “Tal processo nada mais é do que um correlato, no universo da imprensa, das leituras que se fazem de uma realidade, de um fato. Trata-se, enfim, de uma leitura e não da leitura desse mesmo fato”. (ZIPSER, 2002:3), sendo que a interferência do público pode ser decisiva para lhe garantir exatidão e unidade, como no caso do que denomina em meio jornalístico de valores-notícia. “(...) Podemos dizer que a questão da tradução no jornalismo fica colocada em termos culturais e não meramente como uma transcodificação lingüística” (Ibid: 32). Desse modo, toda e qualquer reportagem veiculada pelos meios de comunicação adota uma perspectiva de enfoque e angulação específicas que, por si só, já não pode ser considerada ‘neutra’. Questiona-se até mesmo interesses de vendagem como eventuais condicionantes para o enfoque adotado<sup>55</sup>. Por extensão, a noção de texto – enquanto mensagem veiculada – torna-se mais ampla, inserido em contexto real de

---

<sup>54</sup>cf. Erbolato (1985) - lembramos que, no Jornalismo, existe uma distinção entre dois termos foco e ângulo. **Foco:** é o que o repórter centraliza na matéria, o assunto principal, o seu tema, por exemplo: os atentados terroristas nos Estados Unidos, aproximando-se do “deslocamento de enfoque”. Mas, se imaginarmos esse acontecimento como sendo um prisma de cristal, é possível chamarmos de **ângulo** cada um dos lados deste prisma. Assim, o ângulo vem a ser a direção do olhar do repórter, da equipe de redação, de uma pauta, sobre o prisma, ou seja, o acontecimento.

<sup>55</sup>Sobre isso, a jornalista Marília Scalzo (2003), atual diretora de Educação Editorial do Núcleo de Desenvolvimento de Pessoas do Grupo Abril, comenta a reestruturação de pauta da Revista Capricho, para atender a um público jovem que estava crescendo sobre valores mais modernos e de forma mais aberta e independente. Sem essa reestruturação, a revista teria sido banida das prateleiras, segundo a jornalista.

situação e cultura, refletindo linhas editoriais e agindo como formador de opinião. Sobre isso afirma Zipser:

“Dessa forma, o produto final da reportagem estabelece um vínculo com os fatos, que será o resultado do gerenciamento de múltiplas variáveis, ditadas pelas esferas políticas, sociais, econômicas, pela condicionante da história, pela extensão da liberdade de imprensa, pelo teor de formação de seus agentes e, não menos importante, pelo perfil do público ao qual se destina”. (ZIPSER, 2002:3).

A percepção do envolvimento de parâmetros culturais durante esse processo de transposição cultural, ou “tradução” das notícias entre fronteiras internacionais leva Zipser a estabelecer um novo conceito para a tradução em interface com o jornalismo: “*a tradução como representação cultural*”, oposta a noção de “*transcodificação isenta*”, como propalada pelos manuais de redação e o jornalista como “tradutor” do fato. Essa postura requer do profissional sensibilidade de modo a fazer com que o texto final, a reportagem impressa, funcione culturalmente para o seu público-leitor. Porém, conforme Culleton (2005) em recente pesquisa, a tradução na imprensa fica, muitas vezes, relegada aos próprios jornalistas, que se ‘arriscam’, sem preparação profissional para exercer essa atividade. Dessas constatações, são estabelecidos os seguintes paralelos para esta interface, a saber:

- O leitor-destinatário está no centro das atividades jornalística e tradutória. Logo, o texto, traduzido ou não, não termina no momento em que é escrito, mas se concretiza e realiza a sua função no momento da recepção (leitura) pelo destinatário;
- A interculturalidade é seu ponto convergente no contato de ambientes culturais diversificados nas atividades realizadas pelo jornalista e pelo tradutor;
- A autoconsciência cultural é a dinâmica atuante nas suas tarefas, determinando as diferenças de um em relação ao Outro;
- Tradutor e jornalista são intermediadores culturais, ou seja, a tradução deixa de ser ‘transcodificação lingüística’, enquanto o jornalista se caracteriza como “tradutor” dos fatos;
- Ambos, tradutor e jornalista, selecionam seus instrumentais de trabalho através de fatores culturais determinantes;

- E por fim, sob esta perspectiva, a atividade tradutória não se satisfaz quando desvinculada de condicionantes culturais, bem como a prática jornalística não “traduz” fatos sem referência a cultura local.

Do ponto de vista teórico, Frank Esser aproxima-se dos estudos da tradução no sentido de que o modelo proposto pelo autor, a exemplo daquele proposto por Nord, ressalta o princípio da interculturalidade ao qual os textos são expostos. Estas variáveis presentes nos dois modelos tornam-se responsáveis pela dinâmica interativa entre produtor textual (jornalista/tradutor) e destinatário (leitor); uma relação nem sempre isenta de percalços, visto que a presença de variáveis culturais exige monitoramento constante por parte do produtor textual com vistas a manter a comunicação TF e TT, ou fato e texto.

Nesse sentido, uma das características mais envolventes dos estudos da tradução — a multidisciplinariedade — nos permite aproximar uma destas variáveis culturais pertencentes ao campo do jornalismo, daquelas propostas por Nord para a tradução: os valores-notícia, atributos específicos do fato para que adquira o status de acontecimento noticiável.

### **1.5.2 Valores Notícia ou Critérios de Noticiabilidade**

O movimento que o jornalista faz no momento da escolha, do julgamento de relevância dos fatos para enquadrar apenas um ou outro aspecto deste como notícia, envolve como observa Traquina (2001), três pontos importantes: i) a origem dos fatos, cujas características traduzem se pode ou não “virar” notícia; ii) o tratamento dado ao fato, isto é, localização na página, qualidade de fotografia, a apuração do conteúdo e, iii) a visão dos fatos, sua angulação e foco para a construção do discurso jornalístico.

Os valores-notícia ocupam o primeiro ponto. São atributos do fato e funcionam como mapas culturais e seletivos dos fatos, além de incidir diretamente sobre a sua perspectiva de enfoque e servir para hierarquizar o conteúdo do discurso jornalístico. Dependem da cultura, da expectativa e perfil do público leitor, do contexto social vigente, do caráter de historicidade do fato.

A notícia é, também, produto de venda e se articula discursivamente através das normas da redação do veículo na qual é impressa e da publicidade ditadas pelo espaço que

ocupa este; dentro dos fatores de influência apontados por Esser temos as esferas da mídia e institucional. Todos esses condicionantes influem o enquadramento do fato e agregam a ele valores culturais específicos a cada país. No caso dos atentados em Nova York, entretanto, temos uma unanimidade. Em volta do tema maior “terrorismo” orbita uma seqüência de elementos de carga negativa que atua de forma a reforçar os alicerces morais e os valores positivos, o lado do “bem”, da sociedade. A isso chamamos valores-notícia (FRANZON, 2004:16)

Os valores-notícia permitem que os acontecimentos sejam abordados de diferentes maneiras, assumindo a feição dos leitores e da cultura a qual se destina. É possível dizer, então, que as matérias jornalísticas se articulam como mapas culturais da organização de perfis sociais e, conforme Soares (2001:26-7), satisfazem um impulso humano básico: a necessidade intrínseca ou instintiva da informação. Conseqüentemente, podemos dizer que dois princípios fundamentais para o jornalismo são: o da *informação* e o da *lealdade* com os leitores aproximando-se do conceito de *loyalität* partindo do tradutor ao destinatário, como proposto por Nord (1991).

### 1.5.3 Os Princípios da Imprensa

A sistematização de Frank Esser, como visto acima, quebra com a mística de um jornalismo intocável. Princípios como: neutralidade, equilíbrio, imparcialidade, independência, verdade, clareza, exatidão, liberdade, objetividade são, ainda, vistos como essenciais à prática, mas não circunscrevem a atividade em si (Traquina, 2003; Abramo, 2003; Erbolato, 1985; Kovach, 2004). Servem apenas como pilares ou princípios que poderíamos chamar de ‘filosóficos’, isto é, subjetivos ao jornalista, para demarcar a profissão e definir sua função primeira que, de acordo com Kovach (2004:31) é, “fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se auto-governar”. Tais princípios são, freqüentemente associados pelo leitor com uma imprensa que atua (ou deve atuar) com isenção e seriedade<sup>56</sup>.

Todos esses demarcadores podem, ainda, ser substituídos por um, a ética, atuando como um “reforço de contornos próprios para o jornalismo de cada cultura” (ZIPSER,

---

<sup>56</sup>cf. pesquisa informal, realizada no período de 16 a 26 de Novembro de 2004 com profissionais das mais diferentes áreas, via internet, respondendo à questão: “Qual é o papel da imprensa hoje?” (ver: Anexos).

2002:29)”. Atualmente disciplinas que estudam teorias do jornalismo<sup>57</sup> buscam associar a ética e todos os outros princípios e como um fator diretamente ligado ao jornalista, enfatizando a disciplina da checagem dos dados, das fontes e o compromisso pessoal com o leitor, não mais exclusivamente a prática coordenada pelas redações. Muitos veículos de comunicação têm uma ideologia própria de redação e, cabe ao jornalista-tradutor assegurar a transparência da informação e a compreensão dos fatos ao leitor. Sobre essa questão, comenta Eugênio Bucci:

“(...) todo jornalista, de repórter ao editor, seleciona e dá pesos diferentes aos elementos de informação que passam por suas mãos. Isso é inevitável (...) e representa o exercício de considerável poder: o de decidir como determinado aspecto da realidade será apresentado à opinião pública. A primeira questão ética que se põe para o jornalista é aprender a não abusar desse poder (...)” (cf O Globo: Manual de redação e estilo, *apud* Bucci, 2000:209).

Objetividade é sinônimo de neutralidade. Sobre isso O *Novo Manual da Redação da Folha de São Paulo* (1998: 19), afirma que “não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções”. Continua, então, o manual com a receita de credibilidade: “[escrever com] Exatidão. Qualidade essencial do jornalismo. A credibilidade de um jornal depende da exatidão das informações que publica e da fiel transcrição de declarações. Seja obsessivamente rigoroso”. (*Novo Manual da Redação da Folha de São Paulo*, 1998: 19). Entretanto, lembramos Soares (2001:25-6) no fato de que os jornalistas, enquanto sujeitos falantes, organizam as notícias que relatam não sendo, portanto, neutros, visto que os fatos relatados não são entidades autônomas, são também eles construídos na linguagem. Isso torna as notícias produtos culturais e gestores do conhecimento público

O manual do *Estado de São Paulo* (MARTINS, 1997:118), por sua vez, compreende a neutralidade como distanciamento e frieza, “o que não significa nem apatia e nem desinteresse”, conduzindo a reportagem de tal forma que o leitor possa tirar suas próprias conclusões dos fatos, lembrando aos profissionais que “(...) o jornal tem leitores de todas as tendências, raça, credos e religiões. Por isso, procure sempre ser isento no noticiário (...)”.

---

<sup>57</sup>A autora frequentou aulas de Teoria do Jornalismo, com a graduação, durante o primeiro semestre de 2005, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Tais atributos negam a conhecida “teoria do espelho<sup>58</sup>”, cujo ponto central estabelece o jornalismo como o “espelho” da realidade, totalmente imparcial, postulando que as notícias são como são porque é assim que a realidade as determina. Esta é ainda uma postura dominante no jornalismo ocidental, mesmo sendo o jornalismo entendido como participativo.

Por outro lado, esses mesmos leitores também estão cientes do fato de uma série de comprometimentos da imprensa com questões que, a priori, não deveriam interferir com seu trabalho ou com função de informadora e formadora de opinião, como: ceder a interesses governistas e grupos particulares, questões de mercado, difamações. O jornalismo é, também, como a tradução, produção de sentido e, se não se pode relatar o fato da maneira mais exata, a obrigação do jornalista-tradutor é “falar a verdade<sup>59</sup>”, cercando o assunto da melhor maneira.

#### 1.5.4 A Linguagem Jornalística

Na opinião de Mayra Rodrigues Gomes (2002:19), antes de registrar e informar, “o jornalismo é ele próprio um fato de língua”, cujo papel ou função na instituição social é organizá-la discursivamente. Para Silva (2002:8), a linguagem ou o discurso jornalístico é um elemento que auxilia a busca de respostas para compreender, o que denomina de “*matéria do jornalismo*”. A inserção do texto jornalístico (TJ) exige que os profissionais da imprensa obedeçam a padrões institucionais estabelecidos, visando informar e formar o cidadão. Apresentamos, a seguir, alguns desses padrões citados por Nilson Lage (1997), demarcando a linguagem (ou o discurso jornalístico) como:

- Factual - busca se ater à veracidade dos fatos e à certeza das fontes. Seu caráter informativo deriva de sua referencialidade, do contexto. Corresponde à função descritiva da língua, aquela que se reporta ao mundo objetivo dos acontecimentos, exterior ao processo de comunicação, aquela que encontra na fotografia a comprovação do real. Na opinião de Nilson Lage (1997:38), a linguagem jornalística é a conciliação entre a norma da língua padrão (vigente através dos manuais de redação) e o registro coloquial: “ela é basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro

---

<sup>58</sup>A Teoria do Espelho prega que as notícias são uma fotografia fiel da realidade. O que o leitor lê no jornal, vê na TV ou ouve no rádio é exatamente o que aconteceu. A idéia-chave ressalta a separação entre as opiniões e os fatos, defendida nos manuais de redação.

<sup>59</sup>Para uma leitura mais aprofundada sobre os princípios que regem a atividade jornalística sugerimos a leitura de Kovach (2004).

coloquial e aceitas no registro formal”. Para Gomes (2002:20) “é a confirmação da aliança social”, exercendo o que a autora chama de “função testemunhal” (Idem).

- Objetiva - não é partidária, mas imparcial, sem juízos pessoais; informa ao invés de persuadir; é direta, simples, de fácil e rápida compreensão pelo leitor; posiciona as informações mais importantes primeiro (diagrama da pirâmide invertida<sup>60</sup>). Sobre isso Nilson Lage (1997:40) comenta: “A situação corrente em jornalismo é a de um emissor falando para um grande número de receptores (...) conjunto disperso e não identificado, cujo conhecimento só é possível por amostragem estatística”. Tal fato pressupõe, segundo o autor que, *adjetivos testemunhais* (*grande* salário, edifício *alto*, episódio *chocante*) e *aferições subjetivas* devam ser eliminados, pois dependem essencialmente do juízo, dos valores do jornalista e, substituídas por dados que permitam ao leitor tirar suas próprias conclusões, ou seja, o jornalismo descreve, não classifica. Ainda segundo o autor, “o texto jornalístico procura conter informação conceitual, o que significa suprimir usos lingüísticos pobres de valores referenciais”, evitando o uso de frases feitas (Ibid:36).
- Justa – deve ouvir e investigar todos os lados e posições envolvidas para, então, reportá-las igualmente, com equilíbrio. Não deve ser intencionalmente vaga ou ambígua, nem tão pouco fazer pré-julgamentos.
- Acessível – Na opinião de Lage (Ibid:38), a linguagem jornalística é a conciliação entre a norma da língua padrão (vigente através dos manuais de redação) e o registro coloquial: “ela é basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal”. A princípio não utiliza termos técnicos; porém, se utilizá-los, deve explicá-los, ou estabelecer comparações para facilitar a compreensão do leitor sem, no entanto, subestimá-lo empregando uma linguagem muito simplificada.
- O uso da terceira pessoa (ele/ela) é obrigatório porque fala de algo no mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si, à retórica referencial apoiando-se no contexto (Ibid: 39). Já os números, conferem alta confiabilidade, exatidão, apuração. Para Gomes (2002:21), isso equivale à função de vigilância exercida pela imprensa (ou quarto poder, no senso comum); um jornalismo de observação e denúncia do exercício do poder. E, finalmente, quanto a questões ideológicas, Lage admite que “as grandes e

---

<sup>60</sup>cf Campos (<http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Artigos/noticia.htm>) - Pirâmide Invertida é um jargão jornalístico para identificar o formato de textos em que a parte mais importante da notícia ou da informação é colocada no primeiro parágrafo, assim o jornalista conseguia adequar-se ao espaço editorial e poupar tempo ao leitor informando o máximo no mínimo. Ela é invertida porque essas informações foram o que seria a base nas pirâmides físicas.

pequenas questões da ideologia estão presentes na linguagem jornalística, porque não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico” (LAGE, 1997:42).

### 1.5.5 O Jornalismo de Revista

A origem das revistas remonta à panfletagem em épocas medievais e, até mesmo, a história egípcia com versões de almanaques gravadas em blocos de pedra ou madeira. Os exemplares que deram origem ao formato que conhecemos hoje datam de 1731, inspiradas nos grandes *magazines* europeus, lojas que vendiam um pouco de tudo, passando a designar *revista* em francês e inglês. Publicações especializadas surgem no início do século XX, como é o caso da *TIME*, atendendo as novas necessidades informativas dos leitores.

Na opinião de Marília Scalzo (2002: 12-15) “quem define o que é uma revista, antes de tudo, é o seu leitor (...) A revista conhece seu rosto e fala diretamente com ele, tratando-o por você”. (SCALZO, 2002:12-15) e, mantém com ele relações de credibilidade, intimidade e confiança, ainda que suas expectativas não sejam atendidas ou sejam até frustradas através das reportagens. Seu apelo junto ao público é indiscutível. Não é raro que se tornem objetos de coleção, símbolos da identidade de um grupo social que compartilha interesses em comum. Não é a toa que os sites com o *mediakit* de *TIME* e *Veja*, assim como propagandas internas, destinem espaços para a opinião dos leitores sobre as revistas, para cartas dos leitores sobre as reportagens. O leitor vê na “sua” revista uma extensão de sua imagem e interesses pessoais.

As revistas marcam um jornalismo dito de interpretação, de aprofundamento dos assuntos da semana, de especificidade e padrão próprios. Scalzo (2002:11) afirma que a revista é “um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento”, mas não só isso. As revistas chamadas ‘informativas’, como é o caso de *Veja* e *Time* tendem a estar sempre em perfeita sintonia com o seu tempo, acompanhando os fatos da história e, para lembrar Frank Esser, reportando-os do ponto de vista da cultura que representam.

Não é raro que alguns títulos assumam o papel de mito e se tornem objeto de colecionador. Um exemplo disto, entre nós, foi a revista *Realidade*, um veículo informativo que marcou e inovou o jornalismo brasileiro no final da década de 60. *Realidade* transformou-se em documento de uma época e foi precursora de um jornalismo investigativo, inventivo (interpretativo) e um texto quase literário, influenciando as publicações que se seguiriam. Sua

extinção marcou a agilidade informativa dos recentes telejornais e um novo padrão de revistas semanais como *Veja* (1968).

Por outro lado, podemos dizer que a revista é, de certa forma, elitista. O hábito de ler jornais supera em muito o de revistas, principalmente em razão do menor custo e por as notícias serem mais imediatistas, de leitura mais ágil, rápida e eficaz. Afirma Sérgio Villas Boas (1996:36) que, se o jornalismo é um estilo de comunicação, a revista semanal é um estilo jornalístico. Por essa razão, abordamos a seguir, algumas características da linguagem para o formato de revista de informação, como é o caso de *Veja* e *TIME*:

- A periodicidade da revista é sua característica mais fundamental. Por essa razão, a notícia tende a ser mais duradoura do que o jornal. Segundo Villas Boas (1996: 15), “a narrativa de um texto de revista é também um documento histórico”. É comum o texto conter uma grande história, ser mais elaborado, criterioso, ao passo que a narrativa deve prender a atenção do leitor, entretê-lo por um determinado período, preencher esse ‘vazio’ até a próxima edição. Villas Boas (1996:34) complementa que a revista semanal assume “declaradamente o papel de formadora de opinião”.
- A reportagem, a capa, o papel, as ilustrações, formam um conjunto que apela para o consumo, sinônimo de “se manter bem informado”; a fotografia é um apelo visual e ajuda a vender.
- O texto de revista tem estilo, tende a ser mais investigativo e até literário, no sentido de ser um texto predominantemente opinativo e que se propõe a interpretar o fato. Não usar de lugares comuns é uma regra para evitar que o texto pareça velho. As frases devem ser curtas e se prender pelo sentido, não pelos conectores. O uso de travessões, aspas e pontuação confere ao texto uma entonação especial, assim como a escolha de elementos lexicais pode agregar mais emotividade ou humor.
- O ângulo de reportagem é mais definido e a organização informativa da revista se torna, às vezes, um verdadeiro exercício de leitura e interpretação. Por haver uma apuração mais extensa, é comum agrupar idéias do mesmo assunto e sentido, fazer uma análise do acontecimento e suas conseqüências, como ocorre com a *Veja*. O encadeamento de idéias é o segredo para fixar a atenção do leitor sobre a matéria. Sobre isso comenta Villas Boas (1996:15):

“(...) a revista não apenas “revê” ou desdobra o que já foi lido na semana. Procura também “rever” o que já foi visto na semana. Nas revistas de informação geral, o melhor caminho para redigir *não* é aquele recomendado pelo manual de um grande jornal diário. A “escrita” também não pode ser aleatória, sem uma análise do fato e suas conseqüências.”

- A revista permite a segmentação, isto é, o seu desdobramento para leitores específicos ao se tornar, na opinião de Marília Scalzo (2003:16), “comunicação de massa, mas não muito”. Exemplo disso são revistas especializadas em moda feminina e masculina, saúde, adolescentes, beleza, gestantes, carros, decoração, arquitetura, turismo, esportes e tantas outras.

Segundo Scalzo (2003:43;48), o mercado de revistas o Brasil, influenciado em grande parte pelo modelo norte-americano, conta com mais de 600 milhões de exemplares ao ano. Seu auge ocorreu com o plano real e a conseqüente estabilização da moeda, ganhando com o aumento do poder de consumo das classes média e média-baixa; foi nesta época que a segmentação (revistas mais populares) ganhou espaço no setor. Entretanto, nos últimos anos o mercado vem sofrendo com uma crise motivada pela concorrência existente entre os vários meios de comunicação na apuração da notícia e pela disputa por grandes anunciantes. No Brasil se lê em torno de 3,5 revistas *per capita*, cerca de 9 vezes menos do que nos Estados Unidos (30 *per capita*) e 17 vezes menos do que na Escandinávia (60 *per capita*).

Por fim, lembramos que a literatura jornalística (Traquina (2001); Villas Boas (1996:26); Scalzo (2003:55)) normalmente utiliza o termo ‘*traduzir*’ referindo-se a uma escrita que represente os fatos, de maneira a possibilitar a compreensão do maior número possível de leitores. Porém, essa mesma literatura até o momento, não associa a idéia de ‘*traduzir*’ à necessidade da adaptação cultural aos leitores do país ao qual se destinam, sendo que a leitura de textos jornalísticos é uma realidade diária. A percepção dos condicionantes interculturais é essencial, pois “sob essa perspectiva, as tarefas de tradutores e jornalistas têm uma base dinâmica: da autoconsciência cultural para o encontro com o Outro em sua diferença e de volta ao Próprio” (ZIPSER, 2002:11). Perceber as diversidades culturais inerentes aos textos pode contribuir para aproximar ou afastar fronteiras e/ou valores culturais. Nesse sentido, a tradução do texto jornalístico se constitui como forma de integração e conscientização sobre o papel do leitor e o do Outro em sociedade. Partindo da perspectiva

intercultural, buscamos no item a seguir contextualizar parte da situação de produção textual do *corpus*, através de um breve resgate dos periódicos do qual são extraídos.

### 1.5.6 Contextualizando as Revistas *Veja* e *TIME*

Um dos fatores que nos levaram a escolha das revistas *Veja* e *TIME* para formara o *corpus* de estudo foi a sua representatividade, ou seja, o alcance junto aos seus leitores, enquanto veículos de comunicação nos países em que são publicadas.

*Veja*<sup>61</sup> é a revista que mais vende hoje no país, além de figurar entre as quatro maiores no segmento de ‘revistas semanais de informação’ do mundo, atrás somente das americanas: *Time*, *Newsweek* e *U.S. News and World Report*. A primeira edição data de 1968, logo após a extinção da revista *Realidade* que não resistiu à velocidade das informações televisivas e a aceitação maior da imagem e da recepção imediata. Depois de um início conturbado, quedas de vendagem devido ao formato editorial da revista, uma inovação para a época, e da censura na ditadura militar, *Veja* atingiu o auge na década de 90 superando a marca de um milhão de exemplares. Atualmente, segundo dados do site da editora, a tiragem esta próxima de um milhão e duzentos mil exemplares. A marca é propriedade da Editora Abril<sup>62</sup>, um dos maiores conglomerados de comunicação da América Latina e dona de 64% do mercado brasileiro de revistas. O antigo título da revista — “*Veja e Leia*” — já pertencia à editora, quando o seu fundador e então presidente Victor Civita, lembrou de uma marca cultural do brasileiro que utilizava a expressão “*Veja só...*” ou “*Veja, se fizermos assim...*”. a expressão ganhou força e o primeiro exemplar foi editado como *VEJA* (em letras grandes) e *Leia* (em tamanho menor).

*Veja*, segundo a própria editora Abril, é inspirada no modelo de jornalismo da americana *TIME*, mas com o “jeito brasileiro de fazer revista semanal”, além de ser vista como uma publicação que se distingue das outras “pela sua independência editorial, credibilidade, inovação e presença marcante nos principais fatos da história brasileira”. Sua fórmula tem por base o jornalismo investigativo, oferecendo “informação exclusiva e a

---

<sup>61</sup>*Veja*: <http://www.abril.com.br/aempresa/areasdeatuacao/revistas>

*TIME*: <http://www.time.com/time/mediakit/anout/index.html>.

<sup>15</sup><http://www.abril.com.br/institucional/50anos/veja.html>

melhor cobertura dos acontecimentos do país”. Segundo Tales Alvarenga<sup>63</sup>, diretor de redação, “*Veja* faz a análise dos problemas nacionais relevantes, não se limita a descrevê-los, porque o nosso leitor já sabe e quer mais”.

Nos encartes de venda por assinaturas, a revista é exposta como a publicação “*completa para você e sua família*”, cujo objetivo é “*manter você e sua família atualizados*”, com relação aos assuntos da semana. A revista é feita para que o leitor “*fique por dentro do Brasil e do mundo*”, enquanto propagandas internas, denotam a filosofia da reportagem: “*Veja. Quanto mais você lê, mais você entende (indispensável)*”.

#### ***Veja* em números (dados de Maio/2003 à 2004):**

- 1.000.547 assinantes (80% da vendagem da revista);
- 4.253.000 milhões de leitores em 2004, cerca de quatro por exemplar;
- 11.111 páginas de anúncios;
- 2,5% do volume total de receita de publicidade no Brasil;
- Tiragem semanal de 1.250.000 exemplares semanais em média;
- Circulação líquida de 1.092.000 exemplares.
- 8.000 correspondências de leitores por mês à redação, sendo que 7.400 são por E-mail (92,5% do total);
- Preço de capa R\$ 7,30 (\$3,74 dólares)
- A receita de *Veja* vem de 10.528 páginas por ano de anúncios publicados (o equivalente a 2,8% do volume total de investimentos em publicidade no mercado brasileiro)
- Do total de assinantes, 90% recebe a revistas no domingo pela entrega direta. *Veja* é a única publicação mundial que tem fechamento editorial na madrugada de sábado, chegando às bancas nesse mesmo dia nos estados do Rio e São Paulo.
- 910.000 assinaturas, sendo 182.000 avulsas e 4.636, no exterior (dados de Dezembro de 2004, segundo site Publiabril).

Entre alguns profissionais jornalistas, a revista é conhecida como a versão "tostines" das revistas semanais brasileiras e uma “*revista-outdoor*”, lembrando as campanhas publicitárias de *Veja* em várias capitais brasileiras há alguns anos, ou seja, uma revista de publicidade. Seu jornalismo é criticado como sendo de direita, manipulador e de campanha ao invés de um jornalismo sério. Um dos sites que publica essas críticas, além de comentários e análises de suas reportagens, é o *Observatório da Imprensa*<sup>64</sup> e mostra também o jornalista Gilson Caroni Filho (2003), para quem *Veja* impõe uma visão dominante dos acontecimentos acima da reflexão crítica. Caroni resume, ainda, as reportagens da revista como “editorializadas, ocultando fatos, distorcendo dados, sempre na defesa dos donos do poder

---

<sup>64</sup><http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>

mundial”; para ele, a “apelação populista é flagrante”, cujo eco reverbera também nos leitores, facilmente reconhecidos por aceitarem e expressarem, como suas, as posições da revista. Em nota do mesmo Observatório<sup>65</sup>, *Veja* é apontada como “um estilo jornalístico que faz análise de conjuntura, não se limita aos fatos, carrega na interpretação e, muitas vezes, se excede na opinião”.

Por outro lado, o universo americano passou por mudanças na estrutura da indústria midiática americana que, na década de 60, resultaram no *New Journalism*<sup>66</sup>. O individualismo foi incorporado aos valores americanos e, o crescente nível de educação e atividades de lazer aumentaram a mobilidade social e trouxeram uma ampla variedade de escolhas aos cidadãos americanos. As publicações voltaram-se para a classe média em expansão, definindo alguns valores consensuais da sociedade pós-guerra e dominaram o discurso popular em nome da nação, conquistando o leitor. Consolidam-se publicações como a *Esquire*, para o público masculino, *Life*, *Newsweek* e *TIME*, surgidas nos anos 30. Essa segmentação teve seu auge na década de 90, com a publicação de mais de 2000 títulos sobre: auto-ajuda; religião; animais de estimação; “homemade” (faça você mesmo), decoração *country* e computadores e tecnologia, só para citar alguns exemplos. Destas publicações, *TIME* representou uma inovação, tendo por objetivo informar com concisão e “trazer as notícias da semana, do país e do mundo, organizadas em seções, sempre narradas de maneira concisa e sistemática, com todas as informações cuidadosamente pesquisadas e checadas” (SCALZO, 2003:22).

Em seu *mediakit*<sup>67</sup>, *TIME* é apresentada como um veículo de imprensa de grande prestígio, seriedade e credibilidade, fazendo o “melhor do jornalismo, consistente, um relato com equilíbrio e a com a melhor imagem”. A revista brinda o público leitor e o investidor, nacional e estrangeiro, como uma publicação reconhecida no mundo, líder no mercado, ou ainda, a revista que conta a história por trás da história e que, a exemplo de tantos outros vende um jornalismo tido como imparcial: “[A *TIME*] permite que os leitores tirem as suas próprias conclusões baseados naquilo que lêem” e “*To Know Why*” (saber o por quê) dos

<sup>65</sup><http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/aspas/ent05062000a.htm#aspas02>

<sup>66</sup>Movimento alternativo ao modelo da “Pirâmide Invertida” cuja característica principal a descrição do acontecimento tal como acontecia, o mais “objetivo” possível e com textos que se aproximavam das características literárias na abordagem de fatos. Era permitido começar a narrativa em primeira pessoa e permutar para a terceira, sem rigidez na escolha do ponto de vista e, com total liberdade para ousar e criar.

<sup>67</sup>“Journalism as its best, consistent, balanced reporting and the finest illustration” e “allows readers to make their own conclusions and discoveries based on what they read”.

acontecimentos é, segundo o *mediakit*, o lema de uma revista que não poupa esforços em exaltar a importância dos seus leitores (Idem).

O seu ponto negativo, assim como para a toda a imprensa americana, na opinião do jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva (2001) foi terem aceitado a censura imposta pelo governo Bush em nome da segurança nacional e, sabendo das intenções políticas de Bush. A isso, Silva (2001) chamou de “perniciosa adesão ideológica” da imprensa às posições do governo, numa atitude de “subserviência ao Estado (...) falta de profissionalismo”. O jornalista critica o conformismo, a ausência de questionamento e espírito crítico, característico do jornalismo americano, causando “a impressão generalizada de que os atentados foram uma fatalidade. Muito pouco, quase nada foi, na época dos atentados, oferecido ao público para ajudá-lo a entender possíveis causas que teriam ocasionado os acontecimentos”. Observando outras publicações da época como a *Newsweek* é possível ter idéia da extensão da censura pois, o conteúdo das reportagens é bastante homogêneo, sugerindo a idéia de que as revistas só tiveram acesso aos dados que eram filtrados pelo governo ou noticiados na mídia televisiva e radiofônica.

#### ***TIME* em números, segundo dados de 2004:**

- 80 anos de existência (desde 1923);
- Circulação total: 4.034.061 exemplares semanais (9% acima da taxa base);
- Taxa base de circulação: 4.000.000.
- Vendas em bancas de jornal e revistas: 173,427;
- Preço de capa: \$3,95 (R\$ 7,72)
- Valor médio de assinatura: \$38.14/ano (R\$ 74,53);
- 28 agências de notícias espalhadas pelo mundo;
- 23 milhões de leitores americanos; 29 milhões estrangeiros e, 21 milhões de novos leitores a cada semana. O site não especifica, no entanto, a origem desses novos leitores: estrangeiros, americanos ou assinantes;
- 600.000 contatos de leitores com a revista em média.

## **1.6 Conclusões Parciais**

Neste capítulo dedicamos atenção às sistematizações propostas por Christine Nord e Frank Esser para compor a interface tradução-jornalismo. Buscamos resgatar algumas questões acerca da abordagem funcionalista e a sua influência dentro dos estudos da tradução através de Reiss e Vermeer. Dessas teorias apresentamos o modelo proposto por Nord para a tradução que utilizamos neste estudo. A análise dos fatores externos e internos, propostos pela

autora, nos auxilia a reconstruir pistas sobre a situação comunicativa de produção e recepção textuais. Nesse sentido, com base na situação comunicativa, podemos verificar a coerência da estruturação interna do texto de modo a determinar o efeito intencionado pelo autor, neste caso o veículo de comunicação, no destinatário final. Os textos-jornalísticos (TJs) representam, por esta razão, materiais autênticos, reveladores de um contexto real de comunicação.

Da sistematização orientada por Esser observamos instâncias culturais que atuam sobre o fazer jornalístico em cada país, apontando para o fim de uma aura idealizada de isenção no relato da notícia e ampliando a noção de sentido dos textos, ao compará-los em ambiente internacional. Isto significa que, um mesmo fato pode ganhar diferentes relatos dependendo da cultura para a qual é relatado, visto que o jornalismo atua direcionado para um leitor final, prospectivo, detentor de valores sociais e pessoais específicos a cada ambiente cultural. É nesse sentido que a atuação de condicionantes culturais configura o relato jornalístico como a *tradução de um fato* e o jornalista como o seu tradutor, revelando o modelo de Esser através da reconstituição da situação comunicativa que impulsiona o relato dos atentados de diferentes maneiras para os contextos brasileiro e americano.

A aproximação dos modelos propostos consolida a interface desta pesquisa e o conceito de tradução em meio jornalístico adotado neste estudo: a tradução como “*representação cultural*” de um fato. Sendo a informação que circula nos TJs a ação do jornalista sobre o mundo dos fatos, os textos podem revelar o contexto comunicativo gerador da notícia (AZENHA, 1999:35), especialmente em situações sem proximidade geográfica ou cultural. É o jornalista-tradutor quem estabelece este processo de informação e formação de opinião, tornando possível o intercâmbio de informações em contexto internacional e conferindo à produção textual, na cultura de chegada, uma nova rede de relações entre fatos e valores culturais e situacionais. Sendo assim, uma vez estabelecido o conceito de tradução em meio jornalístico podemos afirmar que os TJs traduzem culturalmente o fato “11 de setembro”. Desta maneira, quando nos referimos aos periódicos, no sentido de que este ou aquele ‘traduz’ o evento noticioso, comprovamos que estes representam culturalmente o acontecimento em questão, conforme demonstramos no capítulo referente à discussão prática da pesquisa.

Convém ressaltar que esta é uma proposição que se aplica ao meio jornalístico sem, no entanto, negar os princípios que regem a tradução mais clássica, ou seja, aquela que parte

de um TF para um TT, até porque esta é uma prática também vigente nas redações. Deste ponto de vista, a tradução jornalística pode ser vista como uma “metáfora de tradução”, mas de fato não o é. O que propomos é uma nova forma de se pensar a tradução a partir da ótica do *Fato-Fonte*, uma realidade que faz parte da nossa experiência diária como leitores de notícias. Lembramos Lya Wyler (2003:36) ao descrever o primeiro *ato de tradução* da nossa história partindo de um Fato-Fonte: a carta de Pero Vaz de Caminha, ao rei de Portugal, na qual Caminha relata a chegada à nova terra, os habitantes, os atos de índios e portugueses. Se pudéssemos ter acesso a algum registro destes índios, certamente teríamos o mesmo fato/evento – a chegada - descrito a partir de uma outra ótica peculiar, provavelmente relatando o estranhamento aos costumes e modos dos portugueses.

A tradução jornalística é, portanto, uma abordagem nova que se propõe à ampliação de conceitos vigentes na área de tradução e do entendimento da tarefa do tradutor, em textos jornalísticos de informação, invariavelmente sob a influência de aspectos culturais e contextuais.

## CAPÍTULO 2 MODALIZAÇÃO

### 2.1 Introdução

*But, you know, sometimes words have two meanings.  
(Stairway to Heaven, Jimmy Page)*

Neste capítulo, buscamos explicitar alguns conceitos sobre modalização, os tipos de modalidade existentes, bem como a função da modalização no TJ. Trabalhando com os recortes necessários, desdobramos a sintaxe (referente à estrutura lingüística do texto) privilegiando os verbos auxiliares modais e, partimos da hipótese de que esta pode, também, demonstrar a ocorrência de um deslocamento de enfoque no *corpus*. Para tanto, pressupomos que os auxiliares modais estejam diretamente relacionados aos fatores externos (**Intenção e Propósito**) e internos (**Efeito**), do modelo de Nord, partindo do Emissor sobre o destinatário final. Esclarecemos ainda que, o termo ‘modalização’ é utilizado neste estudo como referência a uma área maior e mais abrangente, na qual se encontram os diferentes tipos de modalidade, os quais apresentamos na seqüência.

### 2.2 Modalização – Tentativas de Conceitualização

A modalização constitui uma categoria lingüística bastante complexa, compreendendo noções distintas e se materializando de formas muito diferentes. Da filosofia à lingüística, passando por áreas como a análise do discurso, pragmática, semântica e sintaxe, a modalização revela uma faceta interdisciplinar e a importância que desempenha na linguagem. Isso se confirma através da comparação das várias definições e abordagens encontradas na literatura. Cada autor tende a privilegiar um aspecto, por exemplo: a sintaxe (Ross, 1969); a semântica (Lyons, 1977; Palmer, 1979); a pragmática (Parret, 1976) e a análise do discurso (Maingueneau, 2001). Alguns pesquisadores a situam, ainda, na dicotomia *dictum* (*o relacionamento de um predicado com um sujeito*) e *modus* (ou modalidade - *uma atitude tomada pelo sujeito falante com respeito a esse conteúdo*).

Sobre isso, Koch (1996:72) afirma que talvez um dos maiores problemas no estudo da modalização esteja no fato de que, às vezes, os mesmos meios lingüísticos são empregados para diversas finalidades comunicativas. Os exemplos a seguir demonstram o uso de diferentes lexemas empregados para expressar uma mesma idéia, a de *possibilidade*. A ação

modalizadora revela-se na escolha entre asserção, negação, exclamação, modos verbais, auxiliares modais, indicando as escolhas e julgamentos do Emissor frente à intenção da sua enunciação, a sua avaliação dos fatos<sup>68</sup>:

- (1) *Talvez a violência no país cresça.*
- (2) *É possível que a violência no país cresça.*
- (3) *A violência no país pode crescer.*
- (4) *É provável que a violência no país cresça.*
- (5) *A violência no país deve crescer.*

O reverso, ainda segundo Koch, também se mostra válido, ou seja, a expressão de diferentes idéias através do emprego de um único verbo, como observamos nos exemplos a seguir que utilizam o auxiliar modal *poder*. Em inglês isto se verifica, por exemplo, quando desejamos expressar a idéia de *probabilidade*<sup>69</sup> que pode ser expressa pelos modais *may*, *might*, *could* (*pode*, *poderia*, *podia*).

- (6) *Ana pode carregar a sua bicicleta sem esforço.*
- (7) *Ana pode ir a festa porque eu lhe dei permissão.*
- (8) *Cuidado, a água pode derramar.*
- (9) *Podiam ser uns cinqüenta torcedores.*
- (10) *Ela pode desistir se quiser.*

Nesses casos, segundo NÓBREGA (2000), o *como* é tão ou mais importante quanto o *que* se diz. Em síntese, existem várias maneiras de se lexicalizar uma mesma modalidade e diferentes modalidades podem ser veiculadas por um mesmo item lexical. Na tentativa de definir conceitos em torno deste assunto, é possível perceber divergências entre os autores quanto aos limites que caracterizem a modalização como área de estudo e pesquisa.

Ingedore Koch (1996) a caracteriza como a relação entre enunciados, reforçando a sua importância pragmática, assim como a atitude do falante perante o enunciado que produz, compondo, então, um recurso que prioriza a argumentação dentro do discurso. Frank Palmer (1979) busca defini-la nos limites das fronteiras semânticas, ou seja, referindo-se aos significados dos verbos modais, sem a necessidade precisa de definir quais os tipos de

<sup>68</sup>(1) Maybe, the violence in the country increases; (2) It's possible that the violence in the country increases; (3) Violence in the country may increase; (4) It's probable that the violence in the country increases; (5) Violence in the country should increase.

<sup>69</sup>(6) Ana can carry her bicycle easily; (7) Ana may go to the party, because I gave her permission to do so; (8) Watch out! You may drop down the water; (9) It could/might/ should be around 50 cheers, (10) She may quit if she wants.

significados envolvidos, pois afirma Palmer<sup>70</sup> (1979) que “uma investigação da modalidade e dos modais, inevitavelmente, traz problemas relativos a uma gramática considerada universal e à relação forma e significado”, pelo simples fato de não haver uma definição semanticamente precisa para os modais e, também porque uma análise meramente formal se tornaria muito básica, ainda que apontando para limites mais claros entre os verbos

John Lyons (1977), por sua vez, distingue ‘modo’, uma categoria essencialmente gramatical (*illocutionary force – força ilocutória*) e ‘modalidade’ (*the expression of necessity and possibility - expressão da necessidade e possibilidade*), dividindo-a em três escalas para poder diferenciá-la da função normativa da língua: ‘*wish*’ e ‘*intention*’ (*desejo e intenção*); ‘*necessity* e *obligation*’ (necessidade e obrigação) e ‘*certainty* e *possibility*’ (certeza e possibilidade). Lyons compreende a modalidade, segundo Palmer (1979: 4) como um termo semântico, relacionado aos significados normalmente associados ao modo, o que, na opinião de Palmer se resume na relação entre tempo e aspecto. Do ponto de vista desses dois teóricos é possível observar a linha tênue que pretende separar as categorias de tempo, aspecto e modo. Ainda que se apresente alguma divisão nas gramáticas mais tradicionais, nem sempre a análise consegue separá-las de fato. A modalidade parece, assim, estar relacionada às escolhas verbais (indicativo, imperativo e subjuntivo), para indicar a maneira como o emissor entende a sua proposição (certeza, desejo, probabilidade, por exemplo).

Lembramos que a modalização também pode ser expressa por sintagmas adverbiais ou preposicionados; conjunções; advérbios modalizadores; adjetivos em posição predicativa; marcadores de foco; entoação, para estabelecer uma distinção entre uma ordem e um pedido, (AZEREDO, 2001:120). Essas variações, entretanto, não constituem objeto do presente estudo e, para diferenciá-las dos verbos modais, nós as classificamos como ‘*modalização periférica*’.

Um denominador comum entre essas definições, como mencionamos, parece ser o fato de a modalidade ser vista como: expressão da opinião do Emissor, sua atitude, afirmações, inseguranças, compromissos ou desapego em relação a alguma coisa, uma avaliação do emissor sobre aquilo que enuncia. Dessa forma, os textos vão revelando não apenas os fatos, mas também comentários acerca dos mesmos, e maior ou menor grau.

---

<sup>70</sup>An investigation of modality and modals inevitably raises problems concerning universal grammar and the relation between form and meaning.

Do ponto de vista lingüístico, os processos de modalização ocorrem através dos modos: indicativo (revelando a veracidade atribuída ao fato), subjuntivo (para não afirmar ou negar categoricamente o enunciado) e do imperativo (para ordens). Isto significa, segundo Nóbrega (2000) que toda comunicação será mais ou menos modalizada, nunca apresentando neutralidade, em conformidade com a nossa avaliação acerca dos textos jornalísticos. E continua Nóbrega (2000: 6), “haverá sempre a apresentação de um conteúdo e um comentário sobre tal conteúdo, ou seja, uma atitude modal, explicitada ou não. Mesmo textos menos pessoais, como os textos técnicos, contêm alguma modalização revelada no mínimo na escolha daquele tema em detrimento de outros”.

Estas escolhas podem não ser explícitas, mas estão sempre presentes, pois os modalizadores revelam as intenções do Emissor, bem como o seu posicionamento e o propósito do ato comunicativo. Em relação à sintaxe, podemos dizer que as modalidades estão relacionadas com um grau de subjetividade, devido ao fato de que a escolha de algumas estruturas sintáticas revelam maneiras pessoais de analisar um determinado enunciado. Sobre isso Palmer<sup>71</sup> (1986: 16) afirma que a modalidade está relacionada com “características subjetivas do enunciado e, poderia ainda ser argumentado que a subjetividade é um critério essencial da modalidade (...) definido como a gramaticalização das atitudes e opiniões (subjetivas) do falante”. Segundo Nóbrega (2000), “pode-se assim perceber a importância da sintaxe, já que por meio dela o Emissor pode expressar seu comentário, tornando possível que o receptor, conhecedor do mesmo código, possa reconhecer essa pessoalidade”.

### 2.3 Os Tipos de Modalidade

A literatura de um modo geral expõe três formas básicas de modalidade: as *aléticas* [também chamadas *ontológicas ou aristotélicas*]; as *epistêmicas* e as *deônticas*. Destas ainda, se fazem mais presentes as duas últimas. A partir do modelo de Von Wright<sup>72</sup>, Palmer (1979: 2-3) apresenta 4 tipos de modalidade: a) *alética*<sup>73</sup>, *ontológica ou aristotélica*; b) *epistêmica ou*

<sup>71</sup>Subjective characteristics of an utterance, and it could even be further argued that subjectivity is an essential criterion for modality (...) defined as the grammaticalization of speaker's (subjective) attitudes and opinions.”

<sup>72</sup>George Henrik von Wright – filósofo que sucedeu Ludwig Wittgenstein, como professor na Universidade de Cambridge. Alguns de seus trabalhos, no campo da lógica são: *An Essay in Modal Logic*; *A Treatise on Induction and Probability*, e *Deontic Logic*, todos de 1951. Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Georg\\_Henrik\\_von\\_Wright](http://en.wikipedia.org/wiki/Georg_Henrik_von_Wright)

<sup>73</sup>Do grego *alethé*: verdade.

de conhecimento (cognitiva); c) *deôntica* ou de obrigação e, d) *existencial* ou de existência. O autor sugere ainda uma quinta tipologia que adotamos neste estudo: a modalidade *dinâmica* referente à habilidade e inclinação do Emissor perante determinadas situações.

As modalidades *aléticas* são descritas pelos lógicos e referem-se ao eixo da existência, determinando ou não o valor de verdade das proposições. Dizem respeito à verdade de *estados-de-coisas* [conhecimento geral do mundo – o que é ou não possível] segundo Koch (2004:73) e, são representadas pelas asserções. Os enunciados científicos, por exemplo, podem ser *necessariamente* verdadeiros ou *possivelmente* verdadeiros, ao invés de *simplesmente* verdadeiros. Dessa forma, o necessário e o possível são dois modos que podem afetar uma proposição (Idem). Essa distinção, no entanto, recebe algumas críticas por que se considera improvável que o Emissor detenha uma verdade não filtrada pelo seu próprio conhecimento e julgamento. Sendo assim, as duas modalidades que ocupam posição de destaque nos estudos lingüísticos são a *epistêmica* e a *deôntica*, passíveis de análise efetiva nas orações produzidas.

O eixo *deôntico* refere-se ao eixo de conduta do Emissor: significados conectados com valores de permissão, obrigação e proibição, obrigações morais, éticas ou deveres, estando condicionada a traços lexicais específicos ligados ao Emissor sendo, por esta razão, considerada por Palmer como sendo subjetiva e não-factual. Suas possibilidades se estendem da necessidade (obrigatoriedade) deôntica para a possibilidade (permissão) deôntica, como em português:

- (11) *Se ele é livre, pode fazer o que quiser. (He can do whatever he wants)*
- (12) *Não se deve fumar neste local. (You must not/may not smoke here)*
- (13) *Você deve se apresentar a ela. (You must introduce yourself to her)*
- (14) *Tenho que agradecer a eles. (I need thank them)*

Os verbos que constituem esse sentido em inglês e português são *must (have to)*, *may*, *can*, *should*, *dever*, *poder*, enquanto que as orações são representadas no modo imperativo. Segundo Palmer (1986: 96) a modalidade deôntica “is concerned with action, by others and by the speaker himself”. Lyons<sup>74</sup> (1977) observa que a necessidade deôntica (obrigação):

---

<sup>74</sup>Typically proceeds, or derives, from some source or cause. If X recognizes that he is obliged to perform some act, then there is usually someone or something that he will acknowledge as responsible for his being under the

“Tipicamente procede ou deriva, de alguma fonte ou causa. Se X reconhece que é obrigado a realizar uma ação, normalmente existe alguém ou alguma coisa que ele apontará como responsável por obrigá-lo a agir de determinado modo (...) pessoa ou instituições (...) princípios morais ou legais (...) uma compulsão interna, o que seria difícil para ele identificar ou precisar” (LYONS, 1977:824).

Por esta razão, o eixo deôntico pode se associar à expressão de tempo futuro, pois não é só a proposição que descreve o ato: “o que descreve o ato é o estado-de-coisas que será obtido se o ato em questão é realizado (...)”, conforme Lyons<sup>75</sup> (1977:823) e continua o autor:

“É para ser procurado na função desiderativa e instrumental da linguagem; isto é, por um lado, no uso da linguagem para expressar ou indicar desejos e intenções e, por outro, para fazer com que as coisas sejam realizadas através da imposição da vontade, da disposição de um indivíduo, sobre outros agentes” (Ibid: 826).

Já a modalidade *epistêmica*<sup>76</sup> é a mais presente das modalidades na escrita. Segundo Palmer (1986:51) tem a ver com o status de compreensão e conhecimento do Emissor ao invés de suas crenças, incluindo o seu próprio julgamento e a sua garantia sobre o que fala. Infiltra-se em todo texto, explícita ou implicitamente, confirmando fato de não haver textos neutros, visto que todo enunciado pressupõe um conhecimento mínimo do Emissor sobre determinado *estado-de-coisas*. Palmer<sup>77</sup> (1979:41) a considera como: “o tipo de modalidade que é mais claramente distinto dos outros e que tem a maior grau de regularidade interna e completude (...) a função dos modais epistêmicos é fazer julgamentos acerca da possibilidade, etc, de que alguma coisa é ou não o caso”, além de indicar, segundo o autor<sup>78</sup>, “o grau de comprometimento do falante com aquilo que diz” (PALMER, 1968: 51). Essa modalidade está relacionada ao eixo do conhecimento e envolve conceitos como: certo,

---

obligation to act in this way (...) person or institutions (...) moral or legal principles (...) inner compulsion, that he would be hard put to identify and make precise.

<sup>75</sup>What describes it is the state-of-affairs that will obtain if the act in question is performed (...)” [and the author continues] “Is to be sought in the desiderative and instrumental function of language; that is to say, in the use of language, on the one hand, to express or indicate wants and desires and, on the other, to get things done by imposing one’s will on other agents.”

<sup>76</sup>‘Understanding’ or ‘knowledge’ (rather than ‘belief’), and so is to be interpreted as showing the status of the speaker’s understanding or knowledge; this clearly includes both his own judgments and the kind of warrant he has for what he says.

<sup>77</sup>The kind of modality that is most clearly distinct from the others and has the greatest degree of internal regularity and completeness (...) the function of epistemic modals is to make judgments about the possibility, etc, that something is or is not the case.

<sup>78</sup>The degree of commitment by the speaker to what he says.

provável, contestável e excluído; os verbos que a caracterizam são: *may, might, will, poder, dever*; é expressa pelo modo interrogativo.

Segundo Lyons (1977:792), o eixo epistêmico também é subjetivo, em razão de que o emissor é quem avalia a veracidade do enunciado, a partir do seu conhecimento geral; difere a deôntica na qual o enunciado é avaliado em relação a valores morais ou sociais. A modalidade epistêmica resulta da avaliação e do processo de percepção que permite adquirir conhecimento sobre o ‘estado-de-coisas’. A modalidade epistêmica indica necessidade e possibilidade:

- (15) *Você deveria ser professor.*
- (16) *Cuidado você pode cair.*
- (17) *Ele deve ter vindo, não sei bem.*

A quarta e última modalidade, a ***dinâmica***, foi proposta por Palmer (1979:3). A modalidade dinâmica contraria a lógica aristotélica que, relaciona a expressão da capacidade à modalidade alética. No exemplo: *João pode falar italiano / John can speak Italian*, a oração expressa uma assertiva; afirma, simplesmente, que João tem a *habilidade* de falar italiano. Segundo Palmer (1986: 102), o grau de possibilidade está, também, para o eixo dinâmico. O autor divide esta modalidade em: neutra e orientada ao sujeito e explica<sup>79</sup>:

“A modalidade dinâmica sugere, entretanto, que existem circunstâncias no mundo real que tornam possível ou necessária a transformação deste estado-de-coisas conceitual em realidade. Com a modalidade dinâmica neutra estas são circunstâncias de um modo geral (e, talvez, o termo ‘circunstancial’ seja ainda melhor do que ‘neutro’ para indicar isto), enquanto que, a modalidade orientada para o sujeito, reúne características do sujeito”. (PALMER, 1979:39).

A modalidade dinâmica poderia ser completamente descartada dos estudos lingüísticos; mas Palmer sugere a sua inclusão dada a sua importância para a compreensão da semântica de verbos como “*poder / can*”. Neste estudo, a modalidade dinâmica foi considerada para efeito de análise.

---

<sup>79</sup>Dynamic modality suggests, however, that there are circumstances in the real world which make possible or necessary the coming into reality of this conceptual state of affairs. With neutral dynamic modality these are circumstances in general (and perhaps the term ‘circumstantial’ might be better than ‘neutral’ to indicate this), while the subject oriented modality they are the characteristics of the subject.

## 2.4 A Modalização e as Funções da Imprensa

Ao se estudar a modalização em textos jornalísticos é preciso pensar em dois conceitos: o que é modalização e quais são as funções da imprensa. Dentro do que verificamos até o momento, a modalização é a expressão das atitudes e opiniões do emissor de forma explícita ou implícita. Nesse sentido, relacionar a expressão da modalização somente à função informativa da imprensa parece contradizer o que se espera de um TJ: objetividade, imparcialidade, neutralidade. Informar na imprensa pressupõe expor veracidade dos fatos e separar opinião (do jornalista; do veículo) dos acontecimentos.

No entanto, convém lembrar que sempre existem intenções por parte do emissor ao comunicar seu enunciado<sup>80</sup>, e isso não exclui o jornalista-tradutor nem tão pouco o veículo para o qual escreve. Como já percebemos, a própria escolha do tema e da hierarquia das informações no texto, deixa transparecer a subjetividade do Emissor, extraindo do texto qualquer pretensão de ser neutro. Segundo Lyons<sup>81</sup> isto ocorre por várias razões:

“Por uma modulação prosódica e paralinguística, pelo uso de um modo gramatical em particular, pelo uso de um dos conjuntos de verbos modais ou adjetivos, pelo uso de uma forma parentética como ‘talvez’ ou uma expressão parentética como ‘eu acho’ em inglês. O Emissor pode, subjetivamente, qualificar seu comprometimento em relação ao valor de verdade de uma proposição, que ele, com relativa segurança, passa adiante em qualquer uma destas maneiras funcionalmente equivalentes”. (LYONS, 1979: 847).

Nesse sentido, a oração modalizada não só carrega uma mensagem e transmite representações de mundo, como também estrutura um sistema de interação entre Emissor e público. No caso do jornalismo de revistas, podemos dizer que isso é uma constante, visto que os textos, por sua própria natureza, são mais opinativos do que os jornais diários. Não se pode esquecer também das influências externas atuantes na produção escrita jornalística. Dessa forma, a modalização se relaciona às funções de *formação de opinião* e de *crítica* na imprensa, segundo Mendonça (1998: 43).

Segundo o autor (Idem), o termo *opinião* é considerado como sendo o conjunto e a manifestação das idéias e juízos partilhados pela maioria dos membros de uma sociedade,

<sup>80</sup>Lembramos que a única intenção considerada “zero” é dada por Nord (1997b:46), ao mencionar a escrita do usuário para si mesmo, como no caso dos diários pessoais.

<sup>81</sup>By prosodic and paralinguistic modulation, by the use of a particular grammatical mood, by the use of one of a set of modal verbs or adjectives, by the use of a parenthetical word-form like perhaps or a parenthetical clause like I think in English. The speaker may subjectively qualify his commitment to the truth-value of a proposition that he is more or less confidently putting forward in any of these functionally equivalent ways.

sobre as mais variadas áreas do conhecimento: política, médica, moral, cultural, econômica, esportiva, isto é, esferas de atuação da própria imprensa como visto em Esser (1998). É dentro dessas instâncias que a imprensa atua visando formar a opinião do leitor a respeito dos acontecimentos, cumprindo a sua função mais básica: informar. Já a função *crítica* envolve avaliação e está intimamente ligada à visão da imprensa sobre os fatos pautados como notícia, dentro da esfera social em que atua. Dessa maneira, não nos causa estranhamento o fato de que o discurso da imprensa utilize estruturas modalizadoras, pois é com esse ‘discurso’ que a imprensa legitima suas forças de atuação sobre as outras instituições sociais e ganha em credibilidade, verossimilhança, “apesar da premissa jornalística para este gênero ser a de que opinião e fato devem ser mantidos separados”, conforme o autor<sup>82</sup> (Ibid: 43).

Segundo Nóbrega (2000), ainda que existam graus variados de modalização, não conseguimos alcançar a neutralidade; mesmo a ausência de elementos que indiquem uma intenção do emissor, revela o desejo de se mostrar neutro e distanciado em relação ao enunciado. Como exemplos dessa ausência de modalização explícita, a autora aponta os textos científico e didático que, assim, buscam ser objetivo.

Nos jornais diários, a impessoalidade nas reportagens é conseguida com o uso da terceira pessoa, mas nem esse recurso é capaz de anular o ponto de vista do jornalista; essa não-modalização do texto (ou do enunciado) pode até encobrir as intenções do emissor, mas não as elimina. Entretanto, consciente ou não o jornalismo faz uso desse recurso ganhando em credibilidade e interação com o leitor. Com base nestas discussões, nossas hipóteses são as seguintes:

- A modalização predominante será a epistêmica, ligada ao eixo da informação do conhecimento;
- A modalização estabelece relação com os fatores externos **Intenção e Propósito**;
- Suas funções, no discurso da imprensa, são as de garantir credibilidade junto ao leitor e manter isenção, ao eximir o jornalista-tradutor da responsabilidade pelas informações.

---

<sup>82</sup>In spite of the journalistic premise for this genre is that opinion and fact are to be kept apart.

Tendo por base essas considerações, apresentamos, na seqüência, algumas características dos modais em ambos os contextos lingüísticos.

## 2.5 Características Gerais dos Auxiliares Modais em Inglês

Os auxiliares modais em inglês auxiliam na transmissão de idéias que podem atenuar ou enfatizar uma determinada ação verbal, ou seja, exprimem a atitude do Emissor em relação à probabilidade ou possibilidade de um fato. As poucas mudanças que ocorreram na estrutura da língua retiveram esses verbos, utilizados na fala e na escrita de modo consciente pelos falantes em relação à função e ao uso destes auxiliares. Muitas gramáticas, especialmente as ‘escolares’ para o ensino da língua, ressaltam a semântica desses verbos, visto que, o seu padrão sintático é mais bem definido nas orações, como mostramos a seguir, ressaltando em negrito a característica dos modais que nos serve de comparação com o português.

- São seguidos de verbos no infinitivo sem *to* nas orações afirmativas, exceto *ought to*, onde *to* é obrigatório: “*We should call for a pizza*” e “*we ought to call for a pizza*”;
- Não têm formas terminadas em *-s*, *-ing* ou *-ed*: “*He can sing*” e não “*he can sings*”;
- Não ocorrem em seqüência, mas podem ser empregados com *and* na mesma oração: “*You could and should ask first*” e não “*You could should ask first* (ocupam a primeira posição em expressões verbais: “*They must tell her*”);
- Antepõe-se ao sujeito nas interrogativas: “*Should I go to the agency?*”
- São seguidos de *not* nas negativas, exceto *ought to*, quando a partícula *not* segue o *ought* antes de *to*: “*They shouldn’t talk like that*” e “*He oughtn’t to talk like that*”;
- São também chamados *defectivos* devido a ausência de formas que os outros verbos possuem, como por exemplo, o infinitivo com *to*, como por exemplo, *be able to* empregado no passado em vez de *can* para se referir a situações específicas que requerem algum esforço para serem completadas. É importante prestar atenção ao contexto no qual o verbo é empregado, pois pode ocorrer alteração semântica.
- Apenas quatro verbos modais têm formas *correspondentes* no tempo passado, mas que apresentam traços semânticos diferentes, a saber: *may (might)*; *can (could)*; *shall (should)* e *will (would)*.

## 2.6 Características Gerais dos Auxiliares Modais em Português

Primeiramente, nas gramáticas normativas (base da escrita jornalística) é possível encontrar uma diversidade de conceitos relativos à palavra ‘verbo’. Comumente é a palavra que: “exprime ação, estado ou fenômeno” (ANDRE, 1923:143). Pode ainda ser considerado como “uma unidade que significa ação ou processo e é organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número”, segundo Bechara (2002:194). Já para Celso Cunha (2001:379) verbo “é uma palavra variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”. De modo geral, a categoria dos verbos exprime relações de TAM:

- Tempo - presente, passado [pretérito] e futuro, relativos à época, momento em que o fato [processo] ocorre;
- Aspecto - duração da ação, estado ou fenômeno e;
- Modalidade - subjuntivo, indicativo, imperativo relativos à expressão do processo verbal. Indica atitude (certeza, dúvida, suposição, mando, etc) da pessoa em relação ao fato que enuncia.

A maneira de expressão da modalidade adotada neste estudo, se faz através dos auxiliares modais. Estes exercem a função de auxiliar na transmissão de idéias que podem atenuar ou mesmo enfatizar uma determinada ação verbal. Segundo Bechara (2003:230) e André (1923:161) os auxiliares podem se associar a outras formas verbais – infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo principal – formando o que se chama de ‘locução verbal’:

“As locuções verbais com auxiliares modais determinam melhor o modo como se faz a ação. Os auxiliares modais formam locuções perfeitas, ou seja, ambos os verbos que integram a locução possuem um só sujeito; em tal caso o infinitivo do verbo principal será sempre o infinitivo impessoal<sup>83</sup>.” (ANDRÉ, 1923:163)

Bechara (2003: 230-32) distingue as funções do **auxiliar modal** (indica o modo como a ação se realiza; se ela pode ou deve acontecer) e do **verbo principal** (indica a idéia principal da ação). O autor caracteriza as locuções verbais como formas em que somente o auxiliar recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo e afirma que os modais se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar *com mais rigor [grifo nosso]* o

---

<sup>83</sup>O infinitivo impessoal é aquele que não se flexiona, segundo André (1923:206) deve-se ao fato de que os auxiliares modais formam locuções verbais perfeitas, ou seja, ambos os verbos (modal + infinitivo) possuem um só sujeito.

modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal, informação também compartilhada por André (1923: 206).

As gramáticas do português, porém, tratam muito brevemente ou pouco até, dos modais. Não existe um grupo específico desses verbos, a exemplo do inglês, e não há a preocupação de oferecer ao usuário da língua, detalhes sobre a semântica ou função que podem exercer na escrita. Além disso, nem sempre a aproximação de dois verbos constitui uma locução. Segundo Bechara (1973: 112 - *grifo nosso*), a *intenção* da pessoa que fala ou escreve é que determina a existência da locução. Sendo assim, por exercerem a função maior de determinar “melhor o modo como se faz a ação” (ANDRÉ, 1923:206), foram consideradas todas as combinações: *verbo auxiliar (de valor modal) + forma nominal no infinitivo*, de modo a estabelecer um paralelo com a língua inglesa. Mesmo os verbos que não são tipicamente associados à modalização foram considerados como modais, levando-se em consideração o critério da classificação pelo uso, ou seja, a substituição de um verbo empregado por outro – sinônimo – chegando-se a uma locução conhecida. Excluímos, porém as formas *ser* e *estar*, por estarem relacionadas mais fortemente a outros aspectos da sintaxe verbal e incluímos os auxiliares *ter* e *haver* + *infinitivo*, antecedidas da preposição *de*<sup>84</sup> com a função de exprimir obrigatoriedade ou desejo, além das outras formas comumente reconhecidas como modais: *poder*, *dever*, *precisar*, conforme os exemplos:

- (18) *Ele precisa falar direito.*  
 (19) *Nós devemos contar a ela.*  
 (20) *Eu posso imaginar como vai ser.*

Por desempenharem um papel importante na oração no sentido de traduzirem a intenção do Emissor e, por extensão, seu propósito relativo à produção textual, parece-nos que a escolha por verbos auxiliares modais define também o *efeito* intencionado sobre o receptor, visto que a modalização estrutura um sistema de representações entre Emissor e destinatário final. Nesse sentido, sobrepõe-se à função maior da imprensa — informar o leitor-destinatário — a função de *formar* a sua opinião. Buscando exemplificar o que foi dito anteriormente, nossa análise considera os seguintes critérios quanto à predominância de: i) ocorrência de verbos e tipo de modalidade; ii) modo verbal (indicativo, subjuntivo); ii) tipo de oração em

---

<sup>84</sup>Lembramos que as locuções também podem aparecer com as preposições: *para*, *em*, *por*, *a*.

que o auxiliar modal é empregado (simples, subordinada, coordenada) e, iii) foco (assunto) sobre o qual a oração incide, em relação ao contexto maior da situação comunicativa. Os resultados são apresentados e comentados no capítulo referente à discussão dos dados.

## 2.7 Conclusões Parciais

De fato, não é muito fácil atribuir um único conceito à modalização. Isto parece depender muito da linha de estudo de estudo do pesquisador e do que ele pretende evidenciar com o estudo da modalização: a pragmática, a sintaxe ou a semântica. Neste caso, a abordagem funcionalista parece conseguir resultados mais completos, no sentido de integrar estes três vieses para, então, compreender o seu funcionamento das modalidades não só ao nível do texto e das orações, mas também em relação ao contexto, ou seja, a situação comunicativa que motivou o Emissor a produzir o texto, a se comunicar com alguém. Em se tratando de TJs esta motivação de comunicar é o que mantém o jornalismo enquanto instituição social. Por essa razão, lembrando Nóbrega (2000), o *como* se diz é tão ou mais importante do que o *sobre o que* se comunica, nos possibilitando afirmar que a modalização *traduz* verdades filtradas pelo conhecimento e julgamento do Emissor. Portanto a modalização pode estar associada à intenção comunicativa, ao receptor, a função, ao tema e ao efeito da comunicação.

Assim, parece-nos que, em se tratando de demonstrar o grau de comprometimento do Emissor com o valor de verdade das suas proposições, a modalização deve estar presente ao longo do *corpus* como um todo, mesmo que venha a se concentrar num ou noutro verbo em razão da situação comunicativa. Deste modo, função maior de modalizar parece ser a de legitimar o discurso jornalístico através da sua inter-relação com o público-leitor, a qual, pelo menos em se tratando do *corpus* em estudo, aponta para a sobreposição das forças de formação de opinião sobre as de informação.

## CAPÍTULO 3 METODOLOGIA

### 3.1 Introdução

Neste capítulo descrevemos o método aplicado a este estudo, considerando a interface da tradução, a escolha e seleção do *corpus* e o tratamento dispensado aos textos. Os procedimentos são orientados no sentido da comprovação da hipótese da influência de condicionantes culturais nos textos do *corpus* e de um conseqüente deslocamento de enfoque em relação ao “11 de setembro” em contexto brasileiro e americano. Conforme as implicações teóricas desta pesquisa, os TJs trazem consigo marcas (referências) culturais específicas à cultura para a qual se destinam – estas nem sempre são visíveis, mas estão sempre presentes. Destas referências, passamos à sintaxe, no sentido de ratificar a ocorrência do deslocamento através da atuação de elementos modalizadores sobre nas reportagens. Emoldurando este estudo, adotamos o conceito proposto por Zipser<sup>85</sup> (2002): *a tradução como “representação cultural” do fato noticioso*, ou seja, as diferentes leituras, ou enfoques, que um mesmo acontecimento recebe quando ultrapassa fronteiras internacionais.

### 3.2 Procedimentos Gerais de Análise

A primeira etapa direcionada a comprovação da hipótese de influência dos condicionantes culturais sobre o *corpus* foi aplicar a tabela proposta por Nord<sup>86</sup> (1991) aos textos e investigar a presença de marcas culturais, assim como a predominância das esferas de influência do modelo de Esser<sup>87</sup> (1998). Tal procedimento nos permitiu confrontar os textos no sentido de demonstrar o tratamento recebido por determinados temas, como o *World Trade Center (WTC)*, em ambos os contextos — brasileiro e americano. Zipser (2002: 54-5) argumenta que este tipo de análise permite demonstrar que os textos “no confronto com a visão do estrangeiro sobre o mesmo fato noticioso, adquirem uma nova dimensão. Esse novo momento evidencia contornos da própria cultura que não seriam reconhecidos, caso o contato com o Outro não tivesse acontecido”. Por conseqüência, nossa intervenção no *corpus* consistiu basicamente em escanear e isolar os textos das figuras e gráficos para, em seguida,

---

<sup>85</sup> Ver: Capítulo 1– Item: 1.5.1

<sup>86</sup> Todas as tabelas encontram-se no Anexo deste estudo.

<sup>87</sup> Ver Capítulo 1 – Item 1.5.

corrigí-los e gravá-los como arquivos Word e proceder a contagem de palavras por texto e a sua totalização por periódico. Acrescentamos que, durante o estudo, os procedimentos foram sendo modificados e ajustados conforme a necessidade da pesquisa e a coleta de dados. As reportagens selecionadas são descritas a seguir.

### 3.3 Descrição do *Corpus*

O *corpus* consiste de seis reportagens comparáveis entre si — 3 para cada periódico — publicadas nas revistas *TIME* em edição especial para América Latina e *Veja* em edição especial para o Brasil sobre os atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova York:

*TIME Magazine* "One Nation, Indivisible", in a Special Issue: #11, vol.158, September 24th, 2001, Latin America Edition - TIME Inc. International, Hollywood –FL.

- [T1T] **“Mourning in America”** (by Nancy Gibbs – 1.626 palavras);
- [T2T] **“The New Breed of Terrorist”** (by Johanna McGeary and David Van Biema – 4.172 palavras) e,
- [T3T] **“The Most Wanted Man in the World.”** (by Lisa Beyer – 2.740 palavras).

\* Total – 7.538 palavras, sendo todas as reportagens assinadas.

*Revista Veja* "O Império Vulnerável", em Edição Especial: n°37 – 19 de Setembro de 2001, Editora Abril, São Paulo.

- [T1V] **“A Descoberta da Vulnerabilidade”** (2.427 palavras);
- [T2V] **“A morte no fogo, num salto ou no desabamento”** (1.350 palavras) e,
- [T3V] **“O Inimigo Número 1 da América”** (1.091 palavras).

\* Total – 4.868 palavras, todas *matérias não-assinadas*.

Doravante, as reportagens serão referenciadas conforme as siglas adotadas acima, em colchetes. Nossa escolha leva em consideração dois pontos importantes: primeiro, o assunto tratado e depois, a ordem em que aparecerem nos respectivos periódicos. Sobre isso, cabem alguns esclarecimentos:

- [T1T] e [T1V] são comparáveis por serem textos de caráter mais subjetivo, além de serem os textos de abertura de cada revista;
- [T2T] e [T2V] obedecem a mesma seqüência [textos de número dois em cada revista], porém não têm assunto em comum e,
- [T3T] e [T3V] são comparáveis quanto ao assunto, embora não obedeam a mesma seqüência, aparecendo como o sétimo e o terceiro textos, respectivamente.

Estas características não comprometem os dados de análise e devem ser levadas em consideração no sentido de validar a representatividade do *corpus*. O sequenciamento das reportagens é um fator importante, visto que a tendência do leitor é sempre a de ler os primeiros textos que tratam do tema de um modo mais geral. As reportagens editadas na seqüência funcionam apenas como desdobramentos destas primeiras sendo, normalmente, assuntos de interesse exclusivo aos contextos americano e brasileiro (respondendo às questões dos valores-notícia) não sendo, portanto, passíveis de comparação, tendo sido descartadas. Tendo vencido esta etapa, passamos para o estudo da sintaxe.

### 3.4 Metodologia de Análise para a Modalização

Sendo as modalidades uma propriedade da oração, adotamos o seguinte caminho em abordagem funcionalista: da pragmática à sintaxe, via semântica conforme Neves (2001:47). Dessa forma foi possível trabalhar com as restrições sintático-semânticas impostas pela estrutura do par de línguas em questão e, demonstrar os diferentes focos sobre os quais as orações modalizadas incidem. Para tanto, buscamos um traço de comparação entre as duas línguas que permitisse a seleção dos dados: o infinitivo. Esta é uma das características que diferencia os auxiliares modais em inglês, tornando-os facilmente identificáveis. Já, no português, como este conjunto se restringe, normalmente, a dois verbos (*poder* e *dever*), buscamos o traço de infinito nas locuções verbais<sup>88</sup>, isto é, um primeiro verbo na condição de auxiliar seguido de outro em forma nominal no infinitivo.

Para tanto, utilizamos as gramáticas normativas de Celso Cunha (2001) e Michael Swan (1980) e, num âmbito maior, nos baseamos nas considerações de Frank Palmer (1976;

---

<sup>88</sup>As locuções verbais também podem ser seguidas de uma forma nominal no gerúndio ou participípio.

1986) para definir os tipos de modalidade (epistêmica, por exemplo). Lembramos que, uma das características da escrita jornalística é combinar uma comunicação eficiente com a aceitação social do discurso noticioso. Portanto, ainda que o jornalismo utilize algumas regras combinatórias possíveis dentro de um registro mais coloquial, estas devem ser também aceitas no nível formal conforme Lage (1997:38). Nesse sentido, a análise considerou a predominância dos verbos modais (*must, poder e outros*); do tipo de modalização (*epistêmica, deôntica, dinâmica*); do modo verbal (*indicativo e subjuntivo*); o tipo de oração (*subordinada, coordenada e período simples*) e o foco (*assunto sobre o qual recaem os modais na oração*), sempre considerando a situação comunicativa, ou seja, o texto em si. A seleção das ocorrências, bem como a classificação dos itens mencionados acima e a totalização dos dados foram feitas manualmente.

Como o presente estudo integra uma investigação baseada na linha funcionalista da gramática, a opção por não utilizar um teórico funcional pode parecer, a princípio, uma impertinência teórica<sup>89</sup>. Na verdade, isto não se verifica, pois levamos em consideração o princípio básico de toda gramática que se diz funcionalista: priorizamos a função dos tópicos analisados em relação ao contexto da situação comunicativa em que são utilizados pelo Emissor. Além disso, devemos lembrar que:

Frente a um *corpus* o pesquisador **a priori** não tem nenhuma razão determinante para estudar um fenômeno em detrimento de outro, da mesma forma que nada o obriga a recorrer a um determinado procedimento ao invés de a qualquer outro. (MAINGUENEAU, 1997:18 – *grifo do autor*).

Sendo assim, tomamos por base os princípios do paradigma funcional (Tabela 3.1) apresentados por Neves (2001: 46-7- *grifos nossos*). Nesta perspectiva a gramática é vista como um quadro abrangente no qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas em conjunto: a semântica é instrumental em relação à pragmática e a sintaxe é instrumental em relação à semântica. Nesta lógica, não há lugar para uma sintaxe autônoma (NEVES, 2001:46); portanto, as estruturas têm que ser funcionais em relação ao contexto de produção e recepção textuais.

Estes princípios atuam, a nosso ver, como crítica a normatividade da língua, no sentido de, normalmente, treinar os usuários a transformar Subjuntivo em Indicativo, ou vice-

---

<sup>89</sup>Compartilhamos a visão da Profa. Dra. Christiane Nord, que embasa o suporte teórico referente à tradução neste trabalho na opção de não utilizar um teórico específico para o estudo da modalização.

versa, desconhecendo a sua funcionalidade na oração e, num âmbito maior, no texto. Durante a análise e, expondo alguns resultados parciais, pudemos perceber que os usuários da língua portuguesa dificilmente se dão conta do emprego da modalização, normalmente restrita a poucos verbos. Não podemos afirmar que seja diferente com os usuários do inglês, entretanto, a modalização é empregada por eles com mais consciência da sua carga semântica, por exemplo. Acreditamos, portanto, que a compreensão da funcionalidade da língua nos contextos de produção e recepção textuais, pode permitir o acesso dos usuários a significados subjacentes ao ato comunicativo e, que tendem a passar despercebidos numa leitura mais desatenta.

**Tabela 3.1 – Paradigma Formal Versus Funcional**

	<b>PARADIGMA FORMAL</b>	<b>PARADIGMA FUNCIONALISTA</b>
<b>Como definir a língua</b>	Conjunto de orações	<i>Instrumento de interação social</i>
<b>Principal função da língua</b>	Expressão de pensamentos	<i>Comunicação</i>
<b>Correlato psicológico</b>	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações	<i>Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua</i>
<b>O sistema e seu uso</b>	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação	<i>O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso</i>
<b>Língua e contexto / situação</b>	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação	<i>A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição do seu funcionamento num dado contexto</i>
<b>Aquisição da linguagem</b>	Faz-se com uso de propriedades inatas, com base em um input restrito e não-estruturado de dados	<i>Faz-se com a ajuda de um input externo e estruturado de dados apresentados no contexto natural</i>
<b>Universais lingüísticos</b>	Propriedades inatas do organismo humano	<i>Explicados em função de restrições: comunicativas, biológicas ou psicológicas; contextuais</i>
<b>Relação entre sintaxe, semântica e pragmática</b>	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática via semântica	<i>A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estruturadas; as prioridades vão da pragmática a sintaxe, via semântica.</i>
<i>S. Dik, 1978:5. Adaptação de M.H.M.Neves (2001:46-7)</i>		

Com base nestes esclarecimentos, os procedimentos metodológicos gerais desta pesquisa são, sucintamente, descritos a seguir:

1. Revisão de literatura através de pesquisa, leitura e organização de obras básicas nestas áreas;
2. Análise dos textos do *corpus* com base nos modelos propostos por Nord (1991) e Esser (1998);
3. Investigação e análise referente à ocorrência da modalização no *corpus*;
4. Redação da síntese dos resultados dos procedimentos anteriores e sugestão para pesquisas futuras.
5. Redação das conclusões do Excurso realizado com os alunos do Jornalismo da UFSC;

Tendo procedido com as análises no sentido de comprovarmos a hipótese que norteia a pesquisa, decidimos por incluir um experimento de tradução, propriamente dita – direta – de uma das reportagens do *corpus*. Isto veio a complementar nossa reflexão sobre a tradução em meio jornalístico, não esquecendo que este trabalho tem por base os estudos da tradução e que não analisamos textos que são traduções diretas entre si. Este experimento foi conduzido com o auxílio de estudantes voluntários do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, com o objetivo de verificar se o produto final das traduções manteria o mesmo teor jornalístico do *corpus* original.

A fim de não sobrecarregar a leitura da pesquisa com a descrição desta metodologia e, considerando que este é somente um experimento que complementa o nosso estudo, as descrições dos procedimentos, bem como dos resultados, encontram-se no Anexo 2 ao final deste estudo.

#### 4.1 Introdução

Neste capítulo apresentamos a discussão de dados do *corpus*. Nossas reflexões se orientam partindo do maior para o menor: das capas e editoriais das revistas, ao confronto e cotejamento do *corpus* até chegarmos ao item mais específico sobre a análise da sintaxe nos textos. Este procedimento é pertinente à abordagem funcionalista no sentido de que parte do texto-em-situação, como parte integrante da bagagem cultural de uma sociedade até o que Snell-Hornby <sup>90</sup> (1988:2) chama de “unidades micro”, ou seja, a palavra. Ressaltamos que, no contexto desta pesquisa, as unidades micro se revelam através da sintaxe em sua relevância e funções dentro do texto.

Partindo do pressuposto de que os TJs traduzem culturalmente um fato, orientamos a análise de forma a demonstrar que o “11 de setembro” recebe duas abordagens distintas em contexto brasileiro e americano. Portanto, os textos cotejados não são uma tradução direta entre si, mas sim traduções partindo de um fato-gerador sob os pontos de vista da realidade americana e brasileira. Longe de ser uma “metáfora de tradução”, do ponto de vista de pesquisadores da linha clássica TF e TT, a tradução jornalística ou a tradução como representação cultural do fato, mostra-se plausível e concreta através das leituras diárias de jornais e revistas e através dos itens que pontuamos a seguir, além de pertinente aos estudos tradutórios, como campo de pesquisa. Buscando integrar os dados coletados à perspectiva funcionalista de análise textual, apresentamos a seguir a análise referente às capas dos periódicos.

#### 4.2 As Capas das Edições Americana e Latino-Americana da *TIME*

Pesquisando o material da *TIME* notamos que a revista era uma edição dirigida a América Latina. A curiosidade nos levou, então, a buscar por uma provável edição americana também sobre os atentados. Encontramos duas. A primeira, editada dois dias após os atentados, foi descartada por conter somente uma reportagem reeditada, posteriormente, para

---

<sup>90</sup>[It] begins with the text-in-situation as an integral part of the cultural background, whereby text analysis proceeds from the macro-structure of the text to the micro-unit of the word, this being seen, not as an isolated item, but in its relevance and function within the text.

a edição que compõe o *corpus*. A segunda nos chamou a atenção e abriu caminho para iniciarmos a análise.

Estas duas edições especiais (Fig. 4.1) são doravante chamadas de ‘americana’ e ‘latina’, a fim de facilitar a sua referência. Ambas possuem o mesmo título de capa: ***One Nation, Indivisible*** (Uma Nação, Indivisível) e as letras que identificam o nome da revista levam as cores da bandeira americana, a qual o Presidente George W. Bush traz em riste. A foto de capa também é a mesma. Exceto por uma singularidade — um subtítulo no círculo, em vermelho — poderíamos dizer que as capas são iguais.

Ambas trazem: “*America digs out – and digs in*”<sup>91</sup>, cuja pesquisa terminológica aponta, grosso modo, ‘escapar de uma armadilha ou de um problema’, enquanto “*dig in*” se refere a ‘cavar uma trincheira, estocar armas e alimento e esperar pela captura do inimigo não importa o tempo’, explicitando um contexto de guerra ou de uma provável retaliação que seria levada a cabo na seqüência dos acontecimentos. Mas, apesar disso, a edição latino-americana traz, como complemento, um sintagma nominal “—*for a war*”. Este detalhe é revelador no sentido de que os leitores da *TIME* latina podem, mesmo sabendo ler em inglês, não conseguir apreender todo o contexto cultural por trás da expressão *dig out and dig in*; logo, poderíamos considerar este sintagma como uma marca de explicitação da revista em razão de ter um leitor em prospecção. Mas, considerando também a esfera social (moldura histórico-cultural) apontado por Esser (1998), o sintagma adquire o status de um recado simples e objetivo às nações latinas, ou seja, a retaliação atingiria qualquer um que não estivesse do lado da nação americana, como se observa em [T1T].

---

<sup>91</sup>Propomos a seguinte tradução para este subtítulo: “*A América se une na luta conta o terror*” (edição americana) e “*A América se prepara para a guerra*” (edição latina).



**Fig. 4.1 - Capas das Edições Americana (esquerda) e Latino-Americana (direita) da Revista *TIME* - Fonte: da Autora**

Conforme verificamos através da leitura de [T1T], uma ofensiva de retaliação era a resposta que os americanos exigiam do governo corroborada, depois, por *Veja* em [T1V], ao chamar esta ofensiva de: “*reação natural diante da enormidade da agressão*”. O título maior “*One Nation, Indivisible*”, reacende o sentimento nacionalista e patriótico dos americanos, representado através da bandeira, seu símbolo mais significativo, nas mãos do presidente.

#### **4.2.1 As Capas das Edições da *TIME* (Edição Latino-Americana) e da *Veja***

A edição de *Veja* traduz, com o “*O Império Vulnerável*” (Fig. 4.2), a condição brasileira de colônia cultural americana. Isso fica evidente através do tom político e ideológico especialmente voltado ao texto de abertura. A identidade cultural brasileira fica de lado - “*Provavelmente os Estados Unidos darão prioridade aos aliados que os ajudem na manutenção da ordem. É o tipo de discussão da qual o Brasil geralmente fica de fora*” [T1V]. Esta imagem de um Brasil não apto para discutir a ordem mundial reforça, perante o leitor brasileiro, a imagem dos EUA como nação império, controladora e mantenedora da ordem mundial. Nesse sentido e, apesar de culturalmente próximo, os Estados Unidos nunca foram

uma unanimidade nacional. Conseqüentemente, o efeito do *corpus* sobre o leitor na época, foi contraditório: sentimentos de indignação e revolta, misturados à reação de que os Estados Unidos “tiveram o que mereciam”. *Veja* sugere ainda uma conotação mais ampla: o espanto em ver o que se entendia por “Império” ser atacado de forma tão ousada no seu ponto mais forte: o WTC, símbolo intocável da economia capitalista americana e ponto de concentração de várias nacionalidades, pessoas que trabalhavam nos prédios. A “tradução” de *Veja* denota o sentido ideológico do veículo ao expor em foto de meia página sobre fundo negro, o WTC em chamas.



**Fig. 4.2 - Capas das Edições das Revistas *TIME Latin America* e *Veja***  
**Fonte: da Autora.**

As capas traduzem a maneira segundo a qual o mesmo fato noticioso é relatado nos contextos culturais em questão, ou seja, traz informações sobre o momento histórico de cada país, além de revelar posicionamentos ideológicos dos veículos de comunicação. Dessa forma não temos um processo de tradução direta a partir de um TF, mas sim um processo de tradução cultural a partir de um mesmo fato, os atentados terroristas em NY, ou seja, o *como* duas culturas diferentes retratam um mesmo acontecimento, o modo como representam - culturalmente - o fato. Temos, assim, não um ST (*source text – texto fonte*), mas um SF (*source fact- fato-fonte/gerador*); as reportagens são então determinadas através da situação

comunicativa, dentro da qual servem de meio para que o jornalista-tradutor transmita a mensagem. O fator situacional aproxima-se da esfera social presente em Esser que determina a partir da camada mais externa a atuação jornalística, influenciando os procedimentos adotados na redação para relatar o fato (como é o caso da *Veja* ao ter encomendado a reportagem ao escritório de internacional e da própria *TIME*, ao ter adotado a censura do governo americano na época). Esta esfera tem a ver ainda com o papel do jornalista no país em que atua, influenciando seu modo de trabalho e as escolhas relativas ao que compõe ou não os editoriais da revista, como vemos a seguir. Uma tradução de cunho jornalístico deve considerar esses fatores se o tradutor desejar que o texto funcione culturalmente para os seus destinatários. É claro que isso pode depender, ocasionalmente, de instruções (*translation brief*) dadas, por exemplo, por um Iniciador, se houver algum.

#### 4.2.2 Os Editoriais

Outra diferença que vale ser mencionada diz respeito às reportagens escolhidas para integrar as duas edições especiais da *TIME* (Tabela 4.1). A edição americana traz cinco reportagens a mais e na edição latina é incluída uma que não faz parte da edição americana. São informações de interesse específico dos americanos, como por exemplo: a segurança nos aeroportos, os bombeiros mortos lembrados como heróis, as vítimas e seus órfãos. Já a edição de *Veja* não sofre alterações em sua edição para países estrangeiros. A revista traz reportagens que contextualizam os acontecimentos – comparáveis a edição da *TIME* – e inclui também algumas dirigidas ao leitor brasileiro, por exemplo consequências dos fatos para o Brasil, os aeroportos, e as vítimas brasileiras. Isso nos dá um indicio claro da atuação de um *filtro cultural* na seleção das matérias para compor as edições e também da atuação dos valores-notícia ao se determinar quais fatos poderão ser explorados ou desdobrados, enquanto notícia, para compor as edições. A Tabela (4.1) mostra as diferenças entre as edições da *TIME* em negrito; entre as reportagens específicas da *Veja* em negrito e sublinhas e, aquelas que integram o *corpus* (1), (2) e (7) na *TIME* e (1), (2) e (3) na *Veja*, em *itálico*.

**Tabela 4.1. Comparativo dos Editoriais: Edições da *TIME* e a Edição da *Veja*.**

<i>TIME</i> – Sept 24 <sup>th</sup> , 2001	<i>TIME</i> LATIN AMERICA EDITION – Sept 24 <sup>th</sup> , 2001- Vol.158, #11	VEJA #1718 – EDIÇÃO ESPECIAL 19 De Setembro De 2001
Showing the Flag	Showing the Flag	
Cover inside: Out of the Ashes	Cover inside: Out of the Ashes	
Cover outside: ONE NATION INDIVISIBLE ( <i>TIME</i> Special Issue) America digs out - and digs in 1. <i>Mourning in America</i>	Cover outside: ONE NATION INDIVISIBLE ( <i>TIME</i> Special Issue) America digs out - and digs in for a war 1. <i>Mourning in America</i>	Capa: O IMPÉRIO VULNERÁVEL Manchetes: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os americanos prometem acabar com os países que abrigam terroristas;</li> <li>• A perícia dos pilotos suicidas</li> <li>• Ocidente X oriente: o choque de civilizações</li> <li>• A cultura do apocalipse entre os americanos</li> <li>• As raízes do terrorismo islâmico</li> </ul> O medo da recessão mundial.
2. <i>Tracking the Plotters</i>	2. <i>Tracking the Plotters</i>	1. <i>A descoberta da vulnerabilidade americana</i>
3. How to retaliate	3. Letter from Washington	2. <i>A perícia dos pilotos</i>
4. The war this <i>TIME</i>	4. How to retaliate	3. <i>Os inimigos dos EUA</i>
5. <b>The President</b> under pressure	5. The war this <i>TIME</i>	4. Choque de civilizações
6. Letter from Washington	6. The <b>U.S President</b> under pressure	5. A morte pelo celular
7. <i>Osama bin Laden: the face of terror</i>	7. <i>Osama bin Laden: the face of terror</i>	<b>6. Os brasileiros desaparecidos</b>
8. Letter from Afghanistan	8. Letter from Afghanistan	7. O abalo econômico e a reação mundial
9. <b>Sifting from the Rubble</b>	9. Can we be both safe and free?	7. As escolas do terrorismo
10. <b>Heroes and survivors</b>	10. Viewpoints	<b>8. Um dia de transtornos até no Brasil</b>
11. Viewpoints		9. O medo ancestral da invasão
12. <b>The economy and Markets</b>	A blow-by-blow account of the tragic day	10. Ensaio: Roberto Pompeu de Toledo
13. <b>Airport Security</b>		
14. Can we both safe and free?		
15. <b>The Ripple Effect</b>		

As reportagens (8 ;9 ;11 ;12 e 14) em negrito são de interesse exclusivo para o leitor americano, sendo retiradas da edição para os países latino-americanos. A escolha do que entrará na edição e a ordem em que essas reportagens aparecem podem ser explicadas através

das instâncias propostas por Esser (1998) e justificam as diferentes abordagens dadas ao fato, como, por exemplo, na reportagem de número 5 onde se enfatiza “U.S.” na edição latina. Há necessidade de se especificar qual o presidente que estava sob pressão e também de mostrar que os atentados repercutem no mundo inteiro “até” no Brasil (reportagens 6 e 8 - *Veja*). Os editoriais são representativos também da esfera subjetiva e institucional apontadas por Esser, visto que a aprovação da pauta passa pelas mãos de jornalistas e chefes de redação, subentendendo a postura político-ideológica do veículo podendo, portanto, diferir mesmo que a proposta temática seja fundamentalmente a mesma ou similar.

Dessas constatações passamos para o item seguinte das análises com base nos modelos sistematizados por Christiane Nord (1991) e Frank Esser (1998).

### **4.3 Análise dos Dados com base nos Modelos de Nord e Esser**

Neste item investigamos o *corpus* de modo a definir o seu *skopos*. Nossa investigação centra-se nos fatores externos e internos propostos por Nord para a análise da tradução e nas instâncias que condicionam o fazer jornalístico. A integração da análise responde à interface tradução-jornalismo e, a nosso ver, oferece a chance de observar a conexão entre essas duas áreas.

Sobre os fatores de Nord, buscamos uma análise recursiva<sup>92</sup> e lembramos que a hierarquia apresentada pela autora deve-se ao fato de o modelo ser estruturado pra uso didático, não significando que não possa ser alterado conforme a tipologia textual e as intenções de pesquisa. Quanto às esferas apontadas por Esser, é o seu conjunto que determina uma identidade aos contextos culturais do *corpus*. As esferas (a exemplo dos fatores externos e internos de Nord) se influenciam mutuamente, logo ainda que seja apontada a predominância de uma em determinado momento, não se deve descartar a influência das outras atuando em conjunto. O item analisado é escrito em maiúsculas; a aplicação dos textos em tabelas de acordo com os fatores encontram-se em Anexo.

---

<sup>92</sup>O fator “*recursiveness*” (NORD, 1991) permite ao tradutor voltar a uma etapa anterior do processo de análise não importa o quanto tenha avançado. Isto se deve à interdependência dos fatores externos e internos, ou seja, ao fato de que a situação comunicativa é determinante da estruturação lingüística interna que, por sua vez, é reveladora do contexto situacional.

### 4.3.1 Os Fatores Externos – Como Determinar o *Skopos*

A análise dos fatores externos que envolvem os textos oferece pistas sobre o seu contexto situacional, bem como sobre o *skopos* das reportagens.

Considerando uma proposta de análise integrada de Nord e Esser, podemos verificar a influência dos valores-notícia<sup>93</sup> na determinação dos fatores situacionais (externos) em Nord. O tema central – os atentados – se configura como de interesse comum, ou seja, possui valores em comum aos contextos de produção e recepção textuais brasileiro e americano. Baseados na tabela de valores-notícia<sup>94</sup> proposta por Franzon (2004) os itens abaixo se agregam ao fato “11 de setembro”, constituindo uma situação:

IMPORTANTE - IMPREVISTA - NEGATIVA e COLETIVA

e que responde também aos valores de:

**Proeminência** – Culto ao Herói (bombeiros e policiais que morreram para salvar vítimas);

**Proximidade** – Geográfica e Cultural (o Brasil absorve muito da cultura americana);

**Impacto** – Número de pessoas envolvidas e afetadas (do ponto de vista de número de vítimas, os atentados se constituíram como uma tragédia sem precedentes e que afetou vários países devido à origem estrangeira de muitas das vítimas);

**Surpresa** – Inesperado (apesar de o governo americano ter tido indícios que poderiam levar a um conflito armado, não se esperava um atentado dessas proporções);

**Raridade** – Incomum (não é todo dia que se tem a ousadia e a coragem de se atacar uma nação vista como império);

**Drama/Tragédia** – Catástrofes; Acidentes; Risco de Morte Crime; Violência; Emoção, Suspense; Interesse Humano (sentimentos decorrentes do fato e que envolveram o mundo por vários dias);

**Conflito**: Guerra (a retaliação americana que se estende até os dias atuais).

Essas características em comum, no entanto, não eximem o *corpus* em português de ser governado por uma função ou propósito comunicativo específico. Há que se considerar também algumas características inerentes ao veículo da imprensa que noticia o fato, no caso a revista *Veja*, conforme veremos a seguir.

O primeiro fator situacional mencionado por Nord diz respeito ao **EMISSOR**, facilmente identificável na *TIME*, pois as reportagens são assinadas por jornalistas

<sup>93</sup> Para o conceito de valores-notícia ver Cap 1 – item: 1.5.2.

<sup>94</sup> Ver: Anexo 2

importantes dentro do veículo conforme informações do *mediakit* da revista. A jornalista Nancy Gibbs<sup>95</sup> integra o corpo de jornalistas da *TIME* há 20 anos, tendo escrito mais de 100 histórias de capa e ganho prêmios por várias reportagens incluindo um artigo da revista que nos serve de fonte. Gibbs é, atualmente, *editor-at-large* (editora geral) e, de acordo com James Kelly, *managing editor* (editor executivo), “she has an extraordinary talent for exploring topics where ethics, religion, politics and science intersect.” David Van Biema, autor de [T2T], é o repórter mais antigo da revista que escreve sobre religião, enquanto Lisa Beyer, há 17 anos na revista, comandou o escritório da *TIME* em Jerusalém em 1991, atualmente integra o corpo de jornalistas em Nova York como *Senior Editor* (editora senior).

No caso de *Veja*, nenhuma reportagem é assinada, logo pressupomos que o emissor direto seja o próprio veículo. A revista é conhecida por não dispensar seus repórteres para cobrir fatos internacionais, o que nos leva a pressupor que a edição foi comandada por um grupo de jornalistas. Em E-mail datado de Novembro de 2004, fomos informados pelo departamento de atendimento ao leitor que a matéria tinha sido comandada pela direção da revista e pelo Editor de Internacional, atualmente José Eduardo Barella, o que os coloca no papel de produtores textuais, partindo de um fato de origem em contexto estrangeiro. Dessas informações podemos concluir que aos repórteres da *TIME* foi dada a possibilidade de emitirem suas próprias impressões a respeito do fato, como fica claro no tom pessoal impresso nas reportagens, adotado pela revista; há uma série de pronomes pessoais e objeto que conferem uma grau de pessoalidade à *TIME* que não ocorre em *Veja* que faz uso da impessoalidade para transmitir sua mensagem, ressaltando a ideologia do veículo.

O Emissor está relacionado à esfera institucional e subjetiva da mídia. Estas esferas condicionam a atividade jornalística quanto aos procedimentos de trabalho e controle da redação, bem como a postura ética do jornalista ao relatar o fato. Subjazem a elas forças político-sociais que condicionam a maneira como cada veículo/jornalista relata o acontecimento. Estes condicionantes interferem igualmente no receptor, função e propósito.

Isso nos permite inferir sobre a **INTENÇÃO** do emissor. De acordo com Nord (1991:47-8) a intenção é, primeiramente definida pelo ponto de vista do emissor. No caso da tradução jornalística, a sua definição corrobora a existência de um eventual deslocamento de enfoque para a notícia, visto que está atrelada ao veículo e ao público leitor, mesmo que o

---

<sup>95</sup> [http://www.time-planner.com/planner/about\\_time/bios/senior\\_editorial\\_staff/nancy\\_gibbs.html](http://www.time-planner.com/planner/about_time/bios/senior_editorial_staff/nancy_gibbs.html)

texto seja assinado. A intenção influencia também a hierarquização do conteúdo, ou seja, a estrutura argumentativa da matéria e a forma relativa aos elementos não-verbais como o uso de aspas, por exemplo. Esse conjunto facilita ao leitor reconhecer a tipologia e a função textuais, enquanto que o efeito produzido e intencionado será o convencional para essa tipologia, conforme esperado pelo leitor. A última relação é estabelecida com o princípio de lealdade que deve preservar a intenção do produtor textual na tradução, ainda que a função seja modificada. No caso da tradução como *representação cultural*, a lealdade é construída com vistas a um leitor (americano) em prospecção, enquanto que a funcionalidade do texto (sua função de comunicar) dentro do seu contexto brasileiro e, igualmente prospectivo, de recepção.

Este item nos permite voltar ao Emissor e sugere um tom de relativa independência dos repórteres da *TIME*. Diz Nord (1991:49) que a intenção também se revela através do papel que o emissor adota em relação ao receptor, neste caso, americanos e estrangeiros. Esse fato indica um contexto maior que atua sobre a intenção e revela um emissor superior à mídia na época: a censura imposta pelo governo Bush, cuja intenção era evitar o pânico e não permitir especulações sobre informações incertas, (atitude louvável até certo ponto), mas que não permitiu à imprensa informar os cidadãos sobre as razões dos atentados. Assim, o governo se torna emissor direto, enquanto que a imprensa americana atua como emissor intermediário. A intenção dos jornalistas (e do veículo) é a de assumir o papel de “repórter-cidadão”, compartilhando os sentimentos e expectativas do público-leitor quanto a uma atitude do governo em resposta aos atentados. A intenção é também de reavivar alguns dos valores americanos (DATESMAN, 1997: 245-55) mais fortes como, por exemplo:

- *Individual Freedom e Self-Reliance* (individualismo e independência)
  - (1) “*Defense in not foreign policy anymore, it’s domestic*” [T1T];
  - (2) “*What can I do? I have already given blood*” [T1T];
- *Competitiveness and Hope* (competitividade; esperança; crença no sucesso individual)
  - (3) “*Wall Street retaliates by getting back to business*” [T1T];
  - (4) “*You can’t stop if you’re an American business*” [T1T];
- *Pragmatism* (pragmatismo; resolver os próprios problemas à sua maneira)
  - (5) “*This conflict was begun on the timing of others. It will end in a way and at an hour of our choosing.*” [T1T];
  - (6) “*If you do not act as our friend, we will consider you our enemy*” [T1T];

- *America: The Land of Opportunities* (América: terra de oportunidades)
  - (7) “(...) That anyone lucky enough to be able to live in America, share its vices and freedoms and gifts, surely would not want to destroy it”. [T1T];
  - (8) “In a week when everything seemed to happen for the first time ever (...)”. [T1T];
- *Material Wealth and Hard Work* (riqueza material e trabalho)
  - (9) “Everyone fights back in his own way; Wall Street retaliates by getting back to business. “We’ll have conference calls every morning,” a boss tells his team, whose offices have been vaporized. “I want that letter of intent in the morning.” You can’t stop competing if you’re an American business”. [T1T];

O exemplo (7) remete a valores políticos e econômicos da sociedade americana que definem o caráter da nação perante o mundo, isto é, uma identidade que é reafirmada num momento crucial de sua história, a América com a terra de oportunidades. Já “*freedom*”, no exemplo (1), diz respeito a uma das palavras populares mais respeitadas entre os americanos mesmo após os atentados. Chamamos a atenção sobre o fato que esses valores se manifestam de forma mais pontual em [T1T], cuja função apelativa é bastante sensível, assim como em [T1V].

As matérias de *Veja*, por outro lado, não são assinadas. Segundo informações conseguidas via atendimento ao leitor, as matérias desta edição foram encomendadas por *Veja* pelo seu diretor de pautas internacionais ao escritório da revista em NY. Essa atitude parece indicar uma posição consensual da revista em mostrar a culpabilidade de ambos os lados: os terroristas pela “enormidade da agressão” e a nação americana pelas invasões feitas, anteriormente, ao Afeganistão. Podemos dizer, então, que *Veja* consegue elaborar um texto mais jornalístico no sentido de ser mais informativo ao leitor brasileiro, valendo-se da não censura no Brasil. É dada a oportunidade ao leitor de conhecer os fatos, mas também de saber que os EUA incitaram o ódio entre muitos povos árabes.

Predomina, porém, a tendência, em (12), (14) e (16), de adotar uma postura de defesa do governo americano, justificando possíveis atitudes futuras em razão da natureza dos atentados classificados em (11) e (12) como “*atrocidades*”, “*agressão*”. Em (16) e (17) observamos que a função de *formar opinião* se sobrepõe àquela de informar o leitor, ou seja, não é dado ao leitor a oportunidade de pensar diferente sobre os fatos, apresentados de maneira impositiva pela revista. O leitor é levado a acreditar que (13) as nações não ocidentalizadas são todas bárbaras, que os atentados (17) agrediram todo um sistema de vida ocidental (predominantemente americano) e que (12), o contexto de guerra, subentendido, é a

reação natural de todos os povos “*guerreiros*”, entre eles os americanos, conforme os exemplos:

- (10) “*Uma das primeiras coisas que se ouviram foi o clamor por revanche. Os americanos acham que é preciso dar o troco.*” [T1V];
- (11) “*A única superpotência tomou-se alvo de fanáticos dispostos a tudo. Como a nação mais poderosa do planeta pode proteger-se das atrocidades terroristas?*” [T1V];
- (12) “*O momento pertence aos guerreiros, reação natural diante da enormidade da agressão.*” [T1V];
- (13) “*Com os atentados, o relativismo sofreu um abalo: por alguns dias, pelo menos, o mundo voltou a ser dividido entre países civilizados e nações bárbaras. E, contra os bárbaros, políticos e analistas pediram “vingança.”*” [T1V];
- (14) “*Como Israel, os Estados Unidos estão ansiosos para demonstrar que os ataques sempre serão respondidos.*” [T1V];
- (15) “*Política de retorno aos costumes medievais implantada pelo Taliban, a milícia fundamentalista que domina a maior parte do território.*” [T1V];
- (16) “*O fundamentalismo islâmico é, em boa medida, a manifestação de uma elite que exerce sobre seus povos uma tirania milenar, baseada na religião e nos costumes imutáveis. Se é contra a civilização ocidental é porque não pode conviver com seus princípios básicos, notadamente a liberdade política e individual.*” [T1V];
- (17) “*Os aviões da semana passada não foram jogados contra prédios, mas contra um sistema de vida. Esta guerra está apenas começando.*” [T1V];

Chamamos a atenção para a expressão tipicamente brasileira “dar o troco” em (10). Essa lexicalização da palavra “vingança”, confere aos atentados um caráter de picuinha ou uma rixa menor entre as duas nações, cujos pólos centram-se no controle de poços de petróleo iraquianos e no fanatismo religioso.

O efeito dos textos é evidenciado em outro vértice dessa relação: o **RECEPTOR**: a) leitores latino-americanos e eventuais americanos residentes na América Latina e b) leitores brasileiros, primordialmente. O perfil<sup>96</sup> dos leitores pode ser obtido através de uma consulta aos *mediakits* dos periódicos. Um confronto entre eles apresenta o seguinte resultado:

---

<sup>96</sup>A princípio esta tabela seria apresentada no Capítulo 1 – Item: 1.5.6, referente ao perfil das revistas. Entretanto como o perfil do leitor é, também, um condicionante cultural, decidimos explicitá-lo junto a este tópico no sentido de contribuir para a caracterização dos leitores das revistas sob o ponto de vista das mesmas.

Tabela 4.2 - Dados Referentes ao Público Leitor

<i>TIME</i>	<i>Veja</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Open minded;</li> <li>• Value perspective over attitude, intensely curious about the story behind the story, willing to have their assumptions challenged;</li> <li>• Are surprised by the world around them;</li> <li>• <b>Wants to know “why”</b>;</li> <li>• Active, engaged and interested;</li> <li>• U.S. consumers. TIME READERS;</li> <li>• *[They have] a powerful connection and intimate involvement with the editorial.”;</li> <li>• <b>Engaged</b> in their pursuits and ideas;</li> <li>• Individuals who are <b>curious</b> about the world around them and the world at large;</li> <li>• <b>Passionate</b> about many things—work, family, leisure time;</li> <li>• [What separates a TIME reader from the rest of the pack is an insatiable] <b>desire to be informed</b>. That thirst for understanding carries across the disciplines that define our lives and our time;</li> <li>• TIME readers are <b>influentials</b> and leaders, and their friends often ask their advice before purchasing;</li> <li>• [TIME is the magazine for the] intellectually curious.</li> </ul> <p><i>*relativo ao número de contatos que a revista recebe dos leitores diariamente. Grifos do mediakit da revista</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Maioria das classes alta e média;</li> <li>• Alto nível educacional e de consumo;</li> <li>• 55% têm curso superior;</li> <li>• Está na faixa dos 20- 40 anos;</li> <li>• 52% são mulheres;</li> <li>• “Consumidores que querem entender o mundo”;</li> <li>• [“leitura obrigatória para] quem deseja qualidade de informação;</li> <li>• Leitores que gostam de estar bem informados;</li> <li>• 1.000.547 assinantes (80% da vendagem da revista);</li> <li>• 4.253.000 milhões de leitores em 2004 (cerca de 4 por exemplar);</li> <li>• Tiragem semanal de 1.250.000 exemplares semanais em média;</li> <li>• Circulação líquida de 1.092.000 exemplares;</li> <li>• 8.000 correspondências de leitores por mês à redação, sendo que 7.400 são por E-mail (92,5% do total);</li> <li>• 90% do total de assinantes recebe a revistas no domingo pela entrega direta;</li> <li>• 910.000 assinaturas, sendo 182.000 avulsas e 4.636, no exterior (dados de Dezembro de 2004, segundo site Publiabril.</li> </ul>

É possível observar que a *TIME* valoriza o perfil intelectual dos leitores interessados em “*to know why*” (saber o porque), enquanto *Veja* busca identificá-los e vender por números. Parece-nos, no entanto, que a revista americana compromete o ‘desejo de informação’ dos leitores ao ceder à censura imposta pelo governo americano, optando pelo consumo da revista que, a exemplo da *Veja*, foi comprada e guardada como registro do fato pelos leitores. A revista americana omitiu uma série de fatos que cercavam os motivos reais para a invasão do Iraque, segundo Magalhães (2005) como a intenção de dominar poços de petróleo na região. A omissão destes dados conduz a uma homogeneidade informativa, possível de ser comprovada pesquisando-se outros periódicos da época sobre o mesmo tema, como a *Newsweek* ou a *Isto É*. Estas informações, aparentemente desconexas da análise proposta neste trabalho, demonstram o grau de conhecimento exigido sobre o fato por parte do jornalista-tradutor, de modo que este possa prever quais informações serão utilizadas para compor o relato sobre a notícia.

Em relação a *Veja*, o acesso às informações não foi diferente. Sem a imposição da censuras, a revista brasileira apresentou mais detalhes sobre os atentados aos seus leitores. Nesse sentido e, comparada a *TIME*, *Veja* construiu um relato mais jornalístico, mais informativo, buscando associações com fatos da história, o depoimento de fontes para corroborar este relato e torná-lo pertinente ao um leitor que ‘quer entender o mundo, que gostam de estar bem informados’. Por outro lado, há também em *Veja* a tendência de homogeneizar a opinião dos leitores, através do uso de impessoalidades e perguntas retóricas, ou seja, a revista abre o questionamento ao leitor, mas ela mesma se encarrega de respondê-lo, assumindo um caráter impositivo:

- (18) “*Como a nação mais poderosa do planeta pode proteger-se das atrocidades terroristas? A questão talvez tenha de ser formulada de outra forma: qual deve ser o papel dos Estados Unidos nessa nova conjuntura? Bush pode decidir mudar sua política de distanciamento em relação às áreas de conflito no exterior.*” [T1V]
- (20) “*Como se pode lidar com terroristas cujo objetivo é retomar ao século VIII? Eles não fazem exigências, não pedem dinheiro para libertar reféns. Só querem ver sangue.*” [T1V]
- (22) “*Se destruíssem Israel, o que viria depois? Os terríveis atentados nos Estados Unidos dão idéia do que são capazes.*” [T1V]
- (23) “*As mortes de quem saltava, transmitidas para todo o planeta, foram vistas ao vivo por mais de 150 milhões de pessoas. Por que eles saltavam? Por que não aguardaram pelo socorro até o último momento? “Porque o suicídio é uma reação-limite, mas esperada do ser humano”, diz Márcio Bernik, coordenador do Ambulatório de Ansiedade do Instituto de Psiquiatria da USP.*” [T3V]

Em (23) a pergunta retórica é respondida pela fonte (*Márcio Bernik*) cuja opinião, convém lembrar, é incluída no relato de modo a complementar a avaliação do jornalista-tradutor e por ser compartilhada pela revista.

A forma de expressão das duas revistas nos convida a investigar o fator **MEIO**. Segundo Nord<sup>97</sup> (1991:58), o meio determina, de modo geral, as expectativas do receptor em relação à função textual do meio de divulgação da informação. *Veja* e *TIME*, são periódicos que tem um grande alcance de público e estão há muito tempo no mercado editorial. Dessa forma, o leitor espera encontrar um relato isento, objetivo que retrate a realidade, conforme os depoimentos transcritos na entrevista<sup>98</sup> on-line realizada para esta pesquisa. Para o jornalista-tradutor o conhecimento sobre o Meio pode direcionar o tipo de informação e o como ela é

<sup>97</sup>As a general rule, the medium determines the recipient’s expectations as to text function

<sup>98</sup> Ver: Anexo 2.

repassada ao leitor. Pensando sobre as esferas de Esser, podemos depreender a esfera institucional, ou seja, os padrões que regem níveis de normatividade internos às redações e que influem também na produção textual jornalística. *Veja* procura fornecer "a melhor cobertura dos acontecimentos", segundo Tales Alvarenga<sup>99</sup>, diretor de redação ao passo que a *TIME* valoriza a perspectiva e quer descobrir os fatos por trás dos fatos, conforme é possível depreender partindo-se do perfil do leitor.

Influenciando o Meio e o relato, estão o **LUGAR** e o **TEMPO** da produção e recepção textual, neste caso, a América Latina e Brasil. Estes itens cercam o texto-em-situação, ou seja, a proximidade geográfica e temporal que podem influir o tipo de abordagem para o fato. Pela distância geográfica dos Estados Unidos, o jornalista-tradutor tende a explicitar alguns dados que localizem o leitor brasileiro, aproximando-o dos fatos, como por exemplo, a menção às torres gêmeas como arranha-céus em Nova York, um dado óbvio ao leitor americano. Já o Tempo permite ao tradutor-jornalista considerar dados que já sejam, ou não, do conhecimento do leitor de modo a omitir ou explicitar informações que construam um relato mais objetivo e isento, segundo os princípios da produção jornalística. No caso do corpus, chamamos a atenção para a data de publicação dos periódicos: *TIME* sai em edição especial duas semanas após os atentados, ao passo que *Veja*, cerca de uma semana depois. Como explicar então que o teor jornalístico entre elas tenha tantas semelhanças? Provavelmente porque as fontes de informação foram as mesmas: rádio e redes de televisão, sendo que a ausência da censura beneficiou a revista brasileira a sair na frente.

Nos chama, também, na atenção na questão Tempo o que Stuart Hall (1997) chama de "geometria do poder", ou seja, culturas mais fortes pautando fatos que conseguem abafar assuntos de interesse nacional, como estes que estavam em vigência na época dos atentados, e que foram apagados pela força do tema do terrorismo<sup>100</sup> como o novo código civil que estava sendo implantado no Brasil; a visita de João Paulo II à favela do Vidigal; protesto contra o desemprego que fechou a ponte da Amizade em Foz do Iguaçu; denúncias de corrupção na CBF. Só para se ter uma idéia a cobertura jornalística noticiou diariamente os atentados durante o restante do mês de Setembro e Outubro quando a guerra contra o Iraque começou.

---

<sup>99</sup> <http://www.abril.com.br/institucional/50anos/veja.html> .

<sup>100</sup> As notícias nacionais que pautavam a mídia na época podem ser revistas no site do jornal nacional no site da Rede Globo: <http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,3586-p-11092001,00.html>

Esse conjunto de informações remete ao motivo ou **PROPÓSITO** textual o que, segundo Nord<sup>101</sup> (1991:67) é a razão do texto ter sido escrito, o que no caso dos TJs seria porque alguma coisa importante aconteceu. O propósito do TJ é basicamente retratar o fato tal como aconteceu, pessoas envolvidas, suas conseqüências e é diretamente relacionado com a função deste e o efeito desejado sobre o público receptor. Nesse nível é perceptível a atuação conjunta das esferas social e institucional influenciando a atuação individual dos jornalistas, seus valores subjetivos e sua postura política. Ao tradutor cabe contrastar o motivo da produção do TF (se houver um) com o da produção do TT a fim de estabelecer “o impacto deste contraste sobre as decisões tradutórias. Enquanto que o motivo para a produção do TF é freqüentemente encontrado no “ambiente” do Emissor ou produtor textual, o motivo para a produção do TT pode ser inferido a partir daquilo que é conhecido sobre a situação de tradução.” (NORD<sup>102</sup>, 1991:69). Nesse sentido, o Propósito de *TIME* e *Veja* pode ser estabelecido, respectivamente, em mostrar que o terrorismo precisava ser combatido a qualquer custo e que a atitude mais correta era permanecer a favor da nação americana e, convencer o leitor brasileiro de que os americanos estavam certos em lutar contra o terror.

Percebemos a inter-relação do Propósito com o fator Intenção dos jornalistas-tradutores da *TIME* e da equipe de jornalistas-tradutores da *Veja*, aproximando os dois universos de informação. Desse modo, a tradução do “11 de setembro” se faz com base nas informações que estavam disponíveis em contexto estrangeiro, sendo o restante adicionado por *Veja*, a partir dos princípios de equilíbrio e isenção para o relato jornalístico. Nesse sentido, “a dimensão do motivo relaciona a situação comunicativa com os participantes do evento que estão fora, particularmente anteriores à situação.” (NORD<sup>103</sup>, 1991: 68).

Por fim, o fator mais importante dentro desse contexto de análise textual proposto por Nord, resulta da configuração de todos os fatores mencionados anteriormente: a **FUNÇÃO**. Como a própria autora comenta, a função só é completada ou atribuída ao texto na situação concreta da produção ou recepção textuais representando, assim, um fator crucial em

---

<sup>101</sup>For what reason (was the text written?) (...) a news report is written because something of importance has happened.

<sup>102</sup>The impact this contrast has on the transfer decisions. While the motive for ST production is often to be found in the “environment” of the sender or text producer, the motive for TT production can be inferred from what is known about the transfer situation.

<sup>103</sup>The dimension of motive relates the communicative situation and the participants to an event that is outside, or rather prior to, the situation.

muitas abordagens para a tradução orientada para análise de textos” (NORD<sup>104</sup>, 1991:70). A função ou funções comunicativas que o TT deve atingir para os receptores na cultura de chegada, guiam todas as decisões e escolhas realizadas pelo tradutor, de acordo com Nord (2003).

No caso do *corpus*, a função primeira dos TJs é a de informar os leitores sobre os fatos e, conseqüentemente, formar a opinião desses leitores. Porém não podemos esquecer o que nos diz Frank Esser sobre as condições sociais gerais que determinam o *modus operandi* do jornalismo em cada país. Logo, subjazem às funções de informar e formar opinião, outras sub-funções dependentes, também, da identidade nacional e cultural do jornalismo nos seus contextos de atuação. Apresentamos a seguir as funções que podem ser relacionadas à *Veja* e *TIME*, começando pela revista brasileira:

- Referencial: informa sobre às áreas atingidas pelos aviões em Nova York, Washignton e Nova Jersey; o local de origem do terrorista Osama bin Laden e dos pilotos suicidas. É informativa e didática nos gráficos que preenchem a matéria.
- Fática: atrai os leitores referindo-se ao papel do Brasil no contexto dos atentados; mantém o dialogo através das perguntas retóricas e do uso de impessoalidade.
- Apelativa: tenta igualar a posição de americanos e muçulmanos como entidades do bem e do mal, respectivamente, uma associação mais facilmente assimilada por um país predominantemente católico como o Brasil. Usa o incêndio do edifício Joelma em São Paulo para reavivar experiências prévias dos leitores e assume o apoio aos americanos.
- Expressiva: refere-se ao WTC, às vitimas brasileiras, ao depoimento de sobreviventes, entre eles brasileiros, com adjetivos avaliativos.

O *corpus* da *TIME*, por sua vez, apresenta as funções:

- Referencial: informando sobre os locais dos atentados; os locais de origem dos terroristas e bin Laden, a localização geográfica de países árabes como Afeganistão; de países considerados aliados na luta contra o terrorismo; Miami onde os terroristas viveram.
- Expressiva: a repórter se posiciona como cidadã americana em primeira pessoa e avalia a situação a partir do ponto deste ponto de vista.

---

<sup>104</sup>Which a text fulfills in its concrete situation of production/reception. (...) [It] is a crucial factor in most approaches to translation-oriented text analysis.

- Apelativa: utiliza de adjetivos avaliativos e pronomes em primeira pessoa para incluir-se no grupo de leitores. Isso lhe permite chamar a população americana para reagir contra os atentados “restaurando um tipo de vida normal”. Os leitores estrangeiros são persuadidos através da imagem de crianças órfãs, de famílias desfeitas, do relato de sobreviventes e através do retrato de bin Laden construído com exemplos do seu fanatismo religioso.
- Fática: informa com rigor os momentos seguintes aos atentados, conduzindo o leitor para dentro de uma narrativa “tri-dimensional” do fato, ao mesmo tempo em que atenta para as prováveis reações do presidente americano.

Ao determinar os fatores externos (Emissor, Meio, Lugar, Tempo, Propósito, Intenção e Função) o tradutor consegue determinar o *skopos* do texto, verificando quais os elementos relevantes do TF que influem a produção do TT, ao mesmo tempo em que pode estabelecer todos os procedimentos a serem considerados para a tradução, levando esses fatores em consideração. A importância da função comunicativa “não é simplesmente uma característica constitutiva fundamental dos textos, mas também determina as estratégias de produção textual”(NORD<sup>105</sup>,1991:17).

Através de uma análise geral do modelo textual, considerando os fatores situacionais e lingüísticos, o tradutor estabelece o que Nord (1991:21) chama de “*function-in-culture*” (função-em-cultura), neste caso, do fato noticioso. A partir da definição da função-em-cultura, ou seja, da função que o texto adquiriu na cultura-fonte, é possível estabelecer uma “função-em-cultura *prospectiva*<sup>106</sup>”, ou seja, determinar os elementos que construam a função do texto voltado à cultura-alvo, além de isolar e identificar os elementos da cultura-fonte que devam ser preservados ou adaptados na tradução. Dessa maneira, considerar a presença de condicionantes culturais pertinentes aos contextos de produção e recepção, favorece a produção de um texto funcionalmente adequado ao público receptor. Normalmente, os jornalistas-tradutores não dependem da análise desses fatores visto que conhecem bem o perfil do seu público-leitor, assim como as suas expectativas em relação ao tipo de tratamento dado à reportagem produzida pelo veículo.

A presença desses condicionantes é inerente às situações de produção e recepção textuais, estando presentes, em meio jornalístico, tanto na tradução intra-cultural (quando o fato é transportado dentro do seu próprio contexto) quanto na inter-cultural (quando o fato

---

<sup>105</sup>Is not only fundamental constitutive features of texts, but it also determines the strategies of text production.

<sup>106</sup>(prospective) function-in-culture

ultrapassa fronteiras). A presença destes condicionantes pode revelar, também, o modo como o texto adquire sentido para o leitor-destinatário associando as informações contidas nos textos com todo o conhecimento prévio que o leitor já traz consigo.

Ao contrário do que se poderia esperar do modo como a tradução é conduzida em meio jornalístico, como transcodificação isenta, *Veja*, equivalente nesta pesquisa à cultura de chegada, utiliza várias marcas referenciais ao contexto brasileiro para se referir a determinados itens como apresentamos, adiante, sobre o léxico. Podemos concluir que, se esses textos tivessem sido traduzidos de forma literal não teriam viabilizado a produção de sentido junto ao leitor. Cumpririam com a função de informar, mas não seriam textos funcionalmente adequados ao leitor-final. E é justamente a tradução cultural destas marcas, o ajuste dos condicionantes como o momento histórico-cultural, os fatores que garantem a apropriação completa do texto pelo leitor, é o que prende a atenção do leitor e o faz continuar lendo até o final, porque os fatos remetem a idéias, imagens, conhecimentos já internalizados e as associações para formação de sentido são mais rápidas e eficientes. Oriundas do contexto situacional, essas marcas se materializam na estrutura interna do texto, ou seja, nos constituintes lingüísticos ou no que Nord chama de fatores intratextuais, aos quais conduzimos a nossa próxima etapa de análise.

#### **4.3.2 Fatores Internos – A Organização Lingüística do Texto**

A análise dos fatores que estruturam lingüisticamente o corpus revela como a situação comunicativa é articulada para chegar à função ou ao propósito textual, intencionado pelo autor ou produtor textual. Esses fatores dizem respeito ao tema principal das reportagens, o conteúdo e a sua estruturação/argumentação, ao léxico desvendando as cadeias isotópicas ou as redes de relações semânticas que podem ser estabelecidas ao longo do texto, a sintaxe, aos elementos supra-segmentais e não verbais que culminam no efeito que o texto exerce sobre o receptor. Visto que uma análise mais detalhada de todos estes itens excede os objetivos propostos, propomos uma abordagem parcial, mas que revele os elementos lingüísticos que estruturam a situação comunicativa. Os resultados são elencados a seguir.

O primeiro fator a ser analisado é o **TEMA**, cuja importância é fundamental para o jornalista-tradutor. Um mesmo tema dominando todo o texto pode sugerir que é coerente, além de revelar o contexto cultural de chegada através das marcas de pressuposições feitas

tendo em vista o leitor em prospecção. O tema revela também dados da esfera histórico-cultural em Esser. O tema indica também para o tradutor se ele possui a competência exigida para a re-textualização, como no caso de terminologias técnicas ou criadas para um assunto em particular. O tema constituinte do *corpus* são os atentados ligados, por sua vez, ao que denominados neste estudo de ‘sub-temas’, ou seja, histórias menores que auxiliam a construir o tema dos atentados, como é o caso de [T1T] e [T1V]. Já as terminologias que podem ser consideradas técnicas e que pedem explicitações na tradução tanto literal como cultural, aparecem em [T2T] sobre os pilotos suicidas. Existem referências à “*sleepers*”, células terroristas que ficam na espera de ordens superiores para atacar e “*PENTTBOM*”, sigla para “*pentagon twin towers bombing*” ou “bombardeio das torres gêmeas e do Pentágono”. No caso dos TJs, o tema pode ser revelado também através do lide<sup>107</sup> ou das redes de relações semânticas criadas pelo léxico, conforme demonstramos mais adiante ainda neste item.

A seguir apresentamos a temática do *corpus* conforme as traduções culturais de *Veja* e *TIME*.

- [T1T] é considerado pela revista um “*memorial issue*”, uma edição em memória das vítimas. O sub-tema, “*Mourning in América*” (*luto na América*) recria os minutos que se seguiram aos atentados. O texto não possui lide e infiltra-se pelas esferas histórico-social, institucional e subjetiva (ESSER, 1998). Retrata o contexto histórico de maneira pessoal, refletindo interesses do governo (censura), da redação e da própria editora-chefe Nancy Gibbs. Os TJs são normalmente escritos em terceira pessoa (efeito de objetividade ou distanciamento) e passam pelo crivo dos reatores antes de serem publicados, o que não acontece em *TIME* devido ao uso de pronomes em primeira pessoa e do posicionamento direto da repórter. Projetar esse narrador em “eu” produz um efeito de subjetividade, favorecendo o envolvimento e proximidade do leitor com o fato (SOARES, 2001:35), ou seja, o relato ganha em verossimilhança e credibilidade junto ao leitor. Se não era possível investigar os atentados, a solução foi reforçar uma imagem de vítima da nação americana

(24) *Among the casualties last week was our sweet certainty that anyone lucky enough to be able to live in America, share its vices and freedoms and gifts, surely would not want to destroy it.* [T1T]

---

<sup>107</sup>O termo esta aportuguesado conforme o seu uso na área jornalística. A palavra em inglês é escrita: *lead*.

A narrativa adquire veios surrealistas no sentido de que a narrativa apresentada ao leitor recria detalhes, do ponto de vista da repórter, minuciosos do local dos desabamentos, dando a sensação ao leitor de ter estado presente no momento em que as torres desabaram. Segundo Coimbra (2002:47), este “é o modo de narrar de quem não somente conhece todos os acontecimentos, mas até mesmo os pensamentos das personagens”, como no exemplo:

(25) *What can I do? I've already given blood – people started to realize that what they could do was exactly, as precisely as possible, whatever they would have done if all this hadn't happened.* [T1T]

Nancy Gibbs presenciou e foi, ela mesma, personagem dos atentados na condição de cidadã americana: “A presença deles no interior da narrativa valoriza-a” (...). O próprio repórter torna-se o centro do acontecimento que cobre e, portanto, a melhor fonte de informação.”(Ibid:46-7). Esta é uma estratégia que sugere credibilidade ao relato jornalístico e que, neste caso, exerce função expressiva, falando ao sentimento do leitor à medida em que o posiciona também como elemento participante dos fatos.

- Já [T2T] traduz os atentados do ponto de vista dos pilotos-suicidas. O texto reconstitui suas vidas do momento em que chegaram aos Estados Unidos até o embarque no dia 11 de setembro. Chamamos atenção para o lexema *breed* em: “*The new breed of terrorist*”. Este lexema demonstra como os terroristas são representados na revista americana, pois além de significar “geração”, *breed* implica também em raça ‘de animais’. O lide: “*An inside look at the lives of the men behind the attacks. Now dozens of their associates may be at large in the U.S. What will come next?*” explicita ao leitor-destinatário reações de medo e insegurança após os atentados.
- [T3T] é uma espécie de biografia sobre Osama bin Laden, abordando fatos da infância até o seu recrutamento e a organização dos grupos terroristas. O título “*The Most Wanted Man In The World*” faz uma referência cultural à origem texana do presidente Bush e aos filmes de faroeste nos quais os pistoleiros tinham suas fotos expostas com a palavra “*Wanted*” e o valor de sua recompensa, conforme explicitado no lide: “*He lives a life fired by fury and faith. Why terror's \$250 million man loathes the U.S.*”. É interessante notar o campo semântico, revestido com uma certa ironia e que denota o radicalismo do terrorista, formado pelos lexemas “*life fired, fury and faith*”, uma vida inflamada pela fúria e pela fé.

Pelo contexto brasileiro, *Veja* representa culturalmente o tema da seguinte maneira:

- [T1V] aproxima-se de [T1T] quanto à ausência do lide. Apesar de alguns trechos semelhantes, o título “*A Descoberta Da Vulnerabilidade*” traduz friamente o significado dos acontecimentos, afinal nem os Estados Unidos referidos como “império” na capa estavam imunes a ações desta natureza. Entretanto, logo de início é perceptível o tom político e ideológico de apoio e sensibilização em relação aos americanos, conferindo ao texto a função de mensagem política que se sobrepõe àquela de reportagem isenta.
- [T2V] recorta o fato e focaliza o desabamento das torres. O título “*A Morte no Fogo, num Salto ou no Desabamento*” é, em si, exemplo da existência de um filtro cultural atuante através dos valores-notícia, visto que o Brasil é um país sem histórico de terrorismo. Tal fato suscita a curiosidade do leitor através dos elementos do: ‘Inesperado’; da ‘Tragédia’; do Drama; da ‘Raridade’ e também do ‘Conflito’. A resposta é apontada no lide em forma de pergunta retórica: “*Como os pilotos suicidas conseguiram destruir as torres feitas para resistir a colisões, incêndios tremores? Juntaram tudo isso num atentado*”:

(26) “*Quem estava acima do ponto de colisão não tinha chance de passar pela parede de chamas que tomou quase dez andares de cada construção. Todas essas pessoas acabariam morrendo - no fogo, num salto de mais de 300 metros ou no desabamento*”.  
[T2V]

- [T3V], a exemplo de [T3T], apresenta Osama bin Laden como “*O Inimigo Número 1 da América*”, fazendo referência à vilões de histórias em quadrinhos inimigos dos heróis. A pesquisa terminológica faz referência a pessoas que cometem crimes ou atos de contravenção. O lide “*Depois de Khomeini, Kadafi e Saddam Hussein, o mundo islâmico produz outro pesadelo para os Estados Unidos: o terrorista Osama bin Laden*” refere-se a líderes também de origem islâmica como bin Laden e, em tom assertivo, induz o leitor a associar terroristas com qualquer representante do mundo árabe, conforme imagem divulgada pelos americanos. Comentamos este lide no item Pressuposições.

Das inferências a respeito dos títulos passamos à leitura propriamente dita dos textos que integram o *corpus*, ou seja, o **CONTEÚDO** e um desdobramento em relação à **ESTRUTURA** textual. Segundo Nord<sup>108</sup> (1991:90) o conteúdo é uma “referência do texto

---

<sup>108</sup>Reference of the text to objects and phenomena in an extra-linguistic reality, which could as easily be a fictitious world as the real world.

aos objetos e fenômenos numa realidade extralingüística que, poderia ser tanto um mundo fictício quanto um mundo real”, como é o caso do *corpus* em questão. A expressão do conteúdo está diretamente ligada a expressões lexicais e sintáticas, as quais abordamos adiante, adotando o mesmo estilo do item anterior, a separação por periódicos.

O conteúdo da *TIME* se organiza desta forma:

- [T1T], composto por 12 parágrafos entremeados por fragmentos de hinos religiosos protestantes. O tema e sub-temas conteúdo gira em torno do pânico e insegurança entre a população; do resgate e procura pelas vítimas, do significado das torres para a nação americana; das reações do governo e coalizões com países aliados, especula sobre quem eram os terroristas e do patriotismo entre os americanos e no mundo.
- [T2T] possui a estrutura maior: 31 parágrafos, iniciando segundo o estilo da pirâmide invertida<sup>109</sup> a fim de reconstituir os passos dos seqüestradores dos aviões. A partir daí volta no tempo, detalhando a vida que levavam em Miami, as aulas de pilotagem nas escolas de aviação da Flórida e os hábitos estranhos para os padrões americanos. A reportagem mostra também investigações e descobertas do FBI. Neste ponto o autor especula rapidamente sobre suspeitas que já existentes sobre os seqüestradores, questionando o porque de nada ter sido feito e terminando com a certeza de outros grupos ainda não descobertos, chamados “*sleepers*”.
- [T3T], também no estilo pirâmide invertida, inicia expondo a visão de bin Laden sobre Deus e sobre a religião muçulmana, em 26 parágrafos. Comenta a influência de um de seus professores sobre seus preceitos religiosos e o compara a Hitler. A reportagem continua expondo a criação da Al Qaeda, a liderança de bin Laden, a origem de sua fortuna para sustentar os treinamentos terroristas e o negócio de “exportação” dos homens para países estrangeiros (como foi o caso dos Estados Unidos). O texto termina lembrando os ataques ao WTC em 93 e a guerra da Somália da qual os americanos fugiram rapidamente e um depoimento de bin Laden sobre o sucesso dos ataques.

---

<sup>109</sup>A pirâmide invertida é um jargão jornalístico para identificar um formato de textos em que a parte mais importante da notícia ou da informação é colocada logo no primeiro parágrafo. A pirâmide é invertida porque, ao contrário das pirâmides físicas, as informações mais importantes vêm primeiro, no início do texto. O formato tornou-se uma unanimidade na imprensa porque poupa tempo do leitor e permite que o texto seja cortado para adequar-se ao espaço editorial disponível, sem comprometer a qualidade da notícia ou da informação.

*Veja*, dentro da ótica brasileira, re-textualiza as informações conforme os itens a seguir. As matérias não são assinadas, tendo sido encomendadas, segundo o serviço de atendimento ao leitor, pela equipe de internacional ao escritório da mesma em Nova York. Deste texto maior<sup>110</sup>, foram feitos cortes de modo a selecionar os trechos que poderiam ser mais significativos ao leitor brasileiro. Alguns destes apresentam semelhanças com a revista americana devido à fonte de informação ter sido a mesma para ambos, provavelmente rádio e televisão e, devido à censura aos órgãos de imprensa americanos.

- [T1V] é constituído de 11 parágrafos e, semelhante ao primeiro texto da TIME, possui sub-temas orbitando o tema central dos atentados, como as decisões que seriam tomadas pelo governo americano, o ataque japonês a Pearl Harbor para justificar uma possível ofensiva e dados sobre a teoria do relativismo cultural. No primeiro parágrafo observa-se o uso do registro coloquial “zigzagueado”, como uma marca de aproximação entre o leitor brasileiro e o evento relatado:

(27) *Bush seria depois criticado por ter zigzagueado por entre as bases militares em vez de retomar logo sua cadeira no coração do poder americano, a Casa Branca. O fato é que se temia outro ataque terrorista bem-sucedido, dessa vez à sede da Presidência [T1V].*

O uso deste tipo de registro tem a função de aproximar o leitor brasileiro dos fatos, fazendo com que associe a expressão a registros históricos pessoais podendo, então, formar a imagem da “fuga” do presidente americano. Neste fragmento notamos o posicionamento da revista brasileira a favor da nação americana ao buscar justificar o ato de “fuga” do presidente americano, direção esta que permeia todo o texto de abertura em questão, conforme (28) e (29). Neste último exemplo o enfoque considerando as nações árabes e a cultura muçulmana como um “mal da humanidade”, trazendo ao leitor-final uma referência preconceituosa a estes povos: “a turma do turbante”. *Veja* ignora, entretanto, que esta peça de vestimenta não possui *per se* associações religiosas e que comunidades islâmicas indianas, por exemplo, usam o turbante e não são terroristas.

(28) *Com os atentados, o relativismo sofreu um abalo: por alguns dias, pelo menos, o mundo voltou a ser dividido entre países civilizados e nações bárbaras. E, contra os bárbaros, políticos e analistas pediram “vingança”. [T1V]*

---

<sup>110</sup> [http://www.portalbrasil.net/reportagem\\_atentado\\_wtc.htm](http://www.portalbrasil.net/reportagem_atentado_wtc.htm)

(29) *A oposição à globalização já existia como fenômeno ambientalista, de minorias, das ONGs e dos sindicatos. Agora também deve levar em conta essa nova complicação: o Islã como fonte de preocupação para a paz mundial. A globalização incomoda a turma do turbante pela modernidade que traz no bojo. O fundamentalismo islâmico é, em boa medida, a manifestação de uma elite que exerce sobre seus povos uma tirania milenar, baseada na religião e nos costumes imutáveis. Se é contra a civilização ocidental é porque não pode conviver com seus princípios básicos, notadamente a liberdade política e individual". [T1V]*

Outros sub-temas que interagem neste primeiro texto referem-se a [cara e ineficiente] segurança americana, questiona a política que George Bush poderia adotar, apresenta a figura do Gal. Colin Powel articulador da resposta americana ao “horror da destruição”; a dificuldade de se infiltrar espões americanos em tropas muçulmanas.

- [T2V] direciona o enfoque para 6 parágrafos, sucintos e limitando-se a explicar a causa do desabamento das torres, corroborada pelo depoimento de especialistas brasileiros sobre os fatos, como o vice-presidente da Gol ou de psicólogos para explicar o porque de algumas pessoas terem cometido suicídio ao esperarem pelos resgates. O uso das fontes pressupõe um discurso com aspas cuja função é a de conferir veracidade, confiabilidade às informações transmitidas. O texto termina com um enfoque bem específico para retextualizar os atentados: os brasileiros sobreviventes que não apareceram nas reportagens da *TIME*.
- [T3V], com um parágrafo a menos, compara bin Laden, à líderes-ditadores responsáveis por períodos sombrios da história da humanidade, como: *Átila, Gêngis Khan e Hitler*. O texto explica o tipo de terrorismo praticado por bin Laden e a origem do seu fanatismo religioso. A exemplo de [T3T] fala sobre a origem da Al-Qaeda e de momentos da vida pessoal do terrorista. Relembra a guerra fria contra Sadan Hussein, a guerra do Golfo e no Afeganistão e conclui a reportagem com um depoimento de bin Laden sobre os atentados. Essa retomada histórica ajuda a definir o contexto do fato noticioso para o leitor brasileiro. Nesse sentido, podemos dizer que mesmo ideológica, *Veja* consegue um texto de cunho mais jornalístico se comparada a *TIME* que não retoma momentos em que os Estados Unidos também agiram como invasor para o leitor-destinatário.

Em síntese, é possível observar uma progressão temática no *corpus*, ou o que Soares (2005) chama de “realidade discursiva”, isto é, quando o discurso do jornalismo e, neste caso a tradução jornalística, se constitui como a própria realidade. Dessa forma, ao organizar a

realidade culturalmente, o jornalismo coloca-se como *tradutor de fatos*. Em *TIME* temos um primeiro texto-memorial narrando a tragédia sob o ponto de vista mais próximo dela, da repórter que compartilha o sofrimento com o leitor para que, no texto dois, o leitor possa conhecer os responsáveis por essa tragédia e, finalmente no texto três, revelar o líder que comandou a ação. Em *Veja*, esta mesma realidade é traduzida partindo-se de um texto de valor político-ideológico, imbuído de solidariedade aos americanos para então relatar ao leitor brasileiro o como as torres caíram e, a exemplo da *TIME*, apresentar o mentor dos fatos. Dessa forma, os fatores **Conteúdo** e **Estrutura** revelam o perfil das atividades do jornalista e os procedimentos de trabalho nas redações filtrando as informações relevantes acerca do acontecimento a serem publicadas ou não, considerando critérios de valores-notícia, a postura hierárquica do veículo, além do perfil do leitor e seu conhecimento prévio.

Essa relação entre ‘conteúdo’ e ‘conhecimento prévio’ do leitor nos leva a outro fator pertinente à lingüística textual: as **PRESSUPOSIÇÕES**, relacionadas às estratégias de expansão ou omissão utilizadas no ambiente da tradução e mencionadas explícita ou implicitamente, dependendo do efeito intencionado junto ao leitor. Para Nord<sup>111</sup> (1991:96), as pressuposições se referem a objetos e aos fenômenos aos quais a cultura pertence, ou seja, englobam todas as informações que o Emissor pressupõe que façam parte do conhecimento do receptor. A lógica nessa situação é imaginar que o Emissor pré-suponha informações que o leitor consiga reconstruir.

No caso do *corpus*, isto se verifica através de menções a personalidades, momentos históricos ou locais que aproximam o fato geográfica e culturalmente do leitor em contexto estrangeiro. Essas decisões são tomadas em relação ao tipo de público que caracteriza o veículo e ao conhecimento prévio que devam possuir. Para isso, os fatores mencionados no item **Receptor** são úteis, pois reúnem os leitores em grupos com características específicas. Por essa razão afirma-se que o jornalismo de revista é um jornalismo de massa.

No *corpus* da *TIME* as pressuposições referem-se envolvem três grupos principais:

- **Estados Unidos:** valores americanos<sup>112</sup>, seriados da TV americana nos quais as torres aparecem no cenário (*Sex and the City*, *Wall Street*, *Working Girl*, *The Sopranos*), a cidade de Manhattan para

<sup>111</sup>The presuppositions often refer to objects and phenomena (“realia”) of the culture belongs to (...) presuppositions comprise all the information the sender expects (= presupposes) to be part of the recipient’s horizon.

<sup>112</sup>Ver: Cap. 4 – Item 4.3.1 – exemplos 1-9.

compreender a localização dos prédios, hinos religiosos americanos; procedimentos de embarque nos aeroportos americanos, a cidade da Florida, atentados ao WTC em 93;

- **Guerras:** genocídio nazista, guerra do Kuwait e Somália;
- **Afeganistão:** conhecer a posição geográfica do Afeganistão invasão dos Afegãos à antiga URSS, as cidades de Meca e Medina.

Os textos da *Veja* pressupõe quatro grupos principais com referências a:

- **Guerra:** Guerra fria, do Afeganistão, Saddam Hussein e Kuwait, Aiatolá Khomeini.
- **Americanos:** Ataque terrorista ao WTC em 93, Timothy McVeigh<sup>113</sup> o assassino de Oklahoma, ataque japonês a Pearl Harbor, bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki.
- **Atentados terroristas:** Chacinas em Roma e Viena em 85.
- **Leitores brasileiros:** incêndio no edifício Joelma em São Paulo e ter viajado alguma vez de avião.

As pressuposições referentes ao grupo de leitores permite aos mesmos atribuir sentido ao texto e estabelecer uma ponte entre o seu conhecimento prévio e o conhecimento novo adquirido através da leitura. Entretanto, nem sempre essas pressuposições são coerentes. No exemplo abaixo<sup>114</sup> de [T3V], a noção do mal é construída culturalmente através da comparação entre bin Laden e outras figuras representativas do lado negativo na história da humanidade. A ligação entre os líderes comparados a bin Laden é feita, primordialmente, através de Hitler. Entretanto, a partir do conhecimento prévio do líder nazista os leitores tendem a estabelecer a conexão de que todos eram terroristas, pessoas violentas, desequilibradas, ainda que desconhecendo algum dos nomes apontados pela revista. No entanto, a conexão intencionada é a de que, a exemplo de bin Laden, todos foram grandes líderes extremistas e que conquistaram um grande número de seguidores. A intertextualidade em (30) é significativa e tem a função de mostrar a história da humanidade, o ‘caminho do mal’.

- (30) *“Ao longo da história, o mal exibiu varias feições. Ele já teve os traços de Átila, o Huno, do mongol Gêngis Khan, do austríaco Adolf Hitler, do soviético Josef Stalin, do cambojano Pol Pot e do ugandense Idi Amin Dada. Hoje, o mal não comanda um exército, não mora em um palácio, não discursa a multidões. Seu rosto é o do saudita Osama bin Laden.”* [T3V]

<sup>113</sup>Considerado pelos Estados Unidos um terrorista doméstico, McVeigh explodiu uma biblioteca em Oklahoma em 1985, causando milhares de mortos e vitimas. Foi considerado o maior ataque terrorista da história dos Estados Unidos até o 11 de setembro. McVeigh foi movido pela religião, e considera-se um vingador e um herói. Disponível em: [http://www.crimelibrary.com/serial\\_killers/notorious/mcveigh/dawning\\_1.html](http://www.crimelibrary.com/serial_killers/notorious/mcveigh/dawning_1.html).

<sup>114</sup>**Gengis Khan** –líder mongol conhecido como o “grande matador, déspota sanguinário”, comandou muitas execuções e massacres de chineses. **Pol Pot** – líder comunista cambojano. Matou mais de 2 milhões de pessoas e criou o que se chama de “killing field” ou campos de matança. **Idi Amin Dada** – ditador e líder ugandense. Os que não o apoiaram no golpe militar, foram assassinados, decapitados, tiveram suas cabeças expostas na mesa de jantar de Dada que comeu parte de suas carnes. Viveu exilado no Afeganistão ate sua morte em 2003.

Esse processo de filtragem mostra que as escolhas feitas pelo jornalista-tradutor sobre o *como* relatar o fato indicam a inexistência de imparcialidade ou neutralidade no relato jornalístico. Essas escolhas se fazem tendo um leitor em prospecção que compartilha dos mesmos traços culturais do jornalista. Portanto, dessa perspectiva, os TJs permitem aproximar ou afastar culturas e abrem espaço para a compreensão da visão do Outro partindo da sua ótica, e não dos nossos próprios parâmetros. Ter a consciência da visão do Outro evita o perigo de julgamentos falsos, pois os condicionantes culturais estão sempre presentes no texto, ainda que nem sempre tão visíveis. Do ponto de vista do leitor, os condicionantes permitem estabelecer uma ponte entre o seu conhecimento prévio e o conhecimento novo adquirido através da leitura do texto. Desse modo, é possível dizer que o texto só existe se essa ponte é completada pelo leitor que, por sua vez, atribui sentido ao ato da leitura, ou seja, confirma o fato de que o texto só é completado quando da leitura do destinatário final.

Mas, em se tratando de jornalismo de revista e de textos que não podem perecer rapidamente, os periódicos fazem uso do que Nord chama de **ELEMENTOS NÃO-VERBAIS**<sup>115</sup>, ou seja, signos derivados de outros códigos lingüísticos empregados para suplementar, ilustrar, evitar ambigüidade ou intensificar a mensagem do texto (NORD, 1991:108). Estes elementos assumem um papel complementar na comunicação verbal, envolvendo fotos, ilustrações, emblemas e impressão especial. Podemos dizer que a fotografia, no ambiente do jornalismo pressupõe credibilidade e veracidade comprovando as informações relatadas e trazendo a realidade ao conhecimento do leitor.

O uso das imagens pela *TIME* produz também um efeito de maior comoção. Especialmente para o leitor em contexto estrangeiro, as fotos conseguem o efeito que o texto pode não exercer em razão das variáveis de afastamento cultural ou geográfico, por exemplo. A edição que utilizamos neste estudo traz imagens de uma edição anterior, publicada dois dias após os acontecimentos. Todos os textos iniciam com tipos maiores sobre fundo preto. Fotos menores são legendadas e os textos são escritos em até três colunas. Os resultados mais significativos são descritos abaixo:

- [T1T] - As bordas superior e inferior das páginas são emolduradas por fotos das vítimas. As laterais trazem uma moldura que lembra a arquitetura das torres. Na abertura da reportagem, uma foto de página inteira se desdobra em mais duas como um pôster do local dos escombros dos

---

<sup>115</sup>Signs taken from other, non-linguistic codes, which are used to supplement, illustrate, disambiguate, or intensify the message of the text.

desabamentos. É nesse texto que se utiliza pela primeira vez a expressão “*ground zero*” como referência ao local em que as torres ficavam.

- [T2T] - A reportagem abre com fotos em close e de página inteira dos dois terroristas que se chocaram contra as torres e mostra fotos menores da escola de aviação onde estudaram em Miami e de pessoas que eram seus vizinhos.
- [T3T] - Traz uma foto de bin Laden também de página inteira, com um tom avermelhado.

Em razão de o texto escrito não reproduzir efeitos sonoros da fala, há a necessidade de se utilizar recursos que remetam a esses efeitos como: características de entonação, pausas, recursos gráficos, pontuação, maiúsculas e itálico, ou seja, **MARCAS SUPRA-SEGMENTAIS**. Essas marcas integram o que Nord<sup>116</sup> (1991:109) chama de uma “contextualidade pragmática reduzida dos textos escritos”. Neste caso, os elementos não-verbais e as marcas supra-segmentais podem desvendar informações tão relevantes quanto o próprio texto escrito.

No caso do *corpus*, uma grande parcela dos leitores deve ter guardado as revistas em razão das fotografias. Jornais, pelo material de que são feitos, tendem a se deteriorar mais rapidamente do que revistas que, além disso, são espaços que acondicionam mais detalhes sobre os acontecimentos. Nesse sentido, a tendência de colecionar os exemplares responde ao desejo de lembrar os acontecimentos mais prontamente. Se o *skopos* da tradução, neste caso, exigir o mesmo efeito do TF, o tradutor deve considerar o uso dos elementos não-verbais de modo a atingir uma coerência destes com os outros fatores para se conseguir um texto mais funcional. Alguns desses elementos são previsíveis dentro da tipologia de TJs, como o uso de travessões, aspas e parênteses. No *corpus*, predominam: a) aspas e números – com a função de aproximar o discurso da imprensa do discurso científico, ou seja, ganhar em objetividade, imparcialidade e credibilidade. Afinal, o uso de depoimentos precisa comprovar aquilo que é informado.

No *corpus*, a recorrência é de números que aparecem para datar fotos em ordem cronológica; b) fontes em tamanho maior, a maioria branca sobre fundo negro, com a função de chamar a atenção do leitor para dentro do texto e para as informações importantes que contém; c) espaçamento entre parágrafos e fontes no início de cada um em itálico. As fotos, na *TIME*, são utilizadas como uma informação a mais, não sendo intercaladas com o texto e, existe a repetição do título da matéria no alto das páginas, com a função de lembrar o leitor da temática da reportagem. Embora não possamos afirmar se esta é uma tendência recorrente à

---

<sup>116</sup>Reduced pragmatic contextuality of written texts.

revista, naquela que utilizamos para este estudo esse fato se verifica. A *Veja* não usa este espaçamento, mas interpõe fotos e textos com a função de oferecer ao leitor uma visão abrangente dos fatos, comprovar o relato das informações e garantir que a reportagem seja lida integralmente.

O conjunto desses fatores é aplicado às redes semânticas infiltradas no texto, isto é, as cadeias isotópicas (palavras-chave) que materializam o **Tema** e o **Conteúdo**. Esses campos semânticos constroem a argumentação dos textos e são expressos através da seleção **LEXICAL**. O léxico é determinado, segundo Nord (1991:112), pelos fatores externos (referentes à situação na qual é utilizado) e internos (relacionado a conteúdo, assunto, pressuposições, características formais e informais da gramática e marcas supra-segmentais). O léxico é uma das maneiras de demonstrarmos a construção lingüística textual, por exemplo: as cadeias isotópicas podem refletir a **Intenção** (fator externo) do produtor textual através da seleção de palavras e revelar também o **Efeito** intencionado sobre o **Receptor**.

Em relação a *TIME*, o léxico tem a função de corresponder às expectativas dos leitores que esperam encontrar na revista a “*to know why*” (saber o por quê), o que motivou os atentados. As escolhas lexicais tendem estabelecer um pólo do “bem contra o mal”, isto é, o mundo civilizado (Estados Unidos e países aliados) contra as nações bárbaras (países árabes muçulmanos). Mas, essa mesma leitura no âmbito da América Latina<sup>117</sup> pode ter um efeito contrário, visto que, a nação americana não é uma unanimidade nesse contexto e que, em se tratando do contexto brasileiro não há a mesma necessidade de cultuar heróis, como induz o já conhecido patriotismo americano. Nesse sentido, a seleção lexical da *TIME* (tabela 4.3) objetiva construir perante o mundo a imagem de um país ‘do bem’ atacado ‘injustamente’ por um país ‘do mal’. A resposta iminente de combate ao terrorismo desloca-se para um sintagma que a *TIME* adiciona à revista latina no subtítulo de capa — *for a war*, voltado ao que *veja* chama de “*grotões do terceiro mundo [T1V]*” que escondem terroristas.

As escolhas lexicais em *Veja* (Tabela 4.4), especialmente em [T1V], assumem um tom político e ideológico com o uso constante de adjetivos avaliativos em favor da nação americana buscando reforçar, entre os leitores brasileiros, valores (americanos) ocidentais para o que ficaria conhecido depois como a “luta contra o terror”. Neste mesmo texto, *Veja* faz uma generalização perigosa ao afirmar que ‘todo árabe é saudita’ e que ‘o uso do turbante

---

<sup>117</sup> Não podemos esquecer de que os textos das edições americanas e brasileira são iguais em conteúdo e layout.

caracteriza o terrorista’. Este é um exemplo importante da exigência de Nord (1991) em relação à competência cultural, não somente lingüística, do tradutor, pois o turbante é, antes de tudo, um traje de utilidade prática (protege contra o sol) associado cultural, e não doutrinariamente, à religião muçulmana. Povos da região do Punjab, noroeste da Índia, usam o turbante e não são, necessariamente, islamitas ou terroristas. Portanto, sendo o léxico também revelador de traços culturais, agrupamos os temas principais sobre os quais se constrói a rede semântica do *corpus*:

**Tabela 4. 3 – Rede Semântica no Corpus da TIME.**

<b>EUA</b>	<i>Anyone lucky enough to be able to live in America, share its vices and freedoms and gifts, surely would not want to destroy it.</i>
<b>WTC</b>	<i>Like when you have a teeth pulled and keep feeling for the space with your tongue; the WTC were so big; two great brothers of New York; ground zero; lodestars; local mountains.</i>
<b>Atentados</b>	<i>Terror on this scale; airplanes into missiles; unthinkable; now we will see those shots and know they came Before.</i>
<b>Terroristas</b>	<i>Our enemies; they; the killers who hate us; an enemy we have never met; suicide bombers; zealots; wave of killers.</i>

**Tabela 4.4 - Rede Semântica no Corpus da Veja.**

<b>EUA</b>	<i>Vulnerabilidade; a Casa Branca; o país mais poderoso do mundo; império; a única superpotência; nação mais poderosa do planeta; território americano; superpotência; [guerra da] superpotência; vulneráveis a um ataque; demônio americano; país satânico.</i>
<b>WTC</b>	<i>Ícones de sua identidade nacional; destaque no horizonte de arranha-céus de Nova York; simbolizava a supremacia econômica da superpotência; coração do poder Americano.</i>
<b>Bin Laden</b>	<i>[É preciso dar o troco], mas contra quem?; responsável pelo atentado; principal suspeito; milionário saudita.</i>
<b>Atentados</b>	<i>Ataque terrorista bem sucedido; ofensiva terrorista em larga escala, sem similar na história; terrorismo; atrocidades terroristas; enormidade da agressão; atentados; horror da destruição em Nova York; terror; ataque da semana passada; o terror islâmico; o cenário de morte e destruição em Nova York e Washington; planejamento sistemático; operação dessa magnitude; ataque terrorista de grandes proporções; horrores; ato de vingança contra os estados unidos; fundamentalismo islâmico; atentado insano; via impor a versão fanática do islã a todo o mundo; terríveis atentados; terríveis atrocidades.</i>
<b>Terroristas</b>	<i>Terroristas; fanáticos dispostos a tudo; seqüestradores; milícia fundamentalista; “covardes que não mostram a cara”; minoria radical; disposição fanática para matar e morrer; ódio incontrolável aos Estados Unidos; só querem ver sangue; são todos árabes, usavam passaporte saudita; turma do turbante.</i>

A ordem desses lexemas na oração nos chama a atenção para a **SINTAXE**<sup>118</sup>. Em TJs prevalecem as regras da gramática normativa, logo, mesmo o registro de expressões coloquiais, como percebemos em *Veja*, devem ser aceitas no padrão formal<sup>119</sup>. Em *Veja*, observamos ocorrências de orações subordinadas; períodos simples no modo indicativo;

<sup>118</sup> A sintaxe será desdobrada em uma análise específica nos itens: 4.4.2 e 4.4.3 do presente Capítulo, conforme os objetivos propostos no início desta pesquisa.

<sup>119</sup> Ver Capítulo 1 - item: 1.5.4 – referente à linguagem jornalística.

partícula “se” reflexiva; advérbios modalizadores em –mente; auxiliares modais e locuções verbais e o predomínio dos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito. Já o *corpus* da *TIME* utiliza, com frequência, auxiliares modais; orações subordinadas; períodos simples no modo indicativo; advérbios de modo; passiva; condicional e o passado simples.

O último fator interno estabelecido por Nord como parte dos da análise textual é o **EFEITO DO TEXTO** sobre o **Receptor**. Isto se verifica através do contraste entre o conteúdo e o *background* do leitor, isto é, entre o conhecimento novo adquirido através da leitura e o seu conhecimento prévio, conforme explicitamos nas **Pressuposições**. Desse modo, segundo a autora<sup>120</sup>, “o efeito que um texto exerce sobre o receptor é o resultado (provisório ou definitivo) do processo de comunicação” (NORD, 1991:130). Assim, dependendo da função textual, algum fator interno ou externo pode ser mais fortemente afetado do que outros contrariando o **Efeito** intencionado pelo Iniciador ou Produtor textual. No *corpus*, o resultado da revista americana é a comoção do leitor e o seu convencimento, seja americano ou estrangeiro, de que os atentados eram injustificáveis e que os muçulmanos representariam, na outra ponta, a encarnação do mal. Já o efeito conseguido por *Veja* foi dualístico, ou seja, frieza, curiosidade e comoção, provavelmente em razão dos sentimentos contraditórios nutridos pelo leitor brasileiro em relação à cultura americana (dominante) e pela banalização da violência a que o país está acostumado no noticiário.

Finalizando esta primeira parte da análise, apresentamos exemplos de algumas das *marcas culturais* mais significativas presentes no *corpus*, isto é, referências da cultura local (brasileira e americana) que o jornalista-tradutor tende a compartilhar, conscientemente ou não, com o seu leitor-destinatário, a fim de adequar o texto funcionalmente ao público. Essas marcas culturais nem sempre são perceptíveis, no entanto estão sempre presentes e demonstram como um mesmo fato é abordado em diferentes culturas.

---

<sup>120</sup>The effect that a text has on the recipient is the (provisional or definite) result of the communicative process.

Tabela 4.5 – Marcas Culturais Presentes no Corpus.

<b>T1T</b>  <b>T1V</b>	The world Trade Center Towers <u>were so big they had their own zip code;</u>	<i>O país mais poderoso do mundo viu ícones de sua identidade nacional ser alvejados com desconcertante facilidade (...)</i>
	They are missing. I am looking for these two <u>great brothers of New York.</u>	<i>as torres gêmeas do World Trade Center, cujo destaque no horizonte de arranha-céus de Nova York simbolizava a supremacia econômica da superpotência.</i>
	(...) The towers were the <u>lodestars</u> . Those were my <u>local mountains</u> ”	<i>As Torres do World Trade Center</i>
	The World Trade Center were so big that they had their own zip code; <u>will that number now be retired, like that of a baseball hero suddenly gone?</u>	<i>A alteração mais imediata diz respeito ao fim do mito da invulnerabilidade do território americano</i>
	The rest of the city was strangely quiet, missing something, <u>like when you have a teeth pulled</u> and keep feeling for the space <u>with your tongue</u>	<i>Os aviões da semana passada não foram jogados contra prédios, mas contra um sistema de vida.</i>
<b>T2T</b>  <b>T2V</b>	The brothers gave the right answers to standard security questions and had valid Ids, one of them <u>a proper-looking Commonwealth of Massachusetts driver’s license.</u>	<i>Um bombeiro que atuou no incêndio do prédio Joelma, em São Paulo, há 27 anos, conta que o calor era tão intenso que a pele de seu rosto, seu pescoço e suas mãos começou a se soltar.</i>
	<u>If Harvard, Yale and M.I.T.</u> draw the world’s future biochemists, these small four- and five plane aviation schools attract the globe’s future pilots. (...) The 727 full-motion simulator is a multimillion-dollar contraption that twists and bucks and turns on hydraulic piston <u>like a Disney ride</u>	<i>“A turbulência seria tão forte diante da parede que tiraria o Boeing da trajetória”, explica David Barioni Neto, vice-presidente técnico da companhia área Gol</i>
<b>T3T</b>  <b>T3V</b>	(...) ABC News in 1998, <u>“In today’s wars, there are no morals.</u>	<i>A toda ação corresponde uma forma de reação”, declarou à rede de televisão ABC, em 1998.</i>
	<u>his al-Qaeda curriculum included lessons in sabotage, urban warfare and explosives.</u>	<i>Osama bin Laden tem uma folha corrida que justifica sua fama e as novas e terríveis suspeitas que agora pesam sobre ele.</i>

Em relação ao primeiro par de textos [T1T/T1V], as marcas ressaltam o modo como as torres gêmeas são vistas em ambas as culturas: segmento de uma nação que chega a personificá-las como parte do corpo humano (*teeth pulled – dente extraído*) e como mito do sistema capitalista vigente. Sobre os textos de número dois [T2T/T2V], chamamos a atenção para a referencia ao incêndio do Joelma em São Paulo em 1974 como forma de aproximar o leitor brasileiro dos incêndios nas torres e a menção feita a instituições de ensino americanas de renome comparadas às escolas de aviação que treinaram os pilotos terroristas. O texto usa

também os brinquedos da Disney para aproximar, neste caso o leitor americano, da tecnologia empregada nestas escolas par treinamento dos pilotos. TIME utiliza ainda outro recurso visando aproximar o leitor (americano ou conhecedor da cultura americana) do tipo de situação que permitiu aos terroristas o embarque nos aviões sem gerar problemas de segurança: a carteira de motorista que funciona neste país como o nosso documento de identidade. Por fim, no último par de textos [T3T/T3V], atentamos para a expressão de caráter informal e típica do universo policial brasileiro (*folha corrida*) utilizada por *Veja* para se referir aos crimes de bin Laden e as estratégias de omissão (*TIME*) e explicitação (*Veja*) do significado de ABC, referência cultural clara ao contexto americano.

Ressaltamos que a própria escolha temática e a organização interna do *corpus*, representa, em si, uma marca cultural associada ao conceito de valores-notícia, visto que as escolhas se inter-relacionam com os fatores de **Intenção, Propósito, Meio e Efeito**. O que é de interesse dos leitores americanos (reconstituir os passos dos terroristas em território americano) não o é para os leitores brasileiros (voltados ao como as torres desabaram), por exemplo, em relação à [T2T/T2V]. A nosso ver, as abordagens se distinguem no sentido de que a *TIME* apela para a comoção e patriotismo, comum aos americanos sugerindo que, se bin Laden tivesse tido a chance de viver em território americano e compartilhar dos seus valores<sup>121</sup>, nada disso teria acontecido. *Veja*, por outro lado, direciona sua abordagem para divisão estabelecida entre povos ocidentais (*EUA, Brasil e aliados*) considerados da ‘turma do bem’ e os povos considerados bárbaros (*muçulmanos, árabes*) parte da ‘turma do turbante’. Considerando o fator interculturalidade<sup>122</sup>, podemos dizer que ambos os periódicos o ignoram, visto que partem de seus próprios parâmetros para julgar as crenças e valores orientais e glorificar seus próprios valores ocidentais, isto é, sua própria ótica de avaliação.

A nosso ver, tal fato leva a comprovação da hipótese formulada no início deste estudo: o fato de que os TJs são culturalmente marcados devido à influência recebida da cultura para a qual se destinam, ocasionando um deslocamento de enfoque, isto é, uma perspectiva diferente de abordagem para o “11 de setembro”. As tabelas apresentadas na seqüência ratificam nossa conclusão no sentido de que quaisquer semelhanças ou diferenças entre os periódicos não ocorrem por acaso. Se é que existem pontos de semelhança entre os

---

<sup>121</sup>Ver: Cap. 4 – Item: 4.3.1

<sup>122</sup> Ver Cap.1 – Item 1.4

textos do *corpus*, podemos dizer estas se devem pelo fato de os repórteres terem “bebido da mesma fonte”, ou seja, terem buscado informações nas únicas fontes não censuradas pelo governo americano na época, as agências de notícias internacionais, caminho que também representa a tradução jornalística. As agências mais citadas no *corpus* são: AP (*Associated Press*); Reuters; Gamma; AFP (*Agence France-Presse*); Getty Images; CNN; IPOL e Pool. Alguns exemplos de tradução via agência de notícias são apresentados na seqüência.

**Tabela 4.6 – Exemplos de Tradução via Agências de Notícia entre [T1T/T1V]**

[T1T]	[T1V]
(a) In a week when everything <u>seemed to happen for the first time ever</u> , the candle became a weapon of war. (...) As we are fighting <u>an enemy we have never met</u> .	<i>A última vez que os Estados Unidos testemunharam um ataque terrorista (...) em 1995 (...) com 168 mortos. (...) Os americanos acham que é preciso dar o troco – mas contra quem? O problema óbvio da retaliação é a dificuldade em identificar o alvo.</i>
(b) Our enemies had turned <u>the most familiar objects against us</u> , turned <u>shaving kits into holsters and airplanes into missiles</u> and soccer coaches and newlyweds into involuntary suicide bombers.	<i>Tudo de que os terroristas precisaram para criar o cenário de morte e destruição em Nova York e Washington foram passagens aéreas e facas</i>
(c) After the Pentagon was hit, generals called their families and <u>told them not to drink the water, it could be poisoned</u> . Sales of <u>guns and gas masks spiked</u> (...) People wore sneakers with their suits in case they had to fly fast down the stairs.	<i>A única superpotência tomou-se alvo de fanáticos dispostos a tudo. Como a nação mais poderosa do planeta pode proteger-se das atrocidades terroristas?</i>
(d) The <u>terrorists had unified their opponents</u> in an instant. The band played the U.S. national anthem during the changing of the guard at <u>Buckingham Palace</u> . Dublin’s shops closed for a day of mourning and <u>Canadian</u> stores sold out of American flags. We are all Americans, was the headline in <u>Le Monde</u> .	<i>Precisam da ajuda dos outros países democráticos para uma ação conjunta e persistente contra o terrorismo. (...) Provavelmente os Estados Unidos darão prioridade aos aliados que os ajudem na manutenção da ordem. É o tipo de discussão da qual o Brasil geralmente fica de fora.</i>
(e) Congress had become a coalition government; <u>defense is not foreign policy anymore, it’s domestic</u> . President Bush declared a state of emergency and called up the reserves	<i>Em vez de tomar decisões unilaterais, como tem feito desde que assumiu, em janeiro, o presidente pode admitir que os Estados Unidos sozinhos são incapazes de garantir a própria segurança. * (...) talvez a Casa Branca resolva ser ainda mais isolacionista, olhando para o próprio umbigo e tentando manter longe as encrencas do Terceiro Mundo.</i>
(f) <u>This nation is peaceful, but fierce when stirred to anger</u> ” the President said. This conflict was <u>begun on the timing and terms of others</u> . It will <u>end in a way and at an hour of our choosing</u> .	<i>(...) O momento pertence aos guerreiros, reação natural diante da enormidade da agressão. Advertiu Colin Powell. “Isso vai exigir um ataque múltiplo em várias dimensões.”</i>

No cruzamento entre os primeiros textos, percebemos que *Veja* aborda os fatos de forma mais objetiva e fria (a/b) em relação ao modo como agiram os terroristas, reconhecendo o posicionamento irrelevante do Brasil na busca dos americanos por aliados (d - o *Brasil*

geralmente fica de fora) explicitados em *TIME* e omitidos em *Veja*. Já em (c), a pergunta feita por *Veja* é, de certa forma, respondida no exemplo correspondente em *TIME*. No exemplo (e) percebemos a crítica feita aos americanos por não considerar aliados os chamados países de terceiro mundo, fechando-se num clima de resistência ‘doméstica’, como afirma *TIME*, ou numa postura ‘isolacionista’, segundo *Veja*. Isto porque os americanos, de acordo com a *TIME*, tinham sido pessoalmente atingidos quando as torres (símbolo do país) foram atacadas. Por fim, em (f) percebemos a maneira como *Veja* induz a leitura do seu público no sentido de um posicionamento a favor da guerra (reação natural) a ser deflagrada pelos americanos, considerados ‘guerreiros’. Os atentados acabaram, depois, por justificar a invasão do Iraque, servindo para que o governo definisse melhor ações de invasão já previamente definidas.

A próxima Tabela (4.7) volta-se para o tema ‘bin Laden’. O modo como o terrorista é retratado na *TIME* (k), incita um sentimento de indignação e necessidade de revide entre a população, ao mesmo tempo em que tenta justificar (j) o ódio que alimenta o terrorista através do apoio americano a cidade de Israel, considerada a mais ocidental das nações árabes, conforme relatos em redes de televisão nos dias subsequentes aos atentados. Chamamos a atenção mais uma vez pela maneira mais objetiva de *Veja* (g –h) de se referir à vida pessoal do terrorista. Embora saibamos que não existe neutralidade no relato jornalístico, *Veja* tenta se aproximar desse princípio ao evitar detalhes de cunho físico e familiar sobre o terrorista, como o faz *TIME*, na tentativa de oferecer ao seu leitor a imagem do inimigo que (a - “*we have never met (desconhecido)*). Em (l) é possível notar a paridade entre algumas referências, como a *CIA* e os soviéticos. Não há explicitação para a agência americana em razão de ser internacionalmente conhecida, ao contrário do termo árabe *mujahedin* (*TIME*), explicitado em *Veja* como *rebeldes afegãos*. Outras semelhanças podem ser observadas em (m) no qual as duas revistas explicitam para os leitores o termo *Al-Qaeda* e o número de participantes dessa rede terrorista.

**Tabela 4.7 – Exemplos de Tradução via Agências de Notícias entre [T3T/T3V]**

[T3T]	[T3V]
(g) <u>Osama bin Laden (...) tall, thin, soft-spoken 44-year-old hadn't been born rich, or if he'd been born rich but not a second-rank a Saudi.</u>	Seu rosto é o do saudita <i>Osama bin Laden</i> . Ele está sendo apontado como o <i>provável cérebro por trás do ataque ao coração do império americano</i> .
(h) <u>Though bin Laden grew up, wealthy (...). As the son of immigrants, he didn't have quite the right credentials [to live in the charmed circle in Saudi Arabia] His mother came from Syria by some</u>	<i>Não se sabe ao certo a data de seu nascimento</i> , no final dos anos 50. Laden é o <i>décimo sétimo dos 52 filhos que o construtor Mohamed bin Laden, uma das maiores fortunas da Arábia Saudita, teve com</i>

<u>reports, Palestine by others. His father moved to Saudi Arabia from neighboring Yemen, a desperately poor country looked down on by Saudis.</u>	<i>várias mulheres.</i>
(i) We believe the worst thieves in the world today and <u>the worst terrorists are the Americans. We do not have to differentiate between military or civilian. As far as we are concerned, they are all targets.</u>	Eles não <i>jogaram a bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki?</i> Não apoiaram os <i>massacres de crianças e adolescentes na Palestina?</i> <i>Nossa fatwa (sentença de morte) se dirige, então, a todos os americanos. Nós não os diferenciamos pelos trajés.</i>
(j) There's the <u>indignation over U.S. support for Israel; the sense of grievance over the perceived humiliations of the Arab people at the hands of the West.</u>	<i>Seu alimento é o apoio americano a Israel. A primeira manifestação do terrorismo de Estado foi (...)</i>
(k) In many ways, bin Laden's story is like <u>that of many other Muslim extremists. There's the fanatical religiosity and the intemperate interpretation of Islam;</u>	Esse foi o caminho escolhido por <i>tiranos muçulmanos</i> (...) Trata-se de uma visão que <i>mistura fundamentalismo religioso, oportunismo doméstico e obscurantismo.</i>
(L) During the same years, <u>the CIA, intent on seeing a Soviet defeat in Afghanistan, was also funneling money and arms to the mujahedin. (...)</u> <u>In 1989, the exhausted Soviets finally quit Afghanistan</u>	Nesse ponto, reside uma <i>grande ironia: o atual inimigo número 1 dos americanos pode ter recebido treinamento da CIA, que gastou 3 bilhões de dólares para ajudar os rebeldes afegãos. (...)</i> <i>Os soviéticos se retiraram depois de dez anos de conflito</i>
(m) In the early 1980s, Abdullah Azzam founded the Maktab al Khidmat, which later morphed into an <u>organization called al-Qaeda (the base). (...)</u> As a result, U.S. officials believe bin Laden's group controls or <u>influences about 3,000 to 5,000 guerrilla fighters or terrorists in a very loose organization around the world.</u>	Seu bando, chamado Al Qaeda ("A Base", em árabe), "terceiriza" terroristas pertencentes a diversos grupos. Dessa rede macabra, calcula-se que <i>façam parte 3.000 facínoras. Laden financia seus atentados com o próprio dinheiro</i> - é dono de uma fortuna estimada em 270 milhões de dólares - e com o que arrecada entre os <i>simpatizantes de sua causa</i>

Estes exemplos demonstram que os caminhos da tradução em ambiente jornalístico também ocorrem em textos assumidamente traduzidos via agências de notícia (ZIPSER, 2002). Não é o caso aqui de uma tradução literal, até porque não se tem um TF como já afirmamos, mas sim um fato-gerador e vários provedores (as agências) que acabam homogeneizando a rede de informações. Tal fato corrobora a idéia de que os órgãos de imprensa, americanos e internacionais, tiveram acesso às mesmas fontes informativas no caso do "11 de setembro". Mais uma vez comprovamos o fato de que, mesmo não tendo origem em um TF, não existe neutralidade na produção textual jornalística.

#### 4.4 A Modalização no TJ

Conforme explicitamos na Introdução desta pesquisa, a sintaxe nos serve de meio de demonstração para comprovarmos a ocorrência de um deslocamento de enfoque no *corpus*.

Acreditamos que a atuação da sintaxe seja fortemente marcada no mesmo, embora não perceptível ao nível da superfície a exemplo do léxico, em razão de que as funções de informar e formar a opinião do leitor possam vir a prevalecer uma sobre a outra. Consideramos, para efeito de análise, os auxiliares modais em português e inglês conjuntamente com a ‘modalização periférica’, ou seja, recursos modalizadores adicionais atuantes no discurso da imprensa. Conforme a abordagem funcionalista, partimos do eixo maior mais abrangente (modalizadores periféricos) para o mais específico (auxiliares modais).

#### 4.4.1 A Modalização Periférica no *Corpus*

Os ‘*modalizadores periféricos*’ mais recorrentes no *corpus* são: *asserções*, *marcadores de foco*, *intensificadores* e, o que Maingueneau (2001) chama de ‘*modalização em discurso segundo*’. A sua função é a de reforçar a premissa de objetividade e imparcialidade no relato jornalístico. As Assertivas, na sua maioria, localizam-se no eixo da modalidade lógica, razão pela qual conferem um valor de verdade as proposições e assumem a função de formar a opinião do leitor. Em proposições como estas o leitor é levado a acreditar no seu valor de mundo real, isto é, na leitura apresentada como sendo a “única”. É muito difícil duvidar delas. A forma mais comum de apresentá-las é com o verbo *ser* na terceira pessoa, típico da linguagem jornalística:

- (31) *É preciso desencadear uma guerra fria ao terror.* [T1V]
- (32) *É o tipo de discussão da qual o Brasil geralmente fica de fora.* [T1V]
- (33) *Seu rosto é o do saudita Osama bin Laden.* [T3V]

Os Marcadores de Foco (34), (35), (36) e Intensificadores (37), (38), (39) (AZEREDO, 2001) constituem recurso cuja função é formar a opinião do leitor, além de permitir a expressão da opinião do próprio veículo sem que, no entanto, esta seja percebida diretamente pelo leitor. Em sua maioria, ambos aparecem unidos a assertivas, mascarando ideologias que são próprias da redação, isto é, são lidos como um espelho do fato, cuja função é manter o compromisso de neutralidade, conforme os exemplos:

- (34) *Seu corpo vai se deformando até transferir sobre a superfície atingida.* [T2V]
- (35) *Ele já teve os traços de Átila.* [T3V]
- (36) *Mesmo se não for responsável pelo ataque infame.* [T3V]
- (37) *Era perigoso demais.* [T1V]

- (38) *Vive-se agora uma realidade muito mais perigosa.* [T1V]  
 (39) *O terrorista é tão mais assustador porque está sempre associado.* [T3V]

Já a Modalização em Discurso Segundo (MAINGUENEAU, 2001) é bastante sensível no jornalismo de revista e exerce a função de dar credibilidade ao discurso jornalístico. Refere-se especialmente ao uso de aspas, pois legitima o discurso da imprensa como aquele que dá voz às outras instituições sociais que o integram. Sua outra função é a de manter uma pretensa imparcialidade, pois as informações são creditadas a outros, não ao próprio veículo. Porém, se pensarmos nas esferas de influência apontadas por Esser (1998) e também na concepção de texto de Nord (1991) sendo influenciado por forças externas, esse tipo de modalização representa em si um filtro cultural, à medida que o veículo seleciona o discurso segundo que melhor ‘traduz’ e confirma o seu enfoque para o acontecimento:

- (40) *Em editorial, o influente Washington Post diz que...* [T1V]  
 (41) *...o antropólogo americano preconiza que ...* [T1V]  
 (42) *... explica David Baroni Neto, vice-presidente da companhia aérea Gol.* [T2V]  
 (43) *.... diz o arquiteto paulista Rubens Ascoli Brandão que defendeu ...* [T2V]

Isto nos mostra que as orações sempre comportam algum tipo de modalidade, se consideramos que a proposição manifesta um ponto de vista, o juízo, do Emissor sobre os fatos, atuando diretamente sobre o Receptor. Os exemplos selecionados caracterizam um grau de modalização implícito, no sentido de que “é improvável que um conteúdo asseverado em um ato de fala seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento e pelo julgamento do falante” (NEVES, 2000: 5-6)

No contexto da escrita jornalística, estes exemplos, em especial as asserções e a modalização em discurso segundo, conferem credibilidade aos textos, pois se apresentam como afirmações independentes do emissor, da sua avaliação. Dessa maneira é possível criar um (aparente) distanciamento, tão importante para um jornalismo mantenedor de credibilidade. Porém, como nos mostra o estudo dos auxiliares modais, estes princípios apenas norteiam, mas não determinam a prática.

#### **4.4.2 Os Verbos Auxiliares Modais e o Deslocamento de Enfoque em *Veja***

A ocorrência de modalização que nos interessa, especificamente, centra-se nos verbos modais em inglês e nas locuções verbais seguidas de infinitivo em português, para

comparação. A ocorrência dos modais é, segundo Pontes (1973), claramente identificada em português sendo, porém, difícil listá-los em função dos (diferentes) critérios utilizados pelos autores para considerá-los ou não modais, conforme explicitado no Capítulo 2 referente à Modalização. Por esta razão e também pelo corpus de Veja ser representativo da nossa língua materna, optamos por iniciar a análise através dos textos em português. A Tabela (4.8)<sup>123</sup> mostra a ocorrência dos verbos integrantes de locuções verbais e o seu percentual em relação ao número total de ocorrências no *corpus*, 46 (quarenta e seis):

**Tabela 4.8– Ocorrência de Modais no Corpus da Veja**

	T1V	T2V	T3V	Total De Ocorrências	%
<u>Poder</u>	<b>15</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>17</b>	<b>37,0%</b>
<u>Dever</u>	<b>6</b>	-	-	<b>6</b>	<b>13,0 %</b>
<u>Precisar</u>	<b>5</b>	-	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>13,0 %</b>
Ir	2	-	-	2	4,4%
Exigir	1	1	-	2	4,4%
Mandar	1	1	-	2	4,4%
Achar	1	-	-	1	2,1%
Parecer	1	-	-	1	2,1 %
Aconselhar	1	-	-	1	2,1 %
Resolver	1	-	-	1	2,1 %
Pretender	1	-	-	1	2,1 %
Planejar	1	-	-	1	2,1 %
Ser Capaz De	1	-	-	1	2,1 %
Conseguir	1	-	-	1	2,1 %
Querer	1	-	-	1	2,1 %
Visar	1	-	-	1	2,1 %
Tender	1	-	-	1	2,1 %
<b>Total p/ Reportagem</b>	<b>Total 41 (%)</b>	<b>Total 3 (%)</b>	<b>Total 2 (%)</b>	<b>46</b>	100 %

Os resultados apontam para os verbos *poder* e *dever* como modais na sua essência, conforme também mostra a literatura. Entretanto e, ainda que em menor número, a

<sup>123</sup>Lembramos que nesta tabela, foram considerados também verbos que não são, normalmente, aceitos como auxiliares modais, mas que neste estudo, detêm esta função conforme explicitado no Item: Metodologia - Cap. 3.

modalização também é atuante em outros verbos que possuem igual força subjetiva. Considerar estes verbos também como modais “descentraliza” os efeitos causados somente para os verbos *poder* e *dever*, sugerindo que a modalização se dissemina por todo o texto, ao invés de se concentrar somente nestas duas ocorrências. Observamos ainda que a modalidade epistêmica se sobressai aos eixos deontico e dinâmico (Tabela 4.9). O eixo epistêmico é apontado na literatura (LYONS, 1977; PALMER, 1986-1979; KOCK, 1996-1984) como o mais recorrente em língua portuguesa, sempre pressupondo algum grau de conhecimento do Emissor sobre os acontecimentos que expõe. Tal fato, a nosso ver, é inerente ao jornalismo enquanto instituição social, visto que, pressupõe o conhecimento do jornalista-tradutor sobre os fatos que relata.

**Tabela 4.9 - Tipos de Modalização em *Veja***

Modalidade	T1V	T2V	T3V	Total De Ocorrências	%
<b>Epistêmica</b>	<b>27</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>28</b>	<b>61,0 %</b>
Deontica	8	3	2	13	28,2 %
Dinâmica	4	1	-	5	10,8 %
<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>46</b>	<b>100 %</b>

A modalidade epistêmica demonstra o grau de intervenção do jornalista-tradutor na tessitura dos fatos, reportando-nos à atuação da esfera subjetiva na produção textual. Desse modo, a modalidade epistêmica resulta da avaliação e do processo de percepção dos fatos, partindo do contexto da cultura-fonte e conduzindo o destinatário final a avaliar e aceitar os fatos como verídicos. Estes indícios de subjetividade, no entanto, não podem transparecer no relato da notícia, logo parecem ficar subentendidos através do uso da modalização em discurso segundo (aspas) e das assertivas, por exemplo, razão pela qual nós as expusemos anteriormente. Em conjunto, estes recursos modalizadores criam um (aparente) grau de distanciamento e seriedade necessários para o relato jornalístico, comprovando que não há isenção no TJ, conforme as próprias escolhas realizadas para construir a argumentação textual e, conseqüentemente, conduzir a leitura do receptor.

O verbo mais utilizado nessa condição é *poder* (Tabela 4.8). Esta é uma estratégia que denota incerteza, não em relação à maneira como o fato é relatado, mas em relação ao próprio acontecimento e aos seus condicionantes externos:

- (44) Como se pode lidar com terroristas cujo objetivo é retornar ao século VIII? [T1V]
- (45) Pode-se dizer que, a partir de agora, os americanos devem mostrar-se mais compreensivos diante da brutal reação israelense ao terrorismo islâmico. [T1V]
- (46) Só se pode imaginar como será travada a guerra da superpotência. [T1V]
- (47) Como a nação mais poderosa do planeta pode proteger-se das atrocidades terroristas? [T1V]

Mesmo sem a censura, a imprensa brasileira só podia especular sobre os desfechos, (hoje conhecidos) dos atentados; restava a possibilidade de tentar antecipar as reações americanas e da comunidade mundial. O *poder* epistêmico reforça também, neste caso, a (aparente) isenção da revista sobre qualquer informação que viesse a não ser confirmada. Desse modo, o jornalismo expõe a sua análise dos acontecimentos, conduzindo-a de modo a deixar que o leitor pareça estar tirando as suas próprias conclusões. Já o restante dos verbos que integram locuções verbais na condição de auxiliares têm poucas ocorrências, embora se manifestem ao longo das três reportagens do *corpus*, também de forma epistêmica. A maioria predominante são verbos de opinião (KOCH, 1996), como *achar*, *querer* e *ir* epistêmicos:

- (48) *Diante do horror da destruição em Nova York, é improvável que o governo ou a opinião pública fiquem satisfeitos com uma simples retaliação aqui ou ali. “Não pensem que um único contra-ataque vai eliminar do mundo o tipo de terrorismo que nós vimos ontem”, advertiu Colin Powell. “Isso vai exigir um ataque múltiplo em várias dimensões”.* [T1V]
- (49) *É desta perspectiva que alguns estudiosos acham possível justificar, por exemplo, a prática de muçulmanos africanos de extirpar o clitóris das adolescentes.* [T1V]
- (50) *Como se pode lidar com terroristas cujo objetivo é retornar ao século VIII? Eles não fazem exigências, não pedem dinheiro para libertar reféns. Só querem ver sangue.* [T1V]

O contexto de (48) com o verbo *ir* na 3ª pessoa do singular e o adjetivo *improvável* cooperam para que o jornalista manifeste e compartilhe da opinião da fonte, o general Colin Powell. Listar o verbo *ir* como modal parece uma incongruência, visto que a futuridade tem a ver com a temporalidade verbal. Neste contexto, o verbo *ir* tem a função de apresentar um juízo de valor feito por Powell sobre os atentados, reforçando sua natureza epistêmica. Em (49) a condição epistêmica de *achar* também é marcada por outro adjetivo, *possível*, de mesmo valor e em (50) a visão da equipe de redação é exposta de modo a tornar-se a única conclusão viável sobre os terroristas com o emprego e o reforço do advérbio *só* no início da oração. É uma estratégia cuja função é conduzir o leitor a aceitar o discurso da revista como verdadeiro. Voltando as funções empregadas por Nord (1991) temos aí a presença da função

referencial como estratégia universalisante do discurso da mídia, evitando marcas que explicitem a relação dos enunciados com o jornalista-tradutor. A função persuasiva também está intimamente relacionada com este processo e, ao contrário do que se imagina, não está presente somente nos editoriais (ABRAMO, 2003).

Outro verbo empregado como epistêmico é o auxiliar *dever* que, recebe a seguinte leitura epistêmica em: (52) “*é possível que se leve em conta*”, como a conclusão mais lógica dos acontecimentos; (54) “*é provável que o governo se empenhe*” através do uso do advérbio de tempo depois conferindo maior certeza ao fato e, (52) “*é possível que os americanos se mostrem mais compreensivos*”, em razão do uso da partícula “se” como indeterminante do sujeito; não se sabe quem diz. A leitura epistêmica tende a revelar o grau de envolvimento do jornalista-tradutor (Emissor) que, no entanto, não aparece na superficialidade do texto. Este envolvimento é dissimulado através da modalização cuja função se reverte em transformar a oração em verdade factual. Já nos exemplos (51) e (53) a aparente deonticidade do auxiliar *dever* se neutraliza pelo uso do pronome interrogativo *qual* (de valor indefinido) e pela modalização em discurso segundo com o modal de opinião *achar*. Juntos, marcam um caráter avaliativo e de julgamento da oração, novamente traduzidos em forma de factualidades, ou seja, em uma primeira leitura não se percebe nenhum nível de subjetividade:

- (51) *Os acessores acharam **que ele não deveria** retornar a Washington.* [T1V]
- (52) *Agora **também deve levar em conta** essa nova complicação.* [T1V]
- (53) ***Qual deve ser o papel** dos EUA nessa nova conjuntura?* [T1V]
- (54) ***Depois o governo deve empenhar-se** numa resposta persistente para levar à destruição o sistema responsável pelo atentado.* [T1V]
- (55) *Pode-se dizer que, a partir de agora, **os americanos devem mostrar-se** mais compreensivos diante da brutal reação israelense ao terrorismo islâmico.* [T1V]

Já a modalidade deôntica é empregada em número bem menor, construída com os auxiliares: *dever, poder, precisar, aconselhar, exigir, mandar*. Vejamos os exemplos:

- (56) *Herskovitz, preconiza que nenhuma cultura é superior à outra. **Que cada uma [cultura] deve ser entendida dentro** do seu próprio contexto.* [T1V]
- (57) *Os espões americanos têm dificuldade em infiltrar os grupos, pois não são bem-vindos, **nem podem contar** com a colaboração das autoridades na maioria dos países muçulmanos.* [T1V]
- (58) *Os americanos acham que **é preciso dar o troco**.* [T1V]
- (59) ***É preciso também eliminar** os santuários e acabar com os Estados* [T1V]
- (60) ***É preciso desencadear uma** guerra fria ao terror* [T1V]
- (61) *Tudo de que os terroristas **precisaram para criar** o cenário de morte foram passagens aéreas.* [T1V]

- (62) [os EUA] ***precisam da ajuda*** de outros países democráticos para uma ação conjunta. [T1V]
- (63) *Osama bin Laden é um câncer que, agora mais do que nunca, ***precisa ser extirpado****
- (64) O ex-secretário de Estado Henry Kissinger ***aconselhou os americanos a cuidar*** dos feridos e restaurar algum tipo de vida normal, como primeira resposta ao terrorismo. [T1V]
- (65) Descer uma aeronave de 115 toneladas numa pista de aeroporto ***exige combinar velocidade e aerodinâmica com equipamentos de precisão***. [T2V]
- (66) E, pelo menos num caso, ***foram eles que mandaram os passageiros ligar*** por celular para avisar do seqüestro. [T2V]

No exemplo (57) fazemos a seguinte leitura deôntica: “*e também não tem permissão para contar com*”. Já em (59), (60), (64) e (66) o auxiliar modal *precisar* adquire o que Pontes (1973) chama de necessidade extrínseca, ou seja, a deonticidade é marcada ou imposta pelo contexto. Por outro lado, em (58), (61), (62), (64) e (65) a necessidade é intrínseca, ou seja, imposta pelo próprio sujeito da oração.

Mesmo em menor número, essa modalidade tem a função de conferir maior destaque no que se refere a justificar quaisquer ações do governo americano contra seus inimigos, quem quer que sejam. Lembramos aqui do subtítulo de capa da edição latino-americana da *TIME*<sup>124</sup>. Por fim a modalidade dinâmica tem ocorrência pouca expressiva. As orações construídas com o auxiliar *precisar* conduzem o leitor-destinatário a concordar com as opiniões manifestadas na revista sobre a necessidade de lutar contra a chamada *ameaça terrorista* e a compreender o *desejo de retaliação* manifestado pelo povo americano, bem como as políticas de proteção à nação que o governo iria empregar. São as opiniões mais fortemente marcadas nas reportagens. Dessa maneira, a modalidade epistêmica perde em veemência para a deôntica, mesmo ocorrendo em maior número. A recorrência do eixo epistêmico no *corpus* deve-se ao fato de que trata do eixo do conhecimento e julgamento dos fatos: perspectivas da revista que ficam subentendidas para que o texto cumpra com a sua função de informar com (aparente) objetividade e isenção, deixando caminho para que o leitor possa tirar as suas próprias conclusões.

A última das modalidades, a dinâmica, tem ocorrência também pouco expressiva, sendo empregada com os auxiliares: *poder, ser capaz de e conseguir*<sup>125</sup> (estes dois últimos, funcionando como sinônimos). A leitura dinâmica do verbo *conseguir* equivale a: *ter*

<sup>124</sup> Ver Item: 4.2 do presente capítulo – “*for a war*”.

<sup>125</sup> Lembramos que esta categoria é proposta por Frank Palmer (1976). Ao nosso ver essa categoria cerca os verbos que indicam ‘habilidade’ e que, de outra forma, seriam difíceis de ser incluídos nas outras duas.

*capacidade de* em (67). Já o auxiliar *poder* dinâmico equivale a *não conseguir viver* em (68), *conseguiram ver* em (69) e, *foi capaz de* em (71), conforme os exemplos:

- (67) *Mesmo o presidente Roosevelt, depois do ataque japonês em Pearl Harbor, podia ver um inimigo definido com clareza. [T1V]*
- (68) *Se é contra a civilização ocidental [o fundamentalismo islâmico] é porque não pode conviver com seus princípios básicos, notadamente a liberdade política e individual.*
- (69) *Era tal a quantidade de pó e fumaça (...) que o fogo pôde ser visto até por astronautas. [T1V]*
- (70) *O sistema caríssimo de vigilância eletrônica por satélites é capaz de fazer fotos tão detalhadas que se podem identificar pontas de cigarros jogadas fora pelos guerrilheiros no Afeganistão. [T1V]*
- (71) *Nenhum dos treze órgãos encarregados de monitorar, receber e analisar todo tipo de informações relacionadas à segurança conseguiu evitar a entrada no país e a comunicação entre os terroristas. [T1V]*

A modalidade dinâmica tem aqui a função de preencher o texto com detalhes que situem o leitor no contexto dos acontecimentos, possibilitando a comparação com outros fatos da história, além de dimensionar os fatos relativos ao poder do terrorismo islâmico, de modo que o leitor-final consiga formar a imagem deste grupo.

Analisar os tipos de modalização no *corpus* pode nos revelar o grau de envolvimento do Emissor com o conteúdo que expressa, porém não é suficiente. De acordo com a literatura, as modalizações aparecem intrínsecas ao modo Subjuntivo. Este é explicitado segundo “a existência ou não do fato como uma coisa incerta, duvidosa, eventual, ou mesmo irreal” (CUNHA, 2001: 465; ANDRÉ, 1978: 148), ou seja, os acontecimentos são considerados como hipotéticos, com forte impressão subjetiva e graus de incerteza e dúvida nas orações. Isto porque, os modos de expressão da modalização sugerem uma variação entre graus de (in)possibilidade (certas/incertas) e graus de (in)probabilidade (certas/incertas). Considerando a análise dos fatores externos<sup>126</sup> ao *corpus*, é possível observar graus de (in)certeza e especulação relativos às informações expressos nos modos subjuntivo e indicativo (de mesmo valor), em razão de que as fontes de acesso aos dados informativos (agências de notícia e outros órgãos de imprensa) encontravam-se dependentes da censura imposta pelo governo americano. O sentido das orações tende, também, para a idéia de ordem, desejo e vontade do Emissor conforme a ocorrência de verbos de opinião como *achar*, *aconselhar*, *pretender*, *planejar*, *querer*, *visar*, *exigir*, comuns ao Subjuntivo. Entretanto, e conforme a Tabela (4.10), os dados apontam para o predomínio do Indicativo no *corpus*:

<sup>126</sup> Análise referente ao Item 4.3.1 do presente capítulo.

**Tabela 4.10 - Ocorrências de Modo Indicativo / Subjuntivo em *Veja***

<b>Modo</b>	T1V	T2V	T3V	<b>Total De Ocorrências</b>	<b>%</b>
<b>Indicativo</b>	<b>29</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>35</b>	<b>76 %</b>
Subjuntivo	10	-	1	11	24 %
<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>46</b>	<b>100 %</b>

A função do Indicativo, segundo Cunha (2001: 465), é a de exprimir uma ação ou estado na sua realidade, com certeza, seja nos tempos presente, passado ou futuro. No *corpus*, acreditamos que a função do Indicativo é atenuar os graus de incerteza e especulação motivados pelo contexto externo, de censura, expresso pelo auxiliar epistêmico *poder* e, pelas perguntas retóricas. Cunha (Ibid: 472) afirma, também, que o modo Indicativo pode, ainda, se manifestar como substituto do Subjuntivo quando este soa mal, pesado na oração. O emprego do Indicativo em orações típicas de subjuntivo é, a nosso ver, uma estratégia que, no contexto jornalístico, sobrepõe a certeza à dúvida no relato dos acontecimentos em conformidade com o que o leitor espera da imprensa<sup>127</sup>: ‘informar com veracidade e clareza; priorizar a verdade, ser realista’. A predominância do Indicativo tem como função não deixar transparecer a relação existente entre opinião do Emissor e relato da notícia. Cunha (Idem) também comenta o fato de que a transposição do Subjuntivo para o Indicativo revela uma tendência de evolução natural da língua, substituindo construções subjuntivas por formas expressivas mais claras, porém equivalentes quanto ao sentido. Fato é que o emprego do Indicativo nos TJs se configura como uma estratégia do jornalista-tradutor assegura a manutenção da credibilidade, isenção e objetividade ao texto. Segundo Sergio Dayrell Porto (2002: 218), se o relato não é transparente, ele não é ouvido com atenção pelo destinatário; logo, não cumpre a função de informar o público. Lembremos, no entanto, que a transparência é apenas parcial, visto que se dilui na pré-seleção dos fatos e no modo como este é relatado. Isto é, especialmente sentido, no texto de abertura da *Veja*, [T1V].

Nossa análise acerca do modo dominante no *corpus* nos levou, por extensão, a um outro item da sintaxe, o tipo de oração empregado. Do latim *Subjunctivus*, este modo apresenta relação sintática com as orações subordinadas, pois mostra uma ação ainda não realizada e concebida sempre como dependente de outra expressa ou subentendida (CUNHA,

<sup>127</sup> Ver: Anexo 2 – “Qual é o papel da imprensa hoje?”

2001: 466), é o caso dos complementos que determinam o verbo e integram a sua significação. Estas orações podem funcionar como substantivo, adjetivo ou advérbio da oração principal (CUNHA, 2001; ANDRÉ, 1978; BECHARA, 1972). Porém, não se trata aqui de classificar os tipos (subordinada substantiva explicativa e outros) ou o seu papel sintático na oração, o que normalmente se faz como exercício gramatical nos livros. Trata-se de compreender uma função maior que está vinculada ao contexto e que pode revelar ao pesquisador o efeito que o texto exerce sobre o receptor. Nesse sentido, priorizamos não a análise sintática, mas o comportamento funcional destas estruturas no contexto do *corpus*. De modo a conseguirmos uma visão mais abrangente do tipo de orações, optamos por verificar também o número de ocorrências relativo às orações coordenadas e períodos simples. Os resultados são transpostos na Tabela (4.11):

**Tabela 4.11 - Tipos de Período em *Veja***

<b>Tipo de Período</b>	<b>T1V</b>	<b>T2V</b>	<b>T3V</b>	<b>Total De Ocorrências</b>	<b>%</b>
<i>P.C. Subordinação</i>	22	1	2	26	56,6 %
<i>Período Simples</i>	12	2	1	15	32,6 %
P.C. Coordenação	4	1	-	5	10,8 %
<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>46</b>	<b>100 %</b>

A predominância por períodos subordinados, típicos do modo Subjuntivo, se confirma, mesmo em orações expressas no Indicativo. Isto ocorre, a nosso ver, porque a escolha de uma construção sintática, independente da sua relação com o tipo de modalização, também expressa efeitos de sentido relacionados à maneira *como* o Emissor conduz o seu relato. Segundo Eunice Pontes (1973) uma das características dos modais é se completar com orações relativas (que+subjuntivo), sendo que o sujeito do período subordinado é diferente do sujeito da oração principal. No *corpus*, os períodos subordinados, normalmente, contêm a informação dita “mais factual”, enquanto que a oração principal carrega a modalização em discurso segundo (MAINGUENEAU, 2001), cuja função é a de “suavizar” a subordinada. Isto se deve em razão de que, é na oração principal que encontramos modalizadores de opinião (KOCK, 1996) e o verbo *poder* com a partícula ‘*se*’ de indeterminação, conforme os exemplos selecionados dos dois periódicos:

- (72) *Pode-se dizer que, a partir de agora, os americanos devem mostrar-se mais compreensivos diante da brutal reação israelense ao terrorismo islâmico. [T1V]*
- (73) *O presidente pode admitir que os EUA são incapazes de garantir a própria segurança. [T1V]*
- (74) *He expanded the target with another declaration (...) stating that Muslims should kill Americans, civilians included, wherever they could find them. [T3T]*
- (75) *For hard-liners like bin Laden, a non-Muslim infringement on beyond the political, an offense to God that must be corrected at all costs. [T3T]*

O uso das subordinadas parece ser uma estratégia que desvia a atenção do leitor para a oração principal mantendo, para o leitor, o grau de distanciamento do veículo em relação ao relato da notícia, afinal, são opiniões (posições ideológicas) das fontes (entrevistados, discursos entre aspas) e não do veículo. Os períodos simples, em segundo lugar, respondem a função mais básica da linguagem jornalística: apresentar a notícia de modo claro e objetivo. São períodos de fácil e rápida compreensão; fazem o registro do verossímil, ao passo que as orações coordenadas, em número inexpressivo, normalmente encadeiam mais de uma informação, tornando a leitura mais complexa.

Os pontos analisados acima: tipo de modalização, modo empregado e tipo de oração são “amarrados” no último item que consideramos na análise: o foco, isto é, o assunto sobre o qual os auxiliares modais recaem nas orações (Tabela 4.12). Nossas constatações revelam os seguintes dados sobre o foco das modalizações no *corpus* da *Veja*:

- A epistêmica envolve os *Estados Unidos* de um modo geral e o presidente *George W. Bush*. O emprego maior desta modalidade nestes tópicos é característica da avaliação e do julgamento sobre a situação do país, as ações do presidente e o futuro da nação americana.
- A deôntica trata, principalmente, do povo americano e comprova a concordância de *Veja* com a necessidade de resposta aos ataques. Equilibra depois o seu ponto de vista entre *bin Laden* e os *pilotos terroristas*, reforçando a necessidade de eliminá-los.
- A dinâmica se distribui por vários tópicos, dentre eles a capacidade tecnológica do sistema de vigilância americano. O tom é de crítica já que o sistema não evitou os atentados. Podemos dizer que a sua função básica é a de preencher a reportagem com detalhes extras para dar coesão à narrativa e amarrar o assunto principal, os atentados: o presidente *Roosevelt* é lembrado para se fazer alusão às possíveis reações de *George W. Bush*; o *fundamentalismo islâmico* é criticado enquanto religião, de modo a fazer o leitor aceitar as religiões ocidentais e, as habilidades dos espões americanos em relação à organização dos terroristas.

Tabela 4.12 – Modalização e Foco em *Veja*

Epistêmica	Deôntica	Dinâmica
<u>George W. Bush (6)</u>	<u>Povo americano (3)</u>	<u>Sistema seg. Americano (2)</u>
<u>EUA (5)</u>	<u>Pilotos terroristas (2)</u>	bin laden (1)
Terrorismo (3)	<u>bin laden (2)</u>	Roosevelt (1)
Relativismo cultural (3)	Governo americano (1)	WTC (1)
Terroristas (2)	Relativismo cultural (1)	Pilotos terroristas (1)
Governo americano (2)	Espiões americanos (1)	
Povo americano (2)	EUA (1)	
Sistema seg. Americano (1)	Terroristas (1)	
Mundo (1)		
Retaliação (1)		
bin laden (1)		

Este é o indício mais forte de um deslocamento de enfoque para o *corpus* de *Veja*, a ser ratificado através da análise destes mesmos itens aplicados a *TIME*, conforme demonstramos a seguir.

#### 4.4.3 Os Verbos Auxiliares Modais e o Deslocamento de Enfoque em *TIME*

Em inglês os auxiliares modais são mais facilmente distintos, visto que são empregados, tanto na fala quanto na escrita, de modo consciente pelos usuários da língua inglesa. Estes conhecem, intuitivamente, a força de sua significação e o que podem conseguir com o seu uso. Isto se nota devido à ênfase dada aos modais em livros para ensino da língua, no qual os usuários são levados a estudar determinados verbos sempre com ênfase no contexto de uso dos mesmos (HEWINGS, 2002; FREEMAN 1996; SWAN, 1980) Esta pode ser uma explicação do fato de os modais, em inglês, serem estudados, principalmente, considerando-se o seu matiz semântico. A Tabela (4.13) demonstra a ocorrência dos verbos auxiliares modais distribuídos no *corpus* da *TIME*, bem como o seu percentual em relação ao número total de ocorrências no mesmo, 76 (setenta e seis):

Tabela 4.13 – Ocorrência de Modais no *Corpus* da *TIME*

	T1T	T2T	T3T	Total De Ocorrências	%
<u>Would</u>	1	11	5	17	22,3%
<u>Will</u>	9	5	-	14	18,4%
<u>Might</u>	-	6	4	10	13,1%
Could	3	4	1	8	10,5%
Have/ Had To	6	2	-	8	10,5%
Can	2	4	1	7	9,3%
May	1	-	2	3	3,9%
Must	-	1	2	3	3,9%
Should	-	2	-	2	2,6%
Need	-	2	-	2	2,6%
Be Supposed To	1	-	-	1	1,3%
Be Able To	-	-	1	1	1,3%
<b>Total p/ Reportagem</b>	<b>Total 23 30,3 %</b>	<b>Total 37 48,7 %</b>	<b>Total 16 21 %</b>	<b>76</b>	<b>100%</b>

Os dados apontam para uma ocorrência expressiva dos modais *will*, *would* e *might*. Estes são verbos tipicamente associados ao eixo epistêmico e, lembramos, com o grau de envolvimento e juízos de valor feitos pelo Emissor (a repórter Nancy Gibbs) com as proposições que expressa. Tal fato confere, também, ao texto, uma característica de pessoalidade com o uso freqüente de pronomes possessivos-adjetivos e pronomes-objeto na 1ª pessoa do plural e do singular em trechos tais como: “*I have already given blood*”; *it may lift our hearts*; *we are fighting*; *the way we live our lives* ou ainda *the killers who hate us*” em [T1T].

Na literatura (PALMER, 1986, 1979; LYONS, 1977), *will* é talvez o verbo mais polêmico em razão de que o seu uso tende a figurar entre as fronteiras de modo e tempo. Sintaticamente, *will* está ligado à futuridade; porém, nos exemplos que encontramos não indica uma ação futura (*I will travel*). A futuridade de *will*, no *corpus*, resulta da função de especular sobre as conseqüências dos atentados e atitudes do presidente americano. O nosso objetivo, no entanto, é o de demonstrar a *função* desses modais considerando a situação-de-comunicação-em-cultura do *corpus*; portanto, não nos detemos em discussões que excederiam os limites desta pesquisa. De modo a não desprezar ocorrências significativas, consideramos o

modal epistêmico *will* como expressando, no *corpus*, juízos de valor tecidos pelo jornalista-tradutor acerca de factuais, isto é, das conseqüências que os acontecimentos poderiam, então, desencadear. Não há nisso nenhuma ação futura de caráter assertivo, planejado, mas tão somente juízos de valor, especulações de cunho probabilístico (76), (78), (81), (83) a respeito de conseqüências futuras do fato. Dentro desse contexto, as proposições de juízos de valor com o modal *will* se sobrepõe à característica de futuridade que lhe é intrínseca, conforme os fragmentos a seguir:

- (76) *We are on our way to a different place, and we will never hear the words of the songs the same way.* [T1T]
- (77) *The President said. “This conflict was begun on the timing and terms of others. It will end in a way and at an hour of our choosing.”* [T1T]
- (78) *But it will also come in a way we still cannot imagine.* [T1T]
- (79) *Colin Powell, the wartime general, was back out front (...) letting others know that from this point on, if you do not act as our friend, we will consider you our enemy.* [T1T]
- (80) *A couple of steps up the slope, a fiancé mourning a wedding that will never happen.* [T1T]
- (81) *The U.S. will have to keep cool in the coming days as it proceeds to give life to Bush’s vow of war on terrorism.* [T1T]
- (82) *Wall Street retaliates by getting back to business. “We’ll have conference calls every morning,” a boss tells his team, whose offices have been vaporized.* [T1T]
- (83) *It will take us months, years, to understand what has been changed by this, and how.*[T1T]
- (84) *Now we will see those shots and know they came Before.The towers were the lodestars. It will be easier to get lost now. “Those were my local mountains,” a New Yorker says, but the mountains were laid low.* [T1T]

Já em relação ao tipo de modalização predominante no *corpus*, o tipo epistêmico ocorre, novamente, em maior número, conforme a Tabela (4.14), confirmando os dados em momentos distintos da produção textual do fato:

**Tabela 4.14 - Tipos de Modalização em *TIME***

Modalidade	T1T	T2T	T3T	Total De Ocorrências	%
<u>Epistêmica</u>	18	29	13	60	80,0 %
Deôntica	4	6	1	11	14,7 %
Dinâmica	1	2	2	4	5,3 %
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>37</b>	<b>16</b>	<b>76</b>	<b>100 %</b>

A predominância do eixo epistêmico nos dois periódicos nos remete a uma citação de Palmer<sup>128</sup> (1986:51) em relação ao fato de que esta modalidade tem a ver com o status de compreensão e conhecimento do Emissor, ao invés de suas crenças, incluindo o seu próprio julgamento e a sua garantia sobre o que fala (85), (89), (90), (91). E não é este o objetivo do relato jornalístico: objetividade e veracidade? Lembramos o que diz o jornalista Caio Túlio<sup>129</sup>: “Objetividade jornalística é uma balela, mas aproximar-se dela é o dever do profissional”. Outros verbos epistêmicos presentes no *corpus* são: *can*, *would*, *could*, *may*, *be supposed to* e *might* reforçando, novamente, o sentido de suposições, hipóteses sobre o futuro:

- (85) ***What can I do?*** I’ve already given blood. [T1T]  
 (86) Terror on this scale is meant to wreck the way we live our lives – make us (...) think twice before deciding whether we really ***have to take*** a plane. [T1T]  
 (87) After the Pentagon was hit, generals called their families and told them not to drink the water, ***it could be poisoned***. [T1T]  
 (88) No one had imagined this [the terrorism] was over. It isn’t. ***It may never be***. [T1T]  
 (89) They were older—one age 33, several in their late 20s—educated, technically skilled people who ***could have enjoyed*** solid middle-class lives. [T2T]  
 (90) ***It may lift*** our hearts now to pledge an end to it, but heartache and heartbreak lie ahead in what promises to be a long, painful struggle to prevail. “You will be asked for your strength, because the course to victory ***may be long,***” said Bush last week. [T1T]  
 (91) FBI agents are (...) compiling a list of other ***pilots who could form the nucleus of fresh hijack teams*** that ***might be scrambling*** for jet seats even now. [T2T]

Porém, apesar de semanticamente mais significativo em [T1T], o eixo epistêmico é, quantitativamente, evidenciado em [T2T]. Isto se deve em razão de termos uma reportagem investigativa para reconstituir os passos dos terroristas/pilotos da sua chegada ao país até dia dos atentados. O modal presente nestas orações é *would*, associado ao modo condicional (erroneamente apontado nas gramáticas tradicionais como tempo verbal), correspondente em português ao Pretérito do Subjuntivo. Sua função no *corpus* é levantar hipóteses partindo de acontecimentos reais, ou seja, especular sobre ações que, de fato, não ocorreram, conduzindo o leitor a reconstituir situações probabilísticas. Também não há aqui mostras de uma ação

<sup>128</sup> Ver: Capítulo 2 - Item 2.3 - Understanding’ or ‘knowledge’ (rather than ‘belief’), and so is to be interpreted as showing the status of the speaker’s understanding or knowledge; this clearly includes both his own judgments and the kind of warrant he has for what he says.

<sup>129</sup> Costa, Caio Túlio. O relógio de Pascal - a experiência do primeiro ombudsman da imprensa brasileira. São Paulo, Siciliano, 1991, p. 117. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp1507200398.htm>. Último acesso em out/2005.

efetiva, realizada em tempo passado<sup>130</sup>. A irrealidade é estabelecida em torno dos acontecimentos que se desenrolaram diante do povo americano, reforçada na busca por compreender como seriam os pilotos terroristas suicidas ou qual seria o perfil do terrorista treinado por bin Laden, conforme os exemplos:

- (92) *They evidently arrived in Boston the previous Sunday, drove back to Portland and then flew again to Boston. But **this would have increased** their exposure to airline security (...). [T2T]*
- (93) *When the four cells arrived at their takeoff airports on Tuesday morning, they no longer needed the karate and flight manuals **investigators would later discover**. [T2T]*
- (94) *The west had developed a fairly well defined profile of the typical suicidal terrorist. That **man would be young**, 18 to 24, born in poverty, a victim of some personal tragedy, a despairing zealot with nothing to lose. **He would be fanatic** in behavior and belief: stern, moralistic, tee totaling. The status of *shahid*, or holy martyr, **would solve his earthly issues** on paradise (...), **he would be fundamentalist** in his faith, ignorant of the outside world immersed in a life of religious devotion and guerrilla instruction. **He would speak not in casual conversation** but scripture. An intense, carefully **nurtured fanaticism would replace any natural** instinct for self-preservation. [T2T]*
- (95) *Investigators don't know how much the suicide pilots knew about their confederates (...) **or if they knew others would undertake similar missions**. [T2T]*

O tipo deôntico é empregado com os seguintes verbos: *have to*, *must*, *need* e *should*, relacionados aos resgates, aos pilotos terroristas e ao terrorismo de bin Laden. Sua função consiste em recriar para o leitor os momentos de pânico que se seguiram aos atentados:

- (96) *Doctors at St. Vincent's Hospital told of the fire fighter who **had to carry** out the decapitated body of his captain. [T1T]*
- (97) *Medics **had to keep** moving the morgue. Even the rescuers **had to be rescued** from the hidden caves, the shifting rubble, the filthy air. [T1T]*
- (98) *For hard-liners like bin Laden, a non-Muslim infringement on beyond the political, an offense to God that **must be corrected** at all costs. [T3T]*
- (99) *When the four cells arrived at their takeoff airports on Tuesday morning, **they no longer needed the karate** and flight manuals investigators would later discover. [T2T]*
- (100) *He expanded the target with another declaration in early 1998 **stating that Muslims should kill Americans**, civilians included, wherever they could find them. [T3T]*

<sup>130</sup>A temporalidade em *would* está mais diretamente associada ao passado em orações com: *if + would have + simple past (I would have to if I you had invited me)*. Este não é o caso das orações presentes no corpus.

A modalidade dinâmica é a de menor força expressiva ocorrendo, principalmente, com os verbos: *can*, *could* e *be able to*, sobre os terroristas e a força de bin Laden:

- (101) *What better recruiting poster than that searing image of plane shearing through the south tower it tells the faithful, Look at me, look **what we can do, join me.*** [T2T]
- (102) *If his current hosts, the radical Islamic Taliban regime in Afghanistan, are to be believed, that's about the maximum **bin Laden can personally do now.*** [T3T]
- (103) *The group [the terrorists] left their shoes at the **door and could frequently be heard reciting from the Koran.** They wore traditional Islamic garb, at least some of the time.* [T2T]
- (104) ***He's still able to get out his message,** though, through interviews and videotapes produced for his supporters.* [T3T]

Dando seqüência a análise, as orações foram também classificadas pelos modos Indicativo e Subjuntivo (Tabela 4.15). Em inglês, o Subjuntivo não tem uma forma verbal como em português, mas a exemplo deste, também discute eventos hipotéticos ou improváveis, expressa opiniões e emoções e, ainda, é utilizado quando se fazem pedidos com muita formalidade. Aparentemente, e em menor grau que a língua portuguesa, o Subjuntivo parece também estar caindo em desuso, cedendo as formas do Indicativo. Por outro lado, alguns pesquisadores argumentam que o subjuntivo está, apenas, se tornando morfológicamente indistinto do Indicativo, permanecendo contextualmente ativo (SWAN, 1980:580). Na prática, é possível estabelecer a seguinte correlação<sup>131</sup> entre as duas línguas:

- Subjuntivo Presente em Português → Infinitivo ou Simple Present em inglês
- Pretérito Imperfeito do Subjuntivo em Português → Simple Past em inglês
- Futuro Imperfeito do Subjuntivo em Português → Simple Present em inglês e
- Pretérito e Futuro do Subjuntivo em Português → Modo Conditional (*if clauses*)

**Tabela 4.15 – Ocorrências de Modo em TIME**

Modo	T1T	T2T	T3T	Total De Ocorrências	%
<b><u>Indicativo</u></b>	<b>19</b>	<b>21</b>	<b>7</b>	<b>47</b>	<b>62,7%</b>
<b><u>Subjuntivo</u></b>	<b>4</b>	<b>15</b>	<b>9</b>	<b>28</b>	<b>36,0%</b>
Imperativo	-	1	-	1	1,3 %
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>37</b>	<b>16</b>	<b>76</b>	<b>100,0 %</b>

<sup>131</sup> <http://www.sk.com.br/sk-perg17.html> - site do *English Made in Brazil*.

Os resultados apontam, a exemplo do português, a sobreposição do Indicativo ao Subjuntivo. Acreditamos que isso se deva não só por uma, aparente, evolução da língua, mas também, devido à própria natureza da linguagem jornalística. O TJ é objetivo, direto, trata de fatos, não podendo trazer dúvidas, incertezas ao leitor. Enquanto fatos, as notícias têm de ser expressas de modo que o leitor encontre nelas veracidade. Segundo Soares (2001: 40), ao construir a realidade (através da reunião de fatos socialmente dispersos), o jornalismo passa a ser entendido como uma instituição fundadora de um espaço social. Portanto, se observarmos as orações, nas quais o auxiliar *will* é empregado, percebemos que estão no Indicativo, camuflando o sentido de hipóteses, dúvidas e incertezas, confirmando o discurso da imprensa como formador de opinião e, logicamente, organizador do perfil da sociedade (americana). A incerteza é expressa como se fosse um enunciado declarativo<sup>132</sup> de modo a manter, novamente, a credibilidade, a isenção e a objetividade. Podemos comprovar, assim, que estes princípios inexistem na prática, mas que são utilizados como meta de trabalho. De alguma maneira precisam ser sentidos pelo leitor que, segundo Porto (2002) se reconhece no discurso da mídia, aceitando-o como verdadeiro.

De modo a obter a comparação com a *Veja*, analisamos também os tipos de orações constituintes do *corpus*. A Tabela (4.16) aponta para um equilíbrio entre as chamadas *complex* e *simple sentences*, equivalentes à subordinação e períodos simples em português.

**Tabela 4.16 – Ocorrências de Período em *TIME***

<b>Tipo de Período</b>	<b>T1T</b>	<b>T2T</b>	<b>T3T</b>	<b>Total De Ocorrências</b>	<b>%</b>
<b><i>Complex Sentence</i></b>	<b>10</b>	<b>18</b>	<b>12</b>	<b>40</b>	<b>52,0 %</b>
<b><i>Simple Sentence</i></b>	<b>11</b>	<b>13</b>	<b>4</b>	<b>28</b>	<b>37,3 %</b>
Compound Sentence	2	6	-	8	10,7%
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>36</b>	<b>16</b>	<b>76</b>	<b>100 %</b>

As *complex sentences* têm como função unir frases de importância desigual em que uma é considerada principal e a outra dependente (WERNER, 1985). As orações dependentes, de menor importância, constituem a modalização em discurso segundo (MAINGUENEAU, 2004) ou expressões de localização espacial e temporal. Os modais apareceram, na grande

<sup>132</sup> <http://encyclopedia.thefreedictionary.com/indicative%20mood> -

maioria, em orações principais. Isto reforça o seu significado semântico e atrai a atenção do leitor para o foco sobre o qual estes verbos recaem. Lembramos Soares (2001) para quem o jornalista ao selecionar os fatos, para a noticiabilidade, imprime a sua própria leitura do real, visto que a notícia é produto do meio social e também da redação, da empresa jornalística. Nesse sentido, conduzimos a análise para o foco, cujos dados mostramos na Tabela (4.17):

**Tabela 4.17 - Modalização e Foco em *TIME***

<b>Epistêmica</b>	<b>Deôntica</b>	<b>Dinâmica</b>
<u><i>Terroristas / Terrorismo / Terror (13)</i></u>	<u><i>Pilotos terroristas (6)</i></u>	<u><i>bin laden (3)</i></u>
<u><i>bin laden (11)</i></u>	<u><i>Resgates (3)</i></u>	
<u><i>Retaliação (8)</i></u>	<u><i>bin laden (3)</i></u>	
<u><i>Povo americano (7)</i></u>	Governo americano (1)	
Pilotos terroristas (5)	Cultura americana (1)	
Investigações do FBI (5)		
Vítimas / Resgates (3)		
Pânico (2)		
Futuro dos EUA (2)		
Aviões (2)		

- A modalização epistêmica em *TIME* diz respeito, principalmente, ao *terror e ao terrorista Osama bin Laden* no que se refere à busca pela identidade do chamado “inimigo sem face”. É clara, também, a idéia do pânico que se estabeleceu entre o povo americano e a idéia de uma possível retaliação por parte do governo americano. Em *Veja*, esta modalidade recai sobre o *presidente Bush e a nação americana*, visto que nos interessa mais saber quais atitudes o país iria tomar como resposta aos atentados. Os tópicos da *TIME* respondem ao emocional dos americanos.
- O eixo deôntico, quantitativamente igual em *Veja*, volta-se aos *pilotos terroristas* e novamente a *bin Laden*, aproximando-se do contexto brasileiro quanto à idéia da necessidade de eliminar o terrorista. Seria esta concordância uma resposta antecipada ao subtítulo de capa da edição latino-americana da *TIME*? A deonticidade incita também o emocional dos americanos a concordar com as atitudes do governo, através da descrição de cenas dos resgates das vítimas.

- A dinâmica atrai a atenção do leitor para as habilidades do terrorista Osama bin Laden, mostrando-o como uma personalidade agressiva e fria. Já em *Veja*, o eixo dinâmico critica a tecnologia do sistema de segurança do governo americano que não foi capaz de evitar os atentados.

Cruzando os dados dos dois periódicos, podemos chegar a duas conclusões. Primeiro, constitui recurso da produção textual jornalística e do tradutor-jornalista o uso do modo Indicativo de maneira a conferir ao texto, no nível de orações, um grau de certeza e de realidade aos fatos. Tal recurso faz com que as reportagens ganhem em credibilidade junto ao leitor que compra, lê e discute os fatos pautados pela imprensa do seu país. Da mesma forma, o uso de orações subordinadas, com modais empregados na oração principal, constitui recurso para camuflar ou atenuar uma postura subjetiva e avaliativa por parte da revista em relação aos acontecimentos. Evita-se, assim, que transpareçam as intenções e opiniões da redação, ou mesmo, do tradutor-jornalista.

A modalização é, dessa maneira, um recurso empregado pelo jornalista-tradutor para neutralizar os efeitos de uma fala que lhe é subjetiva ao texto. Acreditamos ainda que estas escolhas sejam conscientes em relação ao efeito que se deseja sobre o leitor-destinatário e em relação à função que o TJ tem: informar e formar opinião, visto que, o leitor deposita na imprensa o seu desejo de estar informado sobre os acontecimentos. Considerando o modelo de Frank Esser (1998), podemos incluir a modalização na esfera de estrutura da mídia, visto que aponta para a ética jornalística presente nos princípios que regem a imprensa: imparcialidade, objetividade, distanciamento, isto é, formas de controle da subjetividade inerente ao jornalista-tradutor. A modalização é uma das maneiras a fazer com que o leitor ‘avalie os fatos ele mesmo’ considerando, neste caso, uma leitura mais superficial. Podemos dizer então que, em se tratando de TJs, os auxiliares modais reforçam a leitura dos jornalistas e redações, de modo que a função de formar opinião se sobrepõe àquela de informar o leitor.

O segundo ponto é a confirmação da hipótese elaborada nos objetivos deste trabalho e que motivou o estudo da sintaxe (presente nos fatores internos do modelo proposto por Christiane Nord<sup>133</sup>). A esfera subjetiva, segundo o modelo de Frank Esser (1998), atua no centro da produção jornalística sendo, portanto, inquestionável o fato de que jornalista-tradutor realiza escolhas não só lexicais, mas também sintáticas na produção textual,

---

<sup>133</sup> Ver: Capítulo 1 - Item 3.2

conforme demonstramos anteriormente. Nesse sentido, o jornalista-tradutor deixa suas marcas e de sua cultura no texto, através do foco sobre o qual as orações modalizadas recaem. Isso nos permite afirmar que temos *duas leituras diferentes* para o mesmo fato noticioso – o 11 de setembro – em contexto brasileiro e americano, configurando o discurso da mídia como “*tradução*” do fato noticioso (ZIPSER, 2002) e confirmando a existência de um *deslocamento de enfoque no corpus*. A sintaxe, elemento gerador destas diferentes leituras a exemplo do léxico, confirma ela também como marcador, o conceito de *tradução como representação cultural* (ZIPSER, 2002) e ratifica os itens analisados como estratégias para a manutenção dos princípios que regem a prática jornalística como um todo: objetividade, isenção e neutralidade.

Como o nosso estudo tem a ver, mais de perto, com a linguagem em contexto-destituição, tomamos por base os resultados obtidos na análise do *corpus* para propor uma lista (Tabela 4.18) de verbos auxiliares modais atuantes em inglês e português que possam servir de instrumento para análises referentes a estruturas sintáticas, oferecendo ao pesquisador a possibilidade de ter um conjunto maior de ocorrências passíveis de estudo.

**Tabela 4.18 – Lista dos Modais em Inglês e Português**

Modais em Inglês	Modais em Português
Will	Poder
Would	Dever
Might	Precisar
Be supposed to	Resolver
Be able to	Achar
Have to	Aconselhar
Can	Ir
Could	Pretender
May	Planejar
Would	Ser capaz de
Need	Conseguir
Must	Querer
Should	Visa
	Tender
	Exigir
	Mandar

Tais verbos, mesmo que não sejam aceitos na sua totalidade, podem oferecer ao pesquisador a possibilidade de analisar outros aspectos reveladores da sintaxe textual, além de

permitir o acesso ao texto em sua totalidade, sem restringir dados de análise e a própria leitura.

#### 4.5 Conclusões Parciais

Lembrando Snell-Hornby<sup>134</sup> (1988:2), a análise integrada das estruturas macro e micro nos permitem ter acesso ao texto como um todo, não apenas a uma parte, o que seria superficial. Dessa forma podemos afirmar que nenhum texto, inclua-se aí os TJs, podem ser considerados como exemplares estáticos da língua, um conceito que, segundo Hornby é ainda muito forte em meio tradutório. Isso equivaleria afirmar que a própria cultura não evolui. Os textos analisados aqui expressam a intenção do autor conforme compreendido pelo tradutor enquanto leitor. Este recria, então, todo esse conjunto integrante do TF (neste caso, do fato noticioso) para a leitura de uma outra cultura. Este processo é inteiramente dinâmico reforça o caráter dos estudos da tradução como uma disciplina culturalmente orientada.

Nesse sentido a interferência das variáveis situacionais e culturais mostra-se inerente aos processos tradutório e jornalístico. O que se deve fazer é controlar essas interferências de modo que o produto final cumpra a sua função maior de informar o leitor. É preciso, por parte do jornalista-tradutor ter a consciência de que essas interferências existem e podem tanto aproximar o leitor do fato quanto afastá-lo. Definir estratégias e manter os olhos voltados ao leitor em prospecção permitem ao jornalista-tradutor perceber a existência de marcas culturais da cultura-fonte presentes no texto e, conseqüentemente, buscar dentro da cultura de chegada possibilidades de re-textualizar essas marcas (através do léxico ou da estrutura das orações, por exemplo) de forma a conseguir que o texto final funcione culturalmente ao destinatário. Lembramos Azenha (1999:90), para quem o eixo central de todo o processo tradutório (a partir de um TF ou do fato noticioso) resume-se a três itens principais: i) “a noção de função comunicativa do texto”; ii) “a noção de estratégia e, iii) reflexões anteriores à formulação do texto traduzido, essencial para a “tomada de decisões que caracteriza o processo tradutório.” Neste processo de tomada de decisões, “a sintaxe narrativa deve ser pensada como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo” e que constrói significados

---

<sup>134</sup> “The text cannot be considered as a static specimen of language (...) but essentially as the verbalized expression of an author’s intention as understood by the translator as reader, who then recreates this whole for another readership in another culture”. (SNELL-HORNBY, 1988:2)

e que permite ao texto ser definido, portanto, como “ um todo que significa” (SOARES, 2001:30-2)

Pode-se afirmar, contudo, que a análise funcionalista examina a competência comunicativa, considerando as estruturas das expressões lingüísticas como em um quadro de funções, no qual cada uma é vista como um modo diferente de significação na oração. Dessa maneira, uma análise *funcional* da organização interna da linguagem não despreza formas, mas investe no conhecimento de seus aspectos múltiplos, a partir do uso real. Considera-se, então, que a estrutura gramatical é motivada, se não determinada, por efetivas situações comunicativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS Do final do Percorso

A quantidade de informações que circula, hoje, na imprensa nacional e internacional é representativa e, principalmente, faz parte da nossa vida diária. Devido a sua função maior de informar e formar opinião é comum atribuir à imprensa princípios como: imparcialidade, objetividade, neutralidade. Porém, enquanto instituição social, a imprensa está exposta a fatores externos que influenciam a sua produção textual e o modo como nós, leitores, entendemos e discutimos o mundo. Esses fatores, chamados de ‘condicionantes culturais’, responsáveis pela existência de ‘marcas culturais’ que atuam no tratamento dispensado a notícia especialmente em ambientes internacionais, revelando traços da cultura para a qual se destinam. A percepção dessas marcas interculturais constitui a essência das atividades desenvolvidas por tradutores e jornalistas, além de ter “uma base dinâmica: da autoconsciência cultural para o encontro com o Outro em sua diferença e de volta ao Próprio” (ZIPSER, 2002:11).

É esse conceito de interculturalidade que permeia esta pesquisa e expõe os resultados obtidos. Na nossa busca tanto pelo fato gerador e pelos periódicos que motivassem nosso estudo, optamos pelo “11 de setembro” em função de ter sido considerado uma espécie de divisor de águas na histórica política mundial. O fato em si tem alguma representatividade histórica e ganhou o elemento do “inesperado”, um valor-notícia, que o transformou em assunto até os dias de hoje. A escolha do fato nos levou a decisão pelos periódicos *Veja* e *TIME*, ambas revistas que atingem uma grande parcela da população em seus respectivos países de publicação e que, à parte as posições ideológicas que assumem, são parte da leitura diária/semanal de um número expressivo de pessoas.

Iniciamos este trabalho com a hipótese de que condicionantes culturais influenciariam as reportagens e que seriam demonstráveis via valores da cultura de chegada impressos nos textos (marcas culturais) e, também, via sintaxe presentes no *corpus*. Estas, por sua vez, conduziriam a comprovação de um eventual deslocamento de enfoque, ou seja, perspectivas diferentes de abordagem para os atentados, nos contextos das culturas americana e brasileira. A fim de verificar esta hipótese, alguns recortes e ajustes foram se fazendo necessários. O primeiro passo, depois de ter conseguido o material, foi o de observar a organização dos periódicos como um todo, quando percebemos o direcionamento da edição

da *TIME* voltada a América Latina. Fomos em busca da edição americana, o que nos trouxe a primeira surpresa com os subtítulos de capa e o número superior de reportagens, quando comparada à edição latina. Tal fato motivou a leitura dos textos, na busca pelos condicionantes culturais. Nesse sentido os trabalhos de Nord (1991) e Esser (1998), que integram a interface tradução-jornalismo (ZIPSER, 2002), nos forneceram a base teórica para sustentarmos os nossos argumentos. De fato, um texto não acaba no momento em que é escrito. Ele ganha vida a cada leitura que projeta, ou seja, a sua função de comunicar, informar e formar opinião se renova cada vez que o texto é lido em diferentes momentos histórico-culturais do leitor. Pudemos perceber isto ao reler os textos do *corpus* depois de já conhecermos os desfechos subseqüentes aos atentados, visto que, compartilhamos um outro momento decorrente destes eventos.

Essa nossa experiência comprova o que Nord (1991) diz a respeito do leitor e da necessidade de adequar o texto as suas expectativas, pois é o leitor quem completa o texto enquanto ato comunicativo e lhe atribuí uma função, um *skopos*. É esse leitor prospectivo, cada um de nós, que sustenta a existência do jornalismo, enquanto instituição social que atua na e sobre a sociedade. Estas reportagens certamente não surtiriam o efeito desejado por *Veja* e *TIME* se fossem reescritas como na época em que foram publicadas, visto que o jornalismo se faz com o elemento do “novo”, da informação ainda desconhecida.

Tendo aberto este pano de fundo para os condicionantes e as marcas culturais, pudemos proceder à análise da sintaxe e a busca de dados para comprovar a hipótese de que os modais também poderiam nos conduzir a demonstração de um deslocamento de enfoque para o fato noticioso. A decisão pelo estudo destes verbos deu-se através da coleta de dados e pelo número recorrente destes nos textos. Isto não só nos surpreendeu, como também suscitou a curiosidade em descobrir qual seria a função dos modais, tipicamente relacionados à expressão da *opinião* do Emissor, em textos que prima pela objetividade, neutralidade e imparcialidade. Mas, se por um lado a sintaxe nem sempre é reveladora, por outro (e a exemplo do léxico) nos salta aos olhos. À medida que analisávamos as orações e pesquisávamos a linguagem jornalística, pudemos fazer algumas associações. A imprensa é vista como os “olhos e ouvidos” da população, logo a isenção no relato da notícia é um diferencial. Entretanto, tendo estudado Esser (1998), sabíamos da atuação das esferas internas sobre a produção jornalística e que esta isenção não era completa. Como então conseguir expor a opinião da redação ou do próprio jornalista sem deixá-la transparecer na leitura,

normalmente superficial, do público-leitor final? Os resultados nos mostram que os modais têm a função não só de *atenuar* a opinião própria do jornalista/redação, mas também de *formar* a opinião dos leitores, que são levados a discutir as notícias do modo como são traduzidas pelas revistas. Como dissemos na introdução deste trabalho, a imprensa sabe como ninguém dizer ao público *sobre* o que pensar e *como* pensar. Dessa maneira, podemos dizer que a função de formar opinião se *sobrepõe* a de informar em certos casos; além disso, ao atenuar a expressão de opiniões, a imprensa ganha em relação aos princípios que regem a sua prática: credibilidade, isenção e objetividade, enquanto produto de venda, para que o leitor compre/leia o texto.

Conforme descrito na metodologia, analisamos o *tipo* de modalização (*epistêmica, deôntica, dinâmica*) e o verbo recorrente neste (*pode, dever e outros*); o foco sobre o qual a modalização incidia, o modo empregado na oração (*subjuntivo, indicativo*) e o tipo desta (*subordinada, coordenada e período simples*) em relação à modalização. Os resultados obtidos, do conjunto destes fatores, direcionam a comprovação da hipótese de que a sintaxe também é um recurso que conduz à demonstração da ocorrência do *deslocamento de enfoque*, assim como os condicionantes e as marcas culturais. A modalização mais freqüente é a epistêmica, em função de estar relacionada com o grau de conhecimento e avaliação dos fatos feitos pelo jornalista-tradutor. Os verbos “*poder*” / “*dever*” e “*will, would e might*” se sobressaem justamente nesta forma epistêmica, com a função (aparente) de não impor opiniões, mas de provocar questionamentos no público-leitor acerca dos atentados, ressaltando que cada periódico direciona esses questionamentos a temas específicos expressos também através de perguntas retóricas. Já a pouca ocorrência da modalização deôntica se justifica pelo fato de um TJ não poder ser mandatário; sua característica é a de fazer com o que o leitor tire suas próprias conclusões a respeito dos acontecimentos. Isso nos permite afirmar que a sintaxe é em si uma marca cultural. Detalhes que passariam despercebidos em uma leitura superficial e mais desatenta são flagrados e expõem questões como valores sócio-culturais e um “diálogo” entre os textos, especialmente [T1T] e [T1V]. Dentre o *corpus*, estes textos são os que mais se aproximam, entre si, de uma transcodificação via agencia de notícias, em razão de um condicionante maior, a censura do governo americano à imprensa na época.

A última parte deste trabalho, apresentada como um Excurso, responde mais diretamente a questão da tradução, propriamente dita, do texto jornalístico, ou seja, uma

proposta de tradução direta de uma das reportagens integrantes do *corpus* para alunos do último ano de Jornalismo da UFSC. Partimos da hipótese de que o produto final dessas traduções poderia ainda ser considerado um TJ, conservando características como informatividade ou novidade, por exemplo. Os resultados, no entanto, apontaram o contrário, ainda que condizentes com a pesquisa. Isto porque o jornalismo vive de elementos novos incorporados à notícia, principalmente quando o fato já é conhecido do público. Em nenhum dos textos produzidos pelos alunos aparecem estes novos elementos de informação, outros não são explicitadas ou mesmo omitidas, desconsiderando o conhecimento prévio do leitor-final. Os dados são, em sua maioria, literais e a tradução pode ser considerada “ausente”, isto é, mera transcodificação de um código lingüístico para outro, desconsiderando o universo da imprensa, esferas sócio-culturais (Esser –1998) ou fatores situacionais do texto (Nord – 1991). Os próprios alunos comentaram, em questionários subseqüentes à tradução, sobre a dificuldade em reescrever o texto, sem conhecer o veículo para o qual estavam escrevendo e, por extensão, o leitor. Como a nossa intenção foi a de não dar nenhuma instrução que pudesse comprometer os dados de análise, não desenvolvemos um “*translation brief*” (instruções de tradução) para os alunos e isso nos leva a mais um questionamento: se esta lacuna fosse corrigida, o resultado final da tradução poderia ser considerado um TJ? Essa é uma questão que pode ser pesquisada, mas em outro momento!

Estes resultados ratificam a idéia de que uma leitura mais atenta sobre os textos da imprensa se faz necessária. Os dados comprovam a existência de um deslocamento de enfoque, não só através da existência de marcas culturais, como também em níveis mais internos ao como a sintaxe. Isto, por si só, já é motivo para que nos tornemos leitores diferenciados, desconfiados das leituras que nos são apresentadas como únicas versões de um mesmo fato. Isso não significa que tenhamos que desprezar nossos jornais e revistas de leitura diária, mas sim ter a consciência de que esses textos constituem diferentes leituras de uma mesma realidade e que precisamos e devemos ter acesso a outras traduções dos fatos. Nesse sentido, os estudos na área da tradução-jornalística constituem uma forma de integração e conscientização sobre o papel do leitor e o do Outro em sociedade. Isto nos convida a voltar ao início deste trabalho, mais precisamente para a epígrafe de João Guimarães Rosa: traduzir é (definitivamente) conviver com o Outro, com os fatos, com o jornalista-tradutor, com os leitores, com a imprensa e com os tantos fatores que influenciam a produção textual seja ela jornalística ou não.

### **Sugestões para Pesquisas Futuras:**

Apesar de termos que dar um fechamento aos resultados obtidos, a pesquisa em tradução-jornalística não se encerra aqui e a interface tradução-jornalismo pode se revelar ainda mais frutífera no universo acadêmico. Para tanto, seguem algumas sugestões de trabalhos que podem ser desenvolvidos a partir desta nossa exposição:

- *Explorar o deslocamento de enfoque com outras revistas, em diferentes pares de língua: francês/italiano/espanhol e português;*
- *Desenvolver pesquisa, explorando o deslocamento de enfoque em conjunto com a área da análise do discurso;*
- *Desdobrar o Excurso referente às traduções dos alunos de Jornalismo para uma comparação lingüística e de estratégias sobre o processo de tradução, com a produção dos alunos do curso de Letras;*
- *Explorar o deslocamento de enfoque em matérias de revistas de adolescentes como as revistas Capricho (brasileira) e a Seventeen (americana) ou outros exemplares em línguas diversas.*
- *Estudar a possibilidade do deslocamento de enfoque ocorrer para um mesmo fato jornalístico, por exemplo, o próprio “11 de setembro”, em revistas pertencentes à mesma língua de origem, tais como as revistas Veja e Isto É.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação a grande imprensa**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003.
2. ANDRE, Hildebrando Afonso de. **Gramática Ilustrada**. Editora Moderna, São Paulo, 1978.
3. AZENHA Jr., João. Tradução **Técnica e Condicionantes Culturais: Primeiros Passos para um Estudo Integrado**. Humanitas, FFLCH/USP, 1999.
4. AZEREDO, Jose Carlos de. **Iniciação a Sintaxe do Português**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 7ª Ed., 2001
5. BAKER, Mona. **Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?** In: MARTINS, Márcia A.P. Tradução e Multidisciplinariedade. Editora Lucerna, Puc-Rio – Departamento de Letras, 1999.
6. BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática portuguesa**. Companhia editora Nacional, 19ª ed., 1973.
7. BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
8. BUITONI, Dulcilia H. Schroeder. **Jornalismo: O Tecido e o Acontecido**. Revista USP, nº 175, Junho, Julho, Agosto de 1990.
9. COIMBRA, Oswaldo. **O texto da Reportagem Impressa: um curso sobre sua estrutura**. 1ª ed. 2ª impressão. Ed. Ática, Série Fundamentos, São Paulo, 1995.
10. CULLETON, José Guillermo. **Análise da tradução do espanhol para o português de textos jornalísticos na mídia impressa no Brasil**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, 2005 –unpublished.
11. CUNHA, Celso e CINTRA, Luis. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Editora Nova fronteira, 6ª edição, Rio de Janeiro, 2001
12. DATESMAN, Maryanne Kearny et al. **The American Ways: an introduction to American culture**. Prentice Hall, Inc. New Jersey, USA, 1997.
13. ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. Vozes, Petrópolis, RJ, 4ª ed., 1978.
14. FILHO, Adelmo Genro. **O segredo da Pirâmide: por uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987.
15. FRANZON, Erica. **Os valores-notícia em telejornais**. Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
16. GEERTZ, Clifford. **Transição para a Humanidade**. In: O Papel da Cultura nas Ciências Sociais. Editorial Villa Martha. Porto Alegre, 1980.
17. GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo, Hacker Editores, Edusp, 2000.
18. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A, Rio de Janeiro, 2ª. Ed., 1998
19. KOCH, Ingedore G. Villaça. **Gramática do Português Falado. Volume VI: Desenvolvimentos**. Editora da Unicamp, Fapesp, Campinas, São Paulo, 1996
20. \_\_\_\_\_ . **Argumentação e Linguagem**. São Paulo, SP., Editora Cortez, 1984
21. KOVAC, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**. Geração editorial, 2ª ed., Trad.: Wladir Dupont, 2004, SP.

22. LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**, 3ª ed., Ática, São Paulo, 1993.
23. \_\_\_\_\_. **Linguagem Jornalística**. 5ªed., Editora Ática, Série Princípios, 1997.
24. LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Jorge Zahar Editor, 10ª edição, Rio de Janeiro, 1995.
25. LYONS, John. **Semantics - volume 2**. Cambridge University Press, 1977, USA.
26. MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. Cortez Editora, São Paulo, 2001. Tradução de: Cecília de Souza e Silva e Décio Rocha.
27. MARK, Shuttleworth; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. St Jerome Publishing, 1997.
28. MARTINS, Eduardo. **O Estado de São Paulo – Manual de Redação e Estilo**. 3ªed., São Paulo, 1997.
29. MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2ª ed., São Paulo, SP, Summus, 1988. Coleção Novas Buscas em Comunicação, volume 24.
30. MENDONÇA, Murilo Matos. **News discourse and Modality: the interpersonal representation of male violence n a case study of the British press**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente da Universidade Federal de Santa Catarina. 1998 – unpublished.
31. MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application**. Routledge, NY, 2002
32. NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática Funcional**. Martins Fontes, São Paulo, SP, 2004. Coleção: Texto e Linguagem.
33. NOBREGA, Maria Helena da. **Análise funcional de advérbios e adverbais modalizadores no texto jornalístico**. Tese apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas –USP – São Paulo, 2000.
34. NORD, Christiane. **Comunicarse Funcionalmente En Dos Lenguas**. In: Léxico especializado y comunicación interlingüística. Edited by FABER, Pamela; JIMÉNEZ, Catalina & WORJAK, BERD. Stica, Granada: Granada Lingüística, 285-296, 2004.
35. \_\_\_\_\_. **Defining Translation Functions: The Translator Brief as a guideline for the trainee translator**. In: Ilha do Desterro: Translation Studies in Germany. Edited by LÖRSCHER Wolfgang, Editora da UFSC, 39-53, 1997 (b).
36. \_\_\_\_\_. **Functionalist Approaches Explained**. St Jerome Publishing, Manchester, UK. 1997(a)
37. \_\_\_\_\_. **Text Analysis in Translation**. Amsterdam, Atlanta, GA, 1991, Rodopi. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow.
38. \_\_\_\_\_. **Text Function(s) in Bible Translation?** In: *ATA Chronicle* vol. XXXIII, 2003, 34-38.
39. **NOVO MANUAL DA REDAÇÃO**. Folha de São Paulo, 1998, 7ªed.
40. PALMER, F. R. **Mood and Modality**. Cambridge University Press, New York, USA, 1986.
41. \_\_\_\_\_. **Modality and the English Modals**. Longman, London and New York, USA, 1979.
42. PONTES, Eunice. **Verbos Auxiliares em Português**. Editora Vozes, Petrópolis, R.J., 1973.
43. PYM, Anthony. **The Translator: the return to ethics**. Vol. 7, nº2, Special Issue. St. Jerome Publishing, Manchester, UK, 2001.

44. RODRIGUES, Adriano D. **Delimitação, natureza e funções do discurso midiático.** In PORTO, S. Dayrell (org). **O jornal: da forma ao sentido.** Coleção Comunicação. Editora UnB, 2ª ed. Tradução de Sergio Grossi Porto, 2002.
45. SAWN, Michael. **Practical English Usage.** Oxford University Press, Hong Kong, 1980.
46. SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista.** Editora Contexto, Col. Comunicação, São Paulo, 2003.
47. SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O Adiantado da Hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro.** Summus Editorial, São Paulo, SP, 1990.
48. SILVA, Gislene da. **Jornalismo Científico: a prática jornalística como exercício de entendimento do mundo.** Monografia apresentada para o concurso de professor adjunto do departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
49. SNELL-HORNBY, Mary. **Translation Studies: an integrated approach.** John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1988.
50. SOARES, Rosana de Lima. **Imagens Veladas: Aids, Imprensa e Linguagem.** São Paulo, AnnaBlume, 2001.
51. TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no séc. XX.** Editora Unisinos, 2001, RS.
52. VILLAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista.** Summus Editorial, São Paulo, 1996.
53. WEININGER, Markus. **A Verbalklammer: estruturas verbais descontínuas em alemão.** Tese apresentada ao Depto. de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2000.
54. WERNER, Patrícia. **Mosaic: A Content-Based Grammar.** Random House, New York, 1985.
55. WYLER, Lia. **Línguas, Poetas e Bacharéis - Uma Crônica da Tradução no Brasil.** Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
56. ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato a reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural.** Tese apresentada ao Depto. de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

#### Sites Consultados:

1. CAMPOS, Pedro Celso. Notícia. Coluna Radar-Jornalismo on-line. Disponível em: <http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Artigos/noticia.htm>. Acesso em out. 2005.
2. CRIME LIBRARY. Timothy McVeigh. Disponível em: [http://www.crimelibrary.com/notorious\\_murders/complete\\_list.html](http://www.crimelibrary.com/notorious_murders/complete_list.html). Acesso em: out. 2005.
3. CURSO DE JORNALISMO DA UFSC. Traz links para artigos e material dos professores do curso. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/>. Acesso em out. 2005
4. EDITORA ABRIL INSTITUCIONAL. Disponível em: <http://www.abril.com.br/institucional/50anos/veja.html>. Acesso em jul.2005.
5. EDITORA ABRIL. Disponível em: <http://www.publiabril.com>. Acesso em out.2005.
6. ESCOLAVESPER. Conteúdo escolar para pesquisas on-line. Disponível em: [http://www.escolavesper.com.br/atentadocontra\\_eua\\_pg\\_9\\_veja\\_ensaio.htm](http://www.escolavesper.com.br/atentadocontra_eua_pg_9_veja_ensaio.htm). Acesso em: Jul. 2005.

7. FILHO, Gilson Caroni. O sangue seco de Veja. In: Doutrina Editorial. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/gue190320032.htm>. 19/03/2003. Acesso em: out.2005.
8. FOLHA on-line. Três anos após o 11 de setembro. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2004/1109> . Acesso out.2005.
9. JORNAL NACIONAL, Rede Globo. Transmissão ao vivo do 11 de setembro de 2001. Disponível em: <http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,3586-p-11092001,00.html>. Acesso em: out.2005.
10. OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>. Acesso em out. 2005.
11. PASSETTI, Gabriel; PINTO, Carlos Ignácio e FIGUEIREDO, Danilo José. 11 de setembro de 2001- um marco para história do tempo presente. Klepsidra. Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra10/terrorismo7.html>. Acesso em: out.2005.
12. SCHÜTZ, Ricardo e KANOMATA, Takako. English made in Brazil – educational site. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-perg17.html>. Acesso em: out.2005.
13. SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Imprensa Americana adere à censura. 2001. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2001/jusp569/caderno/especial04.html>. Acesso em: out. 2005.
14. THE FREE DICTIONARY. Subjunctive and Indicative. Disponível em: <http://encyclopedia.thefreedictionary.com/indicative%20mood>. Acesso em: out.2005.
15. *TIME* Mediakit. Disponível em: <http://www.time.com/time/mediakit/about/index.html>. Acesso em: out. 2005.
16. *TIME* Mediakit. Nancy Gibbs and Lisa Beyer. In: About TIME, Biographies. Disponível em: <http://www.time.com/time/mediakit/about/biographies/senioreditorialstaff/index.html>. Acesso em: out.2005.
17. *TIME* on-line EDITION. Edição on-line sobre o 11 de setembro. Disponível em: <http://www.time.com/time/nation/article/0,8599,174655,00.html>. Acesso em out. 2005
18. *VEJA* on-line: Disponível em: <http://vejaonline.abril.com.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1>. Acesso em out.2005.
19. WIKIPEDIA. George Henrik von Wright. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Georg\\_Henrik\\_von\\_Wright](http://en.wikipedia.org/wiki/Georg_Henrik_von_Wright). Acesso em out.2005.
20. WIKIPEDIA. Sobre o 11 de setembro. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/September\\_11%2C\\_2001\\_attacks](http://en.wikipedia.org/wiki/September_11%2C_2001_attacks). Acesso em: out. 2005.
21. WIKIPEDIA. TIME Magazine. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/TIME>. Acesso em out.2005.
22. PORTAL BRASIL com a reportagem completa da Veja sobre o “11 de setembro”. Disponível em: [http://www.portalbrasil.net/reportagem\\_atentado\\_wtc.htm](http://www.portalbrasil.net/reportagem_atentado_wtc.htm) Acesso em: out. 2005.

# **Anexo 1**

Íntegra das Matérias e  
Tabelas de Nord

SEPTEMBER 24, 2001

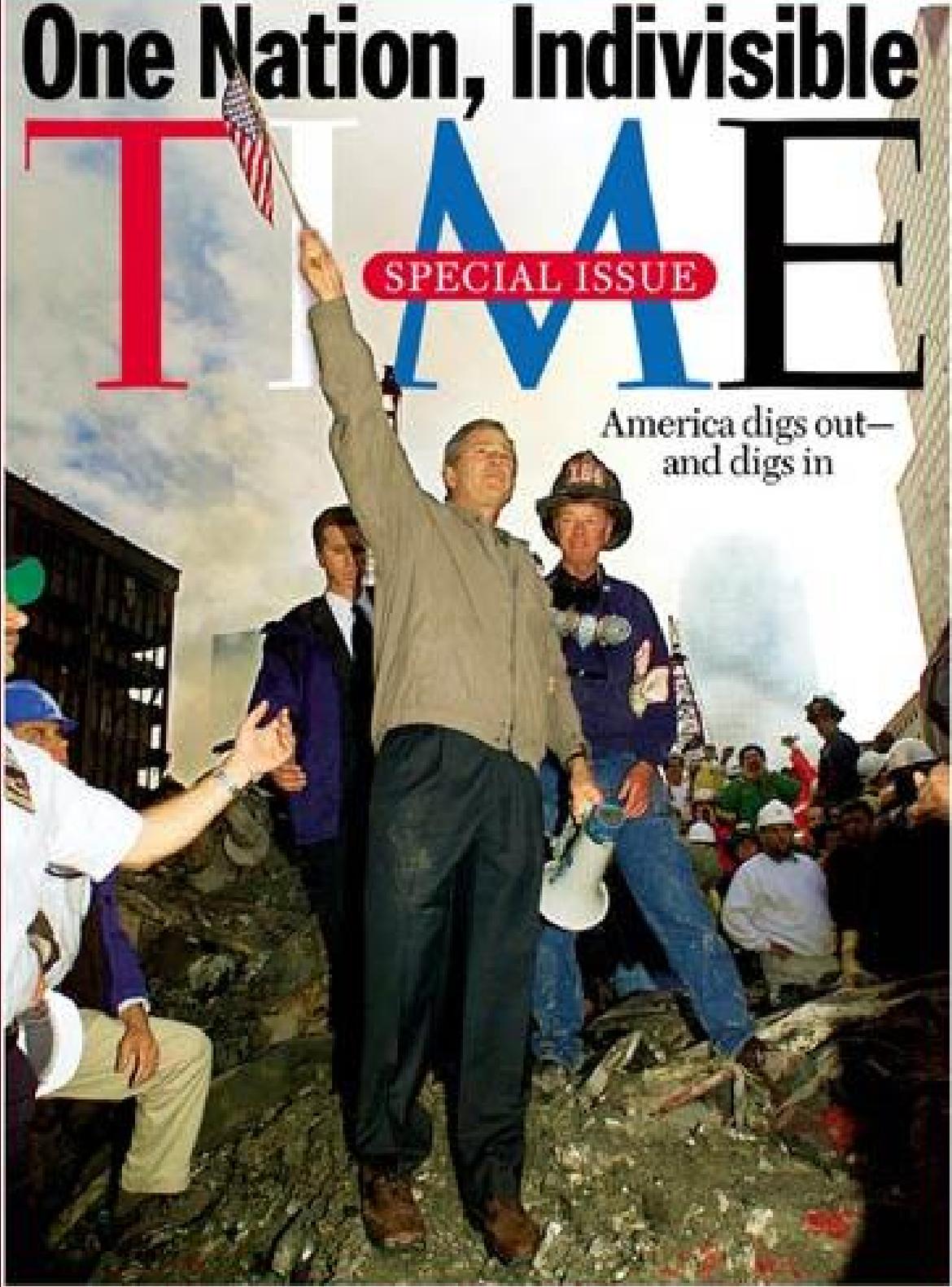
www.time.com AOL Keyword: TIME

# One Nation, Indivisible

# TIME

SPECIAL ISSUE

America digs out—  
and digs in



LATIN AMERICAN EDITION / SEPTEMBER 24, 2001

www.time.com AOL Keyword: TIME

# One Nation, Indivisible

# TIME

SPECIAL ISSUE

America digs out—  
and digs in  
for a war

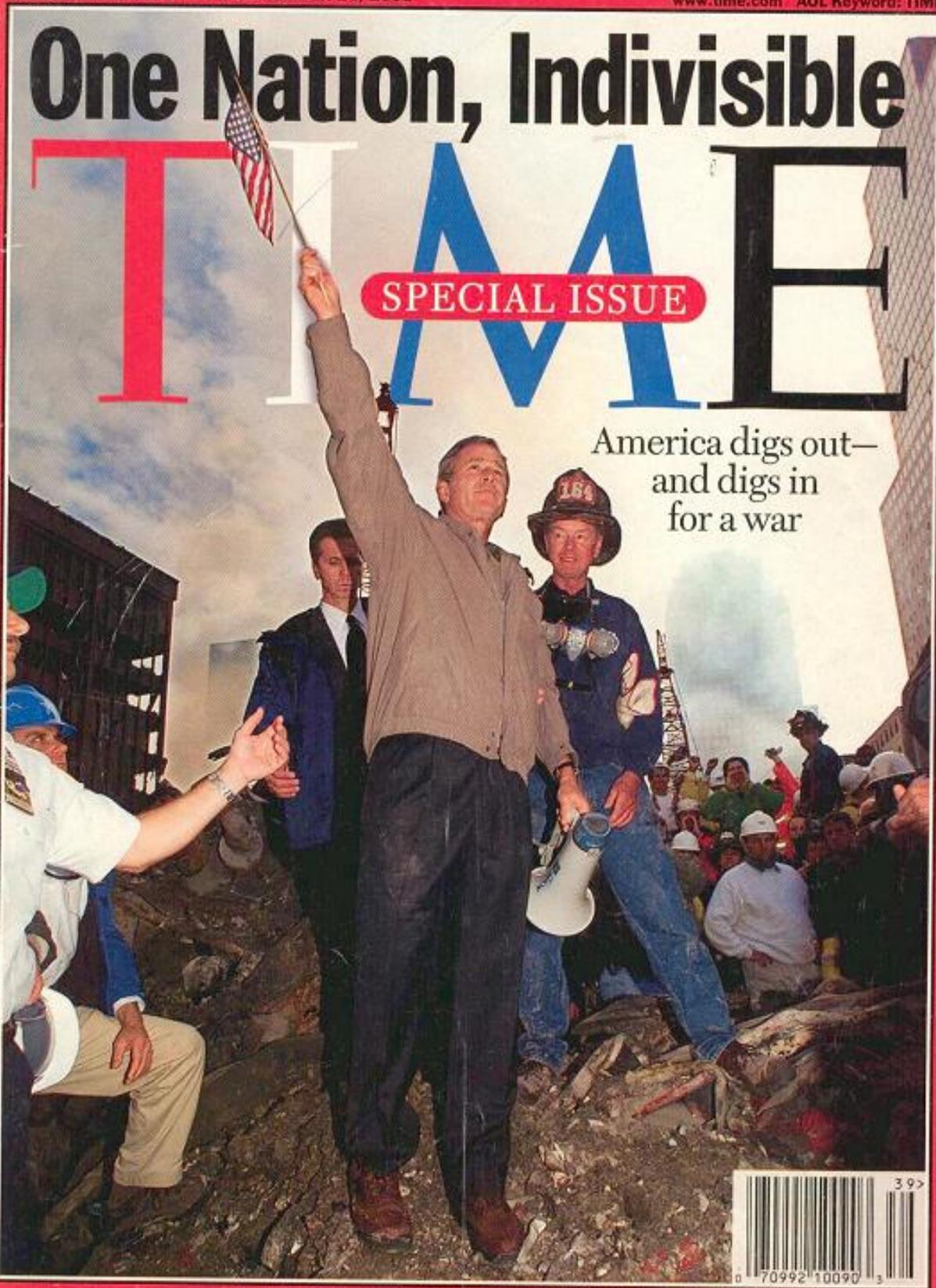


PHOTO: AP/WIDE WORLD; BUSH: AP/WIDE WORLD; HAT: AP/WIDE WORLD; CRANE: AP/WIDE WORLD; DEBRIS: AP/WIDE WORLD; WORKERS: AP/WIDE WORLD; SKY: AP/WIDE WORLD

# Showing the Flag

America's first nights of mourning and fear are giving way to a palpable anger. The entire nation joins New York and Washington in heartrending memorials even as it learns to focus on its latest enemy—and how to strike back **Page 9**

## Cover: Out of the Ashes

<b>TRACKING THE PLOTTERS</b> .....	<b>20</b>
The perpetrators of the attack are a new breed of terrorist	
<b>LETTER FROM WASHINGTON</b> .....	<b>29</b>
When he ignored p.r., the U.S. President began to discover his best	
<b>HOW TO RETALIATE</b> .....	<b>30</b>
For starters, the Bush Administration is building a global coalition	
<b>THE WAR THIS TIME</b> .....	<b>35</b>
General Wesley Clark on the fresh strategies needed for the fight	
<b>THE U.S. PRESIDENT UNDER PRESSURE</b> .....	<b>36</b>
An inside look at Bush in the glare of the crisis	
<b>OSAMA BIN LADEN: THE FACE OF TERROR</b> .....	<b>38</b>
A portrait of the Saudi renegade and his international network	
<b>LETTER FROM AFGHANISTAN</b> .....	<b>45</b>
The Taliban and its subjects prepare to face an angry world	
<b>CAN WE BE BOTH SAFE AND FREE?</b> .....	<b>46</b>
The attacks demand more vigorous policing, but at what cost?	
<b>VIEWPOINTS</b> .....	<b>53</b>
By Kurt Andersen, Charles Krauthammer and Roger Rosenblatt	

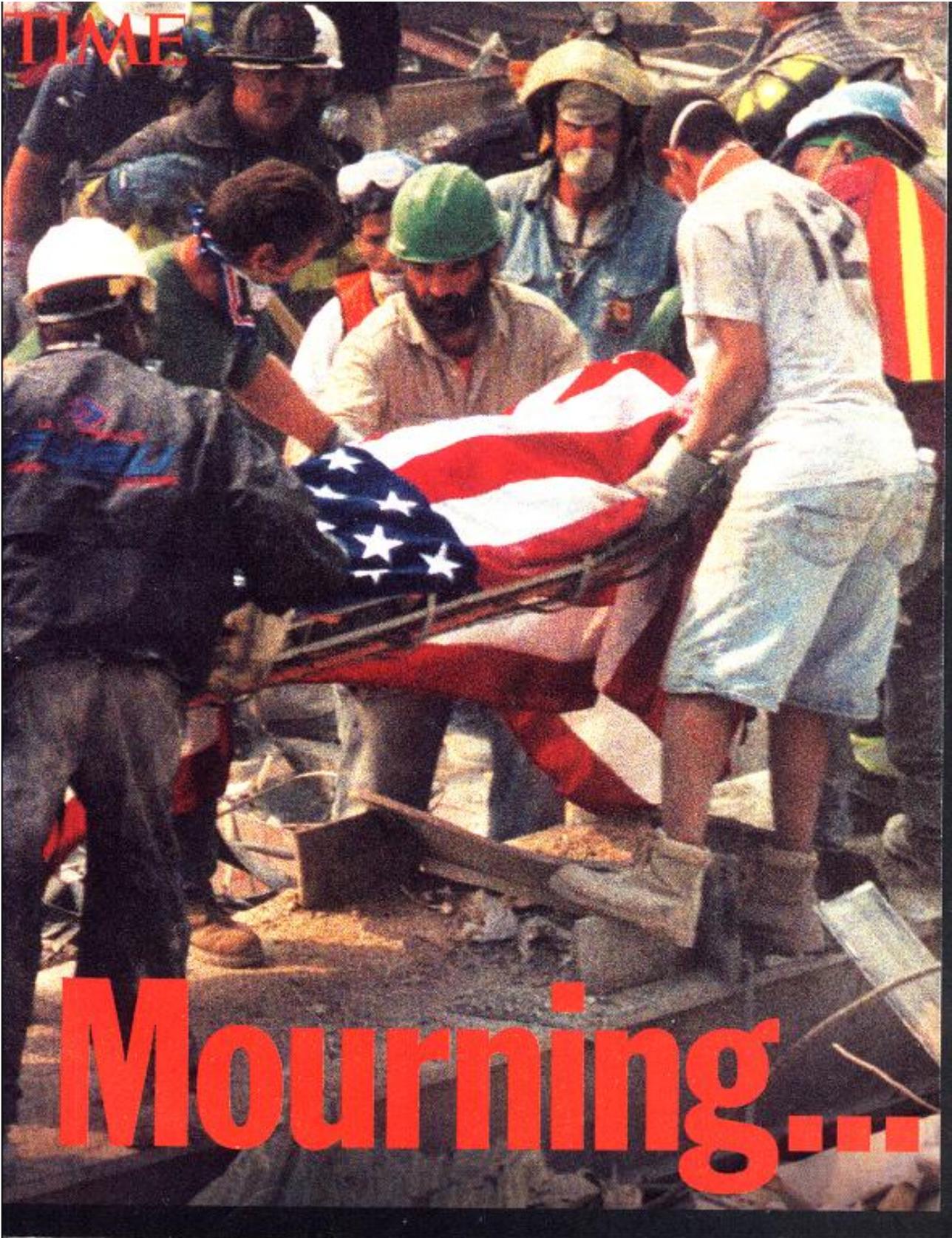
## September 11th, 2001

### A BLOW-BY-BLOW ACCOUNT OF THE TRAGIC DAY

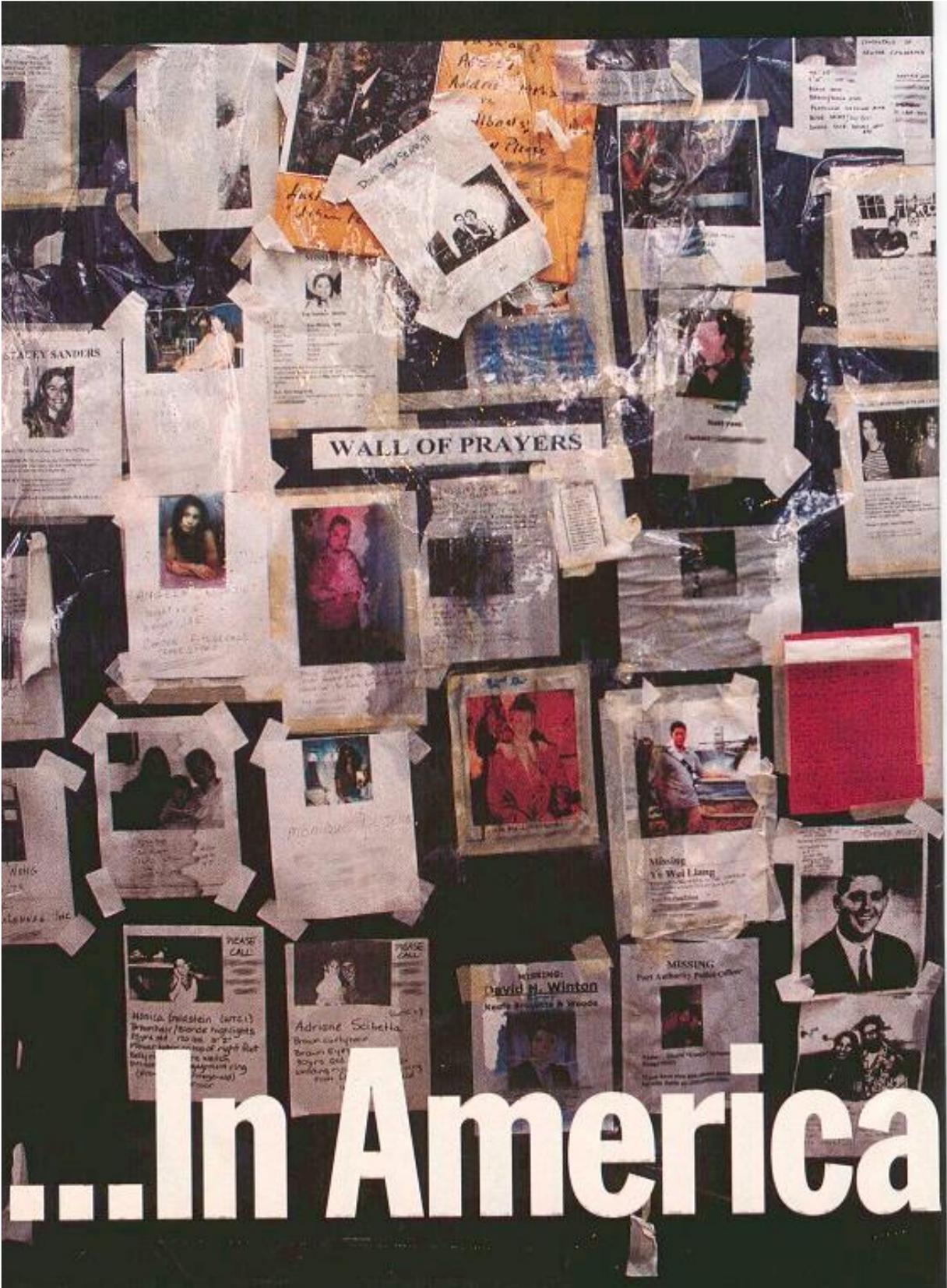
<b>LETTERS</b> .....	<b>5</b>
<b>FOR THE RECORD: Numbers tell the story</b> .....	<b>48</b>
<b>ESSAY: Doris Kearns Goodwin on F.D.R.'s challenge</b> .....	<b>56</b>

COVER: Photograph by Doug Mills—AP

TIME (USPS 945-820) is published weekly except for two issues combined into one in August and at year-end by Time Inc. Principal office, Time & Life Building, Rockefeller Center, New York, N.Y. 10020-1393. Periodicals postage paid at New York, N.Y., and at additional mailing offices. Send change of address notices to Time Magazine, Time Customer Service, Inc., P.O. Box 30601, Tampa FL 33630-0601. Subscription price: in individual countries listed elsewhere. Printed by St. Ives Inc., Hollywood, Florida 33020. Vol. 158 No. 11. Derechos de propiedad intelectual y de traducción reservados en todos los países. **Argentina:** Clasificada por el Consejo Argentino como de "interés general" bajo tarifa postal reducida. Colección No. 977. **México:** Franqueo pagado publicación periódica permiso n.ºm 001 0443 característico 224551703 autorizado por SEPOMEX Autorizada como correspondencia de 2o clase — Registro DGC-Mun. 001 0443, carácteribus 224551703, por la Dirección General de Correos de México. Responsable en México para efectos postales, Victoria Pérez Segura, Apdo. 37 - piso 1, 06140 México D.F. **República de Panamá:** Porte Pagado. **Guatemala:** Registrada artículo 2o clase — Registro No. 7. **Venezuela:** Ministerio de Comunicaciones, Dirección de Correos Registrados. **Aruba N.A.:** Port Belafeld. **República de Honduras:** Porte Pagado. **Bahamas:** Porte Pagado. **Costa Rica:** Porte Pagado. © 2001 Time Inc. All rights reserved. Reproduction in whole or in part without written permission is prohibited. TIME and the Red Border Design are protected through trademark registration in the United States and in the foreign countries where TIME magazine circulates.



**Mourning...**



By Nancy Gibbs

**I**n a week when everything seemed to happen for the first time ever, the candle became a weapon of war. Our enemies had

turned the most familiar objects against us, turned shaving kits into holsters and airplanes into missiles and soccer coaches and newlyweds into involuntary suicide bombers. So while it was up to the President and his generals to plot the response, for the rest of us who are not soldiers and have no cruise missiles, we had candles, and we lit them on Friday night in an act of mourning, and an act of war.

That is because we are fighting not one enemy but two: one unseen, the other inside. Terror on this scale is meant to wreck the way we live our lives—make us flinch when a siren sounds, jump when a door slams and think twice before deciding whether we really have to take a plane. If we falter, they win, even if they never plant another bomb. So after the early helplessness—What can I do? I've already given blood—people started to realize that what they could do was exactly, as precisely as possible, whatever they would have done if all this hadn't happened.

That was the spirit building in New York and Washington and all across the country, faith and fear and resolve in a tight braid. Because the killers who hate us did the unthinkable, nothing is unthinkable now. A plume of grill smoke venting from a Manhattan steak house leads to the evacuation of midtown office towers. Does every unclaimed package tick? After the Pentagon was hit, generals called their families and told them not to drink the water, it could be poisoned. Sales of guns and gas masks spiked. The NFL canceled its games for the first time ever; bomb scares emptied 90 sites on Thursday in New York City alone. People wore sneakers with their suits in case they had to fly fast down the stairs. Even after a SWAT team stormed a plane on the tarmac at Kennedy Airport to detain what it

**THE FLAG** played its part after the attack; rescue workers draped it over the body bags as they pulled victims from the wreckage.

Don M. Tellock



feared was the next wave of killers, no one had imagined this was over. It isn't. It may never be. We are on our way to a different place, and we will never hear the words of the songs the same way.

*Oh Beautiful, for Patriots' dream,  
that sees beyond the years  
Thine Alabaster cities gleam  
undimmed by human tears.*

The rescue effort had not stopped, even as it grew more dangerous. Lower Manhattan was a sharp steel forest where volunteers and fire fighters dug around the clock without rest. Doctors at St. Vincent's Hospital told of the fire fighter who had to carry out the decapitated body of his captain. The search dogs were overwhelmed; there was just too much flesh to smell. One emerged with a torn, blackened teddy bear in its mouth. Rescuers found the bodies of airline passengers strapped in their seats, a flight attendant with her hands bound. Doctors at the triage stations grieved that there were not more survivors to treat. All they could do was wash the grit out of the rescuers' eyes. Every so often the Klaxon sounded, another fractured building about to faint. Medics had to keep moving the morgue. Even the rescuers had to be rescued from the hidden caves, the shifting rubble, the filthy air. When the rains came Thursday night the peril merely increased, as the ash turned to porridge and the fires hissed and spat.

The rest of the city was strangely quiet, missing something, like when you have a tooth pulled and keep feeling for the space with your tongue. The World Trade Center towers were so big they had their own ZIP code; will that number now be retired, like that of a baseball hero suddenly gone? Amid the cortege of families wandering from hospital to hospital—Have you seen my wife, she was six months pregnant, on the 94th floor?—one man

had a postcard of the Twin Towers, with the message written: **THEY ARE MISSING. I AM LOOKING FOR THESE TWO GREAT BROTHERS OF NEW YORK.**

*O God, our help in ages past  
Our hope for years to come.  
Our shelter from the stormy blast  
and our eternal home ...*

At Washington National Cathedral on Friday, the Day of Remembrance, they sang these old hymns, the ones sung after wars broke out and Presidents died. There sat five Presidents and the generals and statesmen who came to hear lessons about mercy and justice, about the temptations of vengeance and the duties of leadership. Congress had become a coalition government; defense is not foreign policy anymore, it's domestic. President Bush declared a state of emergency and called up the reserves; Congress wrote a \$40 billion check. Soldiers at home and around the world were on high alert, and ready; 200 of their comrades had been burned and buried alive at the very command center of armed force. "This nation is peaceful, but fierce when stirred to anger," the President said. "This conflict was begun on the timing and terms of others. It will end in a way and at an hour of our choosing."

But it will also come in a way we still cannot imagine, because we are fighting an enemy we have never met. Suicide bombers are supposed to be 17-year-old zealots with nothing to live for but the hope of a martyr's welcome by 72 virgins in paradise. These men, the FBI reveals, lived middle-class lives, had degrees and jobs and wives and kids and a willingness to leave them all to kill us. Among the casualties last week was our sweet certainty that anyone lucky enough to be able to live in America, share its vices and freedoms and gifts, surely would not want to destroy it.





Colin Powell, the wartime general, was back out front, pulling together the support of allies in both the hunt and the fight and letting others know that from this point on, if you do not act as our friend, we will consider you our enemy. Bush and Powell didn't have to work hard to mount a coalition, though, because the bombers had done the job so effectively. As many as 500 Britons are feared to have died in the World Trade Center, along with Colombians, Canadians, Australians, Japanese, Egyptians and countless others; the terrorists had unified their opponents in an instant. The band played the U.S. national anthem during the changing of the guard at Buckingham Palace. Dublin's shops closed for a day of mourning, and Canadian stores sold out of American flags. WE ARE ALL AMERICANS, was the headline in *Le Monde*.

**F**OR THOSE NEAR GROUND ZERO, TRYING TO REACH STABLE ground felt like climbing out of a sand trap; a couple of steps up the slope, then back down again at the sound of some child talking about her missing daddy, a fiancé mourning a wedding that will never happen or a wife aching that she did not say goodbye to her husband thoroughly enough that last time. The final love letters had been delivered by cell phone: Be brave, commanded a tender husband, take care of our daughter. I love you.

The city was a cemetery in waiting: streetlights and phone poles plastered with portraits of the missing where normally the ads for lost pets or cheap painters would be. Outside the 69th Regiment Armory in New York City, the families afloat on hope and dread waited on line for the chance to fill out the seven-page form asking about their loved ones' tattoos and earlobes and shoe size and whether their fingers were tobacco stained. Maybe they are in a hospital, confused but safe. "I'm looking for my mother," says

Brian Daniels. "Her name is on the website that she's fine, but I don't know where she is." He doesn't know that many of those listings are false, and no one has the heart to tell him. The despair is unrelenting, and the funerals have hardly begun.

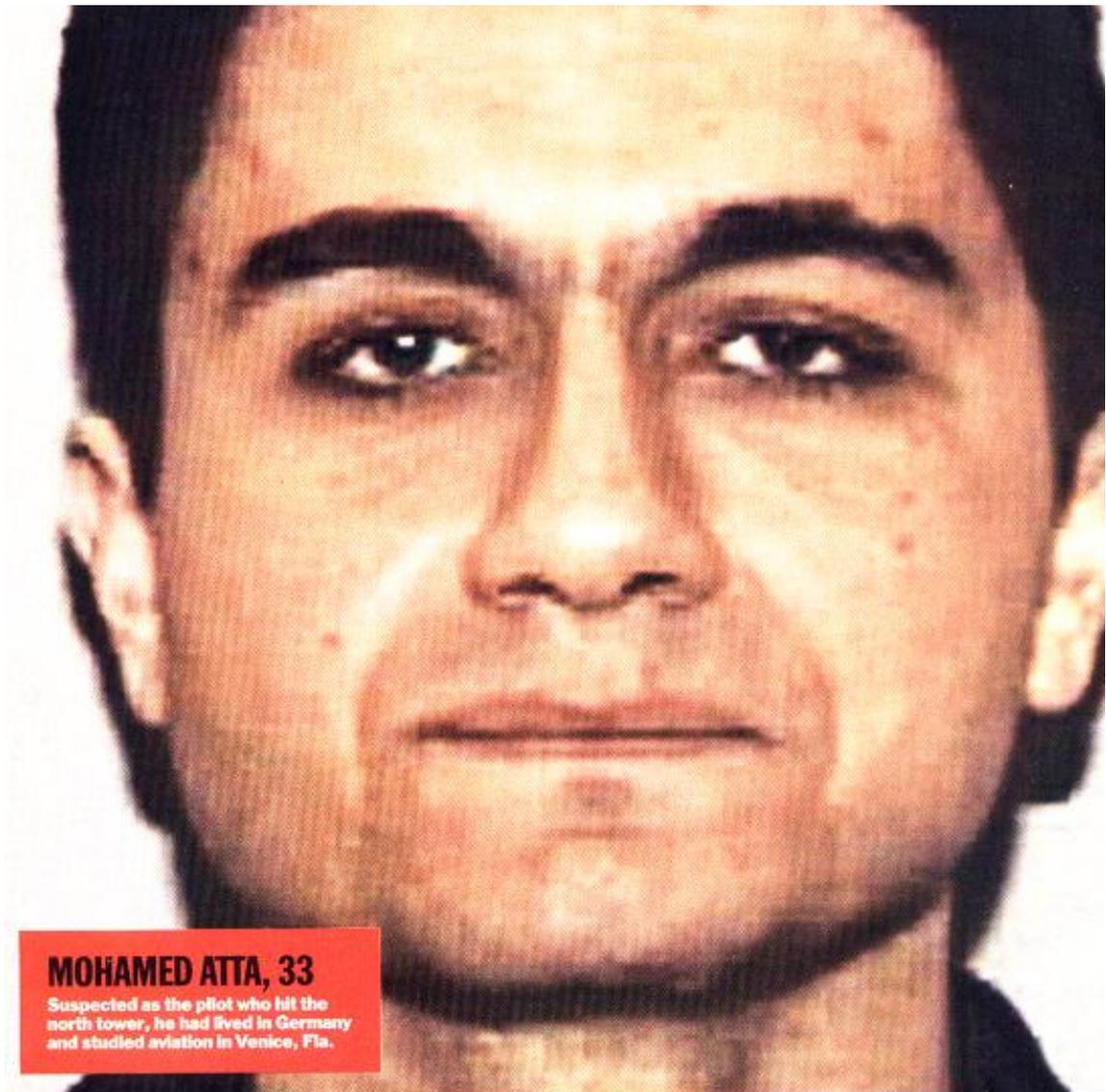
But so too is the hunger for action. Lines for newspapers stretch half a block; people walk with flags sticking out of their purses, wear them as bandannas on the streets. Everyone fights back in his own way; Wall Street retaliates by getting back to business. "We'll have conference calls every morning," a boss tells his team, whose offices have been vaporized. "I want that letter of intent in the morning." You can't stop competing if you're an American business—now the fight is for office space across in Jersey City, N.J. Broadway reopens its theaters; at the end of *The Producers*, Nathan Lane and Matthew Broderick lead the audience in *God Bless America*.

It will take us months, years, to understand what has been changed by this, and how. Irony is no longer safe for comics; comedy itself is in tears. Three decades of popular culture have turned into period pieces: *Working Girl* and *Escape from New York* and *Wall Street* and *Sex and the City* and *The Sopranos* and every opening shot of the tip of the island that was designed to say, "We're in Manhattan right now." Now we will see those shots and know they came before. When you got turned around in Greenwich Village's crooked streets, the towers were the lodestars. It will be easier to get lost now. "Those were my local mountains," a New Yorker says, but the mountains were laid low.

But yet one more hymn, from Friday's service:

*And though this world, with devils filled,  
Should threaten to undo us,  
We will not fear, for God hath willed  
His truth to triumph through us.*



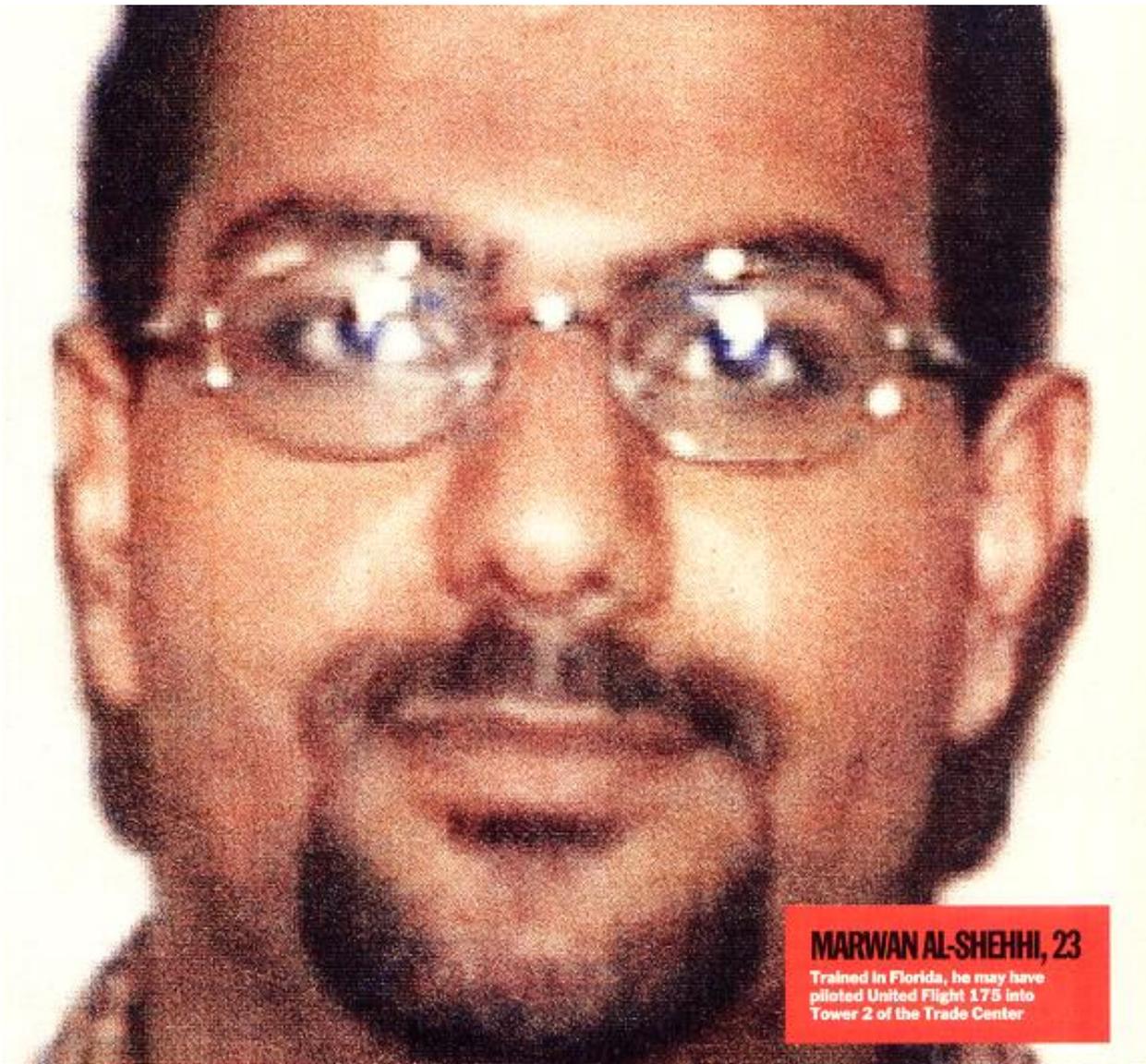


**MOHAMED ATTA, 33**

Suspected as the pilot who hit the north tower, he had lived in Germany and studied aviation in Venice, Fla.

■ **INSIDE THE CONSPIRACY**

**THE NEW BREED OF  
TERRORIST**



**MARWAN AL-SHEHHI, 23**

Trained in Florida, he may have piloted United Flight 175 into Tower 2 of the Trade Center

## An inside look at the lives of the men behind the attacks. Now dozens of their associates may be at large in the U.S. What will come next?

By JOHANNA MCGEARY and DAVID VAN BIEMA

IT WAS SO ORDINARY AT THE TIME, SO OMINOUS IN hindsight. An American Airlines agent at Dulles Airport in Virginia looked up as two polite young men of Arab origin handed over their tickets. Odd: they were waiting in the coach-class line, dressed in inexpensive clothes, but their tickets were first class, one way. Prepaid at \$2,400 each. "Oil money," thought the agent. Such passengers are common at Dulles, but these two looked a bit young: one, around 20, spoke a little English; his brother, even

younger, spoke none. And they seemed awfully thin, almost underfed. The agent saw they had ordered special Muslim meals, but so had some others on the flight. The brothers gave the right answers to standard security questions and had valid IDs, one of them a proper-looking Commonwealth of Massachusetts driver's license. The agent wasn't in a rush and laughed to himself that the two brothers were such infrequent flyers they didn't know they could check in at the empty first-class counter. But the two were patient, pleasant, low key. There was really nothing to trigger alarms as the brothers and three other passengers of

## American Airlines FLIGHT 11



■ **FLIGHT:** Boston to L.A.



■ **TARGET:** North tower of the World Trade Center (1 WTC)

■ **ON BOARD:** 92 people

■ **HIJACKERS:** Satam Al Suqami, Waleed Alshehri, Wail Alshehri, Mohamed Atta, Abdulaziz Alomari

■ **PLANE:** Boeing 767



Arab ethnicity boarded American Airlines Flight 77 for Los Angeles.

The two brothers were Nawaq Alhamzi and Salem Alhamzi, who knew they were going to die that morning. They were two of the 19 men who hijacked four planes and turned them into deadly missiles last Tuesday, shocking the world with their new technique for terror. But they were only the visible agents of the conspiracy. As investigators and intelligence services worldwide raced to trace their movements and feverishly searched for other plots, it became increasingly apparent that the 19 were merely soldiers, part of a terrible new army that owes its allegiance to a cause, not a country. There were other hands on the control sticks of those planes: the masterminds who dreamed up the plot and who saw it through to catastrophic conclusion. The goal of the new war on terrorism is not only to arrest perps and break up plots but also to trace those lines of responsibility as far as they go, to prove moral responsibility for terrorist acts on the part of any world leaders who encourage them.

PRESIDENT BUSH SOUNDED THE BATTLE call last week for a war to be waged on a



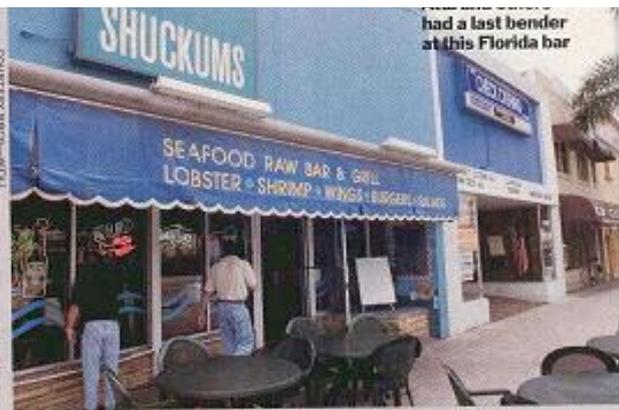
Mohamed Atta

An abandoned car with telltale tobacco was left at the Portland airport



thousand fronts. The sprawling investigation now under way will help the White House shape a response: not only an attack of retribution against those who plotted this massacre but also a long line of moves designed to forestall future attacks. "This is a conflict without battlefields or beachheads, a conflict with opponents who believe they are invisible. Yet they are mistaken. They will be exposed," the President said last Saturday. "We will smoke them out of their holes." Secretary of State Colin Powell spread the word worldwide: You are with us or you are against us.

At the FBI, they're calling the investigation PENTBOM, for Pentagon Twin Towers Bombing, and running the probe from inside the agency's high-tech Special Information and Operations Center, a 40,000-sq.-ft. command post in Washington where FBI Deputy Director Tom Pickard supervises the 4,000 agents and 3,000 analysts and support people working the case. Pickard's team had received 46,125 tips by last Saturday, which they



had a last bender at this Florida bar

### INTELLIGENCE FILE

The plane that hit first carried the greatest number of pilots: 4 of the 5 hijackers could fly. **Mohamed Atta** bought his suicide ticket online and sat in seat 8D. He went out drinking Saturday before the attacks—a griper about the bill. **Waleed Alshehri** once lived in a Virginia house three blocks from the CIA. His neighbors thought he was dealing drugs. **Abdulaziz Alomari** lived with his wife and four children in a stucco house in Florida. **Wail Alshehri** and **Satam Al Suqami** roomed together and shared a post-office box.

were farming out to field offices and 31 other agencies working with them on the case. Pickard, 51, a native of Queens, faces the colossal task of shaping the information into a portrait of a criminal organization ingeniously designed to avoid detection.

FBI agents are delving into the training logs and financial records of four Florida flight schools and others around the U.S., compiling a list of other pilots who could form the nucleus of fresh hijack teams that might be scrambling for jet seats even now. A U.S. intelligence official told *TIME* he believes some 30 terror operatives were deployed on the Sept. 11 mission. "There's more," says the official. "More than we have accounted for." And the hit squads were backed, officials now believe, by a network of financial, informational and logistical support. "There's a concern that there's a substantial infrastructure scattered around the country, in Detroit, Florida and Boston, for example," the intelligence official told *TIME*.

U.S. security agencies must unravel a conspiracy that stretches back years and across continents. Israel's Mossad,



**Al-Shehhi roomed with Atta in Coral Springs, Fla.**

**INTELLIGENCE FILE**

Unlike his abrasive cousin Mohamed Atta, a hijacker of American Flight 11, **Al-Shehhi** was remembered by his flight-school proprietor as "a friendly, laughing person." Ahmed had a pilot's license, having supposedly trained in Tulsa, Okla., and **Alshehri** attended the FlightSafety Academy in Vero Beach, Fla., but neither of the **Alghamdis** appears to have had flight training. According to the FAA, the hijacked flight nearly crashed into Flight 11 as the two airplanes approached New York City.



Marwan Al-Shehhi

**United Airlines**  
**FLIGHT 175**



**FLIGHT:** Boston to L.A.

**TARGET:** South tower of the World Trade Center (2 WTC)

**ON BOARD:** 65 people

**HJACKERS:** Marwan Al-Shehhi, Fayez Ahmed, Ahmed Alghamdi, Hamza Alghamdi, Mohaid Alshehri

**PLANE:** Boeing 767





A Cessna Skyhawk trainer at the Huffman Aviation airfield

experts in this sort of thing, estimate that it took at least two years and 100 people to pull it off. Someone thought long and hard how to do it, then found willing fanatics to carry it out. They carried different passports—Saudi Arabia, the United Arab Emirates, Lebanon—and perhaps pledged fealty to different radical factions. What brought them together was first a hatred of America for causing their resentments and frustrations, and then someone who knew how to transform their rage into bloody results. Osama bin Laden may be the top general in charge, but who are the field lieutenants? Even usually placid FBI officers called their search squads "frenzied" as they hunted last week for shadow figures who might be involved. To underscore the broad reach, at New York's Kennedy Airport Thursday, 10 people were questioned, and one was eventually held as a material witness.

THE WEST HAD DEVELOPED A FAIRLY WELL-DEFINED profile of the typical suicidal terrorist. That man would be young, 18 to 24, born in poverty, a victim of some personal tragedy, a despairing zealot with nothing to lose. He would be fanatic in behavior and belief: stern, moralistic,

teetotaling. The status of *shahid*, or holy martyr, would solve his earthly issues in paradise, and someone would give money to his family on earth. If he hailed from the rebel training camps of Afghanistan, where the cult of jihad gets its earthly gunmen, he would be fundamentalist in his faith, ignorant of the outside world, immersed in a life of religious devotion and guerrilla instruction. He would speak not in casual conversation but in scripture. An intense, carefully nurtured fanaticism would replace any natural instinct for self-preservation.

But the 19 men who carried out last Tuesday's attacks were different. They did their most important training right here, among us. They were "sleepers," unusually purposeful men, living ordinary lives as they prepared for extraordinary deeds; they had plenty of time to change their minds if they had wanted to. They lived by the terrorist handbook cited in the East Africa embassy-bombings trial: "When you're in the outer world, you have to act like them, dress like them, behave like them." They were older—one age 33, several in their late 20s—educated, technically skilled people who could have enjoyed solid middle-class lives. Some left wives and

children behind. Yet even more ardently than their young predecessors, these men made common cause with each other out of some profound hatred for America. Investigators don't know yet if they were recruited or they volunteered, but their need to do violence to the enemy and their unflinching will to carry the plan through over months, even years, brings a terrible new dimension to the dynamics of terrorism.

IT IS ONE OF THE TRUISMS OF THE MODERN airline industry that the U.S. trains many of the world's pilots. The backs of international pilot magazines are crammed with ads for flight schools in Florida, California and Arizona. "Three hundred sunny days a year," some of them proclaim, an enticement to students in a hurry to build up the hundreds of hours of basic prop-plane time needed before moving on to jet training and potentially lucrative careers. If Harvard, Yale and M.I.T. draw the world's future biochemists, these small four- and five-plane aviation schools attract the globe's future pilots.

Huffman Aviation, tucked on Florida's Gulf Coast between Tampa and Fort Myers, is just such a place. The weather is

**American Airlines**  
**FLIGHT 77**



Washington  
Dulles

**FLIGHT:** Dulles to L.A.

**TARGET:** The Pentagon

**ON BOARD:** 64 people

**HIJACKERS:** Khalid Al-Midhar, Majed Moqed, Nawaq Alhamzi, Salem Alhamzi, Hani Hanjour

**PLANE:** Boeing 757



A former student at this flight school is believed to be one of the hijackers




**INTELLIGENCE FILE**

**Khalid Al-Midhar and Nawaq Alhamzi** were the only hijacker on the FBI's terrorist-alert list. Midhar spoke little English and was in the U.S. on a one-year business visa. Alhamzi was attractive and polite, said a manager at his San Diego apartment complex. He had previously shared a New Jersey apartment with his brother **Salem Alhamzi**. **Hani Hanjour** had a commercial pilot's license with Saudi Arabia address. But he lived in San Diego and Phoenix, Arizona for a decade. **Majed Moqed** remains a mystery.

Mail Boxes Etc. store used by terrorist suspect

good. Gas and airplane rentals are cheap—you can fly a Cessna 150 single-engine plane for \$55 an hour, 40% less than what you might pay in a big city. The airport café is open, serving hot, cheap food with aviation nicknames like "Emergency Descent," a bacon cheeseburger.

For the better part of the past year, as the U.S. elected a new President and pondered the Internet bust, Mohamed Atta and Marwan Al-Shehhi spent their days buzzing up and down the Florida coast in small Cessnas, building time. Their training began in earnest in July. They were quiet and private. For a week or two they leased a room—\$17 a night—from Charlie Voss, a bookkeeper at Huffman. But Voss's wife did not like their slovenly habits. In the morning they would pad from the shower with wet hair and snap their heads around. "You've been here long enough, and you need to find a place," Charlie told the two. "Go to it."

They seemed to be in a rush to fly the big planes. Long before they were really ready, before they had the 1,000 or so hours any airline would demand of a future jet pilot, they invested in expensive time in a training device. The 727 full-motion simulator is a multimillion-dollar contraption that twists and

bucks and turns on hydraulic pistons like a Disney ride. But the technology is good enough that airline pilots use simulators regularly to train for emergencies that are too dangerous to practice in a real plane: a double-engine failure or a fire on takeoff. For \$1,500, Atta and Al-Shehhi bought six hours of simulator time from Henry George, who owns the SimCenter School in Opa-Locka. He led them through a few basic maneuvers: climbs, descents, turns. It wasn't much, but it was enough to give a beginner pilot a realistic sensation of how to handle a three-engine jet airliner. And enough, later, to break George's heart. "To think that I helped in any way their terrible cause, that my skills were used for such a terrible deed," he says. Al-Shehhi was on board United Flight 175 and was probably the pilot of the airliner as it smashed into the side of the World Trade Center's south tower. Atta was on American Flight 11, which had hit the north tower 21 minutes earlier.

They were not, it seems, alone in their training. Waleed Alshehri, in his mid-20s, had graduated in 1997 with a degree in aeronautical science and a commercial pilot's license from the prestigious Embry-Riddle Aeronautical Uni-

versity in Daytona Beach, Fla., where nearly a quarter of all commercial pilots train. He surely knew how to fly the large aircraft the terrorists planned to ram into their targets. He was on American Flight 11 with Atta. Abdulaziz Alomari told his Vero Beach landlord in July 2000 that he was a Saudi commercial pilot when he moved in with a wife and three kids. He was then taking classes at FlightSafety Academy, often patronized by employees from Saudi Arabian Airlines. He too would have had the rudimentary skills needed to steer an airliner. Says a neighbor: "My kids played with his kids. I'm stunned." He was aboard Flight 11 as well. Of the five hijackers on board, four were U.S.-trained pilots.

As far back as 1996, at least two other men were following a similar course. Hani Hanjour, another of the eventual hijackers, was working with a CRM Airline Training Center in Scottsdale, Ariz. By 1999 Hanjour had accumulated enough hours—250—to fly with an FAA examiner for his commercial pilot's license. It was awarded and issued that same year. His address: a post-office box in Saudi Arabia, though for much of the past year he had lived with two other men, Nawaq Alhamzi and Khalid

**United Airlines  
FLIGHT 93**

Newark  
Shanksville, Pa.

**FLIGHT:** Newark to San Francisco

**TARGET:** Somewhere around the Capital. Crashed in Pennsylvania

**ON BOARD:** 45 people

**HIJACKERS:** Saeed Alghamdi, Ahmed Alhaznawi, Ahmed Alnami, Ziad Jarrah

**PLANE:** Boeing 757

FlightSafety Academy in Vero Beach, Fla.

Ziad Jarrah

**INTELLIGENCE FILE**

Jarrah, 26, above right, earned a pilot's license while living in a Hamburg, Germany, apartment house, right. Later, in Hollywood, Fla., neighbors remember him as a professional who blended in despite driving a red Mitsubishi Eclipse. Alghamdi, 20, another pilot, listed his address as the FlightSafety Academy in Vero Beach, Fla., above. But he also once shared an apartment in Delray Beach, Fla., with Alnami and another suspect, Hamza Alghamdi, who was aboard UA Flight 175, the second plane to crash into the Trade Center

Jarrah's girlfriend's apartment in Germany

Al-Midhar in a San Diego apartment complex.

They were a quiet lot. "I saw them watching and playing flight-simulator games when I was walking my dog at 10 or 11 at night. They would leave the front door open," recalls Ed Murray, who lived across from them. It was the closest contact anyone at the complex had with the three. "Anytime you saw them, they were on their cell phones. What I found strange was that they always kept to themselves. Even if someone got in the pool, they got out." Another neighbor, Nancy Coker, 36, saw them getting into limos late at night, even though the car that neighbors said they drove was a gray Toyota Camry, early '90s vintage. "A week ago, I was coming home between 12 and 1 a.m. from a club. I saw a limo pick them up. It wasn't the first time. In this neighborhood you notice stuff like that. In the past couple of months, I have seen this happen at least two or three times." Last week Hanjour was the probable pilot when American Airlines Flight 77 flew into the Pentagon with Alhaznawi and Al-Midhar aboard.

HOLLYWOOD, FLA., IS AN OVERLOOKED burg outshone by Miami on one side and Fort Lauderdale on the other, trying to

grab some limelight with a string of sushi and blues restaurants. One such establishment is Shuekums Oyster Pub and Seafood Grill, a music showcase with the requisite life-size shark mounted on an ocean-colored wall. It was at Shuekums, on Sept. 8, that Mohamed Atta and Marwan Al-Shehhi did some pre-mass murder tipting. Atta drank vodka and orange juice, while Al-Shehhi preferred rum and cokes, five drinks apiece. "They were wasted," the bartender recalled, and Atta objected to the \$48 bill. Tony Amos, the manager, asked if they were short the cash. "No," said Atta. "I have plenty of money. I'm a pilot." And he hauled a wad of \$50 and \$100 bills from his pocket, eventually leaving a \$3 tip.

Atta and Al-Shehhi, his close companion, are the two hijackers the investigation has been most successful in profiling. Before journeying to Florida, Atta studied for several years at Germany's Technical University of Hamburg-Harburg and shared an apartment with Al-Shehhi. According to German chief prosecutor Kay Nehm, they were linked with a group formed with the "aim of carrying out serious crimes, together with other Islamic extremist groups

abroad, to attack the U.S. in a spectacular way through the destruction of symbolic buildings."

There, in a 780-sq.-ft. apartment in a working-class district, they appear to have lived a life involving deepening Islamic practice and community. They had frequent visitors, sometimes as many as 20 at a time, witnesses told the *New York Times*. The group left their shoes at the door and could frequently be heard reciting from the Koran. They wore traditional Islamic garb, at least some of the time. The men often sat in circles on the floor praying, a neighbor reported. When they caught her watching, they installed blinds. They spoke good German. One neighbor complained about loud Arabic music. Despite Nehm's claims, the German sojourn has the feel of a somewhat more relaxed period, of working toward a goal that was not yet imminent.

Some of the future hijackers developed a connection with Portland, Maine, that investigators are still puzzling over. Getting to and from that city has become easier in the past few years as the big airlines have laid on small-jet routes to link it to Boston and other Northeastern hubs. The Portland airport still has just one secu-

## INSIDE THE CONSPIRACY

rity checkpoint, which has a surveillance camera pointed at it. On Tuesday, shortly before 6 a.m., the camera captured an image of Mohamed Atta and Abdulaziz Alomari clearing security in the quiet airport for a US Airways flight to Boston. "In the photo, Atta has a ticket in his hand and a small shoulder bag," says Michael Chitwood, who runs Portland's 155-man police department. Both men were dressed in Western garb.

They evidently arrived in Boston the previous Sunday, drove back to Portland and then flew again to Boston. But this would have increased their exposure to airline security, which they had to clear once in Portland and again in Boston, since US Airways and American Airlines operate from opposite ends of the terminal. Yet, says Chitwood, "if these guys carried out this attack the way they did, they had a reason to be up here, but who the hell knows what it is?"

The movements, however, suggest a group of hijackers quite familiar with airport and immigration security, men who had figured out how to move in and around the U.S. without attracting notice. This is especially remarkable since several of them, sources tell TIME,

were already on FBI watch lists. Toward the end of 1999, the CIA received sketchy information connecting two of the dead hijackers—Khalid Al-Midhar and Nawaq Alhamzi—to bin Laden's organization. Officials tell TIME the CIA information was considered too vague to pass along, but by this summer those suspicions had firmed up. There was no indication of the plot they had in mind, but there were strong hints of links to bin Laden associates, including a connection to a suspect in the bombing of the U.S.S. *Cole*, enough to raise a flag in the CIA database. A U.S. official deep in the investigation says it has now been determined from Immigration and Naturalization Service records that Al-Midhar and Alhamzi visited the U.S. briefly in 2000. They returned in July 2001, giving "Marriott in New York City" as their destination. On Aug. 23, the CIA passed their names to the FBI and the INS for inclusion on the U.S. watch list, and FBI

agents searched the country for the two. But they had left addresses that turned out to be useless, and the FBI never found them until they crashed into the Pentagon. Only afterward did the FBI turn up the address for Al-Midhar in the Claremont area of San Diego.

The suicide squads seem to have regularly used their own names, or at least consistent noms de guerre, when they enrolled in flight school, rented apartments, bought cars. Police have impounded cars they used and searched apartments up and down the American East Coast and in Germany, hauling off bags of potential evidence. In Florida, the FBI picked up a discarded tote bag at the Panther Motel, where Al-Shehhi stayed during the past two weeks. Its contents: maps, flight manuals and martial-arts books.

Some of the men seemed to use the same Visa card, on which they rang up substantial charges, and gave the same Mail Boxes Etc. addresses, especially

### PSYCHOLOGY

## What Makes Them Tick?

**M**ohamed Atta poses a puzzle, and Abdulaziz Alomari poses a bigger one. Until now the standard profile of Islamic martyrs was: young, nothing to lose and fanatically, hermetically Muslim. Atta, 33, flouted Islamic morality by slugging down vodka like a sailor. And as for Alomari, 28: How does a man—no brainwashed boy dreaming of virgins in paradise but a man in his prime with a wife and four or five children—vaporize that life by flying a plane into a building? Why? Why now?

There are many possible answers, but few feel sufficient. Theologically, some Middle Eastern sheiks justify suicide bombings on the basis of Muslim medieval traditions, although most of their colleagues worldwide disagree. Politically, campaigns against Muslims in Bosnia, Albania, Chechnya and Israel create a nationalist desperation that can draw even secularists to pan-Islamic dreamer-schemers like bin Laden, especially when they can offer a



**CENTER OF THE STORM** Osama bin Laden in a video made during his son's wedding

checkbook and organizational savvy. Then there is globalization. When Islam stopped gaining territory in the Middle Ages, its thinkers developed mechanisms for coexisting with a permanent Western other. But to new theorists like bin Laden, globalization represents the end of that détente and the start of a hobnailed Western victory march, justifying extreme actions in self-defense.

Philip Lamy, a professor of sociology and anthropology at Castleton College in Vermont, further probes that world view: "The fear that these changes will eradicate their language. Their religion. Their way of life. Westernization as the major lifestyle.

Capitalism as the major economic system. English as the major language. Tourism as a major industry. These things scare them. This is not just a madman's mind-set."

No. Perhaps this is a definition of a terrifying kind of sanity, whether we want to wrap our minds around it or not. We can parse the lives of the suicides into subatomic bits and still not arrive at a why that we can accept. But it has happened once now. No peculiarity emerges from their tales, in character or plot, to indicate that it may not happen again.

—By David Van Biema.  
With reporting by John U. Bacon/Ann Arbor and J.F.O. McAllister/London

## ■ INSIDE THE CONSPIRACY

toward the last days of their lives. On attack day, four to seven cross-country tickets were billed to the same card. The same card number showed up on the rental contract for a car the hijackers left at Logan Airport and for a Boston hotel room some slept in. The pile of credit-card receipts, rental-car contracts, hotel bills and airline tickets tracks their movements as they eventually made their way from Florida to three chosen airports. By then, the ones determined to die didn't seem to care whether they left a trail, but investigators say the paperwork also opens useful leads in new directions.

Investigators don't know how much the suicide pilots knew about their confederates before they gathered Tuesday morning at their assigned planes—or if they knew others would undertake similar missions. But preliminary information suggests that the cells followed classic bin Laden practice: over time, cell members built up a small local support network to collect information, rent houses, buy equipment for the "sleeper" operatives while they waited to be activated. As happened with the East Africa embassy bombings, agents think only a few superior handlers—a Commander X or two—sent perhaps by HQ at the penultimate moment, knew how the final pieces were meant to fit together. They're the ones Washington desperately wants to find, because they might provide the definitive link to bin Laden and interdict more terrorist acts.

But there are plenty of clues to retrace the steps of the hijackers in their final days and hours. Boston seems to have served as a forward staging area, a big city where the terrorists could vanish in the large Arab population. Three times last month Atta rented cars from Warrick's Rent-a-Car in Pompano Beach and checked one back in with 2,000 miles on the odometer. He brought the last one back Sept. 9. Parking-lot cameras picked up a white Mitsubishi sedan leased from an Alamo franchise that had gone in and out of Boston's Logan Airport five times between Sept. 5 and Sept. 11.

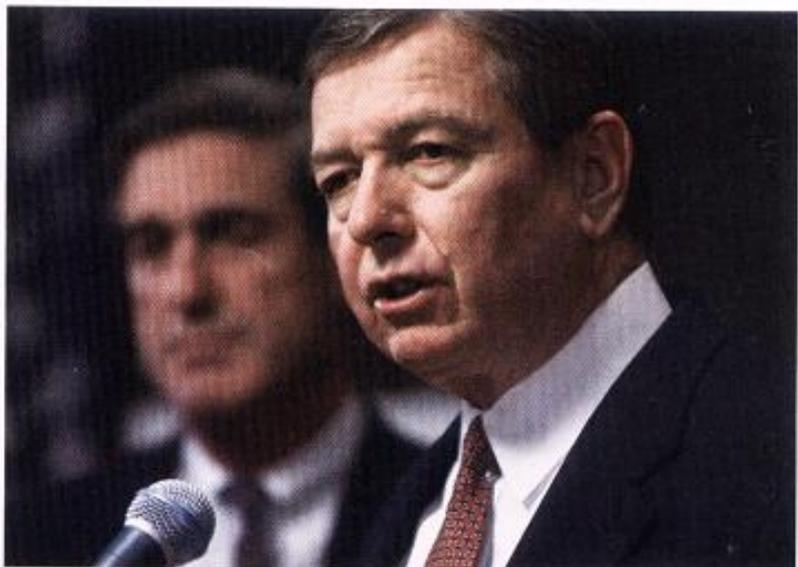
Someone, maybe Atta, was meticulously casing the airport, checking plane schedules, looking for half-empty flights, testing security measures. He and his accomplices obviously learned a great deal about airline schedules, aircraft capabili-

ties and fuel loads, perhaps even seat configurations. The car was found there again Tuesday night, containing a "ramp pass" to enter restricted areas of Logan Airport. Maybe that someone was reconnoitering with accomplices who worked on the planes, who could plant weapons onboard. Monday night, some of the Boston suicide squads collected at the Park Inn in suburban Chestnut Hill. By Wednesday dozens of police in bulletproof vests descended on Room 432 to collect and remove evidence.

When the four cells arrived at their takeoff airports on Tuesday morning, they no longer needed the karate and flight

Dulles and swung it around to smash into the Pentagon at 9:40 a.m. The cockpit voice recorder that might have clarified whether this plane intended to take out the White House or the Capitol was found too badly damaged to provide any information. Only the kamikazes who got on United 93 in Newark were thwarted, after determined passengers decided to die "doing something about it" rather than let the terrorists crash the plane into their apparent Washington target.

WHAT WE KNOW NOW IS ONLY THE SURFACE. The unidentified support structure



**FOLLOWING THE TRAIL** Ashcroft fields questions about the investigation into the attacks

manuals investigators would later discover. Two teams of five rendezvoused at Boston's Logan, a third group of four at Newark and the last five men at Dulles, with their knives and their box cutters either stashed in their shoulder bags or perhaps already concealed onboard. Wail Alshehri, Waleed Alshehri, Mohamed Atta, Abdulaziz Alomari and Satam Al Suqami boarded American Airlines 11 and drove it square into the World Trade north tower at 8:45 a.m. A few minutes later, Marwan Al-Shehhi, Fayed Ahmed, Mohald Alshehri, Hamza Alghamdi and Ahmed Alghamdi departed on United Airlines 175 and rammed it through the corner of World Trade south tower 21 minutes later. Khalid Al-Midhar, Majed Moqed, Nawaq Alhamzi, Hani Hanjour and Salem Alhamzi embarked on American Flight 77 out of

worries intelligence officials just as much. Officials want to know too the whereabouts of others from the Muslim world who enrolled at the same flight schools, trained with the kamikazes and perhaps connected to field supporters of the operation. More than 100 names of acquaintances of the hijackers have been forwarded to 18,000 law-enforcement agencies in the U.S. and 20 overseas FBI offices in hopes that a few will help identify terrorists still living. Some raw intelligence led to speculations there might be a phase-two operation, maybe involving car bombs. Some leads suggest a fifth suicide effort was aborted when its target air flight to L.A. was canceled in the wake of the other terrorists' successes.

What we still need to know is the deeper connections: the radical affiliations of

## INSIDE THE CONSPIRACY

the hijackers and the links that connect those 19 dedicated death seekers to the men who ordered them to do it, and the men who would like to emulate them. Their personal agendas are less important than who recruited them, financed them, oversaw their mission. As Secretary of State Colin Powell said Wednesday, "When you are attacked by a terrorist and you know who the terrorist is and you can fingerprint it back to the cause of the terror, you should respond." Now the public tips and paper trails, worldwide investigation and local canvassing need to hunt down that fingerprint.

Nearly everyone in Washington has all but concluded the whorls and ridges belong to bin Laden. President Bush named him the "prime suspect" on Sat-

urday. When you look at the point of this attack, who better does it serve? The faceless enemy needs no claim of responsibility to get his message across; he has no agenda that can be met. What he wants is to make a statement: to carry out attacks to prove that he can. What better recruiting poster than that searing image of a plane shearing through the south tower: it tells the faithful, Look at me, look what we can do, join me.

The U.S. will have to keep cool in the coming days as it proceeds to give life to Bush's vow of war on terrorism. It may lift our hearts now to pledge an end to it, but heartache and heartbreak lie ahead in what promises to be a long, painful struggle to pre-

vail. "You will be asked for your strength, because the course to victory may be long," said Bush last week. Even if bin Laden worked "alone" this time, he is not alone in his enmity. His ideas and thousands of men like him are still out there. —Reported by *Carole Buia/New York, Teresa Brumback and Elaine Shannon/Washington, Jeanne DeQuine/Miami, Yvette C. Hammatt/Vero Beach, Broward Liston/Daytona Beach, Rochelle Renford/Venice, Jill Underwood/San Diego, Eric Francis/Boston and Kathie Klarreich/Coral Springs*

### THE TRUE VALUES OF ISLAM

## One God and One Nation

**G**hassan (Gus) Karim's daughter was on the phone. Karim is a tailor who immigrated to the U.S. from Lebanon in 1969. Thirty-two years later, when George W. Bush took the oath of office as President, he was wearing a suit made by his friend Gus. But after last week's bombings, Karim's daughter, who works for a Dallas financial-consulting company, called in tears. She had been taunted. "You were born in this country. Don't worry about it," Karim told her. A Muslim, a Rotarian and an American success story, he says, "This is my home, and I am proud to be here. I will never forget what this country gave me."

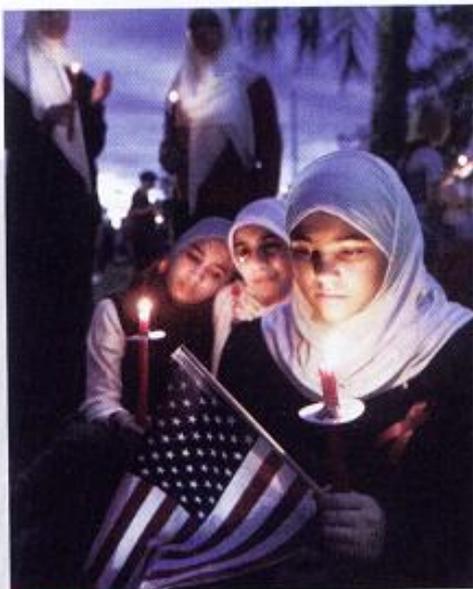
Islam may be America's fastest-growing faith. The country's 7 million Muslims are overwhelmingly middle and professional class: a handful of autoworkers, many more small-business owners, lots of doctors and, increasingly, university professors. There are very few poor among them. Since many arrived in the 1960s as students, says Professor John Esposito, head of the Center for Muslim-Christian Understanding at Georgetown University, "it's remarkable how fast they are making it up the ladder. And the next generation is expected to do better." They are social conservatives: more than 65% voted for George W. Bush. They are pro-gun control, pro-environment and pro-death penalty. They are proud of their country. And they are viscerally—indeed, theologically—antiterrorist. One of the first clerics to speak at the service at the National Cathedral last week was Imam Muzammil H. Siddiqi: "We see the evil of destruction and the suffering of many of the people before our eyes. With

broken and humble hearts and with tears in our eyes we turn to you, O Lord."

Like Judaism and Christianity, its close religious relatives, Islam honors all humanity—not just believers—as created by God, who is referred to as "the compassionate and merciful." The Judeo-Christian respect for the widow and the orphan is amplified by the fact that the Prophet Muhammad was himself an orphan, notes Georgetown's John O. Voll. And for all the conflict depicted in the Koran, its recognition of pluralism is embodied in a verse that explains that God created humans different from one another so that they can learn from one another.

Amid the carnage of the Middle East, some clerics are providing young men with religious rationales for slaughter. But they are the anomaly in the global embrace of the faith. The leaders of Islamic America describe such reasoning as worse than a minority opinion—in fact, a kind of perversion. Sheik Taha Jabir Alalwani, president of the Graduate School of Islamic and Social Sciences, has this to say of the Twin Tower terrorists: "If they claim they are Muslim, I would say they are not."

That opinion rests on the Koran's Chapter 60, Verse 8, which bids Islamic victors to "show [civilians] kindness and deal with them justly." In the Hadiths, or traditions of Muhammad, the Prophet commands, "Neither kill the old... nor children and babes nor the females," and is portrayed as appalled to discover a woman's



**SOLIDARITY** Hundreds of Muslims in Panama City, Fla., mourn the victims of the attack

corpse on a battlefield. Similar protections pertain to farmers and tradesmen. Even the slaughter of enemy soldiers is enjoined if no war has been declared. "It's basically the Geneva Convention," says Jamal Badawi, a well-known Islamic interpreter who teaches at St. Mary's University in Halifax, Nova Scotia. Badawi compares the acts of Sept. 11 to the murder of abortion providers by a Christian gunman who argues that life is sacred.

Gus Karim is not a theologian, but he is a man of faith. "The Koran says, if a man kills an innocent person, to God it looks like he is killing all innocent people on earth," he says. "If you save an innocent person, it looks to God that you are saving all life on earth." He has urged his fellow Rotarians to raise money for the Red Cross. He prays for last week's victims. And for America. "This is my home and my country," he says. "And I want my country to come back together." —By *David Van Biema. With reporting by Hilary Hylton/Austin*

## ■ OSAMA BIN LADEN

# THE MOST WANTED MAN IN THE WORLD

He lives a life fired by fury and faith. Why terror's \$250 million man loathes the U.S.

By LISA BEYER

**T**HINGS MIGHT HAVE TURNED out differently for Osama bin Laden—and for the denizens of southern Manhattan—if the tall, thin, soft-spoken 44-year-old hadn't been born rich, or if he'd been born rich but not a second-rank Saudi. It might have been another story if, while studying engineering in college, the young man had drawn a different teacher for Islamic Studies rather than a charismatic Palestinian lecturer who fired his religious fervor. Things might have been different if the Soviet Union hadn't invaded Afghanistan, if Saddam Hussein hadn't stolen Kuwait, or if U.S. forces hadn't retreated so hastily after a beating in Somalia, giving bin Laden the idea that Americans are cowards who can be defeated easily.

Of course, Osama bin Laden wouldn't buy any of that. For him, life is preordained, written in advance by God, who in bin Laden's view must have delighted in the deaths of all those infidels in Manhattan last week. Still, those are among the seminal details that shaped the man U.S. officials believe to be not only capable but also guilty of one of the worst single massacres of civilians since Hitler's camps were shut down. How does any one man, and an intelligent man, come to be so angry? And so callous? Bin

Laden has considered himself at war with the U.S. for years, even if the U.S. is getting there only now. Still, how does one man come to be so comfortably certain in the face of responsibility for so many devoured lives?

Last week's deadly operation took planning, patience, money, cool, stealth and extraordinarily committed operatives. It was a measure of the sophistication of the complex network of devout, high-spirited Islamic militants whom bin Laden has been assembling for almost 20 years. The big challenge here was will. Whence did the will grow to do something so atrocious?

In many ways, bin Laden's story is

like that of many other Muslim extremists. There's the fanatical religiosity and the intemperate interpretation of Islam; the outrage over the dominance, particularly in the Arab world, of a secular, decadent U.S.; the indignation over U.S. support for Israel; the sense of grievance over the perceived humiliations of the Arab people at the hands of the West.

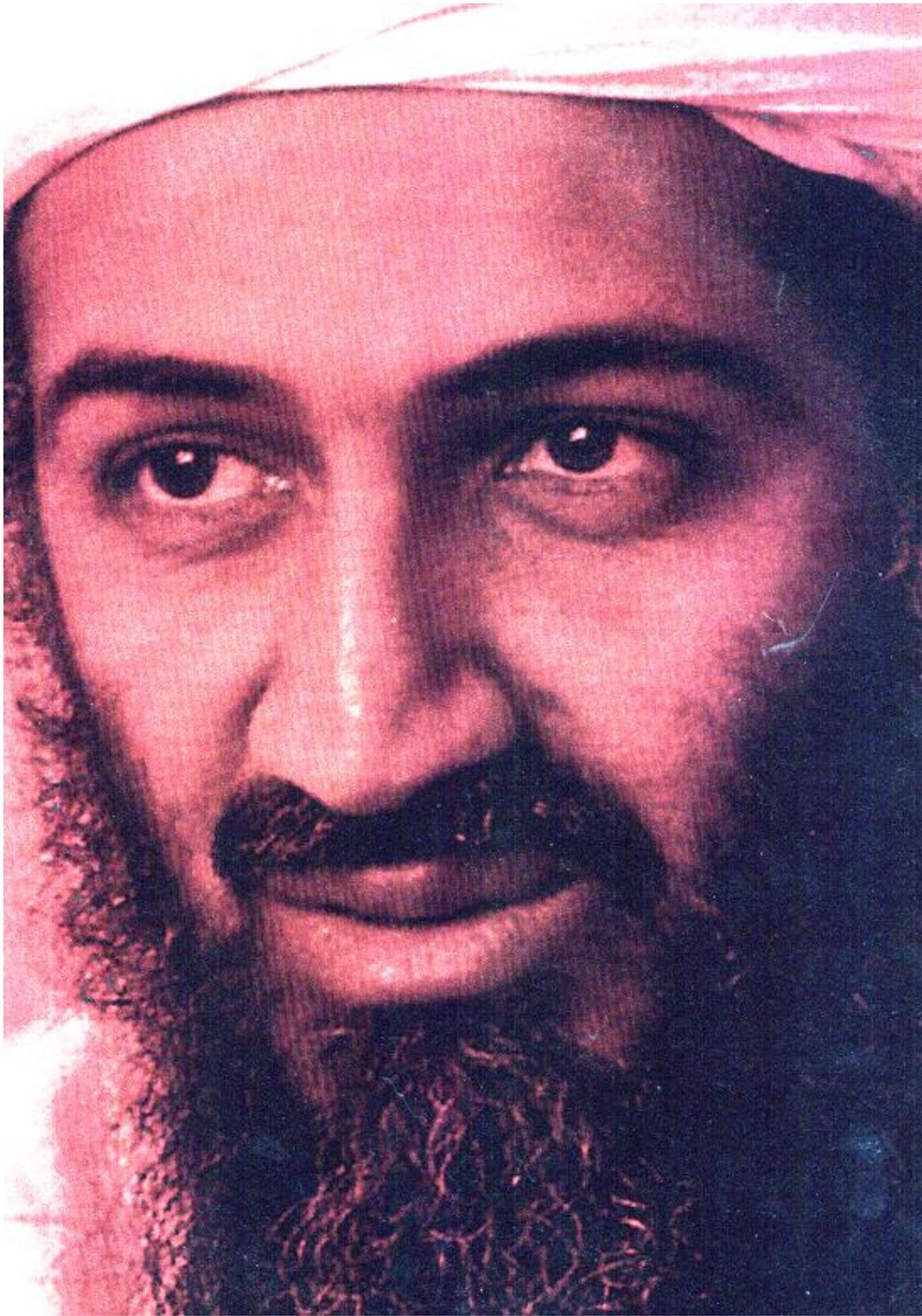
But bin Laden brings some particular, and collectively potent, elements to this equation. As a volunteer in the war that the Islamic rebels of Afghanistan fought against the Soviets in the 1980s, bin Laden had a front-row seat at an astonishing and empowering development: the defeat of a superpower by a gaggle of makeshift militias. Though the U.S., with billions of dollars in aid, helped the militias in their triumph, bin Laden soon turned on their benefactor. When U.S. troops in 1990 arrived in his sacred Saudi homeland to fight Saddam Hussein, bin Laden considered their infidel presence a desecration of the Prophet Muhammad's birthplace. He was inspired to take on a second superpower, and he was funded to do so: by a fortune inherited from his contractor father, by an empire of business enterprises, by the hubris that comes from being a rich kid whose commands had always been obeyed by nannies, butlers and maids.

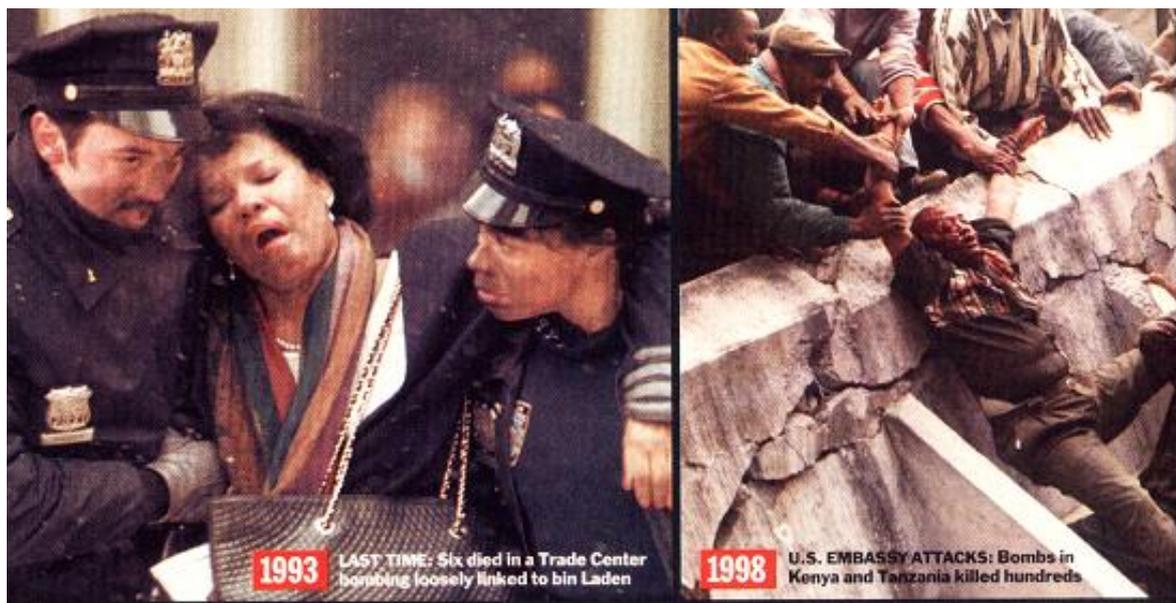
THOUGH BIN LADEN GREW UP wealthy, he wasn't entirely within the charmed circle in Saudi Arabia. As the son of immigrants, he didn't have quite the right credentials. His mother came from Syria by some reports, Palestine by oth-

### A TERRORIST'S ODYSSEY



- 1 SAUDI ARABIA:** The son of a rich contractor, bin Laden inherits \$80 million and is set for a life of privilege. But in 1979, jihad calls
- 2 AFGHANISTAN:** From 1980 to 1989, bin Laden battles Soviet invaders, largely by raising money and Islamic recruits
- 3 SAUDI ARABIA:** Bin Laden returns home, agitates against U.S. troops and ends up in trouble with a nervous Saudi government
- 4 SUDAN:** In exile, bin Laden begins to organize his old war comrades into a terror network, then, in 1996, is expelled
- 5 AFGHANISTAN:** As a guest of the Taliban, bin Laden expands his syndicate and declares a holy war against Americans





**1993** **LAST TIME:** Six died in a Trade Center bombing loosely linked to bin Laden

**1998** **U.S. EMBASSY ATTACKS:** Bombs in Kenya and Tanzania killed hundreds

ers. His father moved to Saudi Arabia from neighboring Yemen, a desperately poor country looked down on by Saudis. If bin Laden felt any alienation or resentment about his status, it was good preparation for the break he would ultimately make with the privileged and bourgeois life that was laid out for him at birth.

The family's wealth came from the Saudi bin Laden Group, built by Osama's father Mohamed, who had four wives and 52 children. Mohamed had had the good luck of befriending the country's founder, Abdel Aziz al Saud. That relationship led to important government contracts such as refurbishing the shrines at Mecca and Medina, Islam's holiest places, projects that moved young Osama deeply. Today the company, with 35,000 employees worldwide, is worth \$5 billion. Osama got his share at 13 when his father died, leaving him \$80 million, a fortune the son subsequently expanded to an estimated \$250 million.

At the King Abdel Aziz University in Jidda, bin Laden, according to associates, was greatly influenced by one of his teachers, Abdullah Azzam, a Palestinian who was a major figure in the Muslim Brotherhood, a group that has played a large role in the resurgence of Islamic religiosity. Bin Laden, who like most Saudis is a member of the puritanical Wahhabi sect of Sunni Islam, had been pious from childhood, but his encounter with Azzam seemed to deepen his faith. What's more, through Azzam he became steeped not in the then popular ideology of pan-Arabism, which stresses the unity of all Arabs, but in a more ambitious pan-Islamicism, which reaches out to all the world's 1 billion Muslims.

And so bin Laden at age 22 was quick to sign up to help fellow Muslims in Afghanistan fight the godless invading Soviets in 1979. For hard-liners like bin Laden, a non-Muslim infringement on Islamic territory goes beyond the political sin of oppression; it is an offense to God that must be corrected at all costs.

At first, bin Laden mainly raised money, especially among rich Gulf Arabs, for the Afghan rebels, the *mujahedin*. He also brought in some of the family bulldozers and was once famously using one to dig a trench when a Soviet helicopter strafed him but missed. In the early 1980s, Abdullah Azzam founded the Maktab al Khidmat, which later morphed into an organization called al-Qaeda (the base). It provided logistical help and channeled foreign assistance to the *mujahedin*. Bin Laden joined his old teacher and became the group's chief financier and a major recruiter of the so-called Arab Afghans, the legions of young Arabs who left their homes in places like Egypt, Algeria and Saudi Arabia to join the *mujahedin*. He was instrumental in building the training camps that prepared them to fight. Bin Laden saw combat too; how much is in dispute.

During the same years, the CIA, intent on seeing a Soviet defeat in Afghanistan, was also funneling money and arms to the *mujahedin*. Milton Bearden, who ran the covert program during its peak years—1986 to 1989—says the CIA had no direct dealings with bin Laden. But U.S. officials acknowledge that some of the aid probably ended up with bin Laden's group anyway.

In 1989, the exhausted Soviets finally quit Afghanistan. With his mentor Azzam dead at the hands of an assassin and his job seemingly done, bin Laden went home to Jidda. The war had stiffened

PHOTO: GETTY IMAGES; PHOTOS: AP/WIDEWORLD



### AT HOME

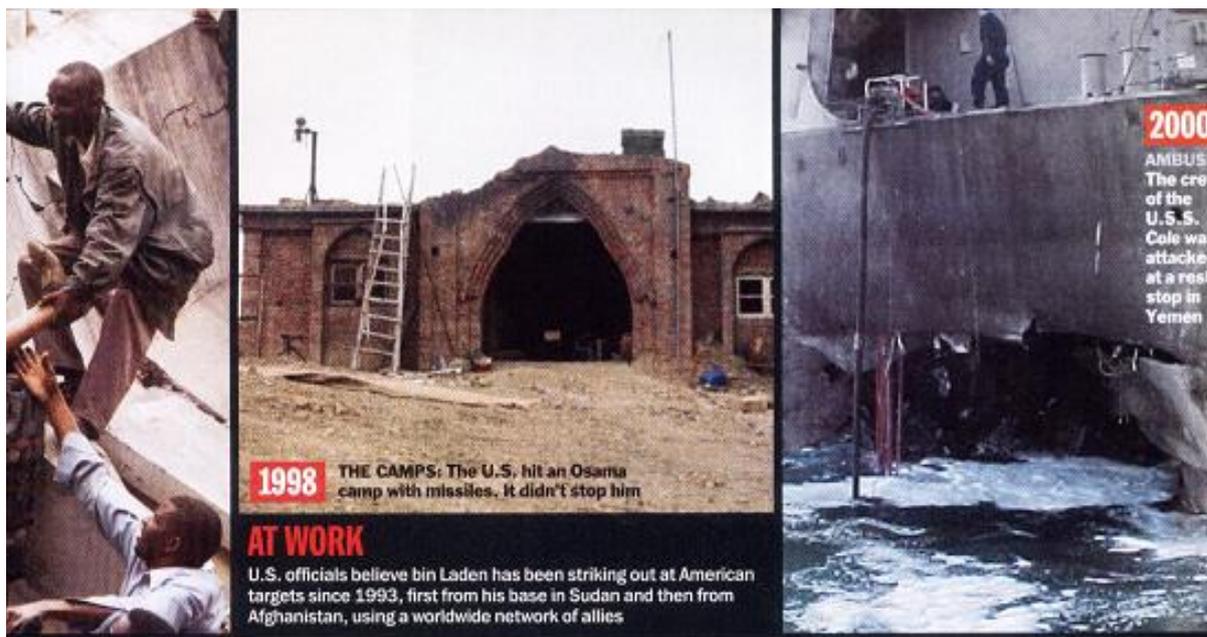
With the bin Ladens, the cause is a family business

#### TV APPEAL

Son Hamza, above, defends his father in a poem at a family fête

#### WEDDING

Son Mohamed, center, marries the daughter of aide Mohamed Atef, left



**1998** THE CAMPS: The U.S. hit an Osama camp with missiles. It didn't stop him

### AT WORK

U.S. officials believe bin Laden has been striking out at American targets since 1993, first from his base in Sudan and then from Afghanistan, using a worldwide network of allies

**2000**  
AMBUSH  
The crew  
of the  
U.S.S.  
Cole was  
attacked  
at a rest  
stop in  
Yemen

him. He became increasingly indignant over the corruption of the Saudi regime and what he considered its insufficient piety. His outrage boiled over in 1990. When Saddam Hussein invaded Kuwait and threatened Saudi Arabia, bin Laden informed the royal family that he and his Arab Afghans were prepared to defend the kingdom. The offer was spurned. Instead, the Saudis invited in U.S. troops for the first time ever. Like many other Muslims, bin Laden was offended by the Army's presence, with its Christian and Jewish soldiers, its rock music, its women who drove and wore pants. Saudi Arabia

has a singular place among Islamic countries as the cradle of Islam and as home to Mecca and Medina, which are barred to non-Muslims.

When bin Laden began to write treatises against the Saudi regime, King Fahd had him confined to Jidda. So bin Laden fled the country, winding up in Sudan. That country was by then under the control of radical Muslims headed by Hassan al-Turabi, a cleric bin Laden had met in Afghanistan who had impressed him with the need to overthrow the secular regimes in the Arab world and install purely Islamic governments. Bin Laden would go on to marry al-Turabi's niece. Eventually the Saudis, troubled by bin Laden's growing extremism, revoked his citizenship. His family renounced him as well. After relatives visited him in Sudan to exhort him to stop agitating against Fahd's regime, he told a reporter, he apologized to them because he knew they'd been forced to do it.

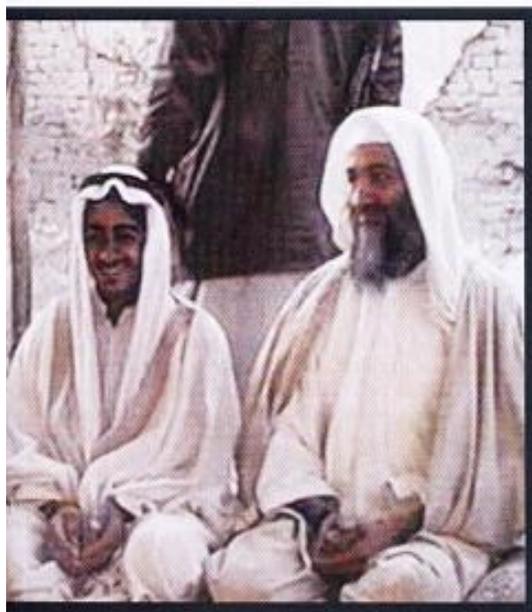
In Sudan, bin Laden established a variety of businesses, building a major road, producing sunflower seeds, exporting goat-skins. But he was seething. He was also gathering around him many of the old Arab Afghans who, like him,

returning home after the war, faced suspicion from, if not detention by, their governments.

In 1993, 18 U.S. soldiers, part of a contingent sent on a humanitarian mission to famine-struck Somalia, were murdered by street fighters in Mogadishu. Bin Laden later claimed that some of the Arab Afghans were involved. The main thing to bin Laden, however, was the horrified American reaction to the deaths. Within six months, the U.S. had withdrawn from Somalia. In interviews, bin Laden has said that his forces expected the Americans to be tough like the Soviets but instead found that they were "paper tigers" who "after a few blows ran in defeat."

Bin Laden began to think big. U.S. officials suspect he may have had a financial role in the 1993 bombing of the World Trade Center by a group of Egyptian radicals. This may have been bin Laden's first strike back at the entity he believed to be the source of so much of his own and his people's trouble. That same year, U.S. officials now believe, bin Laden began shopping for a nuclear weapon, hoping to buy one on the Russian black market. When that failed, they say, he started experimenting with chemical warfare, perhaps even testing a device. Then, in 1995, a truck bombing of a military base in Riyadh killed five Americans and two Indians. Linking bin Laden to the attack, the U.S.—along with the Saudis—pressured the Sudanese to expel him. To his dismay, they did.

With his supporters, his three wives (he is rumored to have since added a fourth) and some 10 children, bin Laden



BY AP/WIDEWORLD

## ■ OSAMA BIN LADEN

moved again to Afghanistan. There he returned full time to jihad. This time, instead of importing holy warriors, he began to export them. He turned al-Qaeda into what some have called "a Ford Foundation" for Islamic terror organizations, building ties of varying strength to groups in at least a few dozen places. He brought their adherents to his camps in Afghanistan for training, then sent them back to Egypt, Algeria, the Palestinian territories, Kashmir, the Philippines, Eritrea, Libya and Jordan. U.S. intelligence officials believe that bin Laden's camps have trained tens of thousands of fighters. Sometimes bin Laden sent his trainers out to, for instance, Tajikistan, Bosnia, Chechnya, Somalia, Sudan and Yemen, according to the State Department. As a result, U.S. officials believe bin Laden's group controls or influences about 3,000 to 5,000 guerrilla fighters or terrorists in a very loose organization around the world.

Ahmed Ressam, an Algerian who was arrested entering the U.S. from Canada in December 1999 with a carful of explosives, has told interrogators that his al-Qaeda curriculum included lessons in sabotage, urban warfare and explosives. He was trained to attack power grids, airports, railroads, hotels and military installations. Visitors to al-Qaeda camps say that students receive instruction not only in using intricate maps of U.S. cities and targeted venues but also in employing scale models of potential sites for strikes. A 180-page al-Qaeda manual offers advice to "sleepers" (agents sent overseas to await missions) on how to be inconspicuous: shave your beard, wear cologne, move to newly developed neighborhoods where residents don't know one another.

Bin Laden's far-flung business dealings have been a tremendous asset to his network. U.S. officials believe he has interests in agricultural companies, banking and investment firms, construction companies and import-export firms around the globe. Says a U.S. official: "This empire is useful for moving people, money, materials, providing cover." Though American authorities did break up two al-Qaeda fund-raising operations in the past year, they have been mostly unsuccessful in finding and freezing bin Laden's assets.

As he built his syndicate, bin Laden also became more open about what he

## SAYINGS OF OSAMA

Over the years, bin Laden has laid out his views and announced his intentions in interviews and proclamations

**“Our work targets world infidels. Our enemy is the crusader alliance led by America, Britain and Israel. It is a crusader-Jewish alliance.”**

—from a TIME interview, 1998

**“Terrorism can be commendable, and it can be reprehensible. The terrorism we practice is of the commendable kind for it is directed at the tyrants and the aggressors and the enemies of Allah.”**

—to journalist John Miller, 1998

**“Being killed for Allah's cause is a great honor achieved by only those who are the elite of the nation. We love this kind of death for Allah's cause as much as you like to live. We have nothing to fear for. It is something we wish for.”**

—from a CNN interview, 1997

**“Youths only want one thing, to kill you so they can go to paradise.”**

—in a fatwa issued in 1996

was up to. In 1996 he issued a "Declaration of Jihad." His stated goals were to overthrow the Saudi regime and drive out U.S. forces. He expanded the target with another declaration in early 1998 stating that Muslims should kill Americans, civilians included, wherever they could find them. Later that year, his operatives used car bombs against the U.S. embassies in Kenya and Tanzania, killing 224, mostly Africans. Those blasts provoked a U.S. cruise-missile attack on an al-Qaeda base in Afghanistan that missed bin Laden and only burnished his image as an authentic hero to many Muslims.

Bin Laden has spoken out against Israel, which he, like many Muslims, regards as an alien and aggressive presence on land belonging to Islam. Lately, he has lauded the current Palestinian uprising against Israel's continued occupation of Palestinian territories. But his main fixation remains the U.S. Officially, he is committed to preparing for a worldwide Islamic state, but for now he focuses on eradicating infidels from Islamic lands.

Bin Laden's precise place in the terror franchise he's associated with is somewhat nebulous. Certainly, he is its public face. But Ressam has told interrogators that bin Laden is only one of two or three chieftains in al-Qaeda. Many bin Laden watchers and even ex-associates have observed that bin Laden appears to be a simple fighter without a brilliant head for tactics. His lieutenant, Ayman al-Zawahiri, an Egyptian physician who heads the Egyptian al-Jihad, which took credit for the assassination of Egyptian President Anwar Sadat in 1981, is often mentioned as the brains behind the operations. U.S. federal prosecutors have asserted in court filings that al-Jihad "effectively merged" with al-Qaeda in 1998. Mohamed Atef, al-Qaeda's military commander, is also a powerful figure. He is said to be a former Egyptian policeman who joined the Arab Afghans in 1983. His daughter recently married bin Laden's eldest son Mohamed. Speculation that bin Laden is in poor health—he sometimes walks with a cane and is rumored to have kidney problems—has focused succession discussions on these two men.

It's not clear that any of the three key figures actually issues specific attack orders to adherents. Ressam told investigators the al-Qaeda operatives are rarely given detailed instructions. Rather, they are trained and then sent

LETTER FROM AFGHANISTAN ■ Hannah Bloch

## A Land of Endless Tears

**D**USK WAS FALLING LAST TUESDAY WHEN NEWS OF THE attack on America first reached this war-ravaged city, Kabul. In the dusty twilight, Afghans held radios to their ears, listening to static-filled accounts on the Voice of America and the BBC Pashto- and Persian-language services. Because the country's Taliban rulers forbid television, Afghans could see no pictures of the destruction that had people everywhere else glued to their sets. The immensity of the World Trade Center had to be described. When Afghans asked me about the Twin Towers, I compared them to Afghanistan's giant Bamiyan Buddha statues, a symbol of national heritage that the Taliban blasted to dust six months ago.

The immensity of America's agony, however, required no explanation. More than 20 years of war have heightened Afghans' empathy for the suffering of others. "The attack on the U.S. was very bad. It killed innocent people, ordinary citizens," Zalmay Khan, a housepainter, said sadly. "Why must so many people die?" another man cried. "It doesn't matter who they are; they all have a mother and a father." Many said they believe that Osama bin Laden, whom the Taliban treats as an honored guest, is a liability and should be expelled from Afghanistan. But the Taliban has little intention of giving up bin Laden. "He was a friend in a time of need. It would be very much cowardly to leave him at this stage in his life," Foreign Minister Wakil Ahmad Muttawakil told me.

And so Kabul is bracing to pay the price for that hospitality. "Will America send rockets and bombs to hit Afghanistan?" some residents asked anxiously. In Islamabad, the Taliban ambassador to Pakistan issued a warning. "If any regional or neigh-

boring country helps the U.S. attack us," Abdul Salam Zaeef told reporters, "it would draw us into a reprisal war."

After so many years of war, Kabul, formerly a cosmopolitan capital, has become a city of grinding poverty, distrust and fear under the watchful eyes of the Taliban and its heavy-handed religious police. Residents have learned to live alongside an array of the Taliban's so-called foreign guests, including Arabs, Chechens, Kurds, Uzbeks and Pakistanis—all believed to be in



Zaeef, front, says Afghanistan will fight back if attacked

Afghanistan for secret military training. In the 1980s, Washington fueled Afghan resistance to the Soviet invasion by passing billions of dollars of covert aid to *mujahedin* fighters. Once the Soviets pulled out, the *mujahedin* turned on one another, and the country descended into civil war. When the Taliban—a band of warrior students—swept into Kabul five years ago, it imposed a ruthless Islamic rule. It brought peace to the city, but the world was outraged by its practices, including public executions and a ban on work for women and schooling for girls. Music, TV and photographs were prohibited, and men were forced to grow beards.

Among those evacuated last week were relatives of two American aid workers on trial here, accused of preaching Christianity. After traveling 10,000 miles to a country where few dare to venture, the parents had to leave their daughters behind to an uncertain fate. Waiting to board a U.N. plane for Islamabad, Deborah Oddy, mother of Heather Mercer, 24, wore a black head scarf and sobbed uncontrollably. Since the Soviet invasion in 1979, this country has seen more than its share of tears. Now the frightened residents of Kabul are worried that this latest incident will bring on even more.

out to almost autonomous cells to act on their own, to plan attacks and raise their own funds, often using credit-card scams to load up on money, despite the Islamic prohibition against theft. Bin Laden, whose general practice is to praise terror attacks but disclaim any direct connection to them, has said, "Our job is to instigate."

If his current hosts, the radical Islamic Taliban regime in Afghanistan, are to be believed, that's about the maximum bin Laden can personally do now. Under heavy international pressure to give their guest up, the Taliban claims to have denied him phone and fax capabilities. (He had already quit using his satellite phone because its signal can be traced.) Bin

Laden has been forced to rely on human messengers. He leads a spartan life; he no longer has a comfortable camp. U.S. officials believe he lives on the move, in a sturdy Japanese pickup truck, changing sleeping locations nightly to avoid attempts on his life.

He's still able to get out his message, though, through interviews and videotapes produced for his supporters. A tape of his son's wedding last January features bin Laden reading an ode he'd written to the bombing by his supporters of the U.S.S. *Cole* in Yemen, an attack that killed 17 service members. "The pieces of the bodies of the infidels were flying like dust particles," he sang. "If you had seen it with your own eyes, your

heart would have been filled with joy."

What would he say about the civilian men and women, the moms and dads, the children who died in New York City on Sept. 11? He might say, as he said to *ABC News* in 1998, "In today's wars, there are no morals. We believe the worst thieves in the world today and the worst terrorists are the Americans. We do not have to differentiate between military or civilian. As far as we are concerned, they are all targets." —With reporting by Hannah Bloch/Kabul, Massimo Calabresi/Washington, Bruce Crumley/Paris, Meenakshi Ganguly/New Delhi, Scott MacLeod/Cairo, Simon Robinson/Nairobi, Douglas Waller/Washington, Rebecca Winters/New York and Rahimullah Yusufzai/Peshawar



**SEÇÕES**

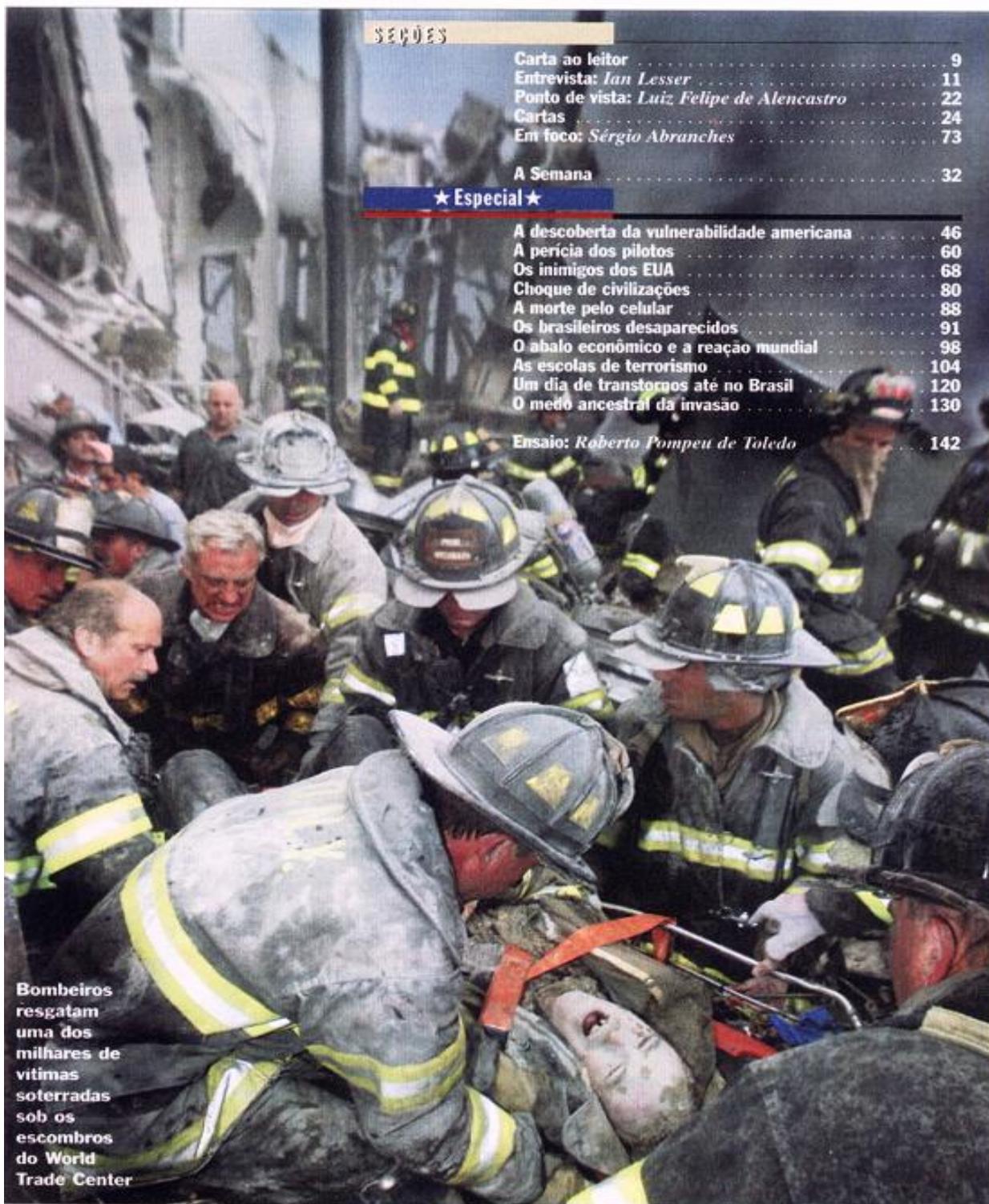
Carta ao leitor	9
Entrevista: <i>Ian Lesser</i>	11
Ponto de vista: <i>Luiz Felipe de Alencastro</i>	22
Cartas	24
Em foco: <i>Sérgio Abranches</i>	73

A Semana	32
----------	----

**★ Especial ★**

A descoberta da vulnerabilidade americana	46
A pericia dos pilotos	60
Os inimigos dos EUA	68
Choque de civilizações	80
A morte pelo celular	88
Os brasileiros desaparecidos	91
O abalo econômico e a reação mundial	98
As escolas de terrorismo	104
Um dia de transtornos até no Brasil	120
O medo ancestral da invasão	130

Ensaio: <i>Roberto Pompeu de Toledo</i>	142
---	-----



Bombeiros resgatam uma dos milhares de vítimas soterradas sob os escombros do World Trade Center

★ Especial ★

NOVA YORK, 8H48, TERÇA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 2001

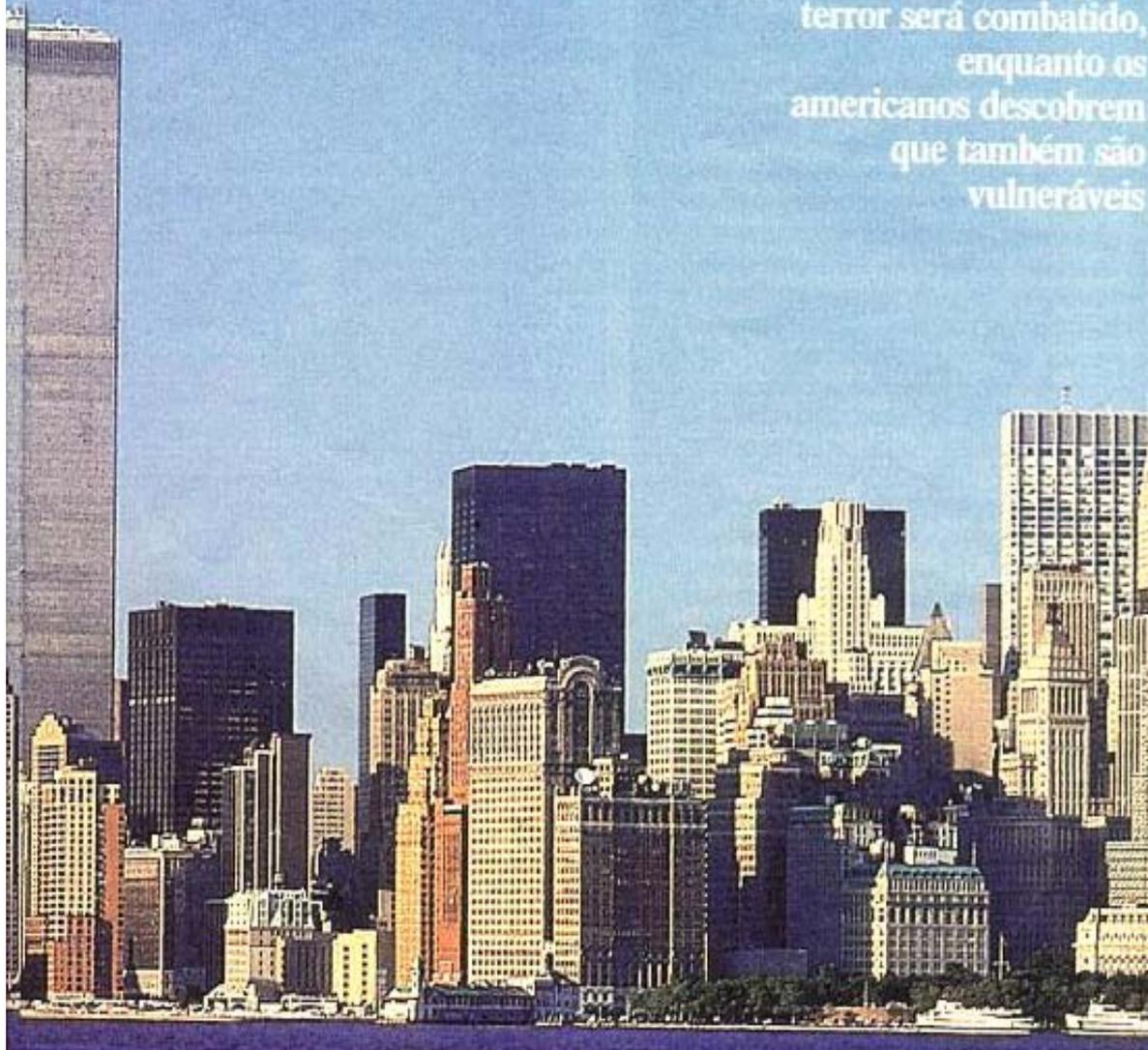
# ESTE MUNDO SERÁ 0

ARND BRONKHORST



# NUNCA MAIS MESMO

Depois dos atentados em Nova York e Washington, mudam o conceito de terrorismo e a forma com que o terror será combatido, enquanto os americanos descobrem que também são vulneráveis



★ Especial ★

# A DESCOBERTA DA

**D**urante a maior parte da terça-feira passada, os assessores do presidente dos Estados Unidos acharam que ele não deveria retornar a Washington. Era perigoso demais. George W. Bush seria depois criticado por ter zigzagueado entre bases militares em vez de retomar logo sua cadeira no coração do poder americano, a Casa Branca. O fato é que se temia outro ataque terrorista bem-sucedido, dessa vez à sede da Presidência. As implicações contidas na hesitação de Bush são tremendas. Mostram até que ponto o mundo mudou depois dos ataques às torres do World Trade Center e ao Pentágono. A alteração mais imediata diz respeito ao fim do mito da invulnerabilidade do território americano. O país mais poderoso do mundo viu ícones de sua identidade nacional ser alvejados com desconcertante facilidade. Por volta das 9 horas da manhã, dois aviões de passageiros seqüestrados puseram abaixo as torres gêmeas do World Trade Center, cujo destaque no horizonte de arranha-céus de Nova York simbolizava a supremacia econômica da superpotência. Um terceiro aparelho despencou sobre o Pentágono, sede do poder militar do império, nos arredores de Washington. Um quarto avião tomado por terroristas espatifou-se no solo em campo aberto, depois que passageiros enfrentaram os seqüestradores. “Foi um ato de guerra”, definiu o presidente Bush. Tratou-se, de fato, de uma ofensiva terrorista em larga escala, sem similar na história, com milhares de mortos inocentes. Uma das primeiras coisas que se ouviram foi o clamor por revanche. Os americanos acham que é preciso dar o troco — mas contra quem? “Não se trata apenas de capturar essas pessoas e fazer com que paguem pelo que fizeram”, disse o subsecretário de Defesa, Paul Wolfowitz.



# VULNERABILIDADE

## MERGULHO FATAL

Com a torre norte já em chamas, os terroristas lançam o 767 da United Airlines direto na torre sul do World Trade Center. O avião, com 65 pessoas a bordo, espatifa-se contra o prédio. A torre desabou uma hora depois



★ Especial ★

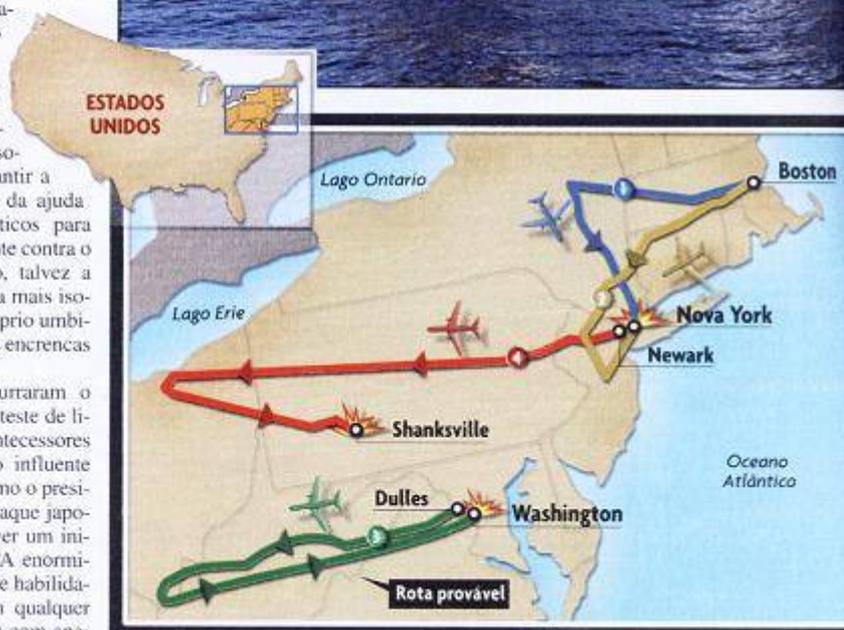
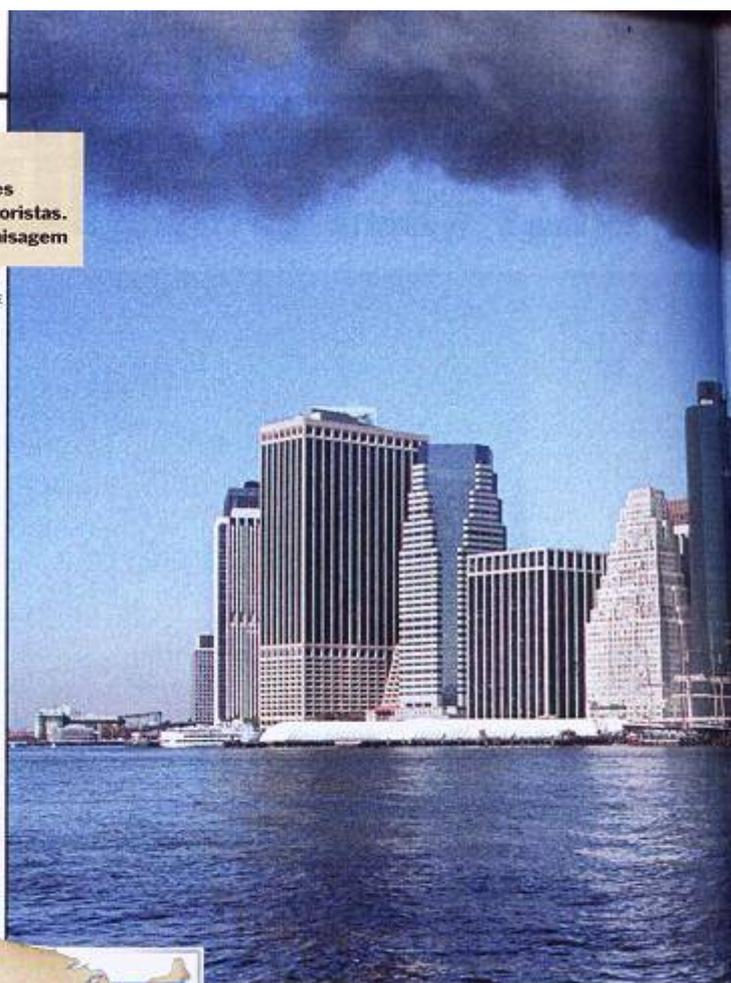
**NOVA YORK EM CHAMAS**

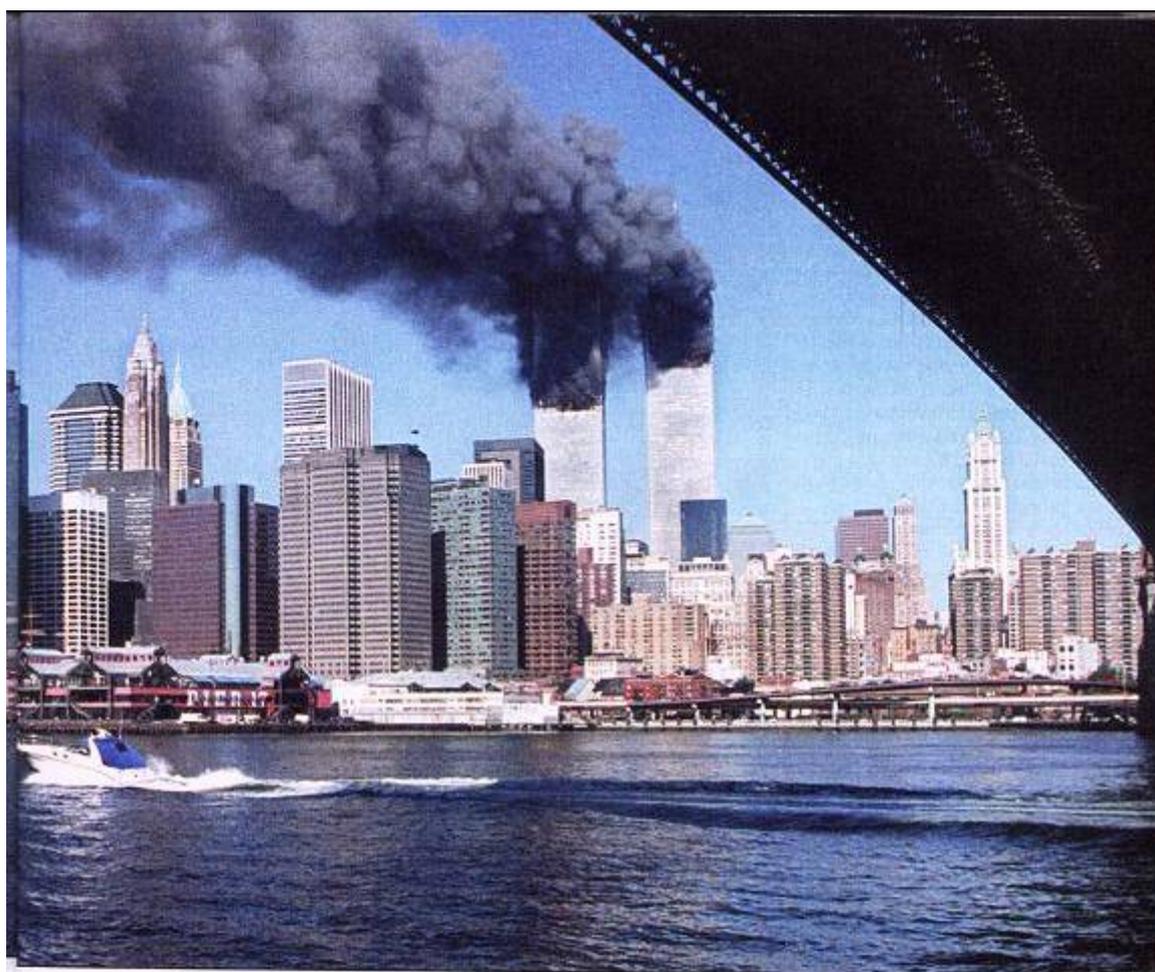
**Incêndios tomam conta das duas torres atingidas por aviões pilotados por terroristas. A cidade perde dois marcos de sua paisagem**

"É preciso também eliminar os santuários, os sistemas de apoio e acabar com os Estados que patrocinam o terrorismo." Até sexta-feira passada, o número oficial de mortos já ultrapassava 5 000, cinco prédios nova-iorquinos tinham desabado e outros, com estruturas abaladas, ameaçavam vir abaixo.

Dez anos atrás, depois do colapso da União Soviética, o presidente George Bush, pai de George W., anunciou uma nova ordem mundial, cuja base era o triunfo dos valores americanos e da democracia liberal. Parecia que o derradeiro desafio da humanidade era promover o comércio global. Vive-se agora uma realidade muito mais perigosa. A única superpotência tornou-se alvo de fanáticos dispostos a tudo. Como a nação mais poderosa do planeta pode proteger-se das atrocidades terroristas? A questão talvez tenha de ser formulada de outra forma: qual deve ser o papel dos Estados Unidos nessa nova conjuntura? Bush pode decidir mudar sua política de distanciamento em relação às áreas de conflito no exterior. Em vez de tomar decisões unilaterais, como tem feito desde que assumiu, em janeiro, o presidente pode admitir que os Estados Unidos sozinhos são incapazes de garantir a própria segurança. Precisam da ajuda dos outros países democráticos para uma ação conjunta e persistente contra o terrorismo. Ou, ao contrário, talvez a Casa Branca resolva ser ainda mais isolacionista, olhando para o próprio umbigo e tentando manter longe as encrencas do Terceiro Mundo.

Os acontecimentos empurraram o presidente dos EUA para um teste de liderança que raros de seus antecessores enfrentaram. Em editorial, o influente *Washington Post* diz que mesmo o presidente Roosevelt, depois do ataque japonês em Pearl Harbor, podia ver um inimigo definido com clareza. "A enormidade que confronta Bush exige habilidades difíceis de encontrar em qualquer presidente, ainda mais em um com ape-





## OS ROTEIROS DO ATAQUE

Os terroristas agiram a partir de três aeroportos, seqüestrando quatro aviões que decolaram num intervalo de doze minutos

### A DECOLAGEM

#### 1 07:53 BOSTON

O Boeing 767 da American Airlines decola para fazer o voo 11, direto para Los Angeles, com 81 passageiros, nove comissários e dois pilotos

#### 2 07:58 BOSTON

O Boeing 767 da United Airlines parte com destino a Los Angeles com 56 passageiros, sete comissários e dois pilotos, fazendo o voo 175

#### 3 08:10 DULLES, Washington

O voo 77, um Boeing 757, da American Airlines, parte com destino a Los Angeles, com 58 passageiros, quatro comissários e dois pilotos

#### 4 08:31 NEWARK

O Boeing 757 da United Airlines deixa o aeroporto no início do voo 93, com destino a San Francisco, com 38 passageiros, cinco comissários e dois pilotos

### O ATAQUE

#### 08:48 NOVA YORK

O avião bate na torre norte do World Trade Center, na altura do 100º andar

#### 09:03 NOVA YORK

O avião choca-se contra a torre sul do conjunto de edifícios, à altura do 90º andar

#### 09:43 WASHINGTON

O Boeing é jogado sobre o Pentágono, a 3 quilômetros da Casa Branca

#### 10:10 SHANKSVILLE

O Boeing cai numa área desabitada, a 130 quilômetros ao sul de Pittsburgh, na Pensilvânia



verno Bill Clinton. "É preciso desencadear uma guerra fria ao terror."

Como Israel, os Estados Unidos estão ansiosos para demonstrar que os ataques sempre serão respondidos. O problema óbvio da retaliação é a dificuldade em identificar o alvo. Na quinta-feira, o secretário de Estado, Colin Powell, confirmou que o principal suspeito é o milionário saudita Osama bin Laden. Fanático islâmico que se esconde no Afeganistão, ele declarou guerra aos Estados Unidos em nome de Alá. Depois de atentados contra a embaixada americana no Quênia e na Tanzânia, em 1998, aviões e navios americanos bombardearam campos

de treinamento de Bin Laden e uma fábrica de medicamentos no Sudão, que se acreditava estar produzindo e armazenando armas químicas para terroristas — mas tais ações tiveram pouco efeito. Mesmo que se descubra que o Afeganistão está diretamente envolvido, ataques aéreos não seriam decisivos naquele país arruinado por mais de duas décadas de guerra civil e pela insana política de retorno aos costumes medievais implantada pelo Taliban, a milícia fundamentalista que domina a maior parte do território. Diante do horror da destruição em Nova York, é improvável que o governo ou a opinião pública fiquem satisfeitos com uma simples retaliação aqui ou ali. "Não pensem que um único contra-ataque vai eliminar do mundo o tipo de terrorismo que nós vimos ontem", advertiu Colin Powell. "Isso vai exigir um ataque múltiplo em várias dimensões." Só se pode imaginar como será travada a guerra da superpotência contra terroristas que se escondem nos grotões do Terceiro Mundo. Com o fim das ideologias e depois dos atentados, o planeta está agora obcecado pela segurança. Provavelmente os Estados Unidos darão prioridade aos aliados que os ajudem na manutenção da ordem. É o tipo de discussão da qual o Brasil geralmente fica de fora.

O ataque da semana passada tem a assinatura de um tipo particularmente terrível de terrorismo, cuja motivação é o fanatismo muçulmano. Diferente do

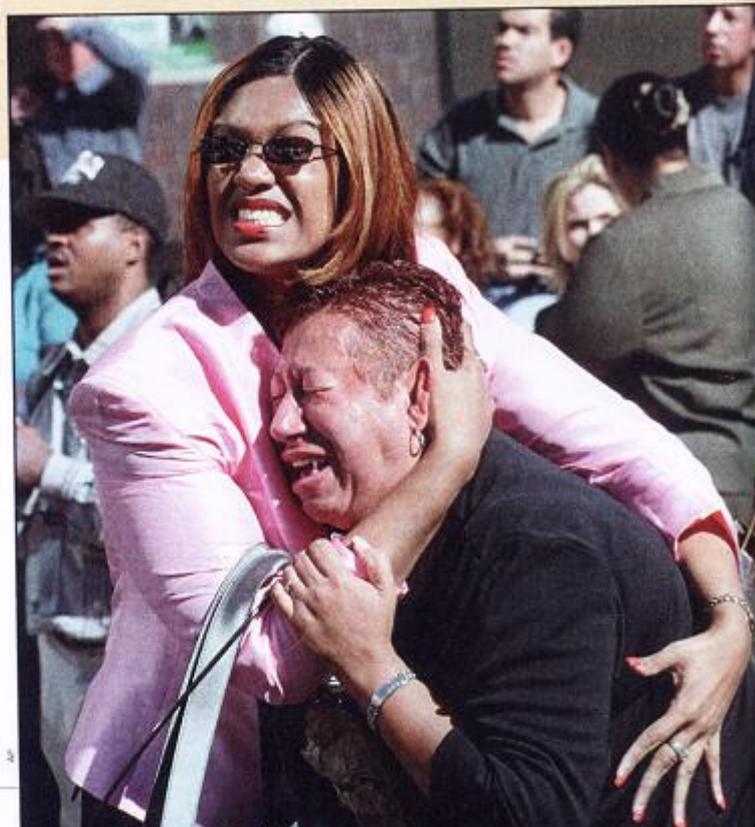


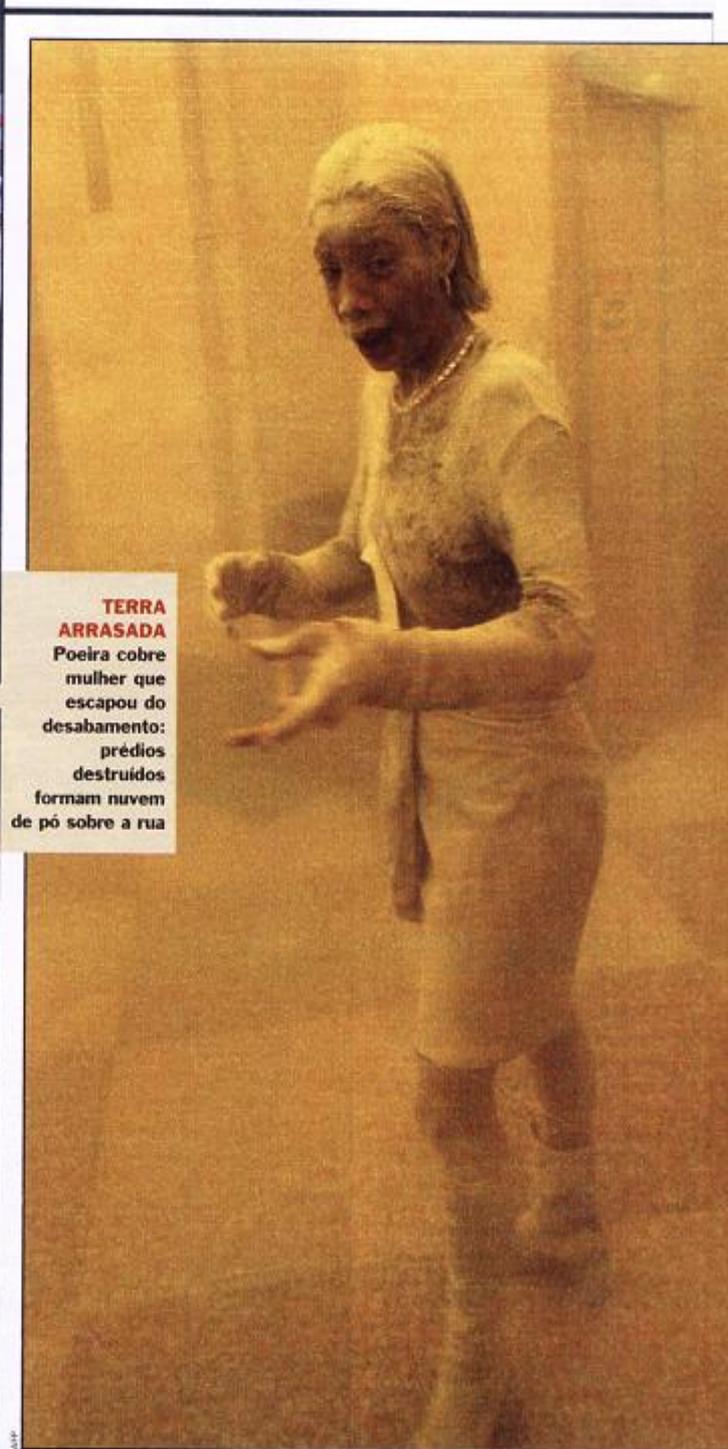
## ★ Especial ★

terrorismo clássico, que opera em território definido e pretende representar o interesse de determinada parcela da população, o terror islâmico só fala em seu próprio nome e pode estar sediado em qualquer lugar. Não envia soldados em submarinos nem dispõe de uma máquina de guerra detectável pelos radares. Seus soldados surgem das sombras, dispostos a morrer junto com suas vítimas, o que torna mais difícil prevenir os ataques. "Covardes que não mostram a cara", nas palavras do presidente Bush. Ele foi eleito com o diagnóstico correto de que os Estados Unidos são vulneráveis a um ataque. O erro estava no remédio. Bush planeja instalar um sistema bilionário contra ataques nucleares, o escudo contra mísseis. Os ataques da semana passada mostram, no entanto, que o país é altamente suscetível às surpresas do golpe terrorista. A ameaça mais premente não está nos artefatos bélicos enviados por nações fora-da-lei, mas em simples bombas escondidas em maletas. Tudo de que os terroristas precisaram para criar o cenário de morte e destruição em Nova York e Washington foram passageiros aéreas e facas.

Os americanos gastam 30 bilhões de dólares por ano em inteligência, e só a CIA, o serviço de espionagem, tem 2.000 agentes no exterior. O sistema caríssimo de vigilância eletrônica por satélites é capaz de fazer fotos tão detalhadas que se podem identificar pontas de cigarros jogadas fora pelos guerrilheiros no Afeganistão. A rede de vigilância envolve ainda aviões, navios e 5.000 pontos de captação de informações no mundo inteiro. A tecnologia empregada permite rastrear uma ligação de celular em qualquer lugar. Como nada disso funcionou? Nenhum dos treze órgãos encarregados de monitorar, receber e analisar todo tipo de informações relacionadas à segurança conseguiu evitar a entrada no país e a comunicação entre os terroristas. Não espanta tanto o frágil sistema de segurança nos congestionadíssimos aeroportos americanos. Mais difícil de explicar é como são tão desprotegidas até

**A DOR DA PERDA**  
Ambulâncias e familiares desesperados, nas ruas de Nova York: esperança de encontrar sobreviventes



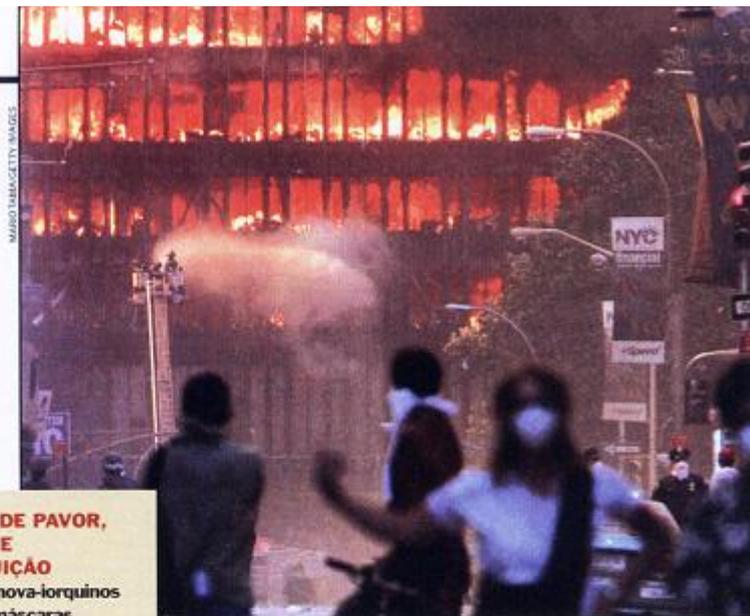


**TERRA  
ARRASADA**  
Poeira cobre  
mulher que  
escapou do  
desabamento:  
prédios  
destruídos  
formam nuvem  
de pó sobre a rua

## ★ Especial ★

nas oito meses de mandato e sete anos de vida pública", escreveu o jornal. O momento pertence aos guerreiros, reação natural diante da enormidade da agressão. Não é de espantar que, após os atentados, o tom do discurso americano tenha mudado. Desapareceu como por mágica o relativismo cultural e seu corolário, o respeito por aquilo que possa ser considerado politicamente correto. O relativismo cultural, teoria formulada na década de 30 pelo antropólogo americano Melville Jean Herskovitz, preconiza que nenhuma cultura é superior a outra. Que cada uma deve ser entendida dentro de seu próprio contexto e, por isso mesmo, não cabem comparações entre elas. Em 1947, Herskovitz apresentou à Organização das Nações Unidas uma "recomendação" para que fossem respeitadas as culturas dos diferentes povos do mundo.

É dessa perspectiva que alguns estudiosos acham possível justificar, por exemplo, a prática de muçulmanos africanos de extirpar o clitóris das adolescentes. Do relativismo cultural nasceria na década de 80 o discurso politicamente correto, que aboliu do vocabulário palavras e expressões que soam pejorativas a minorias étnicas, homossexuais e portadores de deficiência física. Entre os governos, o politicamente correto baniu de documentos e discursos termos que pudessem soar chauvinistas e prepotentes. Com os atentados, o relativismo sofreu um abalo: por alguns dias, pelo menos, o mundo voltou a ser dividido entre países civilizados e nações bárbaras. E, contra os bárbaros, políticos e analistas pediram "vingança". Com a autoridade de veterano do Vietnã e da Guerra Fria, o ex-secretário de Estado Henry Kissinger aconselhou os americanos a cuidar dos feridos e restaurar algum tipo de vida normal, como primeira resposta ao terrorismo. Depois, o governo deve empenhar-se numa resposta persistente para levar à destruição o sistema responsável pelo atentado. "A vitória não virá num único ataque", afirma Samuel Berger, presidente do Conselho de Segurança Nacional no go-

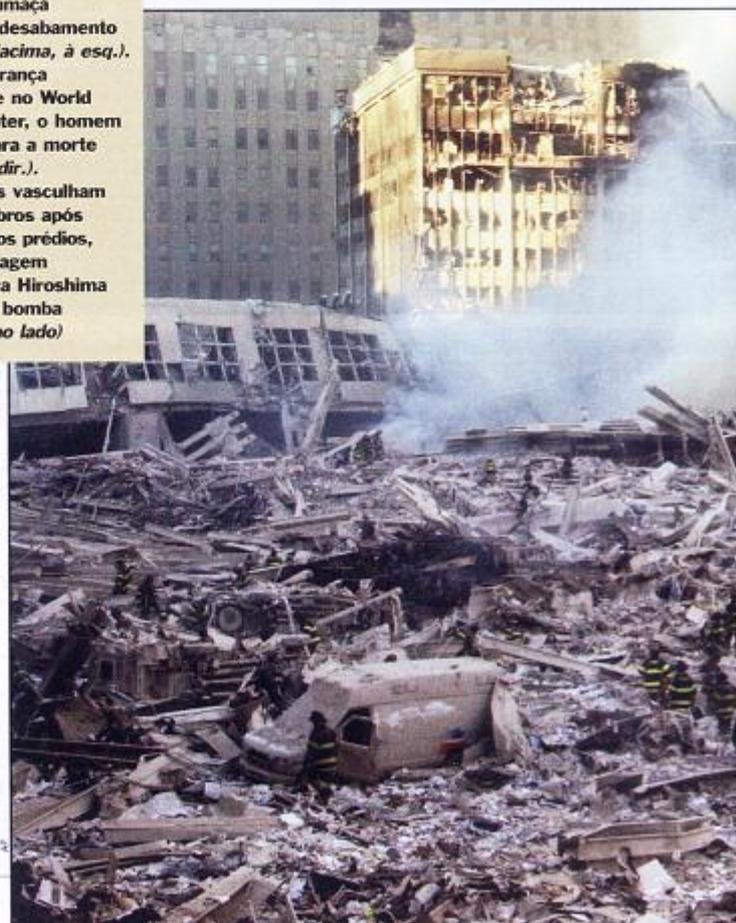


### HORAS DE PAVOR, MORTE E DESTRUIÇÃO

**Na rua, nova-iorquinos usando máscaras fogem do desabamento iminente (acima, à esq.).**

**Sem esperança de resgate no World Trade Center, o homem se joga para a morte (acima, à dir.).**

**Bombeiros vasculham os escombros após a queda dos prédios, numa paisagem que lembra Hiroshima depois da bomba atômica (ao lado).**



## ★ Especial ★

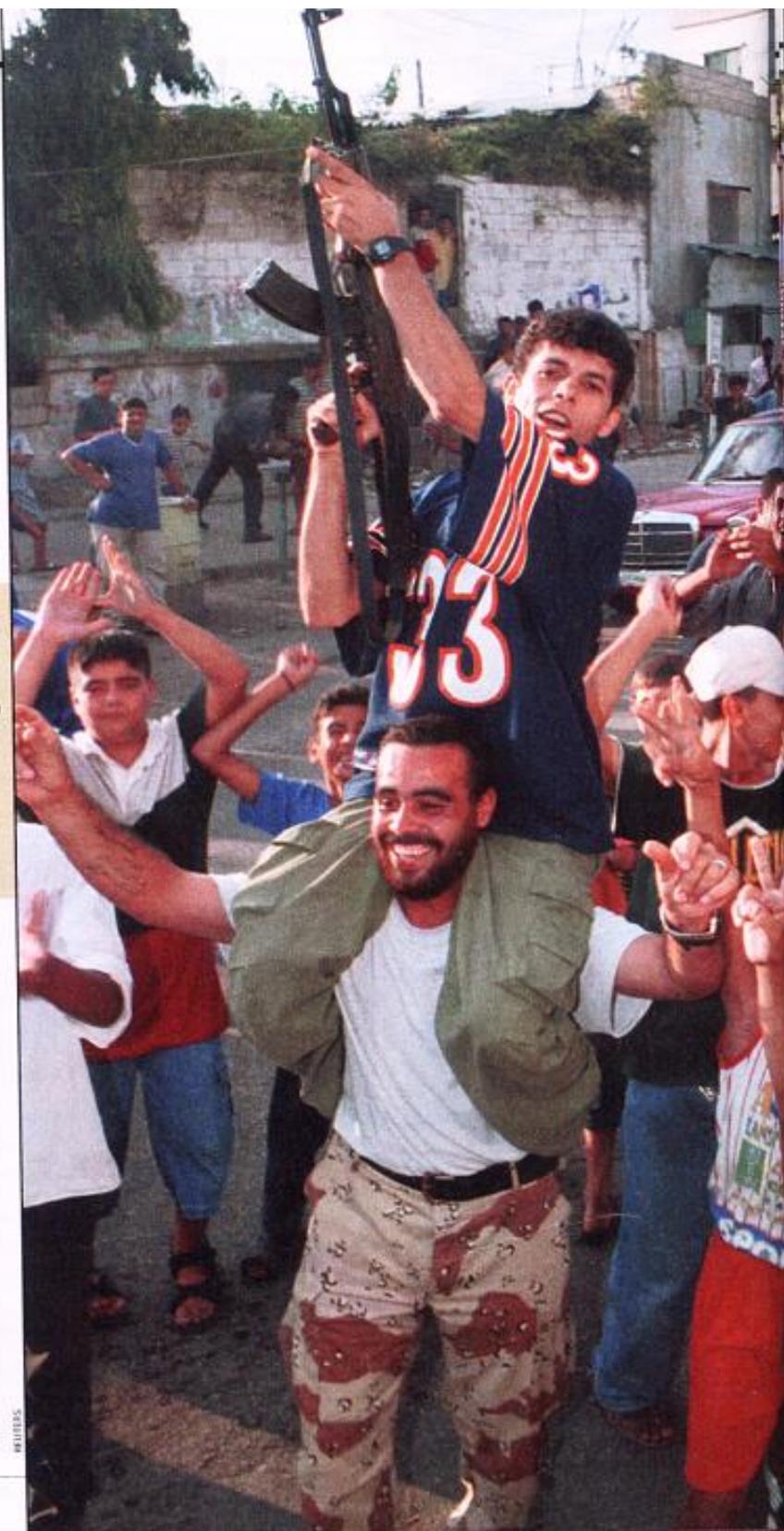
mesmo as instalações militares e a sede do governo em Washington. A hesitação em voltar a Washington pode valer pontos negativos na popularidade do presidente Bush, mas tinha fundamentos mais fortes. Como se saberia depois, a Casa Branca e o avião presidencial, o Air Force One, estavam entre os alvos dos terroristas na terça-feira passada.

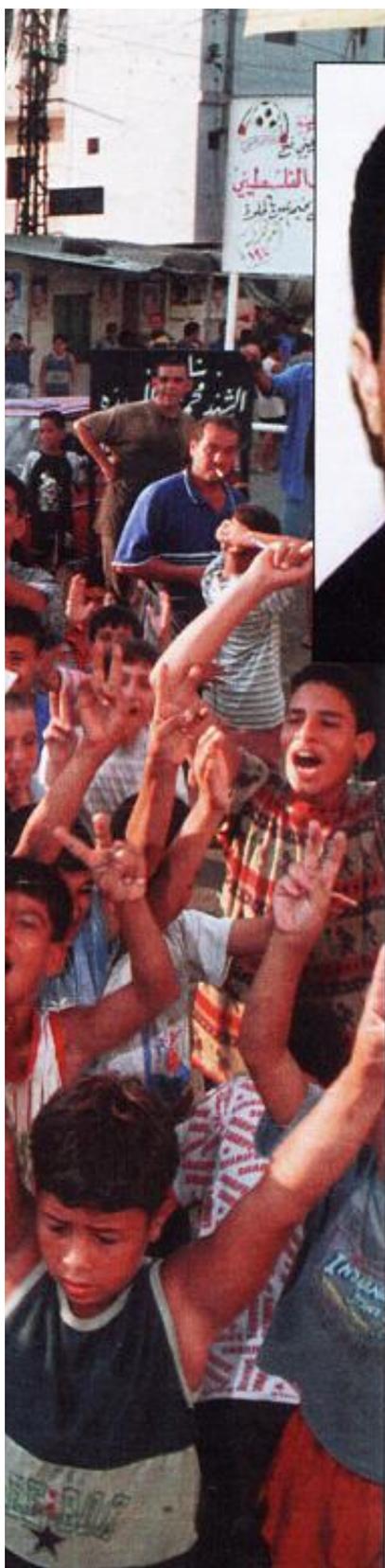
Parte dos problemas em evitar os ataques decorre do caráter especial do terrorismo islâmico. Os espões americanos têm dificuldade em infiltrar os grupos, pois não são bem-vindos nem podem contar com a colaboração das autoridades na maioria dos países muçulmanos. Mas operações de grande porte deixam pistas bem concretas. Para um homem-bomba na Palestina basta enrolar explosivos em torno da cintura e procurar vítimas indefesas entre os israelenses. Um

ataque como o da semana passada exige planejamento sistemático, boa organização, bases de apoio e algum dinheiro. Não é possível improvisar numa operação dessa magnitude. O FBI acredita que cada avião foi tomado por um grupo de quatro ou cinco homens. Outra meia centena de conspiradores fez o trabalho de retaguarda. Por que os americanos, tão bem equipados tecnologicamente, tão armados de sistemas de segurança, não tomaram conhecimento de um movimento sequer desses criminosos?

A última vez que os Estados Unidos testemunharam um ataque terrorista de grandes proporções foi em 1995, na cidade de Oklahoma, com 168 mortos. Foram rápidos em acusar fanáticos muçulmanos. Logo descobriram que o culpado era um fanático doméstico, Timothy McVeigh. Réu confesso, foi executado em junho. A comunidade árabe nos Estados Unidos costuma usar o episódio como comprovação de preconceito e discriminação. Há mais de 1 bilhão de muçulmanos espalhados por quase todos os países. Na maioria, são moderados. A minoria radical, no entanto, tem uma disposição fanática para matar e

**A FAVOR DO TERRORISMO**  
Palestinos comemoram atentados contra os americanos em um campo de refugiados no Líbano: alegria com a desgraça do "grande Satã"





REUTERS



AP

morrer e se une num ódio incontrolável contra os Estados Unidos, em sua opinião um país satânico. Em sua visão, atacar o demônio americano garante ao fiel um lugar de honra no paraíso. Como se pode lidar com terroristas cujo objetivo é retornar ao século VIII? Eles não fazem exigências, não pedem dinheiro para libertar reféns. Só querem ver sangue. Os Estados Unidos tinham passado praticamente incólumes ao terrorismo. Há décadas a Europa e o Oriente Médio sofrem com bombas e tiros de várias maneiras. Só nos anos 90

houve os primeiros atentados, mas todos de pequena monta. O mais sério foi perpetrado exatamente contra o World Trade Center, em 1993. Um grupo de egípcios, paquistaneses e palestinos colocou um carro-bomba no subsolo de uma das torres gêmeas, matando seis pessoas. O objetivo era convencer os Estados Unidos de que estavam em guerra com o Islã. É espantoso que, apesar disso, a maioria dos americanos se acreditava livre dos horrores vistos em outros países

#### ASSASSINOS IDENTIFICADOS

**A polícia americana já tinha identificado, na sexta-feira passada, pelo menos dezenove dos terroristas. Eram, na maioria, sauditas. O FBI acredita que Mohamed Atta (à esq.), 33 anos, piloto o Boeing que primeiro bateu no World Trade Center. Marwan Shehhi, 23 (à dir.), morreu no segundo avião a se chocar contra as torres**

pela televisão. Os planos de contingência previam ataques com armas biológicas ou químicas — ninguém imaginou seqüestradores armados com facas em aviões comerciais.

O governo americano já tem provas suficientes para responsabilizar o fundamentalismo islâmico. Dezenove dos seqüestradores que morreram nos ataques já tinham sido identificados na sexta-feira passada, assim como duas dúzias de terroristas que participaram da logística. São todos árabes, vários usavam passaportes sauditas.

Meia dúzia deles freqüentou escolas de pilotagem na Flórida e em Boston. No mundo islâmico, as reações variaram da reprovação ao terrorismo à saudação dos ataques como um ato de vingança contra os Estados Unidos. Muitos muçulmanos se cansaram das sanções aplicadas pelos americanos ao Iraque ou estão indignados com o sofrimento dos palestinos sob ocupação militar israelense. Há notícias de que Bin Laden está particularmente irritado com o apoio de Washington a Israel. Se for esse o caso, acaba de destruir com seu

## ★ Especial ★

atentado insano as reservas de simpatia mundial em relação ao povo palestino. Pode-se até dizer que a partir de agora os americanos devem mostrar-se mais compreensivos diante da brutal reação israelense ao terrorismo islâmico. Do ponto de vista do fundamentalismo islâmico, é bom que se diga, a questão da criação de um Estado palestino independente é um detalhe secundário numa guerra maior: a que visa a impor sua versão fanática do Islã a todo o mundo. Nesse aspecto, o que os fundamentalistas não suportam em Israel não é a opressão de uma população sob ocupação, mas o fato de o Estado judeu ser a presença ocidental mais perto de suas mesquitas. Se destruíssem Israel, o que viria depois? Os terríveis atentados nos Estados Unidos dão idéia do que são capazes.

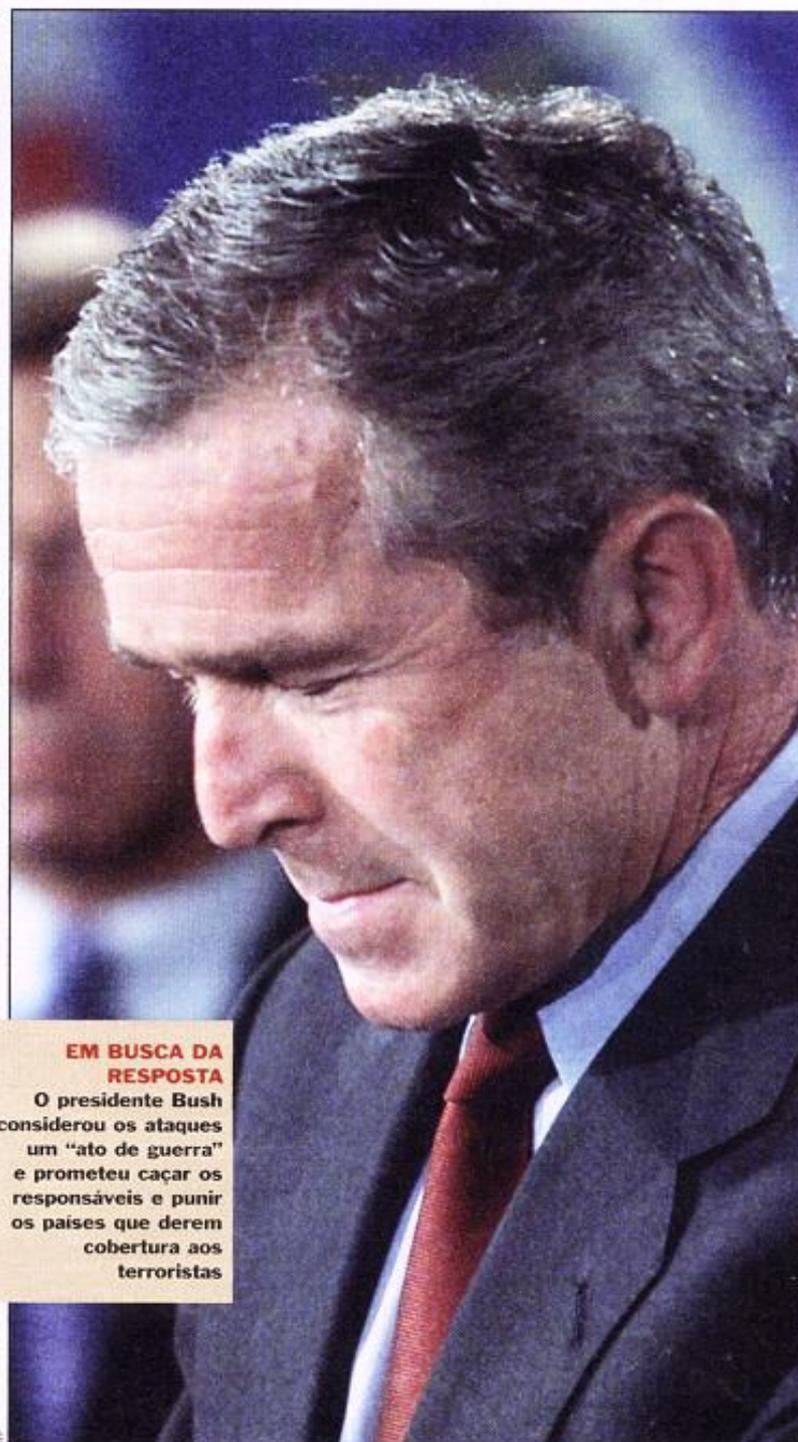
Apesar dos prognósticos de que os Estados Unidos podem tornar-se menos cordiais em suas relações internacionais, o mundo tende a se transformar em um só. Também nesse aspecto há mudanças em curso. A oposição à globalização já existia como fenômeno ambientalista, de minorias, das ONGs e dos sindicatos. Agora também deve levar em conta essa nova complicação: o Islã como fonte de preocupação para a paz mundial. A globalização incomoda a turma do turbante pela modernidade que traz no bojo. O fundamentalismo islâmico é, em boa medida, a manifestação de uma elite que exerce sobre seus povos uma tirania milenar, baseada na religião e nos costumes imutáveis. Se é contra a civilização ocidental é porque não pode conviver com seus princípios básicos, notadamente a liberdade política e individual. O universo dos fundamentalistas é aquele em

que se queimam livros, se proíbem filmes e música. As mulheres são cobertas de véus e devem submissão ao poder masculino. Os fundamentalistas usam Deus como desculpa para todas as coisas — inclusive as mais terrí-

veis atrocidades, como as cometidas em Nova York e Washington. Os aviões da semana passada não foram jogados contra prédios, mas contra um sistema de vida. Esta guerra está apenas começando. ■

**TERRA DEVASTADA**  
Bombeiros trabalham entre os escombros do World Trade Center. Ruas e pontes fechadas no coração financeiro dos Estados Unidos





**EM BUSCA DA  
RESPOSTA**

O presidente Bush considerou os ataques um "ato de guerra" e prometeu caçar os responsáveis e punir os países que derem cobertura aos terroristas

★ Especial ★

# A MORTE NO FOGO, NUM SALTO OU NO DESABAMENTO

Como os pilotos suicidas conseguiram destruir as torres feitas para resistir a colisões, incêndios e tremores? Juntaram tudo isso num atentado

**A**s torres gêmeas do World Trade Center foram construídas para resistir ao impacto de um Boeing. E resistiram. Não caíram quando os aviões entraram pelas janelas, numa manobra que revelou a enorme perícia de quem os pilotava. O modo como os terroristas acertaram os prédios dá indícios de um planejamento milimétrico. Na velocidade máxima, acima dos 800 quilômetros por hora, um grande avião empurra tamanha quantidade de ar a sua frente que é virtualmente impossível que acerte um paredão numa colisão frontal. “A turbulência seria tão forte diante da parede que tiraria o Boeing da trajetória”, explica David Barioni Neto, vice-presidente técnico da companhia aérea Gol. Por isso eles voaram mais lentamente — calcula-se que a 450 quilômetros por hora — e optaram pela trajetória curva para chegar ao objetivo. No caso do Pentágono, em que não há imagens do momento do impacto, o problema é parecido. Descer uma aeronave de 115 toneladas numa pista de aeroporto exige combinar velocidade e aerodinâmica com equipamentos de precisão. Pousar sobre um alvo específico é quase uma loteria. Em todos os momentos, os extremistas mostraram o conhecimento de quem passou muito tempo num simulador de voo, além de prática efetiva. Desligaram, por exemplo, os transponders que emitem sinais eletrônicos sobre a localização das aeronaves. Passaram também a voar em baixa altitude, fora do alcance dos radares.

**SEM SAÍDA**  
Um helicóptero que passava diante das janelas estreitas era a última esperança de pessoas acuada pelo fogo. Ele não pôde ajudá-las



## ★ Especial ★

**PAISAGEM NAS ALTURAS**

**O mirante recebia milhares de visitantes por dia. Lá do alto, com tempo claro, era possível ver toda a ilha de Manhattan**

E, pelo menos num caso, foram eles que mandaram os passageiros ligar por celular para avisar do seqüestro.

Queriam publicidade máxima de seus atos e agiram como se tivessem antecipado o cenário que construiriam. Mesmo bastante avariadas, as torres não teriam caído só com os choques dos 767 contra suas estruturas. Cada aeronave colidiu contra as armações de aço e vidro com uma força de impacto equivalente a mais de 1 000 vezes o próprio peso. A maior parte da estrutura dos aviões é de alumínio. Numa batida dessas, seu corpo vai se deformando, franzindo, até transferir sobre a superfície atingida uma força capaz de rasgá-la. Nesse ponto, tudo o que está em seu interior já foi arremessado para a frente como se houvesse uma freada instantânea. Só então o resto da fuselagem penetra na estrutura. Quando isso aconteceu, os prédios tremaram, oscilaram e rangeram, como contam os sobreviventes do atentado terrorista em Nova York, mas se mantiveram de pé. Muita gente que estava nos andares inferiores escapou da morte na hora seguinte. Pessoas que estavam acima do 103º andar no edifício norte, o primeiro a ser acertado, ou do 93º da torre sul não tiveram a mesma chance. Os aviões em chamas praticamente dividiram seus alvos em dois blocos. Tudo o que havia nos pavimentos diretamente atingidos, móveis e pessoas, foi pulverizado pela explosão ou arremessado para fora pelo deslocamento de ar. Quem estava acima do ponto de colisão não tinha chance de passar pela parede de chamas que tomou quase dez andares de cada construção. Todas essas pessoas acabariam morrendo — no fogo, num salto de mais de 300 metros ou no desabamento.

Foram os incêndios, combinados com uma característica tecnológica dos arranha-céus, que os puseram abaixo. No impacto, cada área atingida alcançou imediatamente a temperatura de 450 graus Celsius, o ponto de combustão do querosene de aviação. Cada Boeing levava combustível suficiente para voar por mais 4 000 quilômetros — ou para queimar por algumas horas. Divisórias e móveis de madei-



ra e plástico incendiaram-se também. A temperatura chegou aos 1 000 graus. O aço não se funde nesse ponto, mas perde dureza. Sustentados pelas colunas de aço de sua armação exterior, como gaiolas, os edifícios tiveram várias delas cortadas pelo efeito faca da penetração dos aviões. Depois, chegaram depressa ao ponto de colapso estrutural por causa do peso nas partes superiores aos pontos em que aconteceram os choques. O topo de cada torre sustentava um engenho cuja função era contrabalançar os efeitos do vento. Para garantir a resistência da estrutura a ventanias de até 320 quilômetros por hora, que deslocavam lateralmente a parte mais alta dos edifícios mais de 1 metro, essa placa de aço e concreto, montada sobre roletes, movia-se sempre na direção oposta à inclinação, impedindo que se alterasse o centro de gravidade do conjunto.

Essa plataforma pesava 600 toneladas. Cada laje dos blocos tinha mais 40 toneladas. Havia dezoito lajes acima dos andares avariados na torre sul e oito so-





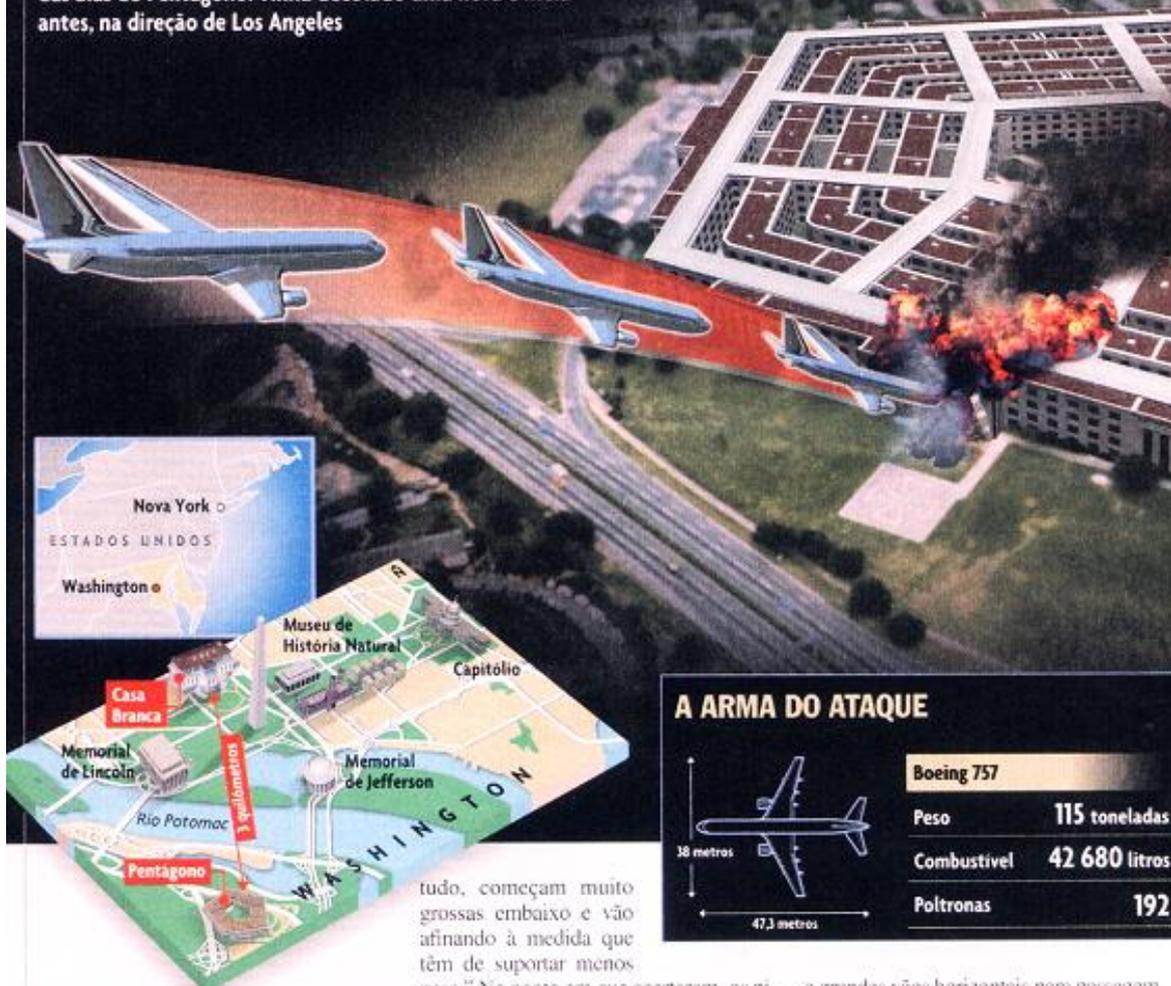
**ESTILO AMERICANO**

Um shopping no subsolo e festas de casamento nas alturas. O World Trade Center era mais que um cartão-postal destinado a entreter turistas

★ Especial ★

## O GOLPE NA FORTALEZA AMERICANA

Às 9h43 um Boeing 757 da American Airlines atingiu uma das alas do Pentágono. Tinha decolado uma hora e meia antes, na direção de Los Angeles



### A ARMA DO ATAQUE



Boeing 757	
Peso	115 toneladas
Combustível	42 680 litros
Poltronas	192

tudo, começam muito grossas embaixo e vão afinando à medida que têm de suportar menos peso." No ponto em que acertaram, os pilotos conseguiram produzir os piores efeitos. O World Trade Center agüentou os aviões, agüentaria focos de incêndio e até bombas. Mas impacto, chamas e explosões foram agressões demais.

"Na hora da pancada, o chão se mexeu e eu me senti como se estivesse pisando numa gelatina", recorda o brasileiro Guilherme Castro, de 27 anos, funcionário de uma corretora que ocupava o 25º andar da primeira torre atingida. Na descida, ele encontrou uma escada bloqueada. Voltou e tomou outro caminho. Mais no alto, as torres tinham andares livres — o 44º e o 78º —, com casas de máquinas

bre os que ardiam no outro prédio. Quando o aço começou a se deformar, pelo calor, todo esse volume veio abaixo e funcionou como um martelo — um martelo que ganhava mais peso a cada andar que ia sendo esmagado. Técnicos em edificações supõem que os terroristas imaginaram esse efeito cascata de destruição ao planejar os atentados. "Se tivessem atingido o primeiro terço inferior dos prédios provavelmente eles ainda estariam de pé", diz o arquiteto paulista Rubens Ascoli Brandão, que defendeu há quatro anos uma tese sobre o World Trade Center. "As colunas externas, que seguram

e grandes vãos horizontais para passagem de vento. Nesses pontos, era difícil encontrar a continuação das escadas. Houve quem morresse por causa disso. Quando Castro finalmente chegou à calçada, ouviu um estrondo ao passar por vítimas que eram socorridas na rua por bombeiros e policiais. Era o avião que atingia a segunda torre. Em seguida, vieram os desabamentos. Uma enorme nuvem de pó rolou sobre as ruas. Ela também penetrou no sistema de metrô da cidade, pelas estações que ficavam embaixo do World Trade Center, e seguiu por quilômetros dentro dos túneis. Os subterrâneos do complexo foram soterrados. "Estávamos bem



### CIDADELA GEOMÉTRICA

Inaugurada em 1943, a sede do Departamento de Defesa dos EUA reúne os comandos das Forças Armadas e de 14 agências. O então presidente Franklin Roosevelt juntou ali repartições militares antes espalhadas por 17 edifícios, unificando o trabalho das equipes que traçavam estratégias contra o Eixo. O prédio foi construído em 16 meses com projetos de 1 000 arquitetos e mão-de-obra de 14 000 operários. O Pentágono tem 344 000 metros quadrados e 28 quilômetros de corredores. As edificações internas são dispostas em anéis concêntricos. Cada uma tem cinco andares

### ONDE FOI O CHOQUE

O avião atingiu a ala sudoeste do edifício e atravessou os anéis E, D e C. Calcula-se que tenham morrido em torno de 130 funcionários do governo americano. O local atingido abriga gabinetes executivos do Exército, além dos escritórios da Secretaria de Guerra. Fica em frente ao heliporto usado por autoridades. Prevvia-se que o presidente George W. Bush usaria essa instalação ainda naquela manhã, quando retornasse da Flórida





**Vôo 77 da American Airlines**

Duração	93 minutos
Ocupantes	64

lá embaixo quando o metrô parou”, recorda Luciana Salles, que ia com o marido, Alexandre, visitar a Estátua da Liberdade. “Um funcionário nos guiou pelos trilhos, no meio da poeira, até uma grade de ventilação. Saímos numa rua repleta de corpos e pedaços de pessoas.”

Era tal a quantidade de pó e fumaça sobre Nova York que o fog pôde ser visto até por astronautas embarcados na Estação Espacial Internacional, que sobrevoava o Estado do Maine na manhã da terça-feira, a mais de 300 quilômetros de altura. O impacto dos Boeing com a estrutura de aço também repercutiu longe. Um deles foi registrado numa estação de

sismologia da Universidade Columbia, a 20 quilômetros do centro de Nova York. Na escala que mede terremotos, alcançou 2,4 pontos — um tremor bastante sensível para quem via o horror a partir das ruas. Os prédios foram construídos com fundações que penetram por mais de 20 metros numa camada de rocha abaixo dos seis subsolos. As mortes de quem saltava, transmitidas para todo o planeta, foram vistas ao vivo por mais de 150 milhões de pessoas. Por que eles saltavam? Por que não aguardaram pelo socorro até o último momento? “Porque o suicídio é uma reação-limite mas esperada do ser humano”, diz Márcio Bernik, coordena-

dor do Ambulatório de Ansiedade do Instituto de Psiquiatria da USP. “Diante da certeza de uma morte lenta e sofrida, as pessoas acabam escolhendo um meio mais rápido.” Um bombeiro que atuou no incêndio do prédio Joelma, em São Paulo, há 27 anos, conta que o calor era tão intenso que a pele de seu rosto, seu pescoço e suas mãos começou a se soltar. No World Trade Center, a temperatura era muito maior. Ainda houve quem esperasse por socorro, nas janelas, e um helicóptero se aproximou da torre norte a ponto de dar às pessoas a esperança de resgate. Minutos depois o outro prédio ruiu, e a operação se revelou impossível. ■

★ Especial ★

# O INIMIGO NÚMERO 1 DA AMÉRICA

Depois de Khomeini, Kadafi e Saddam Hussein, o mundo islâmico produz outro pesadelo para os Estados Unidos: o terrorista Osama bin Laden

**A**o longo da história, o mal exibiu várias feições. Ele já teve os traços de Átila, o Huno, do mongol Gêngis Khan, do austríaco Adolf Hitler, do soviético Josef Stalin, do cambojano Pol Pot e do ugandense Idi Amin Dada. Hoje, o mal não comanda um exército, não mora em um palácio, não discursa a multidões. Seu rosto é o do saudita Osama bin Laden. Ele está sendo apontado como o provável cérebro por trás do ataque ao coração do império americano. Laden seria o responsável pelos atentados simultâneos às embaixadas dos Estados Unidos no Quênia e na Tanzânia, em 1998, que causaram a morte de 224 pessoas. Ele também teria perpetrado a explosão de um navio americano na costa do Iêmen, em outubro do ano passado, que resultou em dezessete marinheiros mortos. Credita-se a Laden, ainda, o suporte técnico, por assim dizer, ao primeiro atentado ao World Trade Center, em 1993, que contou seis vítimas fatais. O terrorista é tão mais assustador porque está sempre associado a um verbo no condicional — ele seria, ele teria. Laden jamais reivindicou a autoria das brutalidades que levam a sua marca. Assassina, massacra e amedronta, mas se mantém na sombra, renunciando ao narcisismo que costuma caracterizar as ações terroristas.

Laden é fruto de uma modalidade que surgiu em 1979, com a ascensão do aiatolá Khomeini, no Irã: o terrorismo de Estado. Esse foi o caminho escolhido por tiranos muçulmanos para fustigar principalmente o que julgam ser o “Grande Satã” — os Estados Unidos. Trata-se de uma visão que mistura fundamentalismo religioso, oportunismo doméstico e obscurantismo.





**“Juramos todos os americanos de morte, sem distinção entre civis e militares.”**

*Osama bin Laden, em 1998*

Há três anos, quando Bill Clinton era presidente (*abaixo, à esq.*), o saudita Osama bin Laden foi acusado de explodir as embaixadas americanas no Quênia (*acima*) e na Tanzânia. George W. Bush (*abaixo, à dir.*) herdou de seu antecessor a tarefa de caçá-lo. Ainda mais agora que Laden desponta como o principal suspeito da monstruosidade perpetrada na semana passada



★ Especial ★



Seu alimento é o apoio americano a Israel. A primeira manifestação do terrorismo de Estado foi o endosso do regime dos aiatolás à invasão da embaixada dos Estados Unidos em Teerã por um grupo de jovens fanáticos. Os 65 reféns permaneceram por mais de um ano em poder dos invasores e o episódio serviu para enfraquecer politicamente o presidente Jimmy Carter. Na década de 80, o ditador líbio Muamar Kadafi colocou sob sua proteção o palestino Abu Nidal, autor das chacinas nos aeroportos de Roma e de Viena, em 1985, em que morreram dezoito pessoas. Além de patrocinar terroristas, Kadafi disparava bravatas que hoje soam como profecias. "Perseguiremos cidadãos americanos nas ruas de suas próprias cidades", afirmou numa ocasião. Em 1986, ele ordenou um ataque a navios dos Estados Unidos que navegavam perto da costa líbia. O presidente Ronald Reagan mandou, então, bombardear o país. Kadafi, o gabola, amansou bastante depois

disso. Outro inimigo dos Estados Unidos, o iraquiano Saddam Hussein, pagou caro pela ousadia de ter invadido o Kuwait, em 1990, colocando em risco o abastecimento de petróleo ao Ocidente e deflagrando a Guerra do Golfo. Foi humilhado pelo presidente George Bush, mas continua a hostilizar os americanos. Na terça-feira passada, a TV do Iraque saudou os atos infames que atingiram Nova York e Washington como "a operação do século". Um porta-voz do governo iraquiano comentou no ar: "O caubói americano está colhendo os frutos dos seus crimes contra a humanidade".

Para os Estados Unidos, Saddam Hussein transformou-se numa espécie de resfriado. Incomoda, sem comprometer a saúde. Já Osama bin Laden é um câncer que, agora mais do que nunca, precisa ser extirpado. O terrorista não tem patrocínio oficial de nenhum país muçulmano, mas é admirado como herói em vários deles e vive na condi-

ção de hóspede especial do Afeganistão, no qual mantém esconderijos (inclusive uma caverna). Não se sabe a certo a data de seu nascimento, no final dos anos 50. Laden é o décimo sétimo dos 52 filhos que o construtor Mohamad bin Laden, uma das maiores fortunas da Arábia Saudita, teve com várias mulheres. Formado em engenharia civil e agronomia, ele começou sua vida de militante islâmico em 1979, quando o Afeganistão se viu invadido por tropas soviéticas. Muçulmanos de diferente procedências juntaram-se aos guerreiros fundamentalistas do Talibã e de outras facções na defesa do país contra a superpotência comunista. Como não poderia deixar de ser, dentro da lógica maniqueísta da Guerra Fria, o enfrentamento com a União Soviética recebeu apoio dos Estados Unidos. Nesse ponto, reside uma grande ironia: o atual inimigo número 1 dos americanos pode ter recebido treinamento da CIA, que gastou 3 bilhões de dólares



FOTOS: SAP/HEISS

**“Os americanos vão nadar em seu próprio sangue.”**

*Saddam Hussein, em 1991*

O ditador iraquiano Saddam Hussein invadiu o Kuwait (à esq., em destaque), mas foi humilhado por George Bush na Guerra do Golfo. Ainda no poder, hostiliza os americanos. Seu governo definiu os atentados em Nova York e Washington como a “operação do século”

para ajudar os rebeldes afgãos. Os soviéticos se retiraram depois de dez anos de conflito. A vitória serviu de estímulo para que se formassem grupos de fanáticos fundamentalistas em outras nações islâmicas. Sua premissa: se havia sido possível derrotar a União Soviética, não era impossível vencer Israel e seu maior aliado, os Estados Unidos. Mais tarde, Laden tomaria para si a tarefa de fazer com que essas organizações se conectassem.

Terminada a guerra no Afeganistão, o terrorista voltou para a Arábia Saudita e passou a trabalhar nas empresas do pai. Em 1991, quando seu país resolveu apoiar os Estados Unidos contra o Iraque, Laden decidiu que sua missão seria libertar os territórios sagrados do Islã — Arábia Saudita e Israel — do “domínio dos infiéis”. Ou seja, da influência ocidental. Opositor do regime saudita, Laden foi expulso e teve sua cidadania cassada. Nos primeiros cinco anos de desterro, ele refugiou-se no Su-

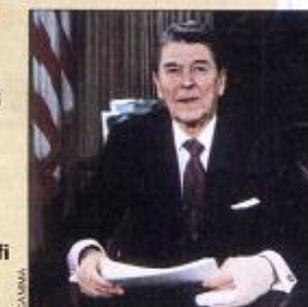


DELEMANE NE POSITIVOS/REUTERS

**“Humilhamos a América.”**

*Muamar Kadafi, em 1986*

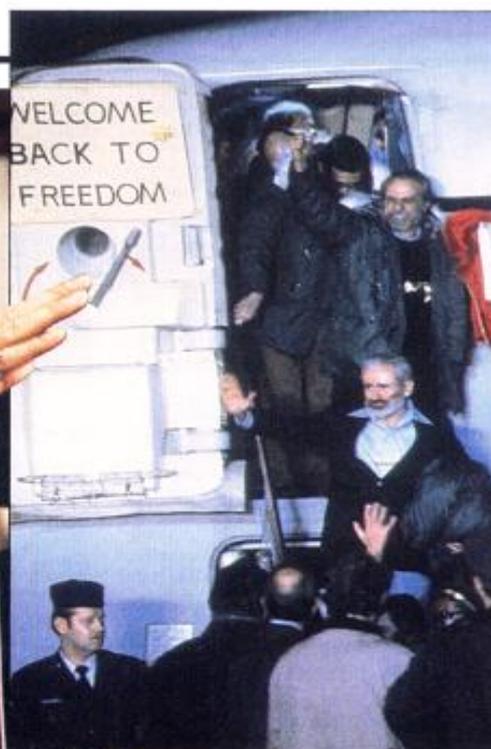
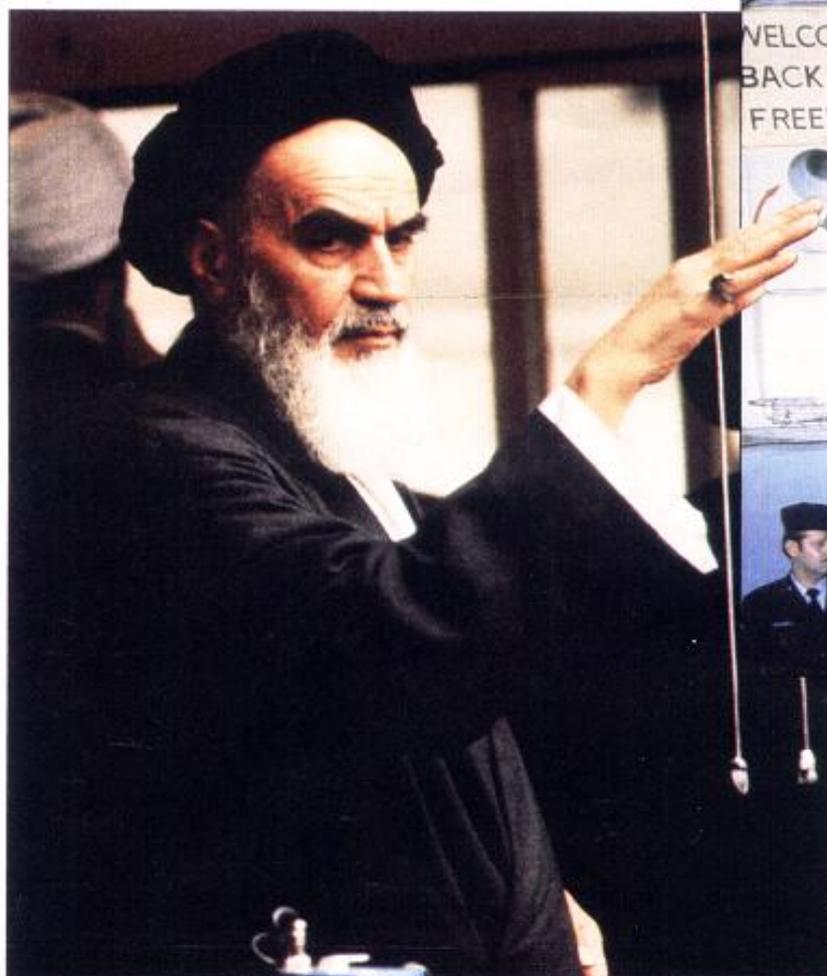
Na década de 80, o ditador líbio abrigou o terrorista palestino Abu Nidal, responsável por atentados em Roma (abaixo) e Viena. O presidente americano o enquadrou, ao bombardear a Líbia em 1986, depois que Kadafi ordenou ataques a navios americanos. Hoje, o tirano gabola está mais manso



GALIMUS



★ Especial ★



**“Os Estados Unidos são o Grande Satã.”**

*Aiatolá Khomeini, em 1979*

dão, onde abriu uma construtora e uma transportadora. Banido em 1996, por pressão dos americanos, foi acolhido pelo Afeganistão. Seu bando, chamado Al Qaeda (“A Base”, em árabe), “terceiriza” terroristas pertencentes a diversos grupos. Dessa rede macabra, calcula-se que façam parte 3 000 facínoras. Laden financia seus atentados com o próprio dinheiro — é dono de uma fortuna estimada em 270 milhões de dólares — e com o que arrecada entre os simpatizantes de sua “causa”.

Os Estados Unidos pediram várias vezes ao Afeganistão a extradição de Laden. Em vão. Diante da negativa, espalharam cartazes de “procura-se” pelo Oriente Médio e ofereceram uma recompensa de 5 milhões de dólares por sua captura. Nos últimos anos, Laden

deu entrevistas à imprensa inglesa e à americana. “A toda ação corresponde uma forma de reação”, declarou à rede de televisão ABC, em 1998. “Os americanos nunca fizeram distinção entre civis e militares. Eles não jogaram a bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki? Não apoiaram os massacres de crianças e adolescentes na Palestina? Nossa *fatwa* (sentença de morte) se dirige, então, a todos os americanos. Nós não os diferenciamos pelos trajes.” Em Nova York e Washington, essas palavras transubstanciaram-se num banho de sangue. Mesmo se não for responsável pelo ataque infame ao World Trade Center e ao Pentágono, Osama bin Laden tem uma folha corrida que justifica sua fama e as novas e terríveis suspeitas que agora pesam sobre ele. ■

**O aiatolá Khomeini inaugurou o terrorismo de Estado, ao endossar a invasão da embaixada americana em Teerã, em 1979. Os reféns só foram soltos mais de um ano depois (acima), o que enfraqueceu o presidente Jimmy Carter (abaixo)**



<b>TEXTO 1 – TIME - MOURNING IN AMERICA</b>	
<b>Matéria assinada por: Nancy Gibbs</b>	
<b>1.626 palavras</b>	
<b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Emissor</b>	<i>Time Magazine</i> "One Nation, Indivisible" #11 - Special Edition - Latin America Edition -
<b>Intenção</b>	Informar o leitor (residente em países da América Latina) com relação aos momentos que se seguiram ao desabamento das torres do WTC.
<b>Receptor</b>	Público leitor residente em países da América Latina e que dominem o inglês.
<b>Meio</b>	Periódico impresso semanal, de origem americana, editado para países da América latina pela Time Inc. International, Hollywood –FL.
<b>Lugar</b>	Estados Unidos (esta edição: Países da América Latina, ver capa).
<b>Tempo</b>	Duas semanas após os atentados - vol.158, September 24th, 2001,
<b>Propósito (motivo)</b>	Mostrar o pânico e a confusão entre a população após o desabamento das torres do WTC; os resgates feitos por médicos e bombeiros, a sensação de 'perda' entre a população sem o referencial das torres; o esforço da população para voltar a uma vida normal; a procura pelas vítimas; incertezas quanto ao futuro.
<b>Função Textual</b>	Informativa (imprensa) e expressiva, pois o texto é verbalizado em primeira pessoa pela repórter como cidadã de Nova York..
<b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Tema</b>	Atentado terrorista ao WTC em NY
<b>Conteúdo</b>	a) procura pelas vítimas; b) desconhecimento do inimigo e de suas razões para o atentado; c) esforços das equipes de resgate; d) solidariedade de outros países; e) a expressão 'ground zero'; f) pânico e a tentativa de voltar a vida normal entre a população; g) o vazio das torres na paisagem e na vida da população.
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento sobre os atentados (via tv, radio, jornais); sobre os valores americanos; sobre seriados americanos da TV; de Manhattan e hinos religiosos
<b>Estruturação</b>	12 parágrafos entremeados por e fragmentos de hinos religiosos.
<b>Elementos não-verbais</b>	Fotos das vítimas na 2ª e 3ª páginas emoldurando as bordas superior e inferior do texto. As laterais trazem o que lembra a arquitetura do WTC; texto em duas colunas; foto gigante (espécie de pôster) que abre a reportagem mostrando o dia seguinte ao ataque e as equipes de resgate. Seguem-se quatro fotos de página inteira do local dos desabamentos.
<b>Léxico</b>	Vocabulário simples para os padrões da <i>Time</i> ; adjetivos avaliativos e expressivos.
<b>Sintaxe</b>	Modalizações; passiva; presente perfeito e passado simples; advérbios de tempo; pronomes pessoais "I" e "we" e objetivos "us"; advérbios de tempo; condicionais; orações relativas restritivas; perguntas retóricas, orações subordinativas e coordenativas.
<b>Elementos supra-segmentais</b>	Fonte maior em preto para o título; letra inicial do texto em vermelho e fonte maior; a primeira frase de cada parágrafo esta em letras maiúsculas sem negrito ou itálico; aspas.
<b>Efeito do texto</b>	Comoção no leitor devido a narrativa em primeira pessoa; compaixão pelas vítimas e os que perderam pessoas conhecidas; deixa implícitos alguns dos valores americanos como individualismo, competição, auto-confiança; coragem.

<b>TEXTO 1 – VEJA - A DESCOBERTA DA VULNERABILIDADE</b>	
2.427 palavras (1º na seqüência da revista)	
Reportagem não assinada (*preparada pela equipe de redação sob o comando do diretor de internacional).	
<b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Emissor</b>	Veja " <b>O Império Vulnerável</b> ", em Edição Especial: nº37
<b>Intenção</b>	Informar o público sobre os atentados terroristas em Nova York com objetividade, apresentando a posição “dos dois lados”.
<b>Receptor</b>	Público leitor brasileiro da Veja
<b>Meio</b>	Periódico impresso semanal – Editora Abril, São Paulo.
<b>Lugar</b>	Território brasileiro
<b>Tempo</b>	Uma semana após os atentados - 19 de Setembro de 2001.
<b>Propósito</b>	Registrar a história. Explicar ao público brasileiro o que aconteceu no dia dos atentados. Revelar suspeitas sobre os responsáveis, questionando a fragilidade do país. O texto pode ser lido mais de uma vez. Muitos leitores guardaram a revista como registro de um fato histórico.
<b>Função Textual</b>	Informativa (da própria imprensa) e expressiva. Os leitores, na época, se solidarizaram com as vítimas (especialmente das torres, não se lembraram de vítimas nos aviões), mais do que com o próprio povo americano. Referencial (apela para conhecimento prévio do leitor).
<b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Tema</b>	Atentados terroristas ao WTC nos Estados Unidos.
<b>Conteúdo</b>	a) ataques terroristas ao WTC em 93; b) dificuldade de infiltrar espões americanos em grupos árabes; c) sistema de segurança frágil dos americanos; d) plano de ofensiva americano; e) relativismo cultural; f) fanatismo religioso muçulmano; g) ataques americanos ao Afeganistão; h) política americana para o futuro e o papel do Brasil.
<b>Pressuposições</b>	Conhecer sobre a Guerra fria; Pearl Harbor; os assassinatos em Oklahoma (Timothy McVeigh); ataque terrorista ao WTC em 93.
<b>Estruturação</b>	11 parágrafos sem subtítulos.
<b>Elementos não-verbais</b>	Fotos grandes, legendadas e centrais em todas as páginas mapas explicativos sobre os atentados.
<b>Léxico</b>	adjetivos avaliativos e expressivos; lexemas informais e formais para um tom dramático; linguagem simples e direta; marcadores de tempo na seqüência da narrativa.
<b>Sintaxe</b>	Períodos simples e compostos; orações subordinativas e coordenativas; passiva; modalização, uso freqüente do pronome “se” reflexiva; perguntas retóricas; orações reduzidas; advérbios modalizadores e em –mente; modalizadores periféricos (intensificadores, marcadores de foco); assertivas.
<b>Elementos supra-segmentais</b>	Aspas; travessão (4 ocorrências); tabelas, mapas e gráficos; fonte maior branca no título sobre fundo negro; parenteses nas legendas de fotos; numeração de gráficos.
<b>Efeito do texto</b>	Certeza de que os americanos não são imunes a atentados (algo como provar do próprio remédio); um certo distanciamento talvez pelo fato de o Brasil não guerrear com outros países, como apontado pela revista (discussão da qual o Brasil não faz parte); curiosidade sobre bin Laden, o homem que atacou a superpotência.

<b>TEXTO 2 -TIME - THE NEW BREED OF TERRORIST</b> 4172 palavras (2º texto na seqüência de reportagens da revista) Matéria assinada pelo repórter David van Biema e Johanna McGeary. Biema é especialista em cobrir reportagens sobre guerra e religião.	
<b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Emissor</b>	<i>Time Magazine</i> "One Nation, Indivisible" #11 - Special Edition - Latin America Edition -
<b>Intenção</b>	Detalhar a vida dos terroristas (especialmente os que estavam nos aviões que atacaram as torres gêmeas) na Flórida e como planejaram e executaram os atentados.
<b>Receptor</b>	Público leitor residente em países da América Latina e que dominem o inglês.
<b>Meio</b>	Periódico impresso semanal, de origem americana, editado para países da América latina pela Time Inc. International, Hollywood –FL..
<b>Lugar</b>	Estados Unidos (esta edição: Países da América Latina, ver capa).
<b>Tempo</b>	Duas semanas após os atentados - vol.158, September 24th, 2001,
<b>Propósito (motivo)</b>	Explicar ao leitor como os terroristas organizaram e executaram os atentados, vivendo entre os americanos sem levantar suspeitas sobre suas intenções. Expor sua identidade ao publico e os procedimentos de investigação do FBI.
<b>Função Textual</b>	Informativa (imprensa) e referencial.
<b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Tema</b>	A vida dos terroristas – planejamento execução do atentados ao WTC.
<b>Conteúdo</b>	a) identidade dos terroristas; b) sua chegada e vida nos estados unidos; c) as aulas de pilotagem nas escolas de aviação da Florida; d) descrição dos seus últimos instantes de vida flagrados por câmeras de segurança nos aeroportos; e) investigações do FBI; f) as ramificações do grupo de terroristas;
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento prévio sobre os atentados e sobre procedimentos de embarque nos aeroportos americanos, da Florida e das propagandas de escolas de pilotagem.
<b>Estruturação</b>	31 parágrafos – título em destaque na parte inferior da pagina com foto em close e de página inteira dos dois terroristas do WTC. Título, subtítulo com duas declarativas e uma pergunta.
<b>Elementos não-verbais</b>	Fotos em close de pagina inteira dos terroristas do WTC na primeira página a esquerda; fotos menores do aeroclube onde treinaram pilotagem na Flórida.
<b>Léxico</b>	Vocabulário complexo e formal; linguagem direta; palavras e nomes em Árabe (com explicação), adjetivos avaliativos.
<b>Sintaxe</b>	Verbos modais; períodos curtos intercalados com longos; pronomes relativos na vez de sujeito e objeto das frases; predomínio do passado simples e presença de pp e p. voice
<b>Elementos supra-segmentais</b>	Aspas; letras garrafais no titulo da reportagem e início de parágrafos sem negrito ou itálico; espaçamento entre parágrafos; travessão; numeração; titulo da reportagem repetido na parte superior esquerda de todas as páginas.
<b>Efeito do texto</b>	Indignação pela frieza do planejamento e execução dos atentados; para os americanos em especial, provavelmente um sentimento de traição (traído por quem acolheram); receio pela radicalidade dos extremistas e pela magnitude do grupo; incompreensão do porque, apesar de suspeitas, não houve providencias do FBI para investigá-los.

<b>TEXTO 2 – VEJA - A MORTE NO FOGO, NUM SALTO OU NO DESABAMENTO</b> 1350 palavras Matéria não assinada (ver texto 1)	
<b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Emissor</b>	Veja " <i>O Império Vulnerável</i> ", em Edição Especial: nº37
<b>Intenção</b>	Informar o público sobre o que causou o desabamento do WTC (fato inesperado) e mostrar o que viveram os sobreviventes brasileiros
<b>Receptor</b>	Público leitor brasileiro da <i>Veja</i>
<b>Meio</b>	Periódico impresso semanal – Editora Abril, São Paulo.
<b>Lugar</b>	Território brasileiro
<b>Tempo</b>	Uma semana após os atentados em Nova York. – 19 de Setembro de 2001
<b>Propósito</b>	Esclarecer o público brasileiro, com a explicação de um engenheiro especialista brasileiro, o que aconteceu com a estrutura das torres para desabarem; a sistematização dos atentados; expor ao público o horror vivido pela população nas ruas e pelos que estavam nos prédios, incluído os brasileiros.
<b>Função Textual</b>	Informativa (imprensa) e referencial (utiliza o incêndio no Edifício Joelma como ponte para entenderem os fatos em NY); apelativa (a emoção do leitor recai sobre o desespero que levou algumas vítimas ao suicídio).
<b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Tema</b>	O desabamento do WTC
<b>Conteúdo</b>	a) o impacto do avião contra o Pentágono; b) explicação de um engenheiro brasileiro que defendeu tese sobre o WTC; c) depoimentos de sobreviventes brasileiros; d) a questão do suicídio das vítimas.
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento acerca do incêndio no Edifício Joelma em São Paulo em 19__; que alguns leitores já tenham viajado de avião.
<b>Estruturação</b>	6 parágrafos. Título; subtítulo em forma de pergunta e com resposta.
<b>Elementos não-verbais</b>	Fotos grandes, centrais na página, legendadas; mapas de página inteira descrevendo a trajetória dos aviões até as torres e ao Pentágono; gráficos com o número de vítimas e sobre o tamanho dos aviões.
<b>Léxico</b>	adjetivos (avaliativos e expressivos, acentuam um tom de dramaticidade); terminologia técnica referente aos aviões; linguagem simples e direta.
<b>Sintaxe</b>	Poucas modalizações com verbos modais; modalização com intensificadores e marcadores de foco; advérbios modalizadores e em – mente; orações subordinadas; passiva.
<b>Elementos supra-segmentais</b>	Fonte maior no início da reportagem em cor branca e sobre fundo negro; letra inicial do texto em fonte maior e em vermelho; aspas; travessão.
<b>Efeito do texto</b>	O leitor satisfaz a curiosidade sobre a causa do desabamento do WTC; emoção em relação às vítimas de suicídio (associando a realidade local do incêndio no Joelma) e com o depoimento dos brasileiros pois muitos turistas viajam e visitam NY e o WTC. O efeito é o do relato de um filme.

<b>TEXTO 3 - TIME - THE MOST WANETD MAN IN THE WORLD</b> 2740 palavras (5º texto na seqüência de reportagens da revista) Matéria assinada pela repórter Lisa Beyer, atualmente Jerusalem Bureau Chief para a Time.	
<b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Emissor</b>	<i>Time Magazine</i> "One Nation, Indivisible" #11 - Special Edition - Latin America Edition -
<b>Intenção</b>	Expor os atentados sob o ponto de vista do inimigo, bin Laden: contar a sua biografia para compreender a origem do seu fanatismo religioso e do seu ódio contra os Estados Unidos e de sua fortuna.
<b>Receptor</b>	Público leitor residente em países da América Latina e que dominem o inglês.
<b>Meio</b>	Periódico impresso semanal, de origem americana, editado para países da América latina pela Time Inc. International, Hollywood –FL.
<b>Lugar</b>	Estados Unidos (esta edição: Países da América Latina, ver capa).
<b>Tempo</b>	Dois semanas após os atentados - vol.158, September 24th, 2001,
<b>Propósito (motivo)</b>	Expor em detalhes o que tornou bin Laden o 'homem mais procurado do mundo'.
<b>Função Textual</b>	Informativa (imprensa) e referencial.
<b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Tema</b>	A vida pessoal de Osama bin Laden
<b>Conteúdo</b>	a) sua visão sobre Deus e a religião muçulmana; b) a influencia de seu professor sobre seus princípios religiosos; c) comparação de bin Laden a Hitler; d) criação da Al-Qaeda e o poder de liderança de bin Laden frente aos rebeldes Afegãos (mujahedin); e) sua vida nômade; f) a origem de sua fortuna e seus negócios; g) os treinamentos terroristas e a sua 'exportação' por países árabes e Europa; h) a invasão do Kuwait e o ataque ao WTC em 1993; i) a fuga rápida e covarde dos americanos na guerra da Somália; a alegria de bin Laden frente ao sucesso da operação terrorista.
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento do genocídio nazista; da posição geográfica do Afeganistão, da guerra do Kuwait e da Somália, do atentado ao WTC em 1993; sobre a invasão dos Afegãos a União Soviética; as cidades de Meca e Medina.
<b>Estruturação</b>	26 parágrafos – texto em três colunas; parágrafos em fonte maior sem negrito ou itálico quando há espaçamento entre eles; texto começa na pagina esquerda e na direita há uma foto de pagina inteira de bin Laden em tom de vermelho. Na 6ª pagina há um texto inserido em caixa sobre outros terroristas do grupo de bin Laden; e na 5ª pagina o texto está dividido em duas colunas e na parte central são expostas 4 declarações de bin Laden em entrevistas e em fonte maior. Título e subtítulo com uma declarativa e uma pergunta.
<b>Elementos não-verbais</b>	Fotos em pagina inteira de bin Laden com um tom de vermelho por cima sugerindo sangue; título principal em letras garrafais pretas, subtítulo em preto e fonte maior; fotos menores legendadas da terra de bin Laden.
<b>Léxico</b>	Vocabulário relativamente simples; linguagem direta; palavras e nomes em Árabe ligadas ao mundo muçulmano e ao terrorismo, adjetivos avaliativos e expressivos.
<b>Sintaxe</b>	Verbos modais; períodos curtos intercalados com longos; pronomes relativos na vez de sujeito e objeto das frases.
<b>Elementos supra-segmentais</b>	Aspas; letras em fonte maior; travessão; numeração; fotos datadas em ordem cronológica.
<b>Efeito do texto</b>	Espanto com a vida turbulenta, agressiva e devotada ao fanatismo religioso de bin Laden; espanto com sua frieza ao comentar o sucesso dos atentados; de uma certa forma mexe com a auto-estima americana por terem sido chamados de covardes e incita, de modo implícito, a necessidade de um contra-ataque.

<b>TEXTO 3 – VEJA - O INIMIGO NUMERO 1 DA AMÉRICA</b> 1091 palavras matéria não assinada (ver texto 1)	
<b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Emissor</b>	Veja " <i>O Império Vulnerável</i> ", em Edição Especial: nº37
<b>Intenção</b>	Expor ao público o ponto de vista de bin Laden, resgatando um pouco da sua auto-biografia e os motivos que o levaram aos atentados.
<b>Receptor</b>	Público leitor brasileiro da <i>Veja</i>
<b>Meio</b>	Periódico impresso semanal – Editora Abril, São Paulo.
<b>Lugar</b>	Território brasileiro
<b>Tempo</b>	Uma semana após os atentados em Nova York. – 19 de Setembro de 2001
<b>Propósito</b>	Expor ao leitor as raízes do fanatismo religioso muçulmano; o ódio das milícias fundamentalistas contra os americanos; expor a justificativa de bin Laden para os ataques.
<b>Função Textual</b>	Informativa (imprensa); referencial (relembra os “vilões” da humanidade)
<b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>	
<b>Tema</b>	O terrorista Osama bin Laden
<b>Conteúdo</b>	a) terrorismo de estado; b) fundamentalismo religioso; c) a origem da Al-Qaeda; d) vida pessoal de bin Laden; e) guerra fria; f) guerra no Afeganistão; g)
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento a respeito da Guerra Fria e da guerra do Afeganistão; das bombas de Hiroshima e Nagasaki; sobre Sadan Hussein e o Kwait; sobre o aiatolá Khomeini; chacina em Roma e Viena em 1985
<b>Estruturação</b>	5 parágrafos. Título; subtítulo com frase declarativa.
<b>Elementos não-verbais</b>	Fotos grandes, centralizadas e legendadas de bin Laden. Fotos em tamanho menor de alguns ex-presidentes americanos; texto em 2 e 3 colunas.
<b>Léxico</b>	adjetivos (avaliativos e expressivos), termos técnicos referentes aos terroristas e nomes árabes; lexemas informais típicos da oralidade;
<b>Sintaxe</b>	orações subordinadas; frases simples e objetivas; modalização periférica e uma com verbo modal; passiva; predomínio do tempo pretérito perfeito e mais-que-perfeito.
<b>Elementos supra-segmentais</b>	Letras em fonte maior no início da reportagem em cor branca e sobre fundo negro; letra inicial em fonte vermelha maior para o texto; aspas; travessão, parênteses nas legendas das fotos; abreviaturas nestas; linhas pontilhadas nas legendas das fotos.
<b>Efeito do texto</b>	A curiosidade em relação a bin Laden é satisfeita; há um certo distanciamento pelas menções a figuras históricas que, mesmo apesar do nível de escolaridade do público leitor da revista, ficam de uma identificação completa; coloca o fanatismo muçulmano como responsável direto pelos atentados e Laden como figura expressiva do mal e do ódio. Causa um certo temor sobre o que pode vir de resposta dos americanos e pela possibilidade de outro ataque semelhante ocorrer em outro país, ou no Brasil.

## **Anexo 2**

### **Excursão: A Tradução do TJ – Um Experimento**

A compreensão do texto jornalístico como *tradução* de um fato envolvendo a figura do jornalista como “tradutor” deste fato é um conceito que gera estranhamento, isto é, dentro do ambiente do jornalismo os dois papéis não se misturam; a tradução em meio jornalístico ocorre somente por ocasião de matérias internacionais que mantêm a autoria original, conferindo crédito ao tradutor. Isso é bastante comum hoje em dia em sites de provedores na internet.

A maioria dos profissionais encara a tradução como necessariamente oriunda de um TF. Neste caso e, até por uma questão ética, esses profissionais afirmam ser necessário respeitar o original bem como a sua integridade informacional. Nesse sentido, chamamos a atenção para a importância de se abrir espaço à linha de pesquisa em tradução de textos jornalísticos como proposta de uma nova perspectiva sobre uma prática que precisa estar em constante renovação. Esse fato gerou os seguintes questionamentos: o produto final de uma tradução direta de um TF jornalístico qualquer poderia ser considerado ainda um TJ? Qual seria o resultado dessa prática com estudantes do próprio curso de Jornalismo, visto que eles conhecem o jornalismo brasileiro e estão habituados à prática deste tipo de redação?

Para tanto, decidimos realizar um experimento de tradução jornalística direta, de uma das reportagens do *corpus*, ou seja, partindo de um TF como a tradução é normalmente compreendida. A hipótese era a de que o produto final preservaria as características do TF se a atividade fosse realizada com estudantes de jornalismo, em razão de dominarem técnicas da escrita jornalística e elaboração de matéria.

Entramos em contato com alunos das 7ª e 8ª fases do jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, solicitando 5 voluntários que tivessem algum diploma/certificado de proficiência em língua inglesa, para garantir uma leitura mais eficiente da reportagem, bem como da tradução. Nestas fases os alunos já passaram, também, pelas disciplinas específicas de redação jornalística. Propusemos aos participantes a tradução de [T2T]: “*The New Breed of Terrorist*”. O grupo recebeu uma cópia resumida do texto e um glossário auxiliar, sabendo que deveriam pesquisar o vocabulário sempre que necessário. A instrução foi para que procedessem as traduções de acordo com o seu perfil profissional (implicitamente: como jornalistas), no prazo de dois meses para entrega. Posteriormente, responderam a um questionário<sup>135</sup> com cinco perguntas sobre o processo de tradução.

---

<sup>135</sup> Apresentado na seqüência de análise dos dados.

Os resultados obtidos, entretanto, nos levam a questionar a hipótese formulada, por algumas razões. As traduções, sem exceção e conforme os exemplos trazem uma literalidade fortemente marcada; os alunos ficaram presos às informações contidas no TF. Não há reflexão sobre o processo de tradução, sobre o leitor para quem se escreve. Conhecer a sua nacionalidade, sem considerar o seu aparato cultural não é suficiente, ou seja, é possível ler as traduções, mas elas não funcionam culturalmente para o destinatário final, pois a preocupação é com o TF e não com o leitor. Algumas informações não são explicitadas, enquanto que outras acabam tendo o sentido alterado. Mesmo as soluções apresentadas não mostram muita variação; vejamos os exemplos:

[TF] – *They did their most important training right here, among us. They were “sleepers” unusually purposeful men, living ordinary lives (...).*”

(1) Eles fizeram seu treinamento mais importante **nos Estados Unidos mesmo, entre os americanos**. Eles eram homens cheios de um propósito incomum, **dormente**, vivendo vidas normais (...).

(2) Eles fizeram seu treinamento mais importante **bem ali, entre os americanos**. Eles eram **homens “adormecidos”**, excepcionalmente determinados, vivendo vidas corriqueiras (...).

(3) Eles fizeram o treinamento mais importante bem aqui, entre nós. Eles viviam vidas normais (...)

(4) Eles fizeram o treinamento mais importante **deles, bem aqui, entre nós**. Eles eram **homens “adormecidos”**, excepcionalmente determinados, quer viviam vidas comuns (...).

(5) Eles fizeram **seus** treinamentos mais importantes **aqui mesmo, entre nós**. Eles eram **pré-determinados e pouco comuns “esporos”**, vivendo vidas comuns (...).

*\*\* sleeper – não houve preocupação em se informar sobre o significado da palavra, a qual (1) e (5) não traduzem a idéia. Esse termo designa espíões, agentes, terroristas infiltrados, que vivem o dia-a-dia no lugar em lugares onde executam ações terroristas. Esta é uma ação prevista no manual do terrorista de Osama bin Laden e comentado em [T3V]. É um tipo de ação antiga utilizada por países em conflitos e característica da guerra fria.*

[TF] – *“They lived by the terrorist handbook cited in the East Africa embassy-bombings trial”*

(6) - Eles viviam de acordo com o livro terrorista citado no **juízo do (sobre o) bombardeio da embaixada da África Oriental**.

(7) - Viviam pelo manual do terrorista citado **nos julgamentos dos (sobre os) atentados das (contra as) embaixadas da África do Leste**. (plural, não existe África do Leste, mas África oriental).

(8) - Eles viviam de acordo com o manual **dos terroristas (plural)** citado no **juízo dos bombardeios da embaixada do Leste da África**.

(9) - Eles viviam segundo o manual terrorista mencionado no **processo judicial sobre os bombardeios das embaixadas no Leste da África**.

(10) - Eles viviam de acordo com o livro terrorista citado no **juízo de bombas da embaixada da África Ocidental**.

*\*\* não houve preocupação em contextualizar os acontecimentos na África para o leitor brasileiro. Há um erro em (10) com Ocidental ao invés de Oriental.*

[TF] – “*Yet, even more ardently than their young predecessors, these men made common cause with each other out of some profound hatred for America”.*

(11) - Ainda mais ardentemente que seus predecessores mais jovens, esses homens encontraram em seu ódio profundo pelos Estados Unidos uma causa comum que os uniu.

(12) - Ainda mais que seus ardentes predecessores, esses homens tinham como causa comum um profundo ódio pela América.

(13) - Ainda mais ardentemente que seus jovens predecessores, esses homens transformaram o ódio profundo de cada um pela América em uma causa comum.

(14) - Ainda mais ardentemente que seus jovens predecessores, estes homens fizeram nascer uma causa comum surgida de um profundo ódio da América.

(15) - Ainda mais ardentemente que seus jovens predecessores, esses homens fizeram entre eles comum causa sobre um profundo ódio pela América.

\*\* o adjetivo “predecessores” não é alterado, mesmo se podendo utilizar um sinônimo. Em (5) a tradução obedece a ordem inversa do inglês (comum causa).

Embora os alunos tenham enfatizado a importância do leitor nos questionários, parece não haver uma preocupação maior com ele nas traduções. Nos referimos aqui a segunda questão sobre a prospecção do processo. A maioria das respostas aponta para a produção escrita voltada ao leitor final, tendo o veículo de comunicação e o assunto tratado, em segundo terceiro lugares respectivamente. Essa posição é evidenciada nos periódicos envolvidos nesta pesquisa: o público recebe atenção especial não só como leitor que deseja informação, mas também como provável comprador da revista. Apenas um dos estudantes sobrepôs a fidelidade ao TF ao leitor, considerando-o indiretamente quando os trechos se revelavam muito longos ou de difícil compreensão, isto porque, a escrita jornalística prima pela utilização de frases curtas, diretas e uma linguagem não teatral. Somente alguns trechos explicitam informações desconhecidas para o leitor-final, conforme os exemplos:

[TF] – “*At the FBI, they’re calling the investigation PENTTBOM, for Pentagon Twin Towers Bombing (...)”*

(16) PENTTBOM, para Pentagon Twin Towers Bombing (Explosão Pentágono Torres Gêmeas (...))

(17) PENTTBOM, sigla em inglês para bombardeio das torres gêmeas e do pentágono (...).

(18) PENTTBOM, abreviatura em inglês de “Bombardeio das Torres Gêmeas e do Pentágono (...).

Outros explicitam a informação (19), como no caso do *USS Cole* (navio de guerra americano), mas pendem novamente para a literalidade em (20) e (22). Somente em (21) observamos a tentativa de se desprender do TF:

[TF] – *There was no indication of the plot they had in mind, but there were strong hints of links to bin Laden associates, including a connection to a suspect in the bombing of the U.S.S. Cole, enough to raise a flag in the CIA database.*

(19) Não havia nenhuma indicação da conspiração (...) incluindo uma conexão com um suspeito [no bombardeio do USS Cole \[navio da armada americana que estava a caminho do Iraque para patrulhar o embargo de exportações de petróleo do Iraque, em 12 de Dezembro de 2000\], o suficiente para levantar uma bandeira no banco de dados da CIA.](#)

(20) - Não havia nenhuma indicação (...) incluindo uma conexão a um suspeito [no bombardeio do USS Cole, o bastante para levantar uma bandeira de alerta no banco de dados da CIA.](#)

(21) - Não havia indicação (...) incluindo uma conexão com um suspeito [de bombardear o USS Cole, suficiente para ganhar destaque na base dados da CIA.](#)

(22) - Não havia indicação (...) incluindo uma ligação a um [bombardeio no USS Cole, suficiente para levantar uma bandeira na base de dados da CIA.](#)

Durante o processo de tradução, duas respostas se mostraram unânimes: as dificuldades com o vocabulário e a gramática. Isso confirma o fato de o trabalho tradutório exigir atenção, cuidado e o domínio das línguas e culturas envolvidas para que o resultado final para que o leitor consiga realizar as inferências necessárias para estabelecer a ponte entre o seu conhecimento prévio e o novo adquirido através da leitura. A noção [leiga] de que somente o conhecimento do idioma é suficiente para traduzir não dá conta dos desafios encontrados. Um exemplo deste fato é o cuidado com os verbos modais, cujos graus de probabilidade e possibilidade podem afetar o sentido da oração: (23) e (25) são as que mais se aproximam do sentido dado ao TF, embora outra opção fosse pela locução verbal “*podem acabar revelando*”, exprimindo a possibilidade epistêmica. Chamamos a atenção para a não checagem da informação sobre o *Mossad* - serviço secreto israelense – em (23) é associado a nome de pessoa; em (24), ele é omitido; em (25) o termo é omitido e parece estar associado aos especialistas americanos. Somente em (26) e (27) observamos que a informação está correta.

[TF] – “*There’s more,*” says the official. “*More than we have accounted for.*” And the hit squads were backed, officials now believe, by a network of financial, informational and logistical support. “*There’s a concern that there’s a substantial infrastructure scattered around the country, in Detroit, Florida and Boston, for example,*” the intelligence official told TIME. “[U.S. security agencies must unravel a conspiracy that stretches back years and across continents. Israel’s Mossad, experts in this sort of thing, estimates that it took at least two years and a 100 people to pull it off](#)”.

(23)- [Agências de segurança americanas devem revelar uma conspiração que se estende por anos e através dos continentes. Mossad, de Israel, especialista no assunto, estima que foram necessários pelo menos dois anos e cem pessoas para fazer o plano ter sucesso.](#)

(24)- [As agências de segurança dos Estados Unidos precisam desmascarar a conspiração que se alongou por anos e continentes. O Mossad, de Israel, especialistas nesse tipo de coisa, estima que para ser elaborado, foi preciso pelo menos dois anos e 100 pessoas.](#)

(25)- [Agências americanas de segurança nacional devem desvendar uma conspiração que se estende no tempo e através dos continentes. Especialistas estimam que deve ter levado pelo menos dois anos e 100 pessoas para se organizar e realizar o ataque.](#)

(26)- As agências de segurança dos Estados Unidos **precisam desvendar uma conspiração** que se estende no tempo e continentes. **Agentes do Mossad (serviço secreto israelense), peritos nesse tipo de coisa**, estimam que o atentado levou pelo menos dois anos e cem pessoas para fazê-lo obter sucesso.

(27)- As agências de segurança americanas **precisam solucionar uma conspiração** que se estende por anos e através de continentes. **O serviço secreto de Israel, o Mossad, expert nesse tipo de coisa**, estima que levou pelo menos dois anos e cem pessoas para a operação ter sucesso.

Segundo os alunos, as soluções encontradas para sanar estas dificuldades foram: a utilização do dicionário e a pesquisa lexical/terminológica via internet para que conseguissem encontrar outros significados que não alterassem o sentido do TF. Em (28), (29) e (31) a solução para caracterizar o tipo de investigação corrente sobre os atentados, aproxima o leitor brasileiro dos fatos, mas (30) e (32) necessitariam de alguma explicitação sobre a irregularidade da investigação, pois este não é o sentido de “*sprawling*”, expresso em (28) e (31).

[TF] *The **sprawling investigation** now under way will help the White House **shape a response**.*

(28)- A **ampla investigação** que agora esta sendo iniciada ajudara a Casa Branca a **configurar uma resposta**.

(29) - A investigação **em progresso** vai ajuda a Casa Branca a **formular uma resposta**.

(30)- A **irregular investigação** corrente vai ajudar a Casa Branca a **detectar a responsabilidade**.

(31)- A **longa investigação** que agora se inicia irá ajudar a Casa Branca a **formar uma resposta**.

(32) - A **investigação irregular**, agora direcionada, vai ajudar a Casa Branca a **moldar uma resposta**.

A omissão de palavras e frases, foi novamente utilizada desde que não interferisse na compreensão e fluência do texto e mantivessem o sentido do mesmo. Estas são estratégias comumente utilizadas quando se tem por base um TF. As informações omitidas são normalmente aquelas que em nada acrescentam ao receptor final, como detalhes da descrição de um determinado lugar ou mesmo partes de testemunhos que não alteram os detalhes originais.

[TF] – *Officials want to know too the **whereabouts of others from the Muslim world** who enrolled at the same flight schools (...)*

(33) - Funcionários querem saber também a **localização de outros que se matricularam** nas escolas de aviação (...)

[TF] – *That man would be young (...), a victim of some personal tragedy, a **despairing zealot** with nothing to lose.*

(34) – O homem seria jovem (...) vítima de uma tragédia pessoal, **um desesperado** sem nada a perder.

[TF] – (...) *he would be fundamentalist in his faith, ignorant of the outside world immersed in a life of religious devotion and guerrilla instruction. He would speak not in casual conversation, but in scripture. An intense, carefully nurtured fanaticism.*

(35) – Seria fundamentalista em sua fé, ignorante sobre o mundo exterior e imerso em uma vida de religiosidade devota e técnicas de guerrilha. [Ø] Um intenso e cuidadosamente plantado fanatismo (...).

Em (33) é omitida a informação sobre a origem dos terroristas que, neste caso, já é conhecida do leitor. Já em (34), o termo *zealot* – *fanático* é omitido. A opção lexical por *desesperado* é mais próxima da realidade do leitor brasileiro que vê, constantemente, o termo sendo associado a moradores de favela que cometem crimes. E por fim, em (35) é omitida toda uma frase sobre o assunto das conversas dos fanáticos. O fanatismo parece ser uma informação mais curiosa ao leitor brasileiro.

Porém, a omissão de informações, ainda que sob a pretensa atitude de isenção, é reveladora da existência do ‘*filtro cultural*’, através da atuação direta do jornalista sobre a produção escrita. A atuação desse ‘filtro’ sobre a escrita jornalística não é aceita facilmente em razão do princípio da objetividade, visto como um dos pilares que demarcam o jornalismo, a fim de não lhe dar caráter de propaganda e entretenimento. Mesmo considerado um elemento não absoluto, a objetividade é um princípio que dá vida à prática jornalística como retrato fiel da realidade. Ela pode ser representada pelas camadas mais externas do modelo de Frank Esser, as esferas: social (moldura histórico-cultural) e estrutural da mídia (níveis normativos e parâmetros de orientação parcial do sistema). Essas camadas existem para que os valores subjetivos ao jornalista não interfiram na prática, sem que haja uma filtragem prévia e reforçam a noção consensual de tradução fiel à letra no meio jornalístico (Zipser, 2002). A noção da fidelidade ao TF é reiterada quando são apontadas as características do tradutor:

- Manter o estilo original e respeitar as escolhas vocabulares e sintáticas do autor;
- Manter a mesma idéia do autor e buscar ao máximo o sentido do TF na LC;
- Evitar interpretações pessoais relativas ao conteúdo.

Por outro lado, os estudantes mencionam também pontos importantes como dominar o idioma para reconhecer as soluções mais adequadas à LC e adequar o TT ao leitor, (indício sutil da relevância cultural). Houve, apenas uma menção, de forma clara, a necessidade de se atentar para questões culturais entre as línguas envolvidas, ou seja, pensar nas palavras mais adequadas ao contexto brasileiro e na forma como a mídia brasileira retrata o assunto [do

texto traduzido], aproximando-se da noção da tradução como *‘representação cultural’* (ZIPSER, 2002).

O conceito de ‘tradução/traduzir’ reforça, novamente, a importância da fidelidade às idéias e estilo do autor e da estrutura do TF. Essa visão consensual reflete a necessidade da neutralidade/objetividade no tratamento da notícia, conforme regem os manuais de redação. A tradução não é vista como atividade comum ao jornalista, exceto quando se é mantida a autoria original no caso de um texto de autor estrangeiro sobre o qual é dado crédito ao tradutor, como ocorre em sites de provedores de internet. No caso da imprensa escrita, as matérias tendem a ‘filtrar’ informações de outras fontes como agências de notícias, televisão, rádio, caracterizando o TJ como múltiplo, um trabalho de equipe e não uma matéria individual. Apenas duas menções, dizem respeito a tradução para um leitor final que não domina o idioma do TF.

O último item trata da atuação do aluno como jornalista ou tradutor, durante o processo, momento em que os eles procuram separar as práticas tradutória e jornalística, ressaltando princípios norteadores que, aparentemente, dizem respeito somente ao jornalismo, apesar de estarem voltados, também, a atividade do tradutor, como por exemplo: a coleta de informações; fases da criação do texto; o estabelecimento do tipo de conteúdo a ser expresso e da hierarquia dessas informações no texto; a necessidade de do uso das fontes (entrevistas) para corroborar a veracidade das informações.

A leitura dos textos nos leva então a alguns “critérios de observação” sobre a hipótese formulada: i) literalidade; ii) soluções de tradução e iii) erros de sentido. Apesar de obedecer às regras básicas da linguagem jornalística (frases em ordem direta, palavras simples e de fácil compreensão), muitos trechos apresentam literalidade extrema, inclusive com algumas alterações bruscas de sentido, que poderiam afetar a compreensão do leitor.

[TF]- “**Some raw intelligence** led to speculations there might be a phase-two operation (...)”.

(32) – **Alguma inteligência crua** levou a especulações de que poderia haver uma operação fase-2 (...).

(33)- **Algumas informações cruas**, levaram a especulações obre uma possível fase-dois da operação (...)

(34) - **Algumas informações brutas de inteligência** levaram a especulações de que poderia haver uma fase dois da operação (...).

(35)- **Algumas informações mais cruas** levaram a especulações de que poderia existir uma fase-dois da operação (...).

(36)- **Algumas serviços de inteligência com pouca experiência** levaram a especulações de que poderia haver uma operação fase-2 (...).

De certa forma, a literalidade é condizente a postura dos alunos de não alterar a idéia do autor. Mas, em se tratando de tradução como situação comunicativa, fazemos nossas as palavras do professor doutor Markus Weininger em aula: “às vezes para não mudar, tem que mudar”, ou seja, nem sempre a literalidade garante a reprodução fiel do sentido/intenções do autor. Daí a necessidade de se considerar variáveis lingüísticas e culturais que influenciam o processo da tradução jornalística, especialmente em contexto internacional. Trata-se não só de uma adequação lingüística, mas primordialmente de uma adequação cultural, isto é, referenciar culturalmente o texto ao leitor final, de modo que se estabeleça entre este e o leitor uma relação de sentido, uma identidade cultural. Sobre isso, afirma Nord<sup>136</sup>:

As interações comunicativas ocorrem em situações que são limitadas no tempo e no espaço. Isto significa que toda situação tem dimensões históricas e culturais que condicionam o comportamento verbal e não verbal de seus agentes, seus conhecimentos e expectativas entre si, sua avaliação da situação e o ponto de vista a partir do qual olham o mundo. (NORD, 1997(b): 41 – *grifos nossos*).

Outros deslizes de ordem lexical podem ser minimizados quanto ao efeito final por acreditarmos que não houve tempo suficiente para uma revisão textual que, acreditamos, iria corrigi-los, como por exemplo: frases no singular escritas no plural, não observância de possessivos, erros lexicais como *Tuesday* (terça) por *Thursday* (quinta). Por fim, os momentos em que os estudantes se desprendem da literalidade, oferecem as soluções observadas em alguns trechos, são. As mudanças mais sensíveis são percebidas em algumas variações lexicais e pelo uso da estratégia da explicitação de trechos culturalmente distantes do leitor brasileiro, como em (19), (26) e (27) acima.

As respostas do questionário nos levam a acreditar que, mesmo se o *translation brief*, mencionasse o veículo de publicação e, por extensão, permitisse inferir sobre o perfil do público leitor, o texto final seria a re-textualização de um registro pré-existente do fato, detentor de uma leitura [ou perspectiva] pré-estabelecida. Logo, não seria incomum traduzir segundo critérios de fidelidade ao texto-fonte e ao autor, como mostra a prática corrente em meio jornalístico, cuja preocupação maior, muitas vezes, está em adequar o texto final ao layout da página. Isso não quer dizer a tradução como representação cultural ocorra somente a

---

<sup>136</sup> Communicative interactions take place in situations that are limited in time and space. This means every situation has historical and cultural dimensions that condition the agents' verbal and nonverbal behavior, their knowledge and expectations of each other, their appraisal of the situation, and the standpoint from which they look at the world.

partir do relato do fato propriamente dito; ela pode ocorrer também a partir da retextualização de um TF para uma cultura estrangeira, entretanto, as limitações do processo, bem como o perfil do veículo junto ao público leitor, se sobrepõe à influência da cultura sobre a escrita. Qualquer informação nova adicionada seria repensada em termos de adaptação ao texto original e não em relação ao fato em si, pois a perspectiva de leitura já teria sido definida pelo texto original, produzido em outro momento histórico, social e cultural.

Associamos este fato à necessidade de informação em tempo real, ou seja, o que é notícia hoje já não é mais amanhã, a não ser que seja sempre acrescentada a ela um elemento novo, um “algo a mais”, conforme pudemos observar nas muitas semanas que se seguiram aos relatos dos atentados em Nova York, e conforme observamos hoje em relação aos relatos das CPIs no congresso nacional. Estas informações nos levam a refutar a hipótese formulada inicialmente: *o produto final de uma tradução direta de um TJ já existente, não pode ser considerado como tal, mesmo que o processo seja estruturado a partir de um “translation brief”.*

A presença de outras variáveis, pertinentes à área jornalística, nos permitem vivenciar um processo criativo e de reestruturação textual, sem dúvida. Nas primeiras aulas do curso de mestrado foi possível experimentar esse tipo de tradução e refletir sobre a prática em si. Mas, a questão é o que o produto final pode significar para o leitor-destinatário, no caso, uma leitura informativa, porém não factual. São as possibilidades de estudo, como aquelas desenvolvidas neste trabalho, que conferem à tradução jornalística motivação para ser constantemente desafiada e inovada no âmbito da pesquisa acadêmica, permitindo que a multidisciplinariedade dos estudos da tradução seja constantemente renovada.

## ENTREVISTA – ALUNOS DE JORNALISMO

### 1. *O que é “tradução/traduzir” para você?*

- versão do TF (contada por outro autor – o tradutor)
- adequar um TF em uma LF para uma LC
- passar uma informação de uma LF para uma LC
- reescrever o texto em uma LF para uma LC (para ser lido por quem não domina o idioma)
- tornar o texto compreensível de uma LF para quem não domina p idioma da LC
- ser fiel a essência do TF e ao estilo do autor
- passar as idéias do autor do TF para uma LC
- preservar ao Maximo a estrutura primordial do TF
- reproduzir um TF da mesma forma para uma LC
- manter o espírito da idéia original (do TF)

### 2. *Ao traduzir a reportagem, você pensou:*

- leitor (5 x)
- assunto (2x)
- revista (3x)
- nenhuma
- outra –qual? Manter o TT próximo da estrutura do TF. O leitor foi considerado indiretamente em relação à reordenação de algumas passagens do texto que foram consideradas muito longas e com frases repetidas.

### 3. *Você encontrou dificuldades com alguma expressão específica/vocabulário/frase presentes no texto?*

- sim – todos
- não

### **Solução para as dificuldades**

- perguntar/consultar pessoas que dominam bem a LC (professores, native speakers, etc)
- suprimir expressões ou palavras
- omissão de palavras que não faziam sentido na LC e que poderiam prejudicar a fluência da leitura do texto
- omissão somente quando não interfira no entendimento do texto
- encontrar outro significado que não alterasse o sentido do TF
- encontrar expressões semelhantes que demonstrassem a idéia original do autor do TF
- passar a idéia da frase / expressão quando esta não tinha equivalentes diretos na LC
- consulta ao dicionário por expressões desconhecidas (4x)
- pesquisa por palavras / expressões desconhecidas na internet (3x)

**4. *Você se sentiu como um jornalista ao escrever esse texto em outra língua ou como um tradutor? Por que?***

Tradutor (4x)

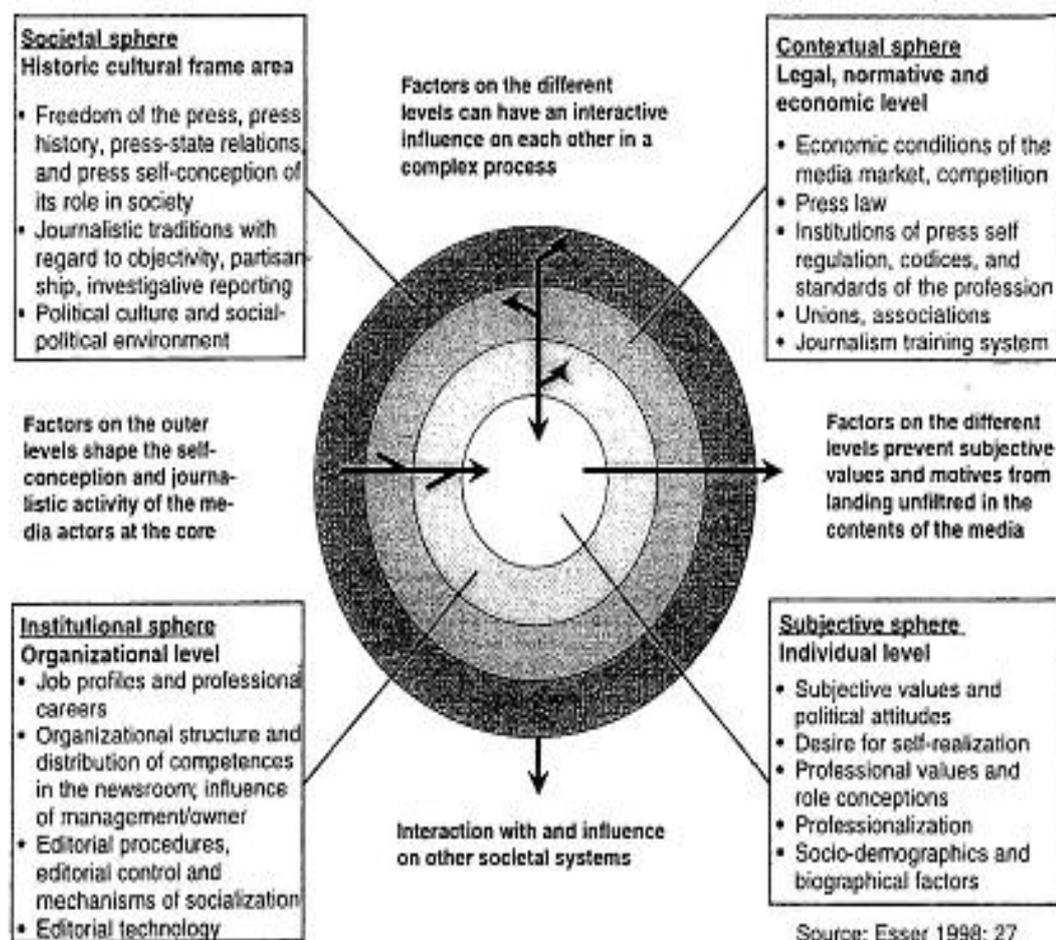
- o jornalista coleta informações no texto e produz um novo e com uma estrutura diferente do TF
- não participei da fase de criação do texto
- adaptei algumas partes para que o leitor não se perdesse, mas não adulterei a idéia principal e nem a complementei significativamente
- o texto, o seu conteúdo e a hierarquia das informações não eram minhas
- não fiz entrevistas para escrever o texto
- não questioneei a veracidade / forma / estilo utilizados.

Jornalista (1x)

considere o leitor e o veículo onde o texto seria publicado.

**5. *Quais as características que um tradutor deve ter na sua opinião, quando do exercício de sua profissão?***

- pensar no leitor
- adequar as expressões / palavras ao leitor
- dominar as LF e LC (4x)
- traduzir o sentido da frase / expressão (quando não puder ser literal)
- manter o estilo original do TF
- respeitar as palavras e ordem das frases escolhidas pelo autor do TF
- ser autor do texto
- ser paciente
- conferir o significado das palavras sempre que necessário
- pensar nas duas culturas envolvidas (CF e CC)
- cuidar com a literalidade quando a expressão/palavra na LF não tiver significado na LC
- não se preocupar com a literalidade
- manter a mesma idéia que o autor do TF quis passar
- buscar ao máximo o sentido correto ou mais aproximado na LC
- evitar interpretações pessoais relativas ao conteúdo a ser traduzido
- não acrescentar informações extras ao TT a não ser que sejam necessárias
- saber qual palavra / frase é mais adequada a LC.



**FIG. 15.1. Influential factors in journalism: Integrative multilevel model.**

<b>QUAL É O PAPEL DA IMPRENSA HOJE?</b>		
<b>Pesquisa informal realizada pela internet no período de 16 a 26 de Novembro de 2004</b>		
<b>OPINIÃO DO PÚBLICO</b>	<b>RESPONDENTES</b> (Total = 102 Pessoas)	<b>%</b>
<b>O LADO POSITIVO</b>		
Buscar informações relevantes Buscar o que queremos ver na realidade Buscar informações que interessam as pessoas no individual e coletivo Informar dos fatos importantes para a população	10	9,80
Transmissora de notícias Divulga informações para que todos tenham acesso Mostrar mudanças e investigar acontecimentos polêmicos Ser prestadora de serviços Ser os olhos e ouvidos da nação	8	7,84
Alerta a população sobre os acontecimentos Informar e alertar a população sobre os seus direitos e cobrar atitudes corretas e responsáveis da população Propagar a notícia e manter a sociedade alerta para o mundo Investigar os fatos e trabalhar a favor da sociedade	7	6,86
Meio de fiscalização do poder público Fiscalizar e denunciar maus políticos e de irregularidades Defender a democracia Fiscalizar os políticos Revelar e denunciar fatos de corrupção Enfocar mais os autores de atos de corrupção Evitar que a democracia vire ditadura Fiscalizar os três poderes Ser forte e fiscalizadora do governo Acabar com a desigualdade e o privilégio das elites Ser critica com os políticos e não ficar só informando Monitorar a transformação do país Não mascarar a verdade em favor dos políticos Tornar a globalização mais fácil e eficaz	17	16,67
Consolida instituições no país e no mundo Exerce poder sobre os poderes já constituídos Voz poderosa e ativa da sociedade Quarto poder / segundo poder	8	7,84
Informa a comunidade sobre o que acontece na realidade do mundo, da região e do país	13	12,75
Instruir e educar as pessoas Informar sobre os direitos das pessoas Mudar e formar opiniões Educar os leitores para entenderem melhor o mundo em que vivem	14	13,73

Instrumento educador e defensor dos direitos individuais Fundamental para formar a opinião das pessoas Ser formadora de opinião		
Fomentar e direcionar linhas de dialogo local, nacional e internacional através dos jornalistas Transmitir vários pontos de vista de um fato, contextualizando-o Buscar ouvir as duas faces da notícia	3	2,94
Garantir de forma ética e irrestrita o acesso a informação Procurar a verdade e informar com honestidade Ser imparcial, realista e dinâmica Fornecer informações de forma imparcial Informar com responsabilidade, de forma investigativa e imparcial. Ser imparcial, ter respeito e seriedade Ser clara e sensata e checar os fatos de maneira correta Ser independente e ter responsabilidade social Ética, imparcialidade e isenção Informar e não dar a sua opinião pessoal (não contar a versão dos fatos) Informar com coerência, verdade e responsabilidade Informar com moral e ética Ser realista e autentica Informar com veracidade e clareza Priorizar a verdade em beneficio da população Ter credibilidade e ética Informar com seriedade e competência Ser clara, objetiva e transparente e ágil na informação e ajudar na clareza dos acontecimentos Deve ser livre e deixar o publico a par da realidade	78	76,47
Deve fazer com que as pessoas questionem e pensem sobre os assuntos Conscientizar o povo Estimular que as pessoas tenham suas próprias opiniões Conscientizar as pessoas como cidadãos Ser participativa da sociedade Informar de modo que cada cidadão possa formar a sua própria opinião Fazer com o que o povo tire sua própria opinião sobre o relato dos fatos Colaborar para que as pessoas amadureçam seu pensamento político Tornar a pessoa livre e consciente, um verdadeiro cidadão Interagir com o publico gerando discussões e atitudes Elo de ligação do mundo com a sociedade	21	20,59

<b>O LADO NEGATIVO</b>		
Manipula a opinião das pessoas e é persuasiva das suas opiniões sobre interesses gerais	3	2,94
Influência e domina o povo - tendenciosa Pode nos influenciar Altera informações Propaga informações que só interessam aos veículos de informação Não é imparcial Não se pode crer em tudo o que se lê	12	11,76
É sensacionalista Pega pesado com fofocas Especula a vida particular de pessoas	3	2,94
Cede a controles	1	0,98
Omite fatos Omite erros e irregularidades em função dos interesses do grupo que representa	5	4,90
Discurso monológico e vende modelos prontos além de não atrair as massas por usar de um linguajar difícil	1	0,98
É subordinada a interesses governamentais e de anunciantes Visa lucros empresariais	11	10,78
Desvia a atenção do público dos fatos importantes Ajuda que certos fatos de interesse público caiam no esquecimento	3	2,94
Arma poderosa que o povo não sabe usar	1	0,98
Existem muitos profissionais ruins e sem ética	4	3,92

# TABELA DE VALORES NOTÍCIA

**ATUALIDADE / NOVIDADE**

**IMPORTANTE E / OU INTERESSANTE**

**IMPREVISTO OU PREVISTO**

**NEGATIVO E / OU POSITIVO**

**COLETIVO E / OU INDIVIDUAL**

<b>AÇÕES DE GOVERNO</b>	<b>AÇÕES DA JUSTIÇA E DA POLÍTICA</b>	<b>PROEMINÊNCIA</b>	<b>CONHECIMENTO</b>	<b>PROXIMIDADE</b>	<b>IMPACTO</b>
Pronunciamentos Viagens Inaugurações Reuniões Medidas Decisões Interesse nacional Eleições	Decisões judiciais Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões	Elite (indivíduo, instituição, país) Celebridades Posição hierárquica Culto ao herói Notoriedade	Ciência Descobertas Invenções Progresso Utilidade Qualidade de vida História	Geográfica Cultural	Número de pessoas envolvidas no fato Número de pessoas afetadas pelo fato Grande soma em dinheiro
<b>SURPRESA</b>	<b>RARIDADE</b>	<b>DRAMA-TRAGÉDIA</b>	<b>ENTRETENIMENTO E CULTURA</b>	<b>POLÊMICA</b>	<b>CONFLITO</b>
Inesperado	Incomum Original Inusitado	Catástrofes Acidentes Risco de morte Morte Crime Violência Emoção Suspense Interesse humano	Curiosidade Aventura Esportes Divertimento Comemorações Atividades e valores culturais	Controvérsia Escândalo (político/sexual)	Disputa Rivalidade Guerra Greves Reivindicações